

ROMANCE CONCRETO



AIMEE OLIVEIRA



Romance Concreto

Aimée Oliveira

2017

ROMANCE CONCRETO

Copyright © 2017 Aimée Oliveira

Revisão: Increasy Consultoria Literária

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes — tangíveis ou intangíveis — sem autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Capítulo 1 – Comer pedrinhas pode ser prejudicial à saúde

(14.895 likes na minha foto)

Claro que eu amava meu cachorro, mas ele era completamente louco.

Django não passava de um chiuaua com apenas três meses de idade e estava naquela fase de comer tudo que havia de mais emporcalhado pelo caminho.

Ou ao menos eu esperava que fosse só uma fase. Mas como eu iria saber?

Django era meu primeiro cachorro e aqueles eram meus primeiros dias com ele. Eu me esforçava para entendê-lo da melhor maneira possível, mas meu conhecimento se limitava a ficar em desespero com a quantidade de porcaria que ele comia e fazia enquanto não estava dormindo.

Aquilo me deixava exausta.

Imagina só, Olivia Liveretti exausta pelos cantos. Essa era uma informação que jamais poderia vazar. Por isso sempre que saía, mesmo que fosse para levar Django na rua, escondia minhas olheiras com um montão de maquiagem.

Mas fazia questão de dar, às camadas de reboco, um aspecto bem suave.

Naquela tarde não foi diferente, eu checava meu reflexo na câmera frontal do meu celular com uma mão e segurava a guia de Django com a outra quando ele parou num determinado ponto do caminho para fazer suas gracinhas.

A gracinha do momento era comer pedrinhas.

Se eu estivesse com o humor melhor, teria rido da situação.

Mas não foi isso que eu fiz, o que eu fiz foi:

— Seu filhote de araque! Só vai aprender que nem tudo é comestível quando algo te fizer mal. Aí você vai ver o que é bom pra tosse! E então eu quero ver! Vai correr pro meu lado chorando? Eu vou rir da sua cara há-há-há, bem assim! — reclamei em alto e bom som.

O problema era que alguém além de Django escutou.

E teve a *audácia* de me confrontar.

— Você não acha que tá com um rancor muito grande para direcionar a uma criatura tão pequena?

Eu quis argumentar que o rancor não era direcionado ao Django e sim à vida. Naquela época eu não acreditava em diálogo com cães. Eu só queria uma boa desculpa para falar sozinha.

E gostaria de preservar meu direito de ter um diálogo solitário, por isso perguntei:

— Cara, quem é você? — Coroei a pergunta com as duas mãos na cintura, coisa que eu tinha plena consciência de que era um gesto pra lá de petulante.

Usava de tempos em tempos quando queria intimidar alguém inconveniente.

— Jonas Caruso, ou simplesmente alguém preocupado com o bem-estar dos animais — ele se apresentou.

Minhas mãos se agarraram nas gordurinhas do meu quadril com força total. Era o que eu costumava fazer pra controlar minha raiva.

— Humpft — saiu involuntariamente, mais do meu nariz do que da minha boca.

O que aquele cara sabia sobre o bem-estar do meu pet? Por um acaso ele tinha alguma noção do quanto eu tinha gastado com veterinário nas últimas três semanas? Ou o tormento que tinha sido educar Django para fazer cocô só na rua?

Não, eu apostava minha conta do Instagram com cada um dos meus 8.4 milhões de seguidores que ele não fazia ideia.

Então por que ele estava cruzando os braços sobre o peito estufado naquela pose heroica?

E por que *diabos* Django estava forçando a guia na direção dele? Estava validando aquele tipo de atitude? Onde foi parar aquele papo de fidelidade canina?! Fiquei estupefata.

Foi assim que ele se soltou da guia que anteriormente se encontrava na minha mão. E correu a todo vapor na direção de um *estranho*.

Que não era apenas estranho, como também intimidador, mal-ajambrado e sujo. Minhas gorduras da cintura nunca foram tão sacrificadas. Seria possível que se eu as apertasse demais elas saíssem pele afora?

Muitas perguntas dentro de muito pouco tempo. E nenhuma delas impediria que Django saltitasse entre as pernas daquele homem.

— Django! — eu berrei, na vã esperança de conseguir resolver a situação no grito.

Mas nada feito. Até porque eu nem estava cem por cento certa de que ele sabia que esse era o nome dele.

O cão continuou saltitando o mais alto que conseguia em busca de atenção do homem que deveria ser duzentas vezes o tamanho dele.

E uma coisa devia ser mencionada a título de higiene: a calça do homem estava imunda, era visível a olho nu. As marcas de cimento, graxa e sabe-se-lá-Deus-mais-o-que se destacavam no tecido desbotado do jeans com 50 tons

na escala de cinza.

Não tinha nada de pornográfico naquilo, era só nojento.

Meu coração se encolheu quando lembrei que Django tinha tomado banho no pet shop no dia anterior. E chegou a parar de bater quando o valor do banho me veio à mente.

Meu dinheiro não estava mais dando em árvore. A conta bancária de Olivia Liveretti já tinha visto dias melhores. E Django não estava ajudando em nada na preservação do pouco que ainda tinha por lá.

— Django! — eu voltei a gritar, só por desengargo de consciência.

O tom agudo que minha voz é capaz de alcançar nesse tipo de ocasião adversa não é dos mais agradáveis, eu mesma reconhecia. Mas o que podia dizer? Era o tom que a situação pedia.

— Vai com calma, moça! — O tal homem fez uma careta enquanto protegia o ouvido. — A audição do animal é ainda mais sensível que a minha.

E só para me importunar ele se abaixou e coçou atrás das orelhas de Django. O traidorzinho de meia tigela se regozijou todo, inclinando a cabeça na direção da carícia, apoiando o focinho na mão que eu podia apostar meu Twitter, com cada um dos meus 73.534 seguidores, que estava tão suja quanto a calça.

E como se isso não fosse *enfurecedor* o bastante, eu vi outra coisa.

Uma coisa enorme. De proporções cataclísmicas. Que, ironicamente, estava bem na minha frente. No plano de fundo onde se encontrava o cara mal-ajambrado.

O que automaticamente denunciava a participação dele naquela catástrofe.

— O que foi que você fez? — perguntei mais uma vez em meu tom agudo.

— O quê? — o homem perguntou, sem nem sequer se dignar a olhar pra

mim. — É só carinho, ele parece gostar muito disso. Olha como ele abana o rabinho! Parece que vai levantar voo. O que me leva a desconfiar que talvez ele não receba afeto com tanta frequência. Tô certo, garotão?

Em resposta, Django virou de barriga pra cima, largando o corpo inteiro que tinha sido higienizado há menos de 24 horas num chão cheio de pedrinhas.

Pedrinhas essas que eram o tipo mais sujo de pedrinhas, pois se tratavam de pedrinhas de obra, restinhos de cimento, ou concreto, sei lá como costumavam ser chamadas essas coisas.

E a destruição que acontecia bem ali na minha frente era da minha amada Kinki, minha loja de quinquilharias e afins, onde minha carreira começou.

— Não se faça de sonso, nem me venha com falsas acusações — chamei o homem para a realidade.

Ao mesmo tempo estalava os dedos a torto e a direito na esperança de que Django viesse na minha direção. O homem se limitou a me olhar como se eu não estivesse falando coisa com coisa.

— Você está colocando abaixo meu ponto de partida. Onde tudo começou pra mim — expliquei melhor, indicando o lugar onde até ontem se erguia a fachada da Kinki.

O homem permaneceu com a mesma expressão e Django nem se dignou a registrar os estalos do meu dedo.

— Moça, do que você está *falando*? — o homem perguntou, assumindo sua ignorância.

— Da Kinki! — berrei. — Kinki quinquilharias e afins, se você preferir com nome e sobrenome.

Nunca tive muita paciência pra gente devagar, não seria naquela situação que teria.

Queria tuitar esse pensamento, tinha certeza de que muitos seguidores iriam se sentir representados por ele. Porém, me limitei a observar o olhar perdido do homem entre os escombros da fachada.

Ele era alto à beça, não foi à toa que não vi a fachada logo que cheguei. A altura e largura do sujeito eram capazes de encobrir a visão de qualquer pessoa de estatura média.

Agora e eu, que estava mais para baixa do que para média? Eu não tinha chances, ainda mais porque o tênis *Converse* dele estava em cima de um monte de escombros. Só o que me restava era encarar a muralha que ele representava. A abundância de cabelos que não pareciam conhecer os efeitos de uma escova, a barba que implorava por uma lâmina, a blusa branca *imunda*...

Se ele fosse mais rápido, tudo seria melhor. O tempo que ele demorou para formular uma resposta dava de sobra para eu tuitar e responder todos os possíveis comentários.

— Que tipo de pessoa tem o início da vida situada numa loja de quinquilharias? — foi o que ele perguntou, com as sobrancelhas grossas se unindo numa expressão de confusão.

Mas quem estava confusa era eu. Que direito ele tinha de indagar uma coisa dessas?

— O tipo de pessoa que segue seus sonhos — respondi, desafiadora.

O homem encolheu os ombros no maior descaso e voltou sua atenção novamente para o cão, como se meu quadrúpede malcomportado tivesse mais importância do que a destruição do meu sonho.

Ora essa, que gastura!

Tive que me controlar para não bater o pé no chão. Aprendi com erros passados que exigir minhas vontades sem ter conhecimento do terreno em que estava pisando pode ser prejudicial à minha imagem.

E eu não queria arriscar um segundo linchamento virtual.

Muito menos um linchamento real.

O aspecto daquele sujeito sugeria que ele era do tipo que era capaz de fazer uma coisa dessas. Certamente ele tinha as ferramentas necessárias. Bastava olhar para o cinto imundo preso no cós da sua calça que estava cheio de armas brancas.

— Só estou fazendo meu trabalho — o homem falou, do nada, um pouco pra dentro enquanto ajeitava o tal do cinto. — E você e seu cachorro já me tomaram tempo demais. Segura ele aqui, dona.

Mãos enormes tomaram todo o corpinho de Django. Antes que eu pudesse registrar as mudanças no tempo-espaço, o cão já tinha sido colocado nas *minhas* mãos.

Olhando de perto, o cara parecia ainda mais sujo do que antes. As mãos dele eram grossas de sujeira e calos. Foi perceptível até numa rápida encostada.

Acho que o cara também percebeu. Aliás, qual era mesmo o nome dele? Não que importasse, mas ele limpou as duas mãos na parte lateral da calça e as enfiou no bolso parecendo sem-graça.

Seguiu-se um momento megaconstrangedor no qual eu não soube o que falar.

E na falta de algo melhor para dizer, achei conveniente esclarecer algo supérfluo.

— Meu nome não é Dona.

— Imaginei que não fosse — o homem respondeu, quase sorrindo.

Embora eu não visse graça nenhuma em alguém ficar chamando as pessoas por nomes errados. Era desrespeitoso.

E lunático.

— É que você não disse seu nome. — Ele enterrou as mãos mais fundo dentro dos bolsos.

Daquele jeito ele iria acabar furando o forro. Não que eu tivesse alguma coisa a ver com aquilo. Na verdade, eu não tinha absolutamente nada a ver. Com nada do que tinha acontecido ali.

Aliás, eu já estava de saída.

Django já estava em minha posse e essa última dele tinha sido *demais* pra mim.

Tão além da conta que eu não consegui evitar perguntar antes de partir:

— Você não sabe quem eu sou?

Meu coração batia louco dentro do peito até ele responder:

— Eu deveria saber?

— Todo mundo deveria saber — eu resmunguei.

O sujeito me olhou com as sobrancelhas levantadas, como se eu tivesse acabado de falar em idioma estrangeiro. Era só o que me faltava para coroar a infelicidade daquele infortúnio. Além do desmoronamento da Kinki, eu não era mais reconhecida nas ruas. Era isso mesmo? Era assim que seria dali em diante?

Fui invadida por uma sensação horrível. Outra vez a sensação de que estava tudo indo por água abaixo. Rápido demais. Tinha que fazer algo para mudar o curso das ações. Tipo, urgente.

— Você devia parar com as obras até eu tirar essa história a limpo com Madame Adelaide — eu falei, em tom de ameaça. — Tenho certeza de que ela não permitiria que seu império ruísse de modo tão brutal.

Não era mentira. Madame Adelaide, ainda mais que do eu, *vivia* para aquele lugar. Kinki não podia ser desmantelada do jeito que estava sendo antes que eu conversasse com ela. Poderíamos reverter a situação, se trabalhássemos juntas.

— Dona, dentro do meu contrato diz para eu fazer exatamente o contrário do que você está falando — o sujeito disse, na maior *frieza*. — E eu ganho por hora, então, se me der licença...

Sem esperar que eu me pronunciasse a respeito, ele virou as costas e foi embora. Não me restou outra alternativa a não ser fazer o mesmo. Caminhei com passos ligeiros, as perninhas de Django mal conseguindo me acompanhar. Borbulhava de raiva. Palavras de insatisfação pipocavam dentro de mim.

Mal via a hora de chegar em casa e montar um *megatexto* para postar no meu blog.

Com direito a muitos gifs enraivecidos.

Capítulo 2 – Efeitos colaterais do fim de Kinki quinquilharias e afins

1.897 compartilhamentos no post.

Eu deveria estar satisfeita com a quantidade de compartilhamentos, mas, francamente, não estava. Nem um pouco. Atualizava o feed no meu celular na expectativa de chegar a 2.000 compartilhamentos o quando antes.

O impacto que eu costumava ter nos cinco anos anteriores elevou meus padrões a níveis estratosféricos e agora, por mais que tentasse, não conseguia mais atingi-los.

Isso me deixava num humor péssimo. Além de um tédio imenso, porque nesses últimos meses a falta de comentários para responder tinha me deixado com muito tempo livre.

E para incrementar meu estado de espírito, de cinco em cinco minutos aparecia na minha mente a fachada destruída da Kinki quinquilharias e afins, acompanhada de um forte aperto no coração.

A prioridade do meu dia era tomar uma atitude quanto a isso, quanto *ao fim disso*, mais precisamente. Eu só aguardava dar uma hora mais apropriada para ligar para Madame Adelaide.

Porque, sim, eu tinha o número pessoal dela e, sim, eu sabia que ela dormia até tarde. Nós éramos íntimas nesse nível.

Mais uma razão para justificar o meu espanto por não saber que uma atrocidade dessas estava acontecendo. Não que eu desejasse *me justificar* nem nada do tipo, mas mesmo assim...

Era impossível falar da minha trajetória meteórica na internet sem mencionar uma lista substanciosa das quinquilharias compradas na Kinki. Foram porquinhos de porcelana, gatinhos chineses de cores berrantes, uma infinidade de elefantinhos indianos com estampas étnicas.

Era tanta miniatura de bicho que dava até para fazer um pequeno zoológico.

De fato, foi o que eu fiz uma vez, numa linda arrumação como se estivesse brincando numa casinha de bonecas. Minhas fãs *adoraram*. Várias delas comentaram como gostariam de ser criativas como eu. Coisa que eu respondi com uma sequência fofa cheia de coraçõezinhos de todas as cores.

Eu também amava ser Olivia Liveretti. Mas os tempos tinham mudando.

Para começar, antes não existiam latidos agudos reverberando na minha cabeça para atrapalhar minhas reminiscências.

— Django, quieto! — eu ralhei para tentar segurar as pontas.

Não adiantou nada.

Era hora do passeio de Django. Ele não me deixaria adiar esse evento nem por um minuto. A menos que eu quisesse que ele fizesse cocô no tapete da minha sala. O que *claramente* eu não queria. O tapete era branco e eu não fazia ideia de como higienizá-lo.

Então, só o que me restava era pegar a coleira dele que ficava pendurada no porta-chaves atrás da porta e sair pelas ruas.

Ligaria para Madame Adelaide quando voltasse. Sem falta.

O dia estava ensolarado e fresco. Meu post chegou aos 1.927 compartilhamentos no minuto em que saímos do prédio. Django estacionou para fazer xixi no seu primeiro poste cativo. Tudo corria bem. Era fácil deixar os problemas de lado em meio à rotina.

Caminhamos em silêncio até seu segundo poste de xixi. Fiz um story bem

bacana desse momento pacífico. O andar tranquilo de Django combinou lindamente com o efeito. Dava até gosto de ver. Com certeza isso ajudaria na questão dos compartilhamentos.

Às vezes as pessoas simplesmente precisavam de um lembrete de que você ainda estava viva.

O número de compartilhamentos crescia à medida que alcançávamos o terceiro e o quarto poste. Eram cinco ao total, sendo o último ao lado do meu prédio, que era onde nós sempre terminávamos o nosso passeio.

O percurso era todo planejado. As reações de Django eram basicamente as mesmas, dia após dia. Desde os lugares em que ele fazia suas necessidades até os momentos de diversão.

Todo dia ele insistia em comer as plantinhas do canteiro apesar de eu repreendê-lo de modo severo toda santa vez.

— Django, seu inconsequente, um belo dia vai morrer envenenado! — Era mais ou menos algo assim que eu falava.

E ele invariavelmente caminhava abanando o rabinho em total descaso.

O mesmo acontecia com as pedrinhas, que aliás começavam a me trazer más lembranças.

Mas o que mais me apavorava mesmo era quando a gente se aproximava de um portão azul entre o quarto e quinto poste. Minha mão chegava a segurar a guia mais forte.

Tinha um cachorro atrás do portão azul. E Django insistia em latir sempre que passava em frente. Latidos que eram prontamente respondidos pelo cachorro atrás do portão. De modo que se formava uma batalha de quem latia mais alto, que em nada agradava meus ouvidos.

Pra piorar, dava para perceber pelo tom do latido e pela vibração do portão azul, que se tratava de um cachorro grande. Enorme, possivelmente.

Meu maior temor era de que um dia o cachorro conseguisse abrir o portão e viesse resolver suas diferenças com Django num embate corporal.

Eu não tinha o mínimo de estrutura para lidar com a situação caso isso acontecesse.

Será que aquele seria o dia em que o cachorro-supostamente-grande conseguiria abrir o portão?

Mas, para minha sorte, naquele dia em especial, a resposta era não.

Ou eu *achava* que era minha sorte.

Django ignorou por completo o portão azul naquele dia. Suas perninhas curtas caminharam com velocidade ao longo da calçada e ele nem sequer virou a cabeça quando o cachorro-supostamente-grande deu um latido de reconhecimento para iniciar a batalha.

Django só interrompeu sua caminhada mais adiante, onde a calçada continuava coberta de pedrinhas suspeitas, ainda mais que, no dia anterior, se é que era possível. Django fez questão de estacionar sua bundinha diante dos escombros da Kinki. O lugar cheirava a desesperança.

Tentei puxá-lo para longe dali imediatamente, mas ele começou a latir, fazendo um escândalo.

— Django, vamos embora! Estamos quase em casa — eu falei, ríspida, para que ele visse logo de cara que eu não estava de brincadeira.

A visão da fachada destruída me fazia muito mal. Parecia uma metáfora da minha vida profissional. A queda no número de comentários, a fanbase em ruínas, a nuvem de elogios se dissipando e virando poeira...

Tudo muito triste.

Mesmo assim Django continuou latindo. E nem mesmo era em resposta à minha repreensão, ele latia *para* a Kinki. Como se a montoeira de escombros

fosse uma pessoa.

Pior ainda, uma pessoa mais importante que *eu*.

Achei uma tremenda ingratidão, mas logo em seguida tive uma iluminação: será que ele estava tendo algum tipo de pressentimento?

Afinal, eram cachorros ou gatos que costumavam ser sensitivos? Eu não fazia ideia. Teria que pesquisar.

Mas uma coisa minha própria intuição podia responder: a demolição da Kinki não tinha sido interrompida.

Ao mesmo tempo em que Django latia, as batidas sei-lá-do-que continuavam firmes e fortes no interior da loja. Mais firmes e mais fortes desde que Django começou sua sinfonia, se eu não me enganava.

Podia ser que fosse só impressão minha, por estar imersa naquela barulheira toda. Até porque, eu mal conseguia escutar meus próprios pensamentos, era normal que eles estivessem embaralhados.

Antes que eu pudesse colocar algum deles em ordem, algo enorme pareceu desmoronar lá dentro. E, conseqüentemente, algo desmoronou dentro de mim também.

Aquele homem não se sentiu nem um pouco sensibilizado com o meu pedido de pausar a obra até que eu falasse com Madame Adelaide. Não que eu esperasse algum tipo de sensibilidade de um sujeito como aquele. De modo algum. Mas sei lá. A vida sempre achava novas formas de surpreender.

Negativamente, nesse caso.

Na mesma hora senti meus olhos esquentarem. Eu podia muito bem culpar a poeira que sobrevoava o local. Mas não era verdade. Era a paisagem. Aquele monte de vigas decrépitas que costumava abrigar meus sonhos.

Quem diria que a demolição de um imóvel podia afetar tanto o emocional

de uma pessoa?

E ainda tinha gente por aí que ousava me chamar de superficial...

E eu me perguntava: tinha algo mais profundo que isso? A gratidão inspirada por um *lugar* que me ajudou a achar o meu *lugar* no mundo?

Senti um impulso de tuitar isso. Django continuava latindo. A destruição continuava comendo solta lá dentro. Um ambiente pra lá de insalubre pra um tuíte.

Puxei Django mais uma vez. O danado nem se mexeu. Controlei-me para não revirar os olhos, até porque, para ele, não fazia diferença nenhuma.

Só o que me restava era pegá-lo no colo, apesar de toda a poeira agarrada em suas patinhas.

Minha blusa era rosa-pálido e com certeza aquela poeira maldita faria um estrago. Mas a vida era feita de prioridades.

E a minha era entrar em contato com Madame Adelaide imediatamente.

Capítulo 3 – Ligações telefônicas são coisa do passado

(285 retuítes no meu pensamento profundo).

Liguei para Madame Adelaide com a certeza de que seria tão bem compreendida por ela quanto fui pelo Twitter. Afinal, ela tinha o privilégio de ser a única pessoa do mundo que entendia mais da Kinki do que eu.

Mas naquela tarde específica ela não estava entendendo nada.

— O que está acontecendo, querida? Você está passando por um túnel?

— Não? — respondi, olhando em volta, certificando-me de que eu não estava *mesmo* perto de um túnel.

Embora soubesse muito bem que eu estava no conforto-não-tão-confortável do meu apartamento.

— Mas a ligação está péssima! — Madame Adelaide reclamou. — Cheia de ruídos. O que está *acontecendo*?

— Nada? — Certifiquei-me olhando em volta mais uma vez, estacionando o olhar na bolinha de pelos mais barulhenta da cidade. — É só Django, ele está insatisfeito. Esse é o estado normal dele.

— Você agora tem um *cachorro*? — ela perguntou, espantada.

Mais espantada do que seria educado, diga-se de passagem. Mas tratei de não ficar ofendida. A Madame com certeza não devia estar bem de cabeça, afinal de contas, a Kinki quinquilharia e afins estava sendo posta abaixo e ela não tinha feito *nada* a respeito.

Detalhe que essa ligação pretendia corrigir.

— Tenho — confirmei. — Já faz quase um mês! Se você pelo menos tivesse uma conta da Instagram, nada disso seria uma novidade pra você.

— Criança, você nunca vai desistir de me tornar uma de suas seguidoras?

— Nunca — eu disse.

E era verdade.

Porque eu não era dessas que deixava a esperança morrer. E Madame Adelaide já deveria saber disso.

Ela me conheceu quando eu tinha catorze anos e não passava de uma pirralha com uma câmera fotográfica na mão. Câmera essa, valia acrescentar, que eu tinha roubado, na surdina, do escritório do meu pai.

Ele ficou bravo à beça quando descobriu que eu tinha levado a preciosa tecnologia dele para a “selva de pedra”, como ele costumava chamar. Mas isso não me intimidou a roubar outra e outra vez.

E outra.

E mais outra, porque eu não tinha medo do perigo.

Eu precisava tirar fotos conceituais dos achados da Kinki. E papai simplesmente não *conseguia* entender. Ele não entendia nada sobre minha carreira. E isso não mudou com o passar dos anos.

Minha sorte era que eu tinha Madame Adelaide do meu lado para acolher e defender.

“*Deixa a criança desenvolver um hobby*”, ela costumava falar.

Coisa que me dava um tremendo orgulho. Além de me passar a impressão de amadurecimento precoce, o que é ótimo nessa idade.

Porém, com o passar dos anos, eu nunca deixei de ser criança aos olhos dela.

Mesmo depois, quando virei maior de idade e comecei a tomar um cálice de licor de menta com ela todas as sextas. Mesmo quando passei a morar sozinha e ser dona do meu próprio nariz.

Aqueles eram os melhores dias da semana.

Madame Adelaide tinha esse jeito de me fazer ver a vida por outros ângulos, e esses ângulos geralmente não envolviam câmeras. Toda sexta eu saía da Kinki renovada e um pouco tonta.

Mas não faz muito tempo, Madame Adelaide sofreu um infarto e teve que deixar esse costume de lado.

Assim como a gerência da Kinki. Por isso que tudo começou a desandar. Mas aqui estávamos nós, conversando, após um longo tempo, para colocar tudo de volta nos trilhos.

— Como você está lidando com tudo? — Madame Adelaide perguntou.

Eu não soube dizer se ela se referia a Django, ao sumiço dela da minha vida ou ao fim da Kinki.

Mas optei por me concentrar na última opção, porque eu deveria manter o foco, independente de quanto a presença dela tinha feito falta para mim. Era uma questão de prioridades.

— Muito bem — respondi, evasiva, não podia me aprofundar em estados de espírito se quisesse ir direto ao ponto. — Acho que eu e você poderíamos impedir a tragédia que está acontecendo.

— Que tragédia? Os latidos? Querida, é só levar o cão pra passear...

— Ele já passeou hoje — informei. — E ele, assim como eu, está muito abalado com a demolição da Kinki.

Só de ouvir o nome da loja, Django irrompeu em uma nova onda de latidos. Mais aguda que a anterior. Tive que tapar o bocal do telefone por alguns segundos para não incomodar os ouvidos da Madame.

Minha preocupação era que o coração dela ainda não estivesse forte o suficiente para suportar aquele tipo de baderna.

— Criança, não é uma demolição, é uma *reforma* — Madame Adelaide explicou, como se isso mudasse alguma coisa.

Mas não mudava. Aliás, só confundia. Será que a Madame não tinha *ciência* das atrocidades que aquele homem andava fazendo por lá? Teria que ser eu a informante dessas más notícias? Aquilo me corroía de preocupação.

— Não, Madame, eu estive lá... — comecei a explicar lentamente, com a voz mais mansa possível. — Tentei colocar um pouco de razão dentro da cabeça do sujeito que anda destruindo as coisas por lá, mas não adiantou de nada. A razão e o sujeito não combinam nem um pouco. Ele está colocando sua loja abaixo, sem nenhum tipo de piedade. Por mais que eu tivesse *avisado* que ia contar tudo pra você.

Apurei meus ouvidos em busca de sinais de debilidade vindo do outro lado da linha.

Mas tudo que ouvi foi sua risada.

Não soube se sentia alívio ou ficava desmoralizada.

— Olívia, querida, é assim que eles reformam as coisas. Não teria como eles transformarem o espaço numa loja de temperos sem fazer algumas reformulações.

Eu engasguei na mesma hora. Uma tosse por cima da outra, que me impediu de respirar. Django ficou todo agitado tentando subir nas minhas pernas, mas ele era tão pequeno que mal alcançava os joelhos.

— Olívia? — Madame Adelaide perguntou do outro lado da linha. — Tudo

bem por aí?

— Não! — respondi, bem sincera. — Como eu vou estar bem sabendo que nossa adorada Kinki vai virar algo tão insosso?

— A última coisa que uma loja de temperos pode ser é insossa, querida — Madame Adelaide rebateu com uma suavidade que era rara em sua voz. — Vão ter inúmeros tipos de sal por lá, eu fiquei sabendo. A especialidade é aquele sal rosa do Himalaia.

— Como você pode estar em paz sabendo que nosso sonho vai virar isso? — eu choraminguei, em desespero.

Eu estava mesmo muito triste. Os escombros da Kinki me pareciam ainda mais reais proferidos pela, já senil, Madame Adelaide do que pelas marretadas da obra.

— Sonhos mudam, criança — ela disse com a maior calma do mundo, como se não fosse uma catástrofe. — Meu sonho atual é me hospedar numa casa de repouso na serra com minhas amigas.

— *Como assim suas amigas?* — Minha voz se tornava mais estridente a cada resposta.

As decepções não paravam de acontecer, com isso, minha voz não parava de afinar. Mais duas más notícias como aquelas e eu estaria me equiparando aos latidos de Django.

— Oras, minhas amigas, que me acompanharam a vida toda! — ela explicou. — Que estudaram comigo na escola. Que eu vi casar, ter filhos, vi os filhos crescerem, os maridos morrerem e esse tipo de coisa...

Eu não gostei do tom sonhador que a voz da Madame atingiu quando começou a falar sobre o assunto. Onde já se viu falar assim de maridos falecidos? Que coisa mais mórbida!

Além do mais...

— Pensei que *eu* fosse sua amiga.

— Você é — ela afirmou, para meu alívio. — Mas você não é minha *única* amiga. Pudera, não é mesmo? Depois de 78 primaveras carregadas nas costas é apenas justo que eu tenha cativado outras pessoas. Você também tem outras amigas, não é, querida?

Não disse nada, fiquei tentando buscar na minha cabeça quem era minha melhor amiga depois de Madame Adelaide. O problema era que ela ganhava disparado. As outras ficavam facilmente para trás, comendo poeira, era até difícil de enumerar.

— Por onde anda aquela menina de nome esquisito? Qual é mesmo o nome dela? Era algo que não fazia sentido... Albumina? Melanina?

— Isso, Melanina — confirmei.

Aquela era mesmo uma boa pergunta. Eu não fazia ideia de por onde andava Melanina, não que esse fosse o nome *verdadeiro* dela, era só como ela era conhecida na internet. O nome dela de verdade era Nina. E o mais provável era que ela, assim como eu, andasse pela internet.

— Ela está por aí — eu respondi.

Essa era a resposta mais precisa que eu podia dar no momento.

— E com “aí” você quer dizer atrás de uma tela de computador? — Madame Adelaide indagou. — Vocês, meninas da modernidade... Qual é o mal de ir pra rua e tomar um pouco de ar? Ver a paisagem, observar o que está em volta. O mundo é tão maior do que uma tela...

— Madame, vamos voltar ao foco — interrompi.

Detestava quando ela ficava filosófica daquele jeito e ela sabia. Tinha quase certeza de que ela fazia isso só para me irritar. Por trás dos kaftans e cordões de pedras brilhantes morava uma senhorinha muito sacana.

— Tínhamos um foco, querida? — ela perguntou, na maior cara-de-pau. — Perdão, pensei que estávamos só jogando conversa fora. O que, aliás, é um indício de que andamos tendo muito tempo livre, você não concorda?

Eu até concordava, mas não tive como responder. Ela emendava uma frase na outra de um jeito que eu quase não conseguia acompanhar. Django olhava para mim entortando a cabeça de um lado para o outro, tão confuso quanto a dona, enquanto Madame Adelaide continuava a todo vapor do outro lado da linha:

— Claro, essa questão do tempo livre vai ficar resolvida pra mim quando eu finalmente me mudar para a casa de repouso, o que vai acontecer no final do mês. Lá eles oferecem uma gama de atividades, inclusive torneio de buraco no fim da tarde. Já estou contando os dias. Também tem aula de hidroginástica pelas manhãs, vai ser ótimo para me ajudar a manter a forma. Mas e quanto a você, criança? Já pensou no que vai fazer do *seu* tempo livre? Imagino que aquele *probleminha* no seu blog deixou uma gama de espaço livre no seu cronograma. Alguma ideia de como pretende preencher? Aposto que ligações telefônicas para sua velha amiga não é uma opção. — Ela riu, jocosa, ainda que aquilo não tivesse graça nenhuma.

Eu comecei a achar que a temporada que ela passou no hospital tivesse deixado sequelas. Por mais que o filho dela, nas diversas vezes em que perguntei, tivesse me garantido que não.

— Que tal fazer o ENEM esse ano? — ela perguntou, para meu pavor. — As inscrições já estão abertas! — ela acrescentou, como se não fosse o bastante.

Talvez tenha sido a bufada que eu dei que fez ela parar com o discurso. Ou talvez o discurso simplesmente tivesse chegado ao fim.

Fosse qual fosse o caso, eu achei ótimo. Uma frase a mais sobre aquele assunto tenebroso e ele começaria a ter semelhanças demais com as conversas que eu costumava ter com minha mãe.

Coisa que eu evitava ao máximo ter.

E também evitava pensar.

— O foco era recuperar a Kinki — esclareci. — E se você não vai me ajudar, eu vou ter que conseguir sozinha.

Foi a vez dela de dar um suspiro do outro lado da linha. Não tão impaciente como o meu, o dela seguia numa linha mais resignada. Aos olhos dela, impaciência não era algo muito sofisticado. A resignação estava muito mais na moda. Tão em voga que também fez sua aparição no seu próximo discurso:

— Mesmo se eu disser que isso é impossível, não vai te impedir de tentar, né? Por isso, só peço que não seja cruel com meus meninos. Os que trabalham na obra, você já os conheceu? — Ela nem me deu tempo de responder antes de emendar. — Tenho certeza de que sim, pois já ouvi reclamação do mestre de obras sobre um dos meninos ter ficado P da vida com alguém que foi lá causar fuzuê. Quando ele me contou essa história quase consegui ver a imagem da minha criança querendo juntar os pedaços de concreto com o poder do celular.

— Eu não fiz isso! — me defendi.

Que imagem mais absurda! Jamais faria uma coisa dessas.

Embora adorasse pensar que algo desse tipo pudesse ser verdade.

Mas se tem uma coisa que a vida de blogueira me ensinou foi que não dá pra viver de ilusões, tem que fazer ações.

Em sua maioria publicitárias.

Foi assim que tive outra ideia. Que não envolvia a ajuda de Madame Adelaide.

Eu já bolava o conteúdo da mensagem na minha cabeça quando ela voltou a se pronunciar.

— Sei que não, criança. É só minha imaginação fértil. — Um som de campainha irrompeu no lado dela da linha. — Santo Deus, eu me esqueci completamente que tinha uma reunião com meu contador — ela disse, soando acelerada. — Vou ter que desligar, espero que não se importe. E tente fazer o que te pedi, sim? Não complique a vida dos meus meninos. E não se esqueça de que tenho informantes!

Uma cacofonia de barulhos interrompeu a ligação. E dessa vez não foram os latidos de Django. Eram sons metálicos que eu sabia muito bem que vinham do chaveiro exagerado que ela tinha.

Ousei murmurar um “até logo” que certamente não foi escutado, assim como o lembrete que ela me fez sobre as inscrições do ENEM, que eu fiz questão de não prestar atenção.

Minha cabeça fervilhava montando uma lista de contatos.

E eu sentia dizer, mas os meninos dela não seriam poupados.

Capítulo 4 – Caos matinal

(5 respostas ao meu apelo).

Isso depois de *uma semana* do tal apelo. Eu estava desmoralizada com a falta de rapidez com que as coisas andavam acontecendo pela internet. A irrelevância delas também. Não sabia o que me deixava mais furiosa.

Das cinco mensagens que recebi em resposta, quase nenhum conteúdo poderia ser aproveitado.

Isso porque eu tinha direcionado meu pedido cuidadosamente para pessoas que tinham a ver com ele. Além de ter impacto na mídia digital, é claro. Minha decepção e incredulidade com os produtores de conteúdo atuais aumentava a cada mensagem recebida.

A primeira foi do blog *Púrpura é a cor mais morna*, que respondeu minutos depois de eu enviar a mensagem.

“*Do que se trata o projeto?*”, foi a resposta.

Ué, eu pensei e subi a tela do celular só para me certificar de que tinha mandado o texto completo, com todas as explicações pertinentes sobre em que consistia o projeto.

Coisa que eu tinha feito. Claro que tinha.

Estava planejando aquela ação com muito cuidado, nos mínimos detalhes. Não podia dizer o mesmo sobre interpretação de texto da menina que encabeçava o *Púrpura é a cor mais morna*.

Mas eu não estava em posição de bancar a superior com ninguém, embora

eu esperasse mais de um blog que tinha uma referência de um filme *cult* como aquele no título. Apenas selecionei a parte do texto que explicava o que eu queria fazer e coleí para ela.

Eu precisava do máximo de ajuda possível.

O que me levava à segunda mensagem.

Tiro-Liro disse: *“Irado. Vou dar uma olhadinha assim que tiver tempo. Mandou bala no textão, hein!?”*

Uma semana havia se passado e nada da olhadinha dele.

Essa galera que fazia vídeo não devia ter tempo para nada mesmo! Toda vez que lembrava disso, respirava fundo e tentava não julgar. Eu não sabia nada sobre gravar vídeos. Não tinha como opinar.

Mas não era a falta de informação que impedia as pessoas de opinarem nesse espaço aberto que é a internet.

Isso me trazia a lembrança da terceira resposta:

Anamastê: *“Olívia, você está planejando UM PROTESTO? E está ME CONVIDANDO pra fazer parte?! Li duas vezes pra entender se era isso mesmo! Fiquei surpresa por você considerar que eu faria parte de algo agressivo assim. Eu prezo pelas boas vibrações, sabe? Um embate corpo a corpo vai super contra os meus princípios.”*

Eu não tinha intenção nenhuma de criar um embate corpo a corpo durante minha singela manifestação. De onde ela tinha tirado aquilo? Que ideia! Só de imaginar qualquer coisa corpo a corpo contra o pedreiro mal-ajambrado já me dava tremeliques.

Eu *já* colocaria a integridade corporal dos meus parceiros virtuais em risco dessa maneira.

Anamastê precisava saber disso, a manifestação não tinha *nada* a ver com

corpo. Tinha a ver com salvar a Kinki, mostrando quanta gente de influência apoiava a minha causa, consequentemente fazendo com que os seguidores daquela gente toda apoiassem também, de modo que se tornaria insustentável para o tal pedreiro e sua trupe darem continuidade à destruição.

De quebra, eu não perturbaria a vida dos meninos, conforme Madame Adelaide tinha pedido para eu não fazer, meus apoiadores que perturbariam por mim. Era o plano perfeito.

Mas eu precisava que pessoas com meio milhão de seguidores, como Anamastê, aceitassem participar.

Por isso eu precisava engolir todo o meu orgulho e explicar tim-tim por tim-tim como minha manifestação não feria, em momento nenhum, os princípios dela.

Contudo, havia gente que tinha ideais específicos demais para poder colaborar comigo, por exemplo, o quarto cidadão que respondeu meu apelo com:

“Perdão, mas eu só milito pela internet.” O nome da página dele era Minhas causas, minha vida.

Achei um pouco limitadora essa história das causas dele se restringirem apenas ao espaço virtual. O que me levava a perguntar: e a vida dele? Ele vivia só na internet também?

Meu questionamento ia ainda mais longe: E eu? Será que eu fazia o mesmo?

Pior ainda, será que as pessoas pensavam isso de mim?

Certamente não, me consolei, descartando logo de cara essa possibilidade. Não era eu a pessoa inovadora que estava tentando trazer as pessoas da internet para as ruas? Pois então.

Apaziguei meu coraçãozinho descompassado fazendo um vídeo dos meus

pés caminhando pela calçada de pedra portuguesa. Isso reafirmaria a todo mundo que me seguia que eu tinha uma vida longe do computador.

Longe até demais, se eu considerasse a quantidade de quarteirões que Django me fazia caminhar durante os dois passeios diários dele. Ele sempre caminhava bem à frente, deixando a guia esticada entre ele e a minha mão.

Era bom ter algo com que se distrair. Às vezes Django me servia nesse sentido. Mas na maioria delas ele só prestava para me deixar louca, mesmo.

E naquela manhã ensolarada, em especial, eu não tinha nada para reclamar.

Sobre *Django*, quis dizer.

Ele caminhava de forma pacífica e apressada pelas calçadas. Vários outros indivíduos mereciam mais minha insatisfação do que minha bolinha de pelos. Eu podia ouvir os batiques da destruição da Kinki de onde estava, um quarteirão atrás da maldita obra. Dava quase pra sentir o cheiro da poeira e do suor dos homens se misturando.

Afastei esse pensamento desagradável da cabeça enquanto caminhava em direção ao quinto poste de xixi de Django.

O pensamento que me veio em seguida foi a estupidez da última resposta que recebi ao meu humilde apelo.

Zumbieber disse: “*Minha mãe não deixa...*”

Zumbieber tinha 20 anos. Eu sabia muito bem, estava na descrição do seu perfil no Twitter. Mas não ia ganhar nada arrumando confusão. Por isso visualizei a mensagem e não me dignei a responder.

Porque se eu respondesse, seria um desaforo.

E desaforos faziam mal para a minha carreira.

Eu tinha que me controlar.

Tinha que me controlar.

Tinha que me controlar.

Repetia igual uma louca a cada passo que dava. Django interrompeu seu percurso para olhar para trás sem entender nada.

Por sorte, bem nessa hora, meu celular apitou para me tirar desse ciclo de maus pensamentos.

A notificação que aparecia na tela era algo pelo que eu esperava há dias.

Uma semana, para ser mais específica.

Era a resposta mais aguardada para o meu apelo. A resposta de Melanina. Graças a Deus! Parei na mesma hora para ler:

“Querida, quanto tempo! Que ideia mirabolante é essa que você está aprontando?! Mal vejo a hora de saber mais! Tive alguns insights enquanto lia o seu texto, e, a propósito, que texto! O que acha de nos encontramos pra discutir o assunto? Descobri uma cafeteria gracinha que fica no meio do caminho entre a sua casa e a minha, vamos marcar lá? A gente toma um café e de quebra faz uma sessão de fotos, que tal?”

Sorri, satisfeitiíssima como as palavras dela. Nina consegue ser tão gentil quando enfim responde as mensagens... Imediatamente digitei minha resposta, não tinha tempo a perder.

“Tempo demais! Nunca mais vamos passar tanto tempo sem nos ver, ok? Ok! Adorei a ideia do café e tenho certeza de que vou adorar AINDA MAIS suas ideias para a manifestação. Vai ser DI-VI-NO! com o seu apoio não tenho dúvidas de que a causa está ganha! Não que eu tivesse dúvidas antes, HAHAAH! Você pode me encontrar no tal café amanhã? Ou até mesmo hoje pela tarde? Estou desesperada e não é pouco! Você não tem NOÇÃO de como anda minha vida ultimamente? Uma doidera! Espero te contar ainda essa semana, você me diz.”

Reli, corriji alguns detalhes de pontuação para que nada soasse forçado e apertei o enter. Quando o celular mostrou que a mensagem foi enviada eu suspirei aliviada. Ufa! Nina seria uma senhora aliada para a minha causa. E me senti até mais leve depois dessa confirmação.

Leve até demais, diga-se de passagem.

Onde tinha ido parar aquela pressão que eu constantemente sentia na mão?

Olhei para a mão que não segurava o celular e não tinha *nada* nela. Nem guia, nem o que deveria estar preso por ela.

O desespero se abateu sobre mim.

— Django! — eu gritei.

Não recebi nenhuma resposta.

Ao meu redor não tinha nem sinal dele, da guia, nem de nada. Absolutamente nada.

Fiquei sem saber o que fazer, atravessei a rua sem nem olhar para os lados, pensando que na outra calçada eu encontraria alguma resposta.

Tinha que encontrar. Não existia alternativa. Não podia nem *pensar* em ser alvo de mais um fracasso.

Porém, na outra calçada também não tinha nada. Tão desprovida do paradeiro de Django quanto a anterior. Uma mão gelada se apertou em volta do meu coração.

Não;

não;

não.

— Django! — eu gritei mais uma vez, sentindo-me totalmente inútil.

Minha voz não era alta o suficiente para alcançar o bairro inteiro. E só Deus sabia onde aquele cachorro minúsculo conseguiria se meter. Ele poderia estar enfiado em qualquer lugar. As perninhas deles eram velozes o suficiente para percorrerem uma boa distância. Além disso, eu não fazia a mínima *ideia* de quando foi que ele tinha se desprendido de mim.

Como eu pude deixar uma coisa dessas acontecer?

Será que eu era mesmo o que meu pai pensava? Uma sem-noção moradora do mundo da lua daquelas que ficam flutuando com roupa de astronauta sem nunca tocar os pés no chão?

Senti que estava prestes a chorar. Gritei o nome dele mais uma vez enquanto atravessava a rua de volta, com a mesma falta de cuidado que da vez anterior. Eu estava em pânico. Chorar não adiantaria nada. Ainda por cima alguém poderia se sentir alarmado com essa cena lamentável e me expor na internet.

“Olivia Liveretti é incapaz de cuidar do seu cachorro” era o título do post que eu imaginava enquanto alcançava o portão azul que abrigava o cachorro-supostamente-grande.

Ele latiu para mim mesmo que eu não estivesse na companhia de Django, seu ex-rival.

Claro, eu levei um susto. Com direito a pulo para trás e tudo.

Desde que Django trocou as desavenças com o portão azul pelos latidos na frente dos escombros da Kinki, nós tínhamos estabelecido uma relativa paz durante aquela parte específica do percurso. Em especial porque Django passa ali com a corda toda, louco pra alcançar a calçada mais adiante e chegar à Kinki.

Mas naquela manhã tudo estava transcorrendo no maior caos. Talvez tivesse sido os meus gritos que despertaram a fera e atraíram a atenção dele novamente para o portão. Sei lá. Como eu ia saber? Não tinha como. Eu estava em pânico.

Só o que eu sabia era que os latidos ferozes do cão-supostamente-grande me distraíram do choro canino que soava mais à frente.

Quando o cão deu uma trégua entre um latido e outro, eu pude identificar o som mais baixo ao fundo. Também conseguia identificar de onde vinha: de uma montanha de pedregulhos.

Bem em frente à Kinki.

Enquanto eu apertava meu passo para alcançar a montanha, deixando os latidos ritmados do cão-potencialmente-grande para trás, vi que alguém alcançou o objetivo primeiro.

Em minha defesa, o alguém tinha a vantagem de estar mais perto. Muito mais perto. Dentro da própria Kinki.

Não que eu estivesse interessada em me defender para aquele alguém, nem nada do tipo. Aquele alguém me dava náuseas. Ainda mais agora que se agachava em frente à pilha de escombros e falava com uma voz açucarada que em nada combinava com o seu 1,90 de altura e aquela abundância de músculos que estavam ainda mais aparentes do que da vez anterior, por conta do suor que colava a camiseta ao corpo.

— O que você está fazendo aí, garotão? Você se machucou? — Ele tirava uma pedra de cada vez com um cuidado que tampouco combinava com seu tamanho. — Cadê a maluca da sua dona? Te abandonou de vez? Não, não chora, tá tudo bem, acho que você não quebrou nada, só fica paradinho até eu conseguir te soltar. O que você estava fazendo em cima dessa pilha toda? Cometendo suicídio? Sua dona anda tão ruim assim? — Ele tirou uma pedra, outra e mais outra. — Ou estava tentando chamar minha atenção? Eu escutei você latindo a semana toda, sabia? Não vim aqui te fazer carinho porque não quero saber de confusão. Mas chorar é golpe baixo, né? Pronto, você ganhou, estou aqui pro que der e vier.

Nessa hora ele retirou Django da pilha e pegou meu cachorro no colo. Os pedregulhos se remexeram mais uma vez, formando um novo tipo de montanha. Uma imagem horrível tomou minha mente, onde Django era

soterrado por pedras maiores do que aquelas e um cascalho especialmente afiado atravessava seu crânio.

Talvez eu tenha fechado os olhos e dado um gritinho estrangulado nessa hora, porque o pedreiro mal-ajambrado e Django olharam na minha direção, ambos com expressões assustadas.

Minha reação foi estacionar bem onde estava, com alguns metros de distância entre mim e eles, virar as costas e caminhar na direção oposta.

Claramente ainda sob os efeitos do pânico.

Não sabia nem explicar porque tinha feito aquilo. Tudo aconteceu muito rápido, minhas pernas me levavam sem eu ter muita consciência de para onde. Só me dei conta do que realmente estava fazendo quando escutei o sujeito:

— Ei, Dona! Você realmente vai deixar seu cachorro acidentado pra trás?

Não, eu não ia.

Mas não era bem isso que eu pensava quando comecei a caminhar de volta na direção deles.

Capítulo 5 – A diferença entre uma calçada e o Twitter

(1 mensagem visualizada).

— Meu nome não é Dona! — berrei no meio do meu caminho de volta.

Eu era metade fúria, metade alívio.

Django estava vivo, amém. Eu estava tão agradecida que até faria uma dancinha comemorativa se não estivesse em público. Se bem que o bambear das minhas pernas atrapalharia um pouco a execução dos passos.

— Não foi isso que eu perguntei! — o homem retrucou no mesmo volume que eu.

Não entendi a razão do escândalo, eu já tinha me aproximado dele e de Django o bastante para que ele não precisasse gritar daquela maneira.

Eu deveria pontuar que o som da voz dele me irritava igual ele tinha feito comigo no outro dia. Seria uma vingança bem gostosinha. Mas acabei optando por dar de ombros e ajeitar meus cabelos atrás da orelha, afinal, o cara tinha acabado de salvar meu cachorro de uma pilha de escombros.

— Claro que não ia deixar Django pra trás, não respondi porque isso é óbvio.

— Não ficou tão óbvio quando você virou as costas e fez que ia dar no pé — ele disse ao colocar Django no chão.

Imediatamente o cão começou a lambe as botas dele. Que nojo, eu pensei com meus botões, tentando contabilizar por alto a quantidade de poeira que ele estava ingerindo.

— Estava indo procurar ajuda — improvisei, sem ter a menor ideia de aonde aquele tipo de informação ia me levar. — Pro caso de você se recusar a me devolver o cachorro.

— Por que raios eu faria isso? — Ele coçou a cabeça por baixo do capacete de proteção. — Eu tenho meu próprio cão, não preciso de outro.

— Tem?! — eu perguntei, surpresa.

— Não que seja da sua conta, mas eu tenho.

— Não é como se eu tivesse interessada em saber também — respondi. — Perguntei por *educação*.

E aí que ele tinha um cachorro? Quase todo mundo tinha, isso não fazia dele uma exceção. Só o colocava como um possível depósito de pulgas que poderia ser facilmente transmitido para Django.

Agachei-me com o máximo de graça que consegui, estalei os dedos com a mão esticada na direção de Django para ele ouvir o meu chamado.

— Django, venha cá. Vamos embora. *Agora*.

Django continuou firme e forte na sua ingestão de poeira, sem nem mesmo me ouvir. Ou *fingiu* que não ouviu. Nunca dava pra saber, era impressionante o quanto aquele cachorro podia ser sonso.

Eu me indagava que signo ele era para distrair minha mente da vergonha que estava passando. Qual era o maior traidor dos signos? Escorpião? Leão?

Eu não fazia a menor ideia.

Estava a ponto de puxar meu celular do bolso para pesquisar, mas primeiro resolvi focar na situação em que eu me encontrava: agachada no meio da rua sendo ignorada pelo próprio cachorro.

Degradante! Torci que nenhum fã passasse pela rua e me visse naquela situação.

Já era embaraçoso o bastante estar sob o olhar julgador daquele homem.

— Você só fala com ele para dar ordens? — ele indagou com a testa franzida, de tal maneira que as sobrancelhas quase se juntavam.

— O que é que tem? — eu perguntei em tom de desafio, enquanto ficava de pé e colocava as mãos na cintura.

Precisava apertar minhas gordurinhas relaxantes. A última coisa que eu queria na atual conjuntura era que um Zé Ninguém ficasse julgando minha postura.

— Não é à toa que cachorro quis se suicidar... — o homem comentou.

Comentário esse que, inclusive, era muito de mau gosto. Com essas coisas não se brincam.

Eu estava pronta para dar uma senhora lição de moral sobre o assunto. Até respirei fundo antes de começar, mas na última hora resolvi seguir por um caminho mais definitivo, para cortar o papo de uma vez só.

Deus me livrasse de ficar prolongando a discussão quando eu podia simplesmente encerrá-la com:

— Ele tentou o suicídio porque *você* estava ignorando ele — acusei. — Você pode até ter cachorro, mas com certeza não tem coração. Um cão tão bonitinho desses...

O homem deu uma risada abafada que saiu parte pelo nariz e parte pelos olhos. Eu, francamente, não entendi nada. Eu não contei nenhuma piada. Aquilo era sério, Django poderia ter se machucado por conta daquilo. Não era hora pra risinhos.

— Ele é bonitinho mesmo — o homem falou, abaixando-se para fazer carinho atrás das orelhas dele, Django fechou os olhinhos como se estivesse no sétimo céu. — Mas não era por causa dele que eu estava evitando dar as

caras. Eu ouvi os latidos dele a semana inteira enquanto vocês passeavam por aqui.

O capacete do homem deu uma escorregada da cabeça dele enquanto brincava com Django, escorregou de um jeito que dava vontade de consertar.

Afinal, eu não queria que outro acidente acontecesse com meu cachorro.

— É mesmo?! — eu perguntei, só por educação, de novo.

Na verdade, eu já sabia a resposta. Tinha ouvido no monólogo que ele tinha feito enquanto resgatava Django.

Mas não admitiria isso nem sob tortura.

— Mesmo — o homem admitiu, sem nenhuma sombra de culpa por torturar o pobre animal. — Mas também ouvia seus gritos e sinceramente...

A sorte dele foi que meu celular apitou. Caso contrário eu com certeza faria um escarcéu. Claro que uma ofensa daquele calibre não passaria em branco, mas o som que veio do meu celular acusava uma mensagem de Melanina, que era uma pessoa de prioridade máxima.

Eu simplesmente tinha que ler, sentia como se minha vida dependesse daquilo.

Até porque, minha vida virtual meio que dependia mesmo.

“Querida! O que aconteceu? É GRAVE? Vou querer saber nos mínimos detalhes! Não ouse esquecer de nada, hein!? Quanto ao café, eu adoraria ir amanhã, mas não vou poder. Tenho uma entrevista pra um canal ótimo! Não posso te contar qual porque é informação sigilosa, mas logo você vai saber. O café pode ficar pra depois de amanhã? Na parte da tarde? Minha câmera já tá preparada! Te passo o endereço.”

Sendo honesta, não esperava que Nina fosse responder minha mensagem tão rápido, ela andava tão ocupada ultimamente que eu já estava até me

acostumando a esperar dias até ter um sinal dela.

E eu superentendia, também já tinha sido assim pra mim, um dia...

Mas agora que eu tinha tempo para responder as pessoas na hora, eu respondia as pessoas na hora. Principalmente se a pessoa fosse Melanina. Eu tinha que me jogar de cabeça na esperança de que ela tivesse online pra marcar bem certinho o nosso café.

— Ei! Dona! Vai deixar seu cachorro fugir de novo!

— Não vou, não — eu disse, bem tranquila. — Você tá tomando conta dele.

— Aí é que você se engana! Eu vou voltar pro meu trabalho — ele falou, provavelmente revoltado.

Na verdade, não tinha como eu saber, nem sequer me dignei a levantar a cabeça do meu celular. Ter a noção que a sombra que o corpo dele fazia no meu campo de visão já me servia como certeza.

— Só mais um minutinho... — eu disse, totalmente imersa na tarefa de bolar as frases finais da minha resposta à Nina. — Pode continuar falando mal de mim, se quiser.

— Qual é a graça de falar se ninguém vai ouvir? — ele indagou.

— Estou ouvindo, vá em frente — eu disse ao mesmo tempo em que revisava o que tinha escrito.

— Do mesmo jeito que você digita e toma conta do seu cachorro? Não, obrigado. Prefiro lidar com um martelo.

— O que o martelo tem a ver? — perguntei, quando por fim consegui enviar a mensagem e colocar o celular no bolso. — Você pretende jogá-lo na minha cabeça?

A cara do homem se transformou numa carranca difícil de explicar. Ele se empertigou todo sobre as suas botas, cruzando os braços, fazendo-os

parecerem maiores ainda.

Eu nem sabia que era possível. Mas tudo bem. O importante era me manter impassível.

— Dona, não sei que mundo é esse que você vive aí dentro do seu celular, mas *no meu mundo* a gente aprende que bater em mulher é errado desde criança.

Minha impassibilidade se desfez num passe de mágica.

Então queria dizer que o contador de piada sobre suicídio agora estava me levando a sério? Ora, me poupe! Aquilo me deixou revoltada.

E tinha mais uma coisa:

— Já falei que meu nome não é Dona. Que saco!

— Ué, você não achou tão ruim quando tava aí imersa no seu mundinho — ele debochou, indicando o celular com o queixo coberto de barba por fazer. No final do pescoço, antes de começar a gola da camiseta, despontava uma tatuagem.

Era um raio preto, bem confuso que eu me perguntei como não tinha percebido antes.

Não que viesse totalmente ao caso. Pois ele conseguiu a aprovação de Django por meio de um latido, o que me deixou com uma raiva tremenda. Aquele homem só sabia me maltratar e meu cachorro, que deveria ser meu fiel escudeiro, morria de amores por dele.

Isso me dava uma queimação no estômago que nunca havia sentido, nem sabia se tinha nome. Só sabia que me deixava meio louca, me fazia dizer coisas que eu não deveria. Coisas como:

— Se você está tão interessado pelo meu mundo, aguarde e confira — falei em tom de ameaça, como se estivesse tudo certo para a minha manifestação.

E eu, melhor do que ninguém, sabia que não era verdade. Ainda tinha um mundo de detalhes pra organizar antes de eu ficar por aí soltando indiretas como se aquela calçada fosse o Twitter.

E justamente por aquela calçada não ser o Twitter, ela não tinha o recurso de excluir a indireta.

— Do que você está falando? — o cara me perguntou com a mesma expressão enrugada que usou da outra vez, seus olhos estreitando, cheios da mais pura confusão.

Como minha ameaça continuava pairando ali entre nós dois e a poeira no ar, o melhor que eu podia fazer era bancar a superior e dar um jeito de cumpri-la o quanto antes.

— Você não perde por esperar — disse, querendo que aquilo soasse com tom de mistério ao mesmo tempo em que queria dar conta de pegar Django do chão com um ar elegante.

Nenhuma das duas ações saiu como planejada. Mas eu me virei como pude. Isto é, virei as costas e fui embora.

Apavorada.

Capítulo 6 – Problemas de interpretação

(297 novos seguidores no Instagram).

A chuva de seguidores só aconteceu porque Melanina postou umas fotos comigo.

Aliás, *umas fotos* era só uma expressão. Foram *inúmeras* fotos. Parecia que o dedo dela não desgrudava do botão de fotografar. Quem me acusava por ser muito apegada à internet era porque claramente não conhecia Melanina.

Até eu ficava pasma.

Quando Nina sugeriu que fizéssemos uma sessão no café, jamais passou pela minha cabeça que ela traria até *iluminação específica* para isso.

Sem falar no monte de outras parafernálias que ocupavam a maior mesa do café. Quase morri de vergonha. Todo mundo que estava lá abandonou suas refeições para dar uma espiada na gente enquanto nos retorcíamos em posições esquisitas no sofá fazendo poses dignas de editorial de moda.

— Entorta mais os pés! — ordenou Nina. — Estamos procurando um resultado mais andrógino!

Quê?! Eu pensei em meio a uma sequência de cliques.

Ela tinha um controle escondido na mão que a permitia bater as fotos sem precisar apertar o botão na câmera, achei aquilo supermoderno.

— Olívia, você tá olhando pra câmera! — ela ralhou. — Está acabando com minha diegese!

— Desculpa — eu pedi, pela milésima vez. — Não sabia que você tinha uma diegese particular.

Para ser totalmente sincera eu nem sabia o que *significava* diegese.

Fiz uma nota mental de pesquisar quando chegasse em casa. Minha cabeça estava à mil. De onde tinha saído aquele aparato todo?! Fui pega de surpresa, minhas expectativas para esse café seguiam por caminhos completamente diferentes.

Mas assim era Nina, eu já deveria estar acostumada, uma pessoinha surpreendente e ninguém podia prever qual seria a próxima coisa que ela ia fazer.

Isso só se agravou conforme ela foi parar na crista da onda da internet. Cada *post* dela para mim era um susto. Alguns eu chegava a me perguntar se eram de verdade. Mas talvez fossem. Como eu ia saber?

Depois de estar ganhando vários likes por minuto só porque estava numa pose meio estrebuchada num sofá segurando um copo de café, aceitei que tinha perdido um pouco a noção de como o sucesso acontecia na internet ultimamente.

Eu nunca tinha feito nada daquilo. Aliás, nem perto! Eu só roubava a câmera do meu pai pra fotografar minhas coisinhas. De forma criativa, é claro. E também dava meu melhor para explicar o que cada um daqueles itens significava pra mim. Eu era boa com descrições.

Em contrapartida, não era nada boa com contorcionismo.

Se eu entortasse minha perna mais um pouquinho, meu tornozelo quebraria, tive essa súbita certeza enquanto tentava manter uma cara blasé em meio ao desconforto.

— Isso aí! — Nina incentivou. — Pensa nos likes! Finge que tá bebendo o café!

Por um momento não acreditei que eu estava prestes a me quebrar e queimar minha boca com café quente por conta de likes. No momento seguinte refleti que se meus números continuassem subindo como na última meia hora até que estava valendo.

Fiquei chocada com a superficialidade do meu próprio pensamento, mas tive que fazer isso sem olhar para a câmera ou demonstrar emoção.

O barulho dos cliques não parava, parecia um bombardeio.

— Pronto, acho que já temos o bastante — Nina anunciou.

Eu encarei como uma permissão para voltar a respirar à vontade, o que veio bem a calhar, visto que já fazia um tempo que eu estava retorcida naquela posição ingrata.

Aliás, tempo demais.

— Vai ficar uma linda sessão de Chá Maluco das Cinco! — ela exclamou, batendo palminhas, chocando a quantidade absurda de anel que ela usava um contra o outro.

Aquela afirmação me fez prender a respiração todinha de novo.

— *Chá Maluco das Cinco?* — eu perguntei, cheia de cautela, porque não tinha certeza se tinha ouvido direito.

— É — ela confirmou, com a maior naturalidade. — Pensei que seria ótimo fazer uma releitura daquele seu post, não é o máximo?

Não, não é, pensei com meus botões.

— Mas em vez de ter só xícaras e pratinhos fofos, igual você fez, eu achei melhor acrescentar a gente também. Porque, fala sério, existe fofura maior que a gente?

Rapidamente listei uma dúzia de pessoas mais fofas que a gente, mas achei mais prudente não falar. Melanina era toda ligada nesse negócio de

autoestima alta. O que era um conceito legal, embora não conseguisse acoplá-lo na minha mente.

Principalmente naquele momento em que minha mente estava superconfusa, dando piruetas para encontrar alguma ligação entre a minha indignação e a naturalidade com que Nina encarava os fatos.

— Mas... — eu tentei argumentar, sentando numa posição mais normal no sofá.

Chá Maluco das Cinco era um dos meus posts mais famosos. Ninguém sabia com quanto cuidado eu tinha planejado aquilo.

Eu tinha feito até pequenos desenhos de como as fotos deveriam ficar. Também tinha escrito e reescrito o texto que apresentava as fotos um montão de vezes.

Fiz de tudo para sair impecável e, de fato, foi assim que a publicação ficou.

Minha maior vitória foi uma revista de decoração ter entrado em contato comigo para que eu produzisse um editorial com eles na época da postagem.

E possivelmente a maior derrota estava diante dos meus olhos. Nina fazer uma releitura usando café em copos *de papel* para tentar representar o lindo aparelho de chá que eu tinha pegado emprestado na Kinki para fotografar o post original.

Com certeza nenhuma revista de decoração, ou de nenhum outro tipo, convidaria a gente para fazer parte de um editorial por conta daquilo.

— Melhor a gente se levantar e terminar de tomar o café como pessoas normais — Nina ordenou, afofando o cabelo antes de sair do sofá.

O cabelo crespo e volumoso de Nina era sua marca registrada. Eu nunca tinha visto coisa mais linda e bem tratada. Não era à toa que Nina se orgulhava tanto.

Ela deveria fazer uma sessão de fotos sobre ele.

Eu daria o maior apoio. Seria muito mais produtivo.

Nina se levantou do sofá e me puxou pela mão, os clientes do café irromperam em aplausos. Olhei em volta, mais uma vez pega de surpresa. Nina fez uma reverência teatral enquanto eu olhava para os lados, horrorizada.

Ninguém estava achando aquele contorcionismo no sofá regado a café ridículo?

Só eu?

— Melanina nós te amamos! — um grupo de meninas gritou em uníssono.

Eu me senti um peixe fora d'água. Tinha perdido por completo a noção do que era maneiro.

— Quem quiser autógrafo é só formar uma fila aqui! — Nina anunciou, toda serelepe e logo em seguida me perguntou num cochicho: — Ei, Livs, você tem uma caneta?

Fiz que sim com a cabeça e me agachei para pegar a minha bolsa que estava atrás do sofá. Tudo para não estragar a integridade das fotos.

É claro que eu tinha uma caneta, achei que fôssemos discutir detalhes do meu protesto contra o fim da Kinki. Trouxe um caderninho, marcadores de texto, post-it e tudo o mais para as possíveis anotações!

Não tinha sido para isso que aquele encontro foi marcado? Enquanto esperava a fila de autógrafos de Nina acabar, futuquei meu celular para reler nossa conversa e me certificar do que foi falado.

Ela realmente tinha mencionado uma sessão de fotos, eu que tinha passado batida pela informação. Às vezes era difícil interpretar as prioridades em conversas por texto.

Talvez fosse por isso que Madame Adelaide batia tanto na tecla das conversas cara a cara.

Elas tinham seu valor, eu começava a perceber.

— Você é Olivia Liveretti, né? — uma das meninas da fila de autógrafo me perguntou. — Aquela menina que deu um chique na fila da exposição?

Em meio a uma correnteza frenética de sangue esquentando minhas bochechas, eu consegui achar forças para dizer:

— Sim, eu sou aquela menina.

— Eu quero um autógrafo seu! — a garota guinchou, superanimada. — Nunca na minha vida vi alguém surtar daquela maneira! Queria ter visto ao vivo. Uso seu vídeo como meme até hoje! Minhas amigas adoram. Será que a gente pode tirar uma foto também? Tem como você fazer aquela cara de desespero?

Ela já tinha a câmera de selfie apontada em nossa direção. A menina se posicionou ao meu lado, sorriu e apertou o botão.

Certamente saí com cara de desespero na foto, mas não a cara de desespero que a menina queria.

Quanto a isso, eu não podia fazer nada. Só o que me restava era pegar a caderneta que ela segurava e autografar a primeira página com as mãos trêmulas, deixando as lembranças do fatídico dia da inauguração da exposição de móveis franceses me tirarem do prumo.

Para começar, eu tinha recebido um e-mail da organização do evento falando que eles estavam felizes com a minha presença. Só que eu não sabia que eles estavam felizes com a presença de *todo mundo*.

E quando eu dizia todo mundo, queria dizer que a fila para entrar estava dobrando o quarteirão, mas eu fui direto para o início dela, precisava falar com uma das pessoas felizes da organização para me deixar entrar primeiro.

Afinal, eu tinha um e-mail, aquilo deveria me garantir algum tipo de prioridade.

Outro detalhe que demandava prioridade era que eu tinha que fabricar um post no meu blog sobre aquela exposição naquele mesmo dia. Minhas visualizações estavam começando a cair e eu me encontrava no período mais megalomaniaco possível de produção de conteúdo.

Meu objetivo era postar uma matéria todo dia, eu tinha um cronograma para seguir.

Foi isso que eu disse para uma das meninas felizes da organização. Ela não parecia tão feliz em ter que lidar comigo. Eu falava sobre o meu tal cronograma aos gritos, com gestos expansivos com as mãos, de forma bem autoritária.

Claro que na hora eu não percebi nada disso, estava no calor do momento, aliás, era verão, estava um calor danado, minhas bochechas saíram iguais tomates no vídeo.

Foi só no vídeo que eu percebi o quanto eu estava exaltada. Alguém que estava na fila gravou e postou na internet. De modo que eu não fui a única a perceber meu estado de descontrole.

Na verdade, o vídeo contava com milhões de visualizações, dentre elas, a dos meus pais.

Eu virei a piada nacional durante mais ou menos uma semana. Sem falar na quantidade assustadora de seguidores que perdi.

Mas para mim a pior parte mesmo era que tinha gente, gente como aquela menina bem na minha frente, que nunca esquecia.

Eu odiava que existissem pessoas com a memória tão boa quanto a minha sobre aquele evento. Porque, por mais que elas se lembrassem bem do que aconteceu, dos gritos que eu dei e do quão irrelevante era a exposição, elas nunca poderiam saber o que eu estava sentindo na hora.

Ninguém entendia a importância daquele post, só eu.

Tanto foi que quando a menina não-tão-feliz da organização negou minha entrada no evento, eu comecei a chorar.

Foi a cereja no bolo da pessoa que filmava. Foi também a gota d'água na tolerância dos meus pais.

Logo após eles assistirem o vídeo me mandaram acabar com o blog. Coisa que eu não ia fazer de jeito nenhum.

De jeito nenhum *mesmo*.

Eles nunca apoiaram a minha carreira. E a partir daquele momento eles se declararam inteiramente *contra* ela.

Então eu saí de casa.

Minha renda acumulada dava para ir me mantendo aos trancos e barrancos. E era isso que eu estava fazendo nos últimos meses.

Mas eu não sabia até quando minha renda ia durar. Esse era um assunto em que eu tentava, com muito esforço, não pensar.

Eu era boa na arte de me enganar.

— Sua letra é mais bonita no seu perfil do Instagram — a menina sentenciou analisando o autógrafo.

— Pois é — eu tive que concordar, minhas mãos trêmulas não ajudavam na estética da caligrafia.

— Mas não esquentar — a menina disse, fazendo um gesto de descaso com as mãos. — A maioria das coisas é assim. A vida é mais bonita quando a gente joga uns efeitos.

Essa era uma frase que eu sempre dizia no meu blog. Eu deveria me sentir lisonjeada por ter sido citada.

Mas ali, naquela cafeteria bonitinha que servia café em copos de papel, ao lado de Melanina e seu cabelo magnífico, eu comecei a me questionar como eu podia falar isso da vida se eu sabia tão pouco sobre ela.

Capítulo 7 – Diga não às ameaças vazias

(457 novos seguidores no Twitter).

— Você não vai parar de olhar esse relógio de segundo em segundo? Eu já disse que ele é bonitinho, meu elogio já está feito, o que mais você quer? — Nina questionou.

— Hm, ver as horas?

— Sério? — Ela ficou atordoada com a informação. — Nossa, pra quê? Pensei que o tempo parava quando estávamos juntas...

— Ele para mesmo — confirmei. — Ou pelo menos anda mais rápido que o normal. Esse é o perigo, Django nunca ficou sozinho por tantas horas e ele anda tendo umas atitudes suicidas ultimamente. Fico preocupada.

— Peraí, aquele cachorro é *seu* mesmo? — Nina colocou o copo de café de volta na mesa com força, olhando para mim com olhos arregalados. — Pensei que você estava morando sozinha depois daquilo tudo...

“Aquilo tudo” deveria significar o surto na exposição.

Eu mandei mensagem contando tudo pra ela na hora em que a situação começou a engrossar com os meus pais. Eu precisava de um lugar pra dormir.

Com urgência.

Não dava para jogar seus pertences essenciais numa mala, anunciar que não aguentava mais a convivência tóxica, cheia de proibições sob o teto deles e se trancar no quarto e ouvir música alta.

Seria uma ameaça vazia.

Coisa que eu achava superdeselegante. E de quebra fazia a pessoa perder a credibilidade para futuras ameaças.

Eu já tinha perdido o controle naquele dia. O rumo do meu cronograma também. O que me restava era a credibilidade de que eu acreditava na minha causa até o fim. Eu não queria sair daquela situação como uma total perdedora.

Então, eu *tinha* que sair de casa.

Minha integridade pessoal dependia daquilo, sem falar no que restou do meu orgulho.

Mas infelizmente Nina não conseguiu visualizar a mensagem a tempo de me abrigar. Acabei ficando na casa de Madame Adelaide por um tempo até conseguir a minha quitinete.

Foi a própria Madame Adelaide que me ajudou a alugar o apartamento em que eu morava por um precinho camarada. E apesar de ele ser pequeno, eu tinha muito orgulho dele, por isso eu enchia a boca pra falar:

— Eu moro! — falei. — Já cansei de te chamar pra ir lá fazer uma visita à minha nova casa, lembra? Eu consegui dar um jeitinho bacana na decoração. Madame Adelaide me deixou ficar com um monte de itens do mostruário da Kinki.

— Sua amizade com essa mulher idosa é algo que eu nunca vou entender — Nina comentou enquanto comia uma garfada do bolo que estávamos dividindo. — Sem preconceitos nem nada, você sabe como eu sou desconstruída e tal. Mas é que sei lá... Você é muito nova. Você fala como uma pessoa nova, você *pensa* como uma pessoa nova.

— Nina, você é só um ano mais velha que eu — me defendi.

Era um ano e três meses, para ser mais exata. Mas ninguém precisava dar

atenção para essas minúcias. A própria Melanina não sabia quando era o meu aniversário. O que, francamente, não tinha problema nenhum, porque o Facebook sempre lembrava.

Além do mais, ainda faltavam oito meses pra eu fazer vinte anos, ela tinha tempo pra aprender.

— E agora eu moro sozinha, tenho um cachorro, sou independente — estendi minha defesa aos fatos, pois contra os fatos não havia argumentos.

Ficava bem claro que eu era dona do meu próprio nariz e fim de papo.

Pelo menos durante o tempo em que eu conseguisse manter minhas contas em dia.

O que soava mais ou menos como uma contagem regressiva na minha cabeça, pois minhas economias no banco, assim como os seguidores do blog, vinham diminuindo vertiginosamente desde aquele fatídico dia.

Mas arrumaria uma forma de contornar a situação. Afinal, eu sempre dava um jeito de contornar. Eu era a rainha dos contornos, tanto nos olhos quanto na vida.

Pena que contornar o segundo elemento era bem mais difícil que o primeiro.

— O que me leva a refazer a pergunta: de *onde* você tirou a ideia de ter um cachorro? — Nina insistiu. — *Como* você achou que era uma boa ideia cuidar de um ser vivo sozinha? Pensei que você pegava emprestado de alguém só pra tirar foto. Eu *sei* como fotos de animais fofinhos chamam a atenção do público! Quem sou eu pra julgar.

Senti que meus olhos queriam saltar para fora da órbita, parecia que Melanina tinha tirado o dia para me mostrar que os limites não existiam.

— Você já fez isso? — perguntei, espantada.

Ela, por sua vez, apenas encolheu os ombros.

Primeiro tinha sido aquele lance da sessão de fotos de pernas retorcidas, e agora, ela me vinha com empréstimos de cães? Onde é que já se viu? Aquele mundo não me pertencia mais. A cada esquisitice aquilo ficava mais claro para mim.

Era verdade que Django me dava inúmeras dores de cabeça. Mas eu não abriria mão dele por nada. Nem por likes!

E eu gostava muitíssimo de likes.

Aliás, mais que isso, toda a minha independência meio que dependia deles. Eram eles que determinavam se uma marca iria me patrocinar ou não.

E ultimamente a resposta andava sendo não.

Mas não era por isso que eu estava ali tomando café doce demais. Nem para saber se Nina pegava animais emprestados só para tirar foto. Eu estava ali para salvar a Kinki.

Ou pelo menos tentar salvar.

— Preciso saber quais foram suas ideias para a manifestação contra o fim da Kinki antes de ir — falei, indo direto ao ponto. — Por mais que eu queira ficar aqui a tarde toda, eu não posso. Django precisa do passeio dele.

— Se você quiser ir, vai. A gente fala sobre isso no Skype — Melanina disse enquanto digitava algo no celular.

— Não... — Ao mesmo tempo em que eu sabia que tinha que ir, estava relutante. — Alguns minutinhos não fazem diferença. Além do mais, é supercomplicado te achar disponível no Skype. Nós já estamos aqui, não estamos? Vamos adiantar a manifestação o máximo possível, minha integridade está em jogo.

— Como assim? — Nina questionou enquanto seu dedo casualmente rolava a tela do celular e seus olhos acompanhavam o movimento da tela.

Tive minhas dúvidas de que ela estava prestando atenção, assim era melhor, eu não estava particularmente orgulhosa de ter que entrar nesse assunto.

— Eu meio que ameacei alguém a respeito dessa manifestação. É imperativo que eu cumpra a minha ameaça.

— Ai, menina, relaxa, é só excluir o tuíte e fingir que não existiu.

— Er... — Tomei um gole de café antes de revelar a segunda parte. — É que não foi no Twitter, foi na rua mesmo, na vida real. Esse lugar esquisito em que não dá para desfazer as ações.

Nina caiu numa gargalhada gostosa, que seria muito linda de ver se não me ofendesse profundamente.

— Olha o seu tamanho! — ela exclamou. — Quem você acha que é pra ficar ameaçando as pessoas na rua?

— Eu sou Olivia Liveretti! — respondi, impávida. — E estou cagando pro tamanho do cara. Pouco me importa que ele tenha quase dois metros de altura, muito menos a circunferência dos braços dele. O que interessa é que eu não sou pessoa de fazer ameaças vazias e gostaria muito que você me ajudasse a cumprir essa.

— Quase dois metros de altura e com circunferência de braço relevante, é? — Nina se inclinou sobre a mesa, batendo seus cílios emplastrados de rímel pra cima de mim. — Te ajudo se você me mostrar o perfil dele. Ele é gato? Pela sua cara tá parecendo ser.

— Eu sei lá o perfil dele, Nina! Eu tô falando de coisa séria aqui!

— Ué, eu também! — Nina se defendeu. — Conhecer o inimigo é fundamental pra uma boa estratégia. Vamos jogar o nome dele no Google. Pode falar, eu digito.

— Eu... — Fiquei encabulada de repente. — Nem sei o nome dele. Tenho certeza de que ele falou em algum momento, mas eu esqueci. Só sei que ele

tem uma tatuagem pra lá de esquisita.

Isso me pareceu um pouco ingrato da minha parte, afinal. Por mais que eu quisesse acabar com o ambiente de trabalho dele, ele tinha salvado Django da pilha de escombros.

— Essa história fica cada vez mais estranha... — Nina comentou, pegando um pouco da cobertura do nosso bolo com o dedo e tirando uma foto conceitual.

— E com a sua ajuda eu espero dar um fim nela — respondi, sentindo uma onda de determinação correr dentro de mim. Nós íamos conseguir interromper a destruição da Kinki de alguma maneira. Ainda que não soubéssemos exatamente como.

Ora essa, eu era Olivia Liveretti, eu não fazia ameaças vazias.

Tinha uma reputação a zelar.

Capítulo 8 – Cigarro psicológico

(48 novos comentários na minha foto no Instagram)

A foto era do bolo que eu e Nina dividimos no café. Era um bolo bonito, fotografável até dizer chega, além disso, dei uma ajeitadinha com os efeitos para que as pessoas do Instagram tivessem vontade de lambar a tela do celular quando vissem a foto.

Era mais ou menos sobre isso que versavam os comentários que pipocavam na minha tela.

Mas eu estava sem tempo para apreciar cada um deles em sua individualidade, porque estava concentrada em correr contra o tempo para descobrir se Django tinha sobrevivido à minha ausência.

Eu estava num ponto da minha caminhada em que já podia ver a fachada do meu prédio. Um pequeno alívio tomou conta de mim ao não ouvir nenhum latido de Django vindo de lá. Mesmo que eu não tivesse 100% de certeza de que o latido dele seria *audível* a uma distância como aquela.

Dois passos depois vi que o meu alívio foi precipitado. Do outro lado da rua, o rapaz de nome não identificado estava sentado num caixote, olhando para mim. Seus quase dois metros repousados naquela construção de ripas de madeira que eu não sabia como era capaz de aguentar o peso dele.

Aquilo me tirou um pouco do prumo.

De um jeito que eu torcia para que não fosse perceptível à distância, perdi um pouco o rebolado.

Meus olhos ficaram presos nos dele por um tempo além do adequado e eu

gostaria de dizer que eu fui a primeira a desviar o olhar. Mas não foi isso que aconteceu. Porque ele tomou a iniciativa primeiro.

E quebrou o silêncio.

— Por onde andava? — ele perguntou, falando alto para o som me alcançar do outro lado da rua, mas não o suficiente para competir com o som do ônibus que passou na hora.

— Quê?

Perdi a parte final e sem ela a pergunta não fazia nenhum sentido.

— Django! — ele gritou lá do outro lado.

— O que tem ele? — eu perguntei, em parte considerando que teria sido mais fácil se eu tivesse adiantado meu passo pela calçada, sem ter me embananado de um jeito tosco pelo olhar dele.

Estaria me poupando dessa linha cruzada feita pela rua entre nós. O que seria *ótimo*, confirmei quando ele repetiu a pergunta bem na hora que passou um caminhão. Fiquei sem entender novamente.

Qual era o problema do trânsito naquele dia? Já estava me dando nos nervos.

Antes que eu pudesse me dar conta do que eu estava fazendo para remediar a situação, minhas pernas já tinham me levado para a beirada da calçada.

Eu atravessei a rua e pronto.

Não tinha nenhum veículo desgovernado para atrapalhar meu entendimento da pergunta. O cara estava bem na minha frente.

— Por onde anda Django? — ele perguntou, enfiando as mãos nos bolsos da calça.

As mãos dele eram maiores do que os tais bolsos, por isso só entrou metade.

Achei aquilo bizarro, mas pensando bem, deveria ter uma explicação lógica.

Ou as mãos dele era muito grandes ou os bolsos da calça eram excessivamente pequenos.

Ou uma combinação desses dois fatores.

Nunca tinha prestado atenção em tamanho de bolsos antes, o que era curioso, além de um pouco esquisito também. Esquisito porque ele esperava por uma resposta sobre o paradeiro de Django e eu não respondi por que estava distraída com os bolsos.

E com as mãos.

E com os bolsos.

Mas principalmente com as mãos.

Fiquei lá, parada, provavelmente com uma cara de paisagem. Que gafe.

Quando me dei conta do mico que estava pagando, tratei rapidamente de me recompor. Voltei meu olhar pro rosto dele, dei uma tossidela decorativa e ajeitei meus ombros no lugar.

— Tá em casa — respondi, superserena. — Esperando para darmos nosso passeio.

— Será que ele tá esperando mesmo? — ele perguntou, em tom de brincadeira.

Mas já foi o suficiente pra levar minha pretensa serenidade por água abaixo.

— Ai, meu Deus — eu disse enquanto passava a mão pelos cabelos. — O que você quer dizer com isso? Você ouviu alguma coisa? Viu? Ele tentou se jogar da janela?

— Ei, calma, eu não vi nada! Só estava tentando desconstrair...

— Isso não é jeito de descontrair uma pessoa! — eu ralhei, batendo o pé no chão. — Meu coração tá até acelerado.

Levei a mão ao peito só para dar um efeito visual à cena.

— Ele é péssimo nisso — disse um cara, que eu não sabia de onde tinha surgido.

Ele usava o mesmo tipo de roupa do cara de mãos absurdas. Isto é, empoeirada, com botas sujas e capacete respingado de coisas que eu não conseguia nem começar a imaginar o que eram.

— Eu sou muito melhor — o cara disse com um sorriso sugestivo.

Eu olhei para o primeiro cara, o rapaz de nome não identificado, em total alerta, jogando para cima dele a culpa de eu estar naquela situação.

— Cristian, ninguém te chamou aqui — o meu cara falou.

— É, mas tão te chamando lá dentro, seu tempo de cigarro acabou.

Eu na mesma hora voltei a olhar para os bolsos da calça do meu cara. Eu não sabia explicar porque meus olhos estavam teimosos daquele jeito. Muito menos justificar porque eu estava pensando nele como meu cara.

Ele não tinha nada a ver comigo.

Mas a teimosia dos meus olhos pelo menos me permitiu descobrir que uma das mãos do cara que não era nada meu continuava ali, enfiada pela metade no bolso. Enquanto a outra estava parada um pouco mais abaixo, na altura da perna, daquele jeito que mãos ficam paradas quando não têm nada para fazer.

A característica mais importante daquelas mãos, além de serem *enormes*, era que nenhuma das duas segurava um cigarro.

— Cigarro psicológico — o cara explicou, como se tivesse lido meus pensamentos.

Ou apenas percebido que meus olhos vagavam por partes incomuns do seu corpo.

— Ahn? — eu perguntei, porque aquilo não fazia sentido nenhum.

— Às vezes é muito estressante ficar lá dentro, sabe? A poeira, o barulho, o calor... De tempos em tempos os fumantes tiram uma pausa pra fumar. Eu, não-fumante que sou, comecei a ficar indignado. Afinal, não é porque eu não fumo que eu não preciso de uma pausa. Daí veio o cigarro psicológico, de vez em quando eu venho aqui fora limpar meus pulmões enquanto os fumantes — ele indicou o tal Cristian com a cabeça — vêm aqui sujar os deles.

Só o que eu consegui pensar foi que se eu ainda estivesse firme e forte no blog falando sobre a vida cotidiana, eu faria um post sobre aquilo. Mas como *vida* foi um tema que deixou de ser explorado no *Olivia lives* desde o escândalo da exposição, só o que eu pude dizer foi:

— Legal. Agora eu tenho que ir.

A cara do cara se franziu, do jeito que eu já tinha visto antes, sob a sombra do capacete. Mas eu fiz que nem liguei. Não havia nada que eu pudesse fazer a respeito.

Até porque, não era nem para eu estar ali. Django me esperava.

Na melhor das hipóteses.

— Sem deixar eu me apresentar antes? — o segundo cara falou, dando um passo à frente.

— Cris, deixa a garota em paz! — O primeiro cara, que agora me fazia esquadrihar a memória para tentar lembrar seu nome, botou o braço forte na frente do segundo.

— O quê? Só quero saber o nome dela! — o tal Cristian protestou. — Não me vem com essa, aposto que você quer também.

— Você pode chamar ela de Dona — o cara sugeriu. — Ela adora.

Para mim ele lançou um sorrisinho safado, que por mais esteticamente agradável que fosse, tinha uma mensagem mal-intencionada por trás.

— A Dona não parece ter gostado muito da sugestão — Cristian comentou, olhando para a minha cara.

E todas as outras partes de mim também.

— Não gostei mesmo — eu confirmei. — E como eu disse, tenho que ir embora. Nem vocês, nem suas piadinhas de mau gosto e nem muito menos seus cigarros psicológicos vão me distrair das minhas responsabilidades com o meu cachorro.

Dito isso, virei as costas e fui embora. Dessa vez, bastante orgulhosa de como encerrei a situação. De forma contundente e sem ameaçar ninguém com coisas que eu ainda não sabia como iria cumprir.

Tudo se encaminhava para um fim triunfal até que eu ouvi ao longe:

— Ô lá em casa... — que foi dito pela voz do tal do Cristian.

Coisa que francamente não me surpreendeu.

A surpresa veio logo depois, na resposta do outro cara:

— Cala a boca, Cristian. É por essas e outras que a gente fica estereotipado.

Será que eu tinha estereotipado o cara? Eu esperava que não, Melanina ficaria furiosa comigo se descobrisse que eu tinha feito isso.

Ela era uma grande representante da desconstrução, odiava ideias pré-concebidas. Deus a livrasse de ter uma amiga que fizesse esse tipo de coisa.

Além do mais, eu gostava de pensar que eu era melhor que isso.

Mas não tinha certeza se era.

Capítulo 9 — Testando o poder da palavra falada

(78 perfis deixaram de me seguir no Instagram)

Sim, eu contei. Tamanha a minha chateação.

O que eu tinha feito para merecer uma debandada daquelas? Será que as pessoas *sabiam* que eu não tinha tirado aquela foto agora? Percebiam que eu tinha me tornado uma farsa?

Django balançava o rabinho de um lado para o outro, sem ter a mínima noção da minha angústia. Sua atenção estava totalmente voltada para a guia que eu segurava na mão oposta à que eu segurava o celular.

Ele não conseguia conter sua felicidade quando percebia que sairíamos. Não tinha a menor consideração pela minha tristeza.

— Pelo visto você tem animação suficiente pra nós dois, né? — eu comentei enquanto prendia a guia na sua coleira.

Ainda me sentia meio boba por conversar com Django sobre assuntos que não eram objetivos do tipo não-coma-isso, faça-aquilo. Ao mesmo tempo, quando ele respondia lambendo a minha mão, eu quase acreditava que Django entendia o que eu queria dizer.

Isso era ótimo e me incentivava a ultrapassar as barreiras da autocritica e realmente *me abrir* com ele.

— As pessoas na internet deveriam praticar mais a tolerância, sabe, Django? Num dia elas amam sua foto de bolo, seguem seu perfil e são só elogios pra todas as suas composições, no dia seguinte, por conta de uma mísera foto de pôr do sol, todo mundo cai fora, sem a menor explicação.

Django latiu em resposta, ele soava irritadiço. Achei que ele estivesse superenvolvido no meu relato, por isso continuei:

— Não se ofenda — disse, obsequiosa. — Eu *sei* que você não é desses. Você nem tem um celular, não é mesmo? Só dá pra fazer essas atrocidades em posse de um celular. Ou um computador. E você detesta ambos.

Ele me olhou de um jeito intenso, piscou lentamente. Parecia que estava meditando sobre a situação, ou se controlando para não me falar umas verdades.

Talvez o papo daquele cara tivesse me afetado mais do que deveria.

Uma coisa era eu me comunicar melhor com Django. Outra coisa totalmente diferente era Django se comunicar comigo. Por mais que ele fizesse caras e bocas, não adiantava eu me iludir, ele nunca iria *responder* às minhas questões.

E eu precisava de respostas.

Várias delas.

Mas Django, por melhor amigo que fosse, era apenas um cão. E cães não falam.

Porém, isso não me impedia de continuar despejando meus dilemas pra cima dele.

— Já te falei que você dá uns traços com Madame Adelaide nesse aspecto? Tem horas que eu morro de saudade dela, entendo que ela não pode mais ficar transitando por aí depois do problema no coração e tudo o mais... Mas sei lá, fico um pouco chateada por não ter nossos encontros regados a licor de menta toda sexta-feira. Ela disse que a gente podia tentar reproduzir o encontro pela “tal da internet”, mas não é a mesma coisa. Afinal, foi a própria Madame Adelaide que sempre martelou na minha cabeça sobre o poder da palavra falada...

Django tornou a latir. Ainda mais alto que da vez anterior. Não parecia estar de acordo comigo. Para falar a verdade, ele forçava a guia na direção da porta de saída.

Tive minhas dúvidas se ele *realmente* estava escutando o meu desabafo. Talvez ele não estivesse nem aí para o poder que a palavra falada podia ou não ter.

Mas de repente ele só queria continuar a conversa lá fora, na luz do dia, diante dos escombros da Kinki.

Então, seguimos apartamento afora, para a felicidade dele.

A fachada detonada da Kinki não abrigava nada além de pedrinhas potencialmente danosas ao organismo de Django.

Nem sinal do rapaz de nome não identificado.

Django ficou desapontado.

Fiz um carinho em sua cabeça e tentei seguir em frente bem devagarzinho, levando em consideração os latidos de Django em protesto.

Mas nem assim o cara apareceu.

E eu não podia continuar andando a passos de formiga eternamente. Tinha planejado um passeio diferente do normal. Um que tinha tudo a ver com o papo que tive com Django lá em casa.

Nós íamos testar o poder da palavra falada. E para isso precisávamos caminhar de Copacabana até a Lagoa, o que era uma distância considerável. Mas não havia nada que eu pudesse fazer quanto a isso. Era lá que Melanina tinha acabado de marcar uma foto com Anamastê.

Elas não me convidaram nem nada, mas eu não pretendia concentrar minhas energias em ficar brava. Eu não era convidada para um monte de coisas de uns tempos para cá, nada de novo sob a luz do sol.

Cada dia ficava mais claro que o jogo tinha virado contra mim.

Só o que eu queria era virá-lo ao meu favor novamente. E ficava muito grata por existirem pessoas como Melanina, que compartilhavam sua localização na internet despretensiosamente. Era muito mais fácil testar o poder da palavra falada com as pessoas quando sabíamos exatamente onde encontrá-las.

Mesmo quando não somos convidadas.

Capítulo 10 — Qual é a serventia do localizador, afinal?

(0 likes na minha indagação via Twitter)

— Livs, como você veio parar aqui? — Nina perguntou, claramente assustada quando me materializei no meio da sessão de fotos dela.

— Vi que você marcou sua localização numa foto e vim fazer uma visitinha — expliquei, segurando firme a guia pra evitar que Django arrumasse briga com os outros cachorros visitantes da Lagoa. — Terminar o assunto do protesto contra o fim da Kinki que ficou pela metade, sabe como é...

— O quê?! Como assim? Você me *seguiu* até aqui? — ela declarou, desfazendo sua pose de ioga num pulo, esbarrando em Anamastê no processo, que bambeou na sua pose elaborada. — Que tipo de pessoa faz uma coisa dessas?

— O tipo de pessoa que precisa falar com você e sabe exatamente onde você está — respondi, com um dar de ombros.

— Meu Deus do céu, você virou uma stalker! — Ela levou a mão ao peito, completamente em choque, depois deu um passo pra trás como se quisesse se distanciar de mim.

Nina falou tão alto que a metade da população da Lagoa que ainda não estava assistindo ela e Anamastê se contorcendo em volta de uma árvore, virou a cabeça na nossa direção.

— Eu não! — me defendi, nunca pensei que meu ato espontâneo de me aventurar no mundo real fosse interpretado assim. — Você colocou sua localização atual no Instagram porque quis!

— Queria mostrar meu momento de glória e plenitude, não que alguém viesse atrás de mim igual uma louca — Nina rebateu.

Eu me senti uma ninguém. Sabia que estava sendo um pouco ousada quando decidi ir até ali, mas não passou pela minha cabeça que eu seria vista como *invasiva*.

O que na minha cabeça era louco, especialmente por quê:

— Mas ué, nós somos amigas, é normal amigas se encontrarem desprestenciosamente, não?

— Espera, vocês ainda são amigas? — Anamastê saiu do seu transe para perguntar. — Achei que não fossem, nunca mais vi Melanina curtindo seus posts.

— É que eu não tenho postado tanto — justifiquei.

— E eu ando muito ocupada — Nina falou.

Anamastê não gostava de confusões, mas criou uma bem grande na minha cabeça.

Será que eu e Nina ainda éramos amigas?

Eu jurava que sim.

Até porque, não sobraram muitos exemplares dessa espécie em extinção na minha vida. Porém, olhando para o que nossa relação tinha se tornado nos últimos tempos, eu não sabia responder.

Estava me faltando referência do que *era* uma boa amizade. Eu não podia comparar a dinâmica que regia minha amizade com Madame Adelaide ao que eu tinha com Melanina, elas eram muito diferentes, praticamente opostas.

Ao mesmo tempo, *amizade* era uma coisa só, não era? Deveria ter alguns pontos em comum.

Sei lá, minha cabeça estava rodando mais do que Django em volta do seu próprio rabo.

Enquanto eu tentava fazer com que ele parasse, um barulho esquisitíssimo começou perto de mim:

— Ommmm.

Era Anamastê, que se desligou do problema entre mim e Nina com a mesma rapidez com que o criou.

Pobre Ana, na verdade, não era culpa dela. Tinha sido uma pergunta espontânea. E culpa não combinava nada com o esquema de carma que ela acreditava.

Além do mais, talvez não fosse culpa de ninguém. Eu e Nina estávamos em dois extremos diferentes no mundo da internet. Isto é, se é que eu *estava* no mundo da internet.

Conforme Ana tinha pontuado, quando eu me aventurava a postar alguma coisa no blog, nem mesmo minhas supostas amigas se dignavam a curtir.

A dúvida que ficava era:

— Quanto tempo leva pra apertar um coraçãozinho numa tela? — eu perguntei à Melanina.

Porque para mim levava milésimos de segundo, mas vai saber se meus dedos que eram rápidos demais.

Nina afofou os cabelos o máximo possível. Eu a conhecia a tempo suficiente para saber que era isso que ela fazia quando perdia o reboledo.

Mas quem olhasse de fora acharia que ela estava no controle da situação.

— Você sabe que eu amo os seus textos e suas fotos, né, Livs? Você, melhor do que ninguém, sabe que eu comecei como sua fã. Mas você tem que entender que os tempos mudaram, ninguém quer saber de pensamentos

profundos e fotos fofinhas, Estamos na era do vídeo. Eu tô me desdobrando pra acompanhar, a Ana também.

Bem literalmente, diga-se de passagem. Nós duas desviamos o olhar para observar Ana encostando os pés na cabeça de olhos fechados, superconcentrada diante da câmera.

— E você parece que tá abandonando o barco — Nina me acusou.

— Eu não tô abandonando o barco! — guinchei. — Eu só não gosto de vídeos.

— Nem está postando com frequência — Nina lembrou.

Não era um saco quando algo que você fazia por prazer virava uma obrigação?

Eu pensei em falar isso, mas Django ameaçou atrapalhar a pose elaborada de Anamastê.

Não só ameaçou como cumpriu a ameaça.

Quando eu consegui reagir e dar um chega pra lá nele, o danado já se encontrava com as patinhas apoiadas no ombro de Ana e se esticando todo pra lambar o rosto dela.

Anamastê desfez a pose de ioga e, por incrível que pudesse parecer, não ficou brava com a situação. Muito pelo contrário. Estendeu a mão pra fazer carinho na cabeça de Django, que ficou todo prosa abanando o rabinho.

Deveria ser ótimo ter esse tipo de controle emocional. Eu não tinha.

— Esse cachorro tem uma aura ótima — ela elogiou.

Fiquei quase orgulhosa, mas no último momento eu lembrei que estava no meio de uma discussão tensa, que eu vinha tentando adiar há muito tempo.

— Ele é ótimo — afirmei. — Tem sido a luz dos meus dias.

— E o que mais você tem feito com seu tempo livre? — Ana perguntou enquanto puxava Django para o seu colo.

— Tempo livre?! — perguntei.

Quem ali tinha falado em tempo livre? Eu não tinha tanto tempo livre assim. De onde as pessoas estavam tirando essas ideias? Eu postei uma foto velha de pôr do sol! Será que Anamastê foi uma das 78 pessoas que deixou de me seguir?

Aquilo me preocupava. Eu estava exausta de viver me preocupando.

— O barco abandonado. Não era disso que vocês estavam falando enquanto eu meditava?

— Ela não está fazendo nada de relevante — Nina falou. — Mas o barco continua lá, segundo ela mesma.

Sua voz era sarcasmo puro. Eu adorava esse traço do humor de Nina. Mas não quando era direcionado para mim.

Era a primeira vez que isso acontecia. E eu não tinha vontade que isso acontecesse de novo. Por isso inventei uma resposta.

— Além de cuidar de Django e organizar o protesto contra o fim da Kinki, você quer dizer? — perguntei para Ana num tom de pouco caso. — Eu vou fazer o ENEM, já passou da hora de eu entrar pra uma faculdade.

— Sério? Que legal! Faculdade do quê? — Anamastê ficou entusiasmada, mais entusiasmada que eu, diga-se de passagem.

— Uhn... Ainda não sei bem... — O que era verdade. — Vou deixar pra decidir depois, o foco agora é ir bem na prova, fazer a inscrição, essas coisas.

— O prazo de inscrição não termina semana que vem? — Ana perguntou.

— Termina — Nina confirmou. — Não que eu vá fazer uma faculdade — ela explicou com um gesto que apontava para si mesma. — Eu não preciso de

um pedaço de papel pra provar que sou boa em alguma coisa. Mas minhas fãs estão preocupadíssimas com a prova, comparando qual é o melhor cursinho pra fazer e tal.

— Você tá em qual? — Ana quis saber de mim.

— Cursinho?! — eu perguntei, só pra ganhar tempo.

Era obrigatório fazer cursinho pra passar na prova? A verdade era que eu não sabia muito bem como tudo aquilo funcionava.

Durante o ensino médio eu estava muito envolvida no meu sucesso pra prestar atenção em outra coisa. Eu nunca tinha percebido como isso tinha sido prejudicial até aquele momento em que não tinha repertório sequer para uma simples mentira.

— É, ué — Nina confirmou com impaciência.

— Er, um perto de casa — arrisquei. — Agora esqueci o nome.

— Deve ser o Conquista — Ana arriscou.

— Se não me engano, é esse, sim — confirmei, sem ter a mínima ideia do que ela estava falando.

— Lá é mais ou menos, né? — Nina falou enquanto rolava para cima a tela do celular.

Fiquei incomodada. No momento seguinte lembrei da cena que aquele cara que trabalhava demolindo a Kinki fez quando eu parei para responder uma mensagem no meio da conversa com ele.

Deus me livrasse de fazer uma cena como aquela.

Só o que eu fiz foi recolher Django do colo de Ana e me preparar para levantar acampamento.

Vir atrás da localização da Nina possivelmente não tinha sido minha melhor

escolha, mas isso não justificava o comportamento dela. Não era porque agora ela tinha mais seguidores que eu que ela podia me fazer de gato e sapato.

Isso não era nada desconstruído da parte dela.

— Mais ou menos está seu tratamento comigo — eu respondi para ela, finalmente colocando em palavras no mundo real o que eu estava pensando em tuitar há muito tempo. — Me manda uma mensagem quando voltar tudo ao normal, se é que vai voltar. Não posso ficar me estressando já que, assim como suas fãs, eu tenho uma prova muito importante pra estudar.

Virei as costas e fui embora antes de dar tempo de Nina ter uma reação. Como eu conhecia a peça, previ que ela bateria aqueles cabelos maravilhosos dela e faria um escândalo.

Mas eu não estaria mais lá para escutar.

Sorte a dela que sua nova melhor amiga, mais conhecida como câmera digital, estava posicionada de forma adequada para registrar todos os momentos.

Enquanto caminhava na direção de casa, tive a leve desconfiança de que o próximo vídeo no canal de Nina não seria sobre as posições de ioga de Anamastê e sim sobre a nossa briga.

Eu queria não ligar, mas ligava. E muito. Desde já torcia para que ela não mencionasse meu nome no vídeo. Tudo que eu menos precisava na atual conjuntura era um motim dos fãs reacionários de Nina.

Como eu tinha dito, agora eu tinha uma prova importante para a qual estudar.

E, aparentemente, um cursinho chamado Conquista para me matricular.

Joguei o nome dele no Google para saber onde ficava.

Capítulo 11 — O mistério do menino-parede

(784 menções no Twitter)

Nina *tinha* falado especificamente sobre mim. Isto é, *reclamado* sobre mim, sobre a resposta atravessada que eu dei a ela.

Não era para eu ter ficado surpresa, sabia que ela era assim. Indiretas não faziam parte do repertório dela. Ela gostava de dar nome aos burros.

E a burra, no caso, tinha sido eu. Que deveria ter pensado melhor nas coisas antes de agir, antes de falar.

Certamente isso diminuiria a quantidade de menções raivosas na minha timeline.

Tomei isso como resolução para o futuro. Nada melhor do que um novo código de conduta para guiar o começo de uma nova fase. Aliás, falando nela, era ali que o foco da minha atenção deveria estar.

Joguei o celular na cama e enfrentei o dilema que conseguia ser ainda maior do que minha briga com a supervlogueira de sucesso chamada Melanina: qual era o *dresscode* adequado para o primeiro dia de aula num cursinho?

— O que combina mais? Um vestidinho solto ou shorts e cropped? — perguntei ao Django.

Só o que ele fez foi tentar morder a barra do vestido que eu mostrava.

Não ser mais amiga de Melanina fazia falta nessas horas, para crises de moda ela sempre respondia rápido. Um dia desde que brigamos e eu já estava sentindo falta dela.

Que curioso.

E pior que não sobraram muitas opções de pessoas para quem eu podia mandar mensagem sobre uma banalidade dessas.

Mas não havia nada que eu pudesse fazer em relação à Melanina. Independente de eu ter me arrependido ou não da cena que rolou ontem, depois das baboseiras que Nina falou sobre mim no Twitter, não dava mais para voltar atrás na nossa amizade.

E não era isso que importava agora, era a roupa. Ou *as* roupas, porque eu ainda não tinha me decidido. E já estava atrasada.

— Atraso definitivamente não vai causar uma boa impressão — eu falei para Django, que latiu em resposta.

Minha preocupação era essa: as pessoas gostarem de mim. Fazia tempo desde a última vez que tive a chance começar do zero. Queria aproveitar a oportunidade da melhor forma possível.

A roupa ideal era crucial.

Tudo estava indo de mal a pior na minha vida, algo tinha a *obrigação* de ser bacana.

Coloquei todas as minhas esperanças naquele novo começo. Eu planejava ser uma pessoa melhor, pensar mais antes de agir, não ser tão refém dos meus impulsos. Django estava de testemunha, me olhando com aqueles olhos grandes de quero-ir-para-rua.

Mas não agora. Primeiro precisava descobrir se o tal do cursinho aceitava a presença de animais nas aulas, era isso que uma pessoa cautelosa faria. E era isso que eu tentaria ser de agora em diante.

Contudo, era a cautela exagerada que me impedia de escolher o raio da roupa que eu usaria no meu primeiro dia de aula. Valia lembrar que aquele era apenas o *meu* primeiro dia de aula. Os outros alunos estavam

frequentando o curso há meses.

Por isso achei que o vestidinho com um rabo-de-cavalo lá no alto daria conta do recado. Cheguei a pensar em colocar um batom vermelho, bem Taylor Swift, mas no final cheguei à conclusão de que seria um pouco de exagero.

Além do mais, eu estava oficialmente atrasada.

E também um pouco nervosa.

Talvez.



Quando entrei na sala de aula, com dez minutos de atraso, o professor que estava lá na frente apontando para o quadro, parou o que estava falando e olhou pra mim.

O mar de pessoas sentadas nas cadeiras fez o mesmo.

— Você é a menina nova, né? — o homem falou enquanto se curvava sobre a mesa grande e lotada de livros e papéis à frente dele. — Olivia? Esse é seu nome?

— Isso? — eu disse superintimidada pela plateia, duvidando até do meu próprio nome.

Não fazia ideia de quantas pessoas tinham na sala, mas eram *muitas*. Gente demais. Parecia um show de rock. As carteiras umas espremidas entre as outras. Eu olhei a minha volta sem conseguir prestar atenção em nada específico.

Uma coisa era receber atenção na internet, outra, muito diferente, era ter que encarar esse tipo de pressão na vida real.

Do nada um grito ecoou pela sala, chamando a minha atenção e de todo o

resto da sala:

— Meu Deus do céu! É Olivia Liveretti do Olivia Lives! Menina do céu, eu sou sua fã! Sigo todas as suas redes sociais, curto e comento! — a menina que gritou sentava lá na frente da sala, balançava a mão num *tchauzinho* frenético.

Sem me dar conta, me peguei fazendo o mesmo.

— Depois você tira uma foto comigo? — a menina perguntou.

Todas as cabeças da turma tornaram a se virar para mim para saber a minha resposta. Mas antes que eu tivesse a chance de responder o professor voltou a falar.

— *Depois*, Thaíssa. Agora é hora de carbonos, não temos tempo a perder, o ENEM está logo aí. Pronta pra aprender um pouco sobre química orgânica, Olivia? Encontre um lugar e sente-se.

O professor falou como se encontrar um lugar fosse uma tarefa fácil, mas não era. Nem um pouco. Eu me atrapalhei toda, catei cavaco entre as pernas das cadeiras pelo menos umas duas vezes. Como o pessoal que sentava lá na frente conseguia atravessar a sala com aquelas cadeiras tão coladas umas nas outras?

Sentei num lugar bem no fundo, em uma das poucas cadeiras que estavam livres.

No segundo que minha bunda encostou no assento gelado eu entendi o porquê de ela estar vaga, não dava para enxergar nada de lá.

Tinha um garoto que mais parecia uma parede sentado na frente.

Não importava me inclinar para um lado ou para o outro, não conseguia visualizar o professor por completo de jeito nenhum. Que agonia! Como eu ia prestar atenção na aula daquele jeito?

Depois de alguns minutos de muito contorcionismo sem nenhum resultado, me contentei em copiar os rabiscos do quadro e ouvir o som distante da sua voz.

Teria sido melhor se eu tivesse comprado um pacote de aulas via podcast.

Melanina estava certa, aquele era um curso bem mais ou menos. Comprei uma briga com ela a troco de nada.

Esse pensamento me fazia remexer na cadeira, peguei meu celular para checar como andava a confusão no Twitter.

Andava confusa.

Quase tão confusa quanto a explicação que o professor dava lá na frente. Achei mais prudente prestar atenção na confusão que teria mais chances de me trazer algum benefício, ou seja, a aula.

Mas quem disse que eu conseguia entender o *idioma* que aquele cara estava falando? E os desenhos que tinham sido rabiscados no quadro? Fiquei sem saber se aquilo era química ou arte abstrata.

Fazia muito tempo *mesmo* que eu não prestava atenção em aulas, evidentemente eu estava enferrujada. Não posso negar que a perspectiva de nunca mais pegar o ritmo meio que me aterrorizava.

Não ter uma visão do quadro por completo atrapalhava bastante. E me movi de um lado para o outro até conseguir passar todo o conteúdo para o caderno. Se eu tinha copiado certo ou não, eram outros quinhentos.

Em uma das minhas manobras consegui ver que a cadeira à frente do menino-parede também estava livre, sendo ocupada com nada mais nada menos que os pés dele. Que, diga-se de passagem, eram tão grandes quanto o resto da sua existência.

Fiquei injuriada.

Minha dificuldade de aprendizado estava totalmente ligada à folga do menino-parede. O ser humano não tinha limites mesmo. Como podia alguém ser tão folgado? Ele estava pensando que estava em casa?!

Ali não era lugar para ninguém ficar confortável. E eu pretendia lhe comunicar assim que soasse o sinal do intervalo. Bolei um discurso todo poderoso na minha cabeça, anotei os tópicos principais no meu celular, assim eu fui levando os últimos vinte minutos de aula.

Não que fizesse muita diferença prestar atenção na aula ou não. A matéria era incompreensível por si só, com uma parede em forma de menino na minha frente, então...

Assim que a aula terminou, eu me coloquei a postos e me inclinei para a frente, estendendo a mão para cutucá-lo da maneira mais inconveniente possível.

Não deveria ficar surpresa pelo ombro dele ser tão duro quanto uma parede, mas meio que fiquei. Recolhi meu dedinho na mesma hora, ao mesmo tempo o menino se virou na cadeira para olhar para mim.

— Será que você pode tirar o pé da cadeira da frente pra eu sentar ou você tá pagando duas mensalidades? — eu perguntei, de forma bem mais hostil do que planejava.

Ele me respondeu com uma gargalhada. Fiquei sem entender nada, não era uma piada. Eu não soaria hostil se fosse uma piada.

Estava a ponto de esclarecer esse detalhe, mas me distraí por uns instantes com o sorriso dele. Parecia aconchegante, familiar, não sei. Coisa que não fazia sentido nenhum, tendo em vista que ele estava rindo *de mim*, não para mim.

Minha intenção era tirar essa história a limpo, mas ele falou primeiro.

— Na verdade, Liv, eu pago só metade. Sou bolsista. Não que seja da sua conta.

Não era da minha conta mesmo.

De onde aquele menino me conhecia?!

Como sabia meu apelido?

Será que era um fã?

Por onde andavam esses fãs quando eu precisava de alguém para me defender nas confusões do Twitter?

O rosto do menino virado para mim ia aos poucos desfazendo o sorriso aconchegante. Mesmo assim ele continuava bonito. Os cabelos escuros eram um pouco longos demais e tinham as pontinhas viradas pra cima. Achei aquilo uma gracinha, mas não comentei nada. Algo estava mudando na expressão dele, principalmente no olhar, e eu não entendia o porquê.

— Meu Deus — ele comentou me olhando de cima abaixo com uma expressão emburrada. — Você não faz ideia de quem eu sou, faz?

Eu não queria dizer que não, mas bem, realmente não fazia a mínima ideia.

— Eu... — tentei me defender, mas não sabia o que dizer.

Afinal, *quem era ele?*

Alguém que eu conhecia? Alguém que eu deveria conhecer?

Será que era blogueiro também? Será que era famoso? Eu não fazia ideia.

Certamente ele tinha porte para a fama, sólido no estilo parede daquele jeito, tinha certeza de que ficaria uma delícia diante de uma câmera. Mas nada concreto me vinha à mente, meu cérebro se tornou aquela tela azul de erro fatal que dá as vezes no computador. A expressão do menino se fechava mais e mais, até que por fim ele levantou, carregando a mochila e todos os seus pertences consigo.

Quando eu achei que ele iria embora sem dizer uma palavra e me largar ao

léu em busca de respostas, ele virou para trás e deu dois tapinhas na cadeira que anteriormente descansava seus pés e falou:

— Faça bom proveito dela. Eu vou sentar do outro lado da sala.

Foi então que eu percebi. Não sei se foi a mão batendo na cadeira ou se foi a entonação da voz.

Provavelmente foi a mão.

A voz eu já tinha ouvido antes e não tinha me trazido nenhuma lembrança.

Mas naquela hora, quando o menino virou as costas e foi embora de vez, eu lembrei de tudo, soube exatamente quem ele era.

O demolidor da Kinki, a pessoa preferida de Django, aquele cara que um dia desses eu cometi a gafe de pensar que era meu.

Não acredito que eu não o reconheci! Essa era uma gafe maior ainda. Fiquei alguns segundos paralisada de vergonha.

Mas tenho que confessar, a falta do capacete e do macacão fazia um bem danado pra ele.

Só que aquela não era uma hora apropriada pra embarcar nesse tipo de devaneio. Era hora de alcançá-lo e tentar pedir desculpas.

Em outras palavras, era hora de correr, porque o cara andava rápido pra caramba.

Capítulo 12 — O melhor ângulo

(1 foto marcada no Instagram)

— Ei, espera! Você é o cara — eu disse me colocando no meio do caminho dele perto do bebedouro. — Aquele cara...

— O cara — ele ecoou, todo sério.

Acho que eu ofendi os sentimentos dele de verdade. O olhar dele era duro, a postura rígida, parecendo ainda mais alto. Uma verdadeira parede humana. Os lábios estavam comprimidos um contra o outro, mas nem assim perdiam seu volume. Fiquei meio abalada com isso.

Mas fingi que estava tudo sob controle. Respirei fundo e fingi ignorar como uma simples combinação de camisa branca e calças jeans caía bem nele.

— O cara que destrói a Kinki mesmo contra a minha vontade — falei, ainda ofegante do estirão que corri para alcançá-lo no fim do corredor, não estava acostumada com exercícios físicos.

Nem em ficar espremida entre um bebedouro e uma montoeira de alunos. Falta de espaço era um problema que afligia todos os cômodos daquele curso.

— Não é você que paga o meu salário — o menino-parede rebateu, um pouco agressivo *demais* pro meu gosto.

— Nem que eu quisesse... — falei pensando na tristeza que estava minha conta bancária após fazer a matrícula no curso. — E eu não quero — achei válido acrescentar ao desviar o olhar da sua boca e voltar a olhar diretamente nos seus olhos.

— Claro que não quer — ele falou com um brilho esquisito tomando conta dos seus olhos. — Você nem sabe quem eu sou.

Cheguei a dar um pequeno passo para trás, casualmente me encostando no bebedouro. O menino-parede estava mais ou menos inclinado na minha direção e me peguei esticando o pescoço para pelo menos *tentar* encará-lo de igual pra igual.

— Desculpa, tá? Foi um lapso. Lapsos acontecem — falei, de má vontade, examinando o laço da minha sapatilha. — E não é culpa minha seu cabelo ser maior do que eu imaginei.

— Isso quer dizer que você andou imaginando meu cabelo? — ele perguntou com um sorrisinho sacana se formando nos lábios, me olhou de cima a baixo e eu meio que me senti no direito de olhar para ele, também.

No final da minha observação, fui cumprimentada por uma bonita fileira de dentes brancos que claramente debochava do que eu tinha dito. Não me importei, só fiquei aliviada por ela ter aparecido ali naquela boca.

— Isso quer dizer que você está precisando cortar o cabelo — eu respondi, cruzando os braços bem firmes na frente do corpo.

— Qual era o corte que eu tinha na sua imaginação? — Ele passou a mão nos cabelos afastando-os do rosto por um momento, deu pra ver com clareza todos os seus traços.

Era ele *mesmo*, o cara da Kinki. De banho tomado e sem o uniforme esquisito. Impressionante como ele conseguia ser igual e totalmente diferente ao mesmo tempo. Eu me políciei para não fazer cara de espantada ao olhar para ele com mais atenção.

Com certeza ele prendia o cabelo antes de colocar o capacete para trabalhar.

Mas com ele sorrindo e levantando as sobrancelhas daquele jeito, nada fazia muita diferença.

Ele estava rindo *de* mim. Eu não podia deixar uma coisa dessas continuar.

— Você quer parar?! — eu pedi, autoritária, ajeitando minha postura da forma mais sólida possível.

— Na verdade, não — ele respondeu, encostando-se à parede, totalmente relaxado. — Fiquei ofendido com sua falta de consideração. Seu cachorro é apaixonado por mim e você não tem a mínima ideia de quem eu sou, aposto que você nem sabe o meu nome.

Quantas vezes por dia é permitido que uma pessoa entre no estado de tela azul? Porque aquela era minha segunda vez em menos de meia hora.

Lamentável.

E daquela vez, especificamente, eu nem consegui dizer nada para ganhar tempo. O menino-parede jogou meu plano de ser cautelosa no chão, igual ele fazia diariamente com a Kinki.

O plano era ficar atenta na chamada na próxima aula e finalmente descobrir o nome dele. Na minha cabeça não tinha erro, daria tudo certo, era só uma questão de acabar o intervalo e iniciar a aula de história.

Eu não contava que ele fosse aparecer todo alto na minha frente exigindo que eu soubesse o nome *naquele exato momento*.

Aquilo era covardia, eu sabia que estava atrasada na descoberta, mas não havia nada que pudesse ser feito.

Só encolher os ombros e parecer acuada diante do olhar desconfiado dele.

— Você vai beber água mesmo ou só tá encostada aí pra fazer charme? — outro garoto me perguntou, brotando do chão, com uma aparência de poucos amigos.

— Nem uma coisa nem outra! — respondi num rompante de indignação.

De onde ele tinha saído? E, mais importante, de onde tinha tirado aquilo?!

Não tinha nem pé nem cabeça! Ele nem sabia quem eu era.

Olivia Liveretti não fazia charme para meninos de quem não sabia o nome.

— Pega leve, Chico — o menino-parede interveio, com a mão envolvendo meu braço de leve. — Ela estava distraída, imaginando novos cortes para o meu cabelo.

Devagarzinho o menino-parede me puxou para o lado, desobstruindo o acesso do outro menino ao bebedouro. Aquilo me deixou possessa, embora estivesse achando curiosa a sensação da mão dele em volta do meu braço.

Por alguma razão desconhecida, eu imaginei que a palma da mão dele seria mais grossa.

Não que eu ficasse *imaginando* a textura da palma da mão dele durante o meu tempo livre.

Mas ele trabalhava demolindo coisas. A Kinki, mais especificamente. Eu só liguei uma coisa à outra. Quer dizer, os braços dele eram fortes por conta do trabalho braçal. Pensei que estereótipo se estendesse e incluísse as mãos, também.

Mas aquela não era hora de enveredar por esse caminho, eu tinha um protesto para fazer:

— Eu sei me defender sozinha — ressalttei logo após pararmos em outro lugar, um canto perto da parede que parecia um pouco menos tumultuado.

— Não tenho dúvidas — ele disse, escorando um ombro na parede. — Mas, pelo que eu venho percebendo, sua defesa é o ataque. E deixa eu te dizer uma coisa, você não vai querer atacar o Chico, ele é o cara mais inteligente da sala.

— E o que isso tem a ver? — eu quis saber.

Pouco me lixava se o garoto era um gênio ou uma porta, só o que me

importava era que ele tinha sido extremamente rude na minha grande estreia no intervalo do cursinho.

— Nunca se sabe quando você vai precisar da ajuda de alguém — o menino-parede falou num tom apaziguador que não me agradou em nada. — Ele me deu uma tremenda força em biologia quando eu precisei, o cara é gente boa. Não tem por que arrumar confusão à toa, né?

Tinha? Eu não sabia.

Melanina e o pessoal do Twitter com certeza discordariam da opinião desse menino do qual eu *ainda* não sabia o nome.

E, para ser honesta, queria muito saber. Estava até disposta a assumir a derrota e perguntar de uma vez pra ele, cheguei a abrir a boca pra falar, mas então outra pessoa brotou *novamente* do chão interrompendo nossa conversa.

Mesmo que dessa vez nós estivéssemos bem longe do bebedouro.

O que acontecia com aquele lugar?! As pessoas conseguiam sair pela tubulação ou algo do tipo? Aquilo estava me incomodando. Era impossível dar continuidade a uma conversa com privacidade.

— Livs, lembra de mim? — a garota se colocou entre mim e o menino-parede. — Você tá me devendo uma foto. Tira pra gente? — ela perguntou enquanto mexia no celular e abria o aplicativo da câmera. — A câmera de trás é muito melhor, a frontal *simplesmente* não me valoriza.

O menino-parede lançou um olhar para mim de que-diabos-está-acontecendo ao pegar o celular da mão da garota. Mesmo com parte do rosto dele encoberto pelo cabelo, eu conseguia saber que ele estava levantando as sobrancelhas.

Eu e a garota, que, se eu não me enganava, se chamava Thaíssa, nos abraçamos e sorrimos para as várias fotos que ela instruiu o menino-parede a tirar.

— Deixa eu ver! — Ela pegou o celular de volta e começou a passar as fotos para o lado. — Que horror! Vamos ter que tirar outras, você se importa de tirar as fotos na horizontal? Fica mais bacana, aprendi com a Livs.

O menino olhou para mim e eu olhei para ele, querendo me desculpar por fazê-lo passar por aquilo. Se a tal da Thaíssa tinha aprendido a tirar fotos comigo, ia levar tempo até ela se dar por satisfeita.

— Eu quero a foto perfeita — ela explicou para ele, comprovando minha teoria. — E, cara, você não tá valorizando meus ângulos, só os dela. Dá para dividir melhor?

Ele pegou o celular de volta com uma expressão resignada.

— Não é culpa minha... — ele resmungou enquanto dava um passo atrás pra abrir o ângulo.

— Tira mais de cima, pra disfarçar as gordurinhas! — Thaíssa falou sem desmanchar o sorriso.

— Que gordurinhas?! — o menino-parede perguntou olhando de mim para ela enquanto eu ficava mais e mais angustiada com a situação chata em que essa menina nos meteu.

Tirar fotos era uma coisa difícil, que requeria prática. Não era *mesmo* culpa dele não saber os ângulos certos.

Além do mais, a missão foto perfeita era impossível, pois a luz daquele lugar era tenebrosa. Nós poderíamos ficar ali por uma eternidade tentando sem nenhum resultado satisfatório.

Desse jeito eu *nunca* iria descobrir qual era o nome do cara.

Quando meu sorriso começou a tremer na boca de tão forçado que estava ficando, a garota se afastou de mim e se inclinou para pegar de volta o celular.

— Deixa pra lá, não está uma vibe boa — ela disse. — Vamos ter que apelar para a selfie mesmo, mas obrigada por tentar — ela disse para o menino com um tom inconfundível de dispensa.

— Às ordens — o menino-parede disse com um dar de ombros.

Não que a tal da Thaíssa tivesse prestado alguma atenção, ela já estava superentretida em nos enquadrar da melhor forma possível na câmera de selfie.

Tentei armar o meu melhor sorriso enquanto ela posicionava a câmera no melhor ângulo possível, mas pelo canto do olho eu observava o menino-parede recalculando sua rota pelo corredor lotado.

Tive quase certeza de que ele voltaria para a sala de aula, quero dizer, a linguagem corporal dele indicava isso.

Mas antes de seguir seu rumo, ele deu um passo em nossa direção. Na minha direção, mais precisamente. Ele se inclinou de um jeito que ficasse mais ou menos perto do meu ouvido e falou num volume que só eu pude ouvir:

— A propósito, meu nome é Jonas.

E no instante seguinte ele se afastou. Ao mesmo tempo a tal da Thaíssa achou o raio do ângulo ideal e começou a disparar uma sequência de fotos.

Eu saí com uma cara meio abobalhada em todas elas.

Ela postou mesmo assim.

Eu nem me importei.

Capítulo 13 — Uma sujeitinha peculiar

(14 menções no Instagram)

Depois da aula de história mais longa do mundo, a tal da Thaíssa me convidou para acompanhá-la até o ponto de ônibus.

Normalmente esse não era o tipo de convite que eu aceitaria. Aliás, se era pra falar de normalidade, aquele era o tipo de convite que nem sequer deveria ser feito.

Porém, eu já tinha sacado que a tal da Thaíssa era uma sujeitinha bastante peculiar.

E com peculiar eu queria dizer que ela se parecia um pouco comigo.

Passamos o intervalo inteiro em busca da *selfie* perfeita.

Assim que o menino-parede se afastou, Thaíssa revelou que tinha um assunto sério pra discutir comigo. O que uma pessoa que eu nunca tinha visto na vida tinha de sério para falar comigo, nem conseguia imaginar, de qualquer forma, respondi:

— Discuta! — Enquanto arqueava uma sobrancelha numa expressão suspeita para a foto.

— Não consigo fazer duas coisas dessa magnitude ao mesmo tempo — ela respondeu segundos antes de fazer uma carinha de “Oh!”

Que ficou ótima e acabou substituindo a foto que eu estava com cara de paspalha no Instagram de Thaíssa. Aliás, foi muito fofo o jeito como ela me pediu ajuda na hora de jogar os efeitos, como se eu fosse uma expert, ou algo

do tipo.

Pena que logo depois disso o intervalo chegou ao fim.

Afinal, quantos minutos ele tinha mesmo? Fiquei com a impressão de que passou rápido demais. Nem deu tempo de Thaíssa discutir sobre o assunto importante dela.

Conforme a qualidade das selfies foi melhorando, eu meio que comecei a ficar interessada em saber o que era.

Pena que era tarde demais, todos os alunos começaram a caminhar em direção à sala de aula, igual gado na fila do abate.

Para piorar, dentro da sala, o menino-parede, que agora eu sabia que se chamava Jonas, tinha *mesmo* cumprido sua promessa de se sentar do outro lado da sala.

Isso foi um pouco desconcertante. Sentei no lugar que anteriormente tinha sido ocupado pelos pés dele e olhei para o extremo oposto da sala, onde ele estava sentado com os pés firmemente apoiados no chão.

Pensei que a conversa que tivemos durante o intervalo tinha servido para amenizar a tensão entre nós. Mas naquela hora, sendo atingida pelo sorrisinho debochado dele lá do outro lado da sala, percebi que não.

A conversa só tinha servido para eu passar vergonha e descobrir o nome dele, mesmo.

E já estava de bom tamanho. Eu mantive meu olhar impassível.

Fingi que não estava nem aí.

Jonas, esse era o nome dele.

Passei um bom tempo da aula associando o nome ao rosto. Às diversas versões do rosto: com capacete, sem capacete, com cabelo encobrindo o rosto...

Ele tinha cara *mesmo* de Jonas. Você percebia quando parava pra pensar. Eu nunca tinha conhecido ninguém com tanta cara de Jonas na vida.

Tá que eu não conhecia nenhum outro Jonas.

Jonatas, sim. Jonathan, talvez. Mas Jonas, não.

Não que fosse grande coisa. Com certeza aquilo era menos importante que a Inconfidência Mineira, que a professora Patrícia estava explicando. Mas como eu não estava entendendo nada, porque ela tinha feito questão de começar o assunto do *meio*, minha mente começou a divagar.

E continuou divagando por lugares desconhecidos até depois de eu sair da aula.

Só voltei a mim quando Thaíssa estalou os dedos diante do meu rosto, como se estivesse finalizando um processo de hipnose.

— Você tá prestando atenção no que eu tô falando? Tá na hora do assunto sério, antes que meu ônibus passe e eu tenha que deixar essa conversa pra amanhã.

— Desculpa — eu disse, finalmente voltando a mim. — Tava viajando na maionese, você sabe como é, muita informação nova...

— Entendo completamente — ela disse, balançando a cabeça. — Não deve ser fácil assistir aula sabendo que tá acontecendo uma *guerra* contra você no Twitter. Afinal, o que aconteceu entre você e a Melanina?! Achei que vocês fossem as melhores amigas do universo.

Eu também achava, mas nem deu tempo de concordar, porque a menina falava igual uma máquina, metralhando informação a torto e a direito.

— Primeiro ela não fez nenhum textão quando aconteceu aquele problema da exposição com você. E olha que ela adora um textão, não pense que eu não reparei. Agora ela me vem com essa? Não entendi nada.

— Pois é... — consegui dizer enquanto lutava com o instinto de puxar o celular e ver a quantas andava a confusão no Twitter.

Fazia um tempo que eu não checava o celular, isso era um avanço.

Durante todo o tempo da aula de história ele permaneceu bem quieto dentro da minha bolsa.

Estava me esforçando para ser uma boa aluna, talvez não estivesse conseguindo, mas pelo menos me desliguei do que acontecia na internet por alguns minutos.

Não era algo que acontecia todo dia.

E embarcando no meu próprio embalo, decidi que era forte o suficiente para deixar o celular na bolsa durante uns minutos mais. Até porque, Copacabana às dez horas da noite não era um lugar muito propício para se ter um iPhone dando sopa a céu aberto.

— Não me leve a mal, eu adoro a Melanina — Thaíssa continuou a falar ao mesmo tempo em que vigiava os ônibus que passavam. — Ela é sua amiga e tal, e eu, como fã, me sinto meio que na obrigação de adorá-la, mas sei lá... Ultimamente ela tem feito muito barulho por nada, sabe como é?

— Mais ou menos... — eu falei num tom neutro.

Não queria sair por aí expondo minha ex-melhor-amiga para uma menina que acabei de conhecer, uma pessoa cautelosa não faria isso. Em contrapartida, ela estava coberta de razão.

Uma estranha satisfação tomou conta de mim por saber que eu não era a única a pensar as coisas horríveis que eu pensava.

— Eu acho que ela começou levantando questões bem legais, que tinham *super* a ver com ela e a identidade dela — a garota disse enquanto seu pescoço se esticava em direções inesperadas para acompanhar a confusão dos ônibus na avenida. — Não foi à toa que ela ficou famosa. Mas não sei o que

tem acontecido de uns tempos pra cá. Por um acaso arrumar confusão virou um esporte? Porque pra mim, pessoalmente, ainda não virou um entretenimento. Não é algo que eu gosto de acompanhar.

— Exceto quando eu estou no meio, né? — perguntei enquanto esticava o pescoço para vigiar os ônibus também, mesmo sem saber qual era o que ela estava esperando. — Você parece estar mais informada sobre o que anda acontecendo no Twitter do que eu.

— É, mas aí é minha obrigação como fã — ela disse com um dar de ombros. — E por falar nisso, o que eu queria te informar é que lidero um grupo de fãs suas no WhatsApp.

— Sério?! — Fiquei genuinamente surpresa. — Isso existe? Ainda?

— Claro que sim, existem grupos de todo o tipo por lá.

Concordei com a cabeça, mesmo que ela não pudesse ver. Thaíssa estava certa, existia mais variedade de grupos no Whatsapp do que eu gostaria de imaginar. Não era de se admirar, mas eu estava admirada.

— E o que eu estava falando com as outras Olivetes, é assim que nos autodenominamos, se não for incômodo pra você... — ela explicou desviando o olhar dos ônibus por breves instantes para me olhar, em busca de aprovação, que foi prontamente dada, na forma de um sorriso. — Se você precisar de ajuda com a manifestação contra o fim da Kinki, pode contar com a gente.

— Sério? — eu perguntei pela segunda vez, incrédula.

Junto com o celular e as coisas da internet, eu tinha esquecido por completo da existência daquele plano.

— Seríssimo — ela confirmou. — Ficamos sabendo que você pediu o apoio de alguns influenciadores digitais, tentamos não ficar muito ofendidas por você não ter considerado recorrer aos seus fãs, mas enfim...

— Eu não sabia que as Olivetes ainda existiam! — defendi-me como pude, mas na verdade eu não sabia muito bem onde iríamos chegar com aquele papo.

Ou melhor, não sabia aonde eu queria chegar com aquele plano.

— Como não? Existimos aos baldes! Não baldes tão grandes quanto antes daquele seu surto na porta da exposição, agora tá mais pra baldinhos de praia infantil, mas estamos aqui, prontas pra ajudar.

— É muito gentil da parte de vocês — eu disse, um pouco encabulada.

Eu estava pra lá de lisonjeada, por essa eu não esperava. Mesmo. E por isso mesmo não sabia como responder à oferta de ajuda.

Não achava que era prudente aceitar a ajuda sem saber direito se eu queria mesmo levar o protesto pra frente. Depois da recusa quase total dos influenciadores digitais, o projeto meio que esfriou na minha cabeça.

Não que eu tivesse desistido de salvar a Kinki, de jeito nenhum, mas eu precisava pensar em outras maneiras. Ou repensar se o protesto era o melhor jeito. — Modéstia à parte, eu sou uma ótima líder — Thaíssa continuou. — Se você quiser, pode deixar tudo comigo, a organização está no meu sangue, não vai ser nenhum sacrifício, consigo colocar tudo nos conformes antes mesmo do prazo estipulado.

— Bem, primeiro eu tenho que...

— Olha lá, meu ônibus está vindo! Amanhã a gente conversa mais. — Ela esticou o braço e fez um sinal frenético para o ônibus, nenhum veículo no mundo ousaria ignorar a energia daquela garota. — Adorei te conhecer na vida real, já sinto que somos amigas faz anos! — Ela subiu no ônibus e acenou pra mim da janela.

Quando dei por mim, estava retribuindo o aceno com a mesma energia que ela.

Só parei de balançar a mão quando o ônibus se confundiu com todos os outros que transitavam em alta velocidade pela avenida movimentada.

Capítulo 14 — Saudações robóticas

(2 novos seguidores no Tumblr)

“*Au au*”

Foi só o que Django precisou fazer para o capacete de Jonas reluzir para fora da caverna que tinha se tornado a *Kinki quinquilharias e afins*.

O olhar dele foi direto para onde estava meu cachorro. Só depois, muito depois, ele olhou para mim.

Tudo bem que eu, ao contrário do meu cão, não estava fazendo nenhuma balbúrdia na calçada. Em contrapartida, eu era muito maior que ele, e estava bem arrumada. Por isso, uma parte idiota de mim, achou que eu seria notada primeiro.

Por sorte, a *maior* parte de mim não se importava com essas besteiras.

Graças a Deus.

Seria ridículo se eu me importasse.

Seria pura vaidade da minha parte.

Afinal, eu o via bem mais que Django. Eu *estudava* com o cara. Ficávamos das 17:30 às 21:30 trancafiados dentro de uma sala de aula.

Não que sentássemos lado a lado e trocássemos bilhetinhos o tempo todo, como eu costumava fazer no ensino médio. Nada disso. Ele continuava

sentando do lado oposto da sala conforme tinha prometido no primeiro dia, sabe-se lá por quê.

Não entendia direito a razão da tal mudança. E nem tinha intimidade para perguntar.

Mas isso não nos impedia de trocar umas palavrinhas durante o intervalo.

Nem uns sorrisinhos também.

Porém, era só isso e mais nada. Não tinha razão para Django ficar enciumado. Até porque, depois de aparecer, Jonas se virou em direção a Kinki-caverna e comunicou:

— Hora da minha pausa pro cigarro, pessoal!

E foi em direção ao Django. Foi em direção ao Django que ele foi. Como se eu nem existisse.

— E aí, campeão! Passeando muito hoje? Achei que você fosse chegar aqui mais cedo, fiquei te esperando. — Ele se agachou na frente de Django pra focar toda sua atenção nele.

Eu observava a cena do alto das minhas sandálias plataforma. Django estava em êxtase, a mera visão das botas esquisitas de Jonas fazia isso com ele. Jonas desafivelou o capacete e limpou as mãos batendo uma contra outra antes de fazer carinho em Django.

— Quem é o cão mais bonito da rua, hein? Quem? Quem? Quem? — As mãos enormes cobriam o corpinho de Django quase por inteiro.

Uns pedacinhos do sorriso dele apareciam por baixo da aba do capacete de vez em quando, ele parecia genuinamente feliz em brincar com meu cachorro. Django, por sua vez, também estava no sétimo céu. É claro, Jonas só tinha olhos para ele.

Enquanto isso eu permanecia distante, no alto, sem participar da festinha

deles.

Mas até que era uma cena simpática de se ver.

Num dado momento, no meio dos carinhos agressivos e dos elogios exacerbados, o capacete de Jonas escorregou para o lado esquerdo, como às vezes fazia. A diferença foi que dessa vez, além de eu *pensar* em ajeitar o capacete no lugar, eu estiquei a mão para executar a ação.

Sorte que no meio do caminho consegui me refrear antes de alguém perceber.

Aquela não seria uma atitude digna de uma pessoa cautelosa!

E esse era o tipo de pessoa que ultimamente estava tentando ser. Era o caminho mais prudente para tentar me manter longe de confusões e guerras no Twitter.

Enquanto recolhia discretamente a mão de volta para a alça da minha bolsa eu me perguntava: por onde andava minha preocupação com a poeira e os germes?

Elas eram importantes, elas eram saudáveis, faziam bem para a saúde. E se tornavam preocupações ainda mais válidas quando seus pais paravam de pagar o seu plano de saúde e você não tinha fundos para bancá-lo. A prioridade era ter um lugar para morar.

Outra pergunta pertinente era: por que raios aquele pedreiro fazia questão de desafivelar o capacete sempre que vinha falar com Django? Será que a intenção dele era me fazer passar vontade de colocar o treco no lugar?

Não que eu de fato estivesse passando vontade. Era só que ultimamente estava difícil de me entender. Minha vida estava se transformando em algo que eu nunca achei que se transformaria.

Tinha hora para acordar, hora para levar Django na rua, hora para ele comer, hora para eu comer, me arrumar e ir para aula, hora para voltar para

casa. Isso estava errado. Sem perceber tinha virado vítima de uma rotina.

Coisa que não fazia sentido nenhum no meu estilo de vida. Uma das razões para eu ter saído da casa dos meus pais era essa. Não gostava de ser controlada. Era um ser humano livre, criativo, que fazia o que queria quando queria. Morava sozinha, não devia explicações a ninguém, uma típica sagitariana.

— Olivia, tá tudo bem? Você tá com uma cara estranha — Jonas interrompeu minha linha de raciocínio enquanto ficava em pé com um movimento rápido e parava bem na minha frente.

Tão alto como sempre. E com aqueles ombros que tapavam toda a visão do que existia além dele.

Mas não era só o tamanho que me impressionava, era a presença dele como um todo, ele tinha algo que, não sei, envolvia tudo que estava em volta.

Django estava de prova.

Porém, embora eu estivesse envolvida pela presença dele e tudo o mais, a expressão de preocupação que ele trazia no rosto me dava nos nervos.

Por um acaso ele estava tentando regular minha cara? Aquilo não era um bom sinal.

— Tudo ótimo — respondi. — Por que não estaria? Sou a dona do meu nariz, posso fazer a cara que quiser!

— Er... tá — ele disse dando um passo pra trás. — Sou *super* a favor da liberdade de expressão facial.

— Taí uma causa pela qual eu não me importaria de lutar.

Ele me olhou com aquele olhar de sobrancelhas quase juntas que estava se tornando bem comum nas nossas conversas. Junto com a expressão franzida de quem não estava entendendo nada.

— O que foi? — perguntei, incomodada.

Assim como todo ser humano no mundo, eu detestava ser julgada.

E toda vez que eu estava perto daquele menino eu sentia que estava sendo avaliada. Nos mínimos detalhes. Da cabeça aos pés. Dava até vontade de pegar um espelho e checar se meu cabelo estava decente.

— Nada — ele disse, enfiando as mãos nos bolsos.

Eu podia frear minha mão bem a tempo de fazer uma besteira, mas ainda não tinha conseguido educar meu olhar para não focar nas mãos dele toda vez que elas faziam um movimento brusco.

Meus olhos corriam para lá sem a minha permissão, como se já não soubesse de cor o tamanho e a forma delas. Em especial quando estavam do jeito que estavam: meio enfiadas nos bolsos. Aqueles bolsos em que elas não cabiam. Outras mãos caberiam, mas não elas.

Porém, em minha defesa, se é que era necessário me defender, os deslizes que eu cometia eram rápidos e discretos. Meus olhos voltaram a focar no rosto dele bem a tempo de ele falar:

— Melhor eu ir andando, meu tempo de cigarro psicológico tá quase no fim.

— Tudo bem — eu disse, bancando a indiferente.

Afinal, será que existia um tempo previamente estipulado para o consumo do cigarro psicológico? Porque por ser um cigarro que nem existia de verdade, a coisa soava toda um pouco arbitrária.

Não que fosse da minha conta.

Minha responsabilidade era observar se Django daria sinais de desilusão. Mas por enquanto tudo normal, ele parecia o cãozinho feliz de sempre.

— Até mais tarde — Jonas disse com um sorrisinho bem pequenininho no

canto da boca.

Tão pequeno que nem chegava aos lábios, direito. Estava mais concentrado nos olhos, que davam uma leve enrugada e tinham um brilho diferente.

— Até — respondi levantando a mão de um jeito bem idiota, meio mecânico.

Parecia até que eu estava dando uma saudação robótica. Ainda que eu não soubesse quase nada sobre essas coisas de ficção científica.

E quando eu pensava que o assunto estava encerrado, que só faltava Jonas retornar para a Kinki e eu seguir meu caminho de volta para casa igual uma boneca cibernética, Jonas falou uma coisa que me paralisou por inteira, levando-me além do estado robótico, transformando-me num robô em pane. — Boa sorte no seu primeiro simulado — ele lançou esse bug no meu sistema de um jeito bem despreocupado.

— *Que simulado?!* — Minha voz saiu entalada, metálica.

Foi minha vez de olhar para ele com cara de quem não tinha entendido nada. Ele estava me zoando? Aquele era algum tipo de brincadeirinha de mau gosto?

Eu torcia que fosse.

Mas ele acabou com as minhas esperanças ao responder minha pergunta.

— O simulado que acontece toda primeira sexta-feira do mês. Não te avisaram?

— Avisaram, mas não sabia que ia ser hoje, ninguém deu nem um lembrete — argumentei.

Aquele detalhe simplesmente escapou da minha memória. Nada cauteloso da minha parte esquecer de uma prova daquela magnitude. Eu deveria comprar um planner pra me organizar melhor. Assim eu jamais esqueceria os

dias dos próximos simulados.

E ainda teria a oportunidade de fazer decorações gracinhas pra enfeitá-lo.

Em contrapartida, ter um planner e me lembrar dos dias do simulado não era nenhuma garantia de que eu conseguiria ir bem nele. Aliás, uma coisa não tinha nada a ver com a outra.

Principalmente levando em consideração como eu andava boiando na maioria das aulas, era superfrustrante.

— Não posso fazer o simulado hoje, não estou preparada — reclamei, perdendo toda minha compostura.

Django latiu em solidariedade.

— É obrigatório — Jonas rebateu, agindo como uma parede de calma do outro lado da calçada, totalmente alheio ao meu desespero.

— Não deveria ser obrigatório pra mim. Não faz muito tempo desde que eu comecei a ir às aulas! — Bati o pé no chão e voaram pedrinhas para todo o lado, Django chegou a se assustar com o movimento repentino.

Minha voz passou de metálica para chorosa, torci para que Jonas continuasse alheio à situação. Não gostaria que ele soubesse das minhas variações de humor.

— Se te faz se sentir melhor, ninguém tá preparado — Jonas disse, dando dois passos em minha direção. A falta de distância entre a gente permitia que eu ouvisse com clareza, apesar do barulho da destruição da Kinki ao fundo. A voz dele era ainda mais rouca ouvida assim de perto.

— Isto é, com exceção do Chico, porque ele já nasceu pronto — ele comentou com um risinho discreto que infelizmente não consegui acompanhar.

— Isso não tá me ajudando a me sentir melhor — declarei olhando para

minha plataforma, meio que esperando que meu descontentamento fizesse Jonas dar outro passo na minha direção.

Mas as botas esquisitas dele continuaram firmes onde estavam, só sua voz que ficou um tantinho mais suave:

— O simulado é justamente pra ajudar a nos preparar pra quando o ENEM chegar. Pra gente ir se familiarizando ao ritmo da prova, sabe?

— Jonas, se eu soubesse *alguma coisa* eu não estaria tão surtada — falei, dando um passinho para frente, sendo guiada pelo calor da indignação. — Eu não sei nada.

— Não é possível, Olivia, tenho certeza de que você é boa em alguma coisa, só não está lembrando agora por conta do desespero.

Eu estava em desespero mesmo. Como não estaria? Em poucas horas eu teria que fazer uma prova para a qual eu não estava nem um pouco preparada. Além disso, Jonas não tinha chegado para trás quando eu me aproximei, o que me deixava praticamente envolta na atmosfera de poeira que o rodeava.

E eu não estava achando exatamente ruim.

— Tirando inglês e, quem sabe, um pouco de geografia, eu não sei mais nada. Tenho a impressão de que tudo que eu aprendi no colégio foi automaticamente deletado da minha cabeça no minuto que eu me formei.

— Pessoas não são computadores — Jonas argumentou. — E se você precisar de ajuda eu... Isto é... Se você quiser, não se sinta obrigada a aceitar, mas... Posso te ajudar.

— Pode?! — eu perguntei, incrédula.

Possivelmente mais incrédula do que era educado. Fui totalmente pega de surpresa. Quem poderia imaginar?! O garoto que não queria sentar perto de mim podia me ajudar?

Ele encolheu os ombros e chutou umas pedrinhas da calçada com a ponta da bota.

Se alguém me pedisse para decifrar a linguagem corporal dele, eu diria que ele estava arrependido da oferta.

Mas antes que eu pudesse tirar o peso da responsabilidade dos ombros dele, ele desatou a falar:

— Não em tudo, quero dizer... — Ele pareceu encabulado por alguns instantes antes de voltar a falar. — Também tenho minhas dificuldades e inglês certamente é uma delas. Eu não sei como as pessoas conseguem falar esse idioma, é tão enrolado... Tem umas sílabas que são impronunciáveis, na moral, fala sério...

— Posso te ajudar com isso se você quiser — me ofereci, enrolando a ponta do cabelo no dedo indicador de um jeito bem casual.

Só ofereci porque era a coisa educada a se fazer.

Embora eu não tivesse certeza que meu desempenho como professora fosse algo que valesse à pena.

— Seria legal — Jonas falou com um sorriso, um sorriso de verdade que chegava aos lábios e aos olhos.

A propósito, que lábios!

Com a proximidade era possível analisar esses pormenores. A boca dele era vermelhinha e grossa. Dava vontade de perguntar se ele usava protetor labial colorido.

Dava vontade de outras coisas também.

Mas antes de eu me enveredar por qualquer pensamento impertinente, uma voz gritou bem alto, vinda da Kinki-caverna.

— Jonas! Isso é um cigarro ou um charuto?

— Já estou indo, Chris! — Jonas olhou para mim e fez o último carinho em Django. — Depois a gente combina, agora realmente tenho que ir.

— Tudo bem — eu disse. — Até depois, então.

Puxei Django de volta para casa. E apesar de eu estar ferrada com um simulado pavoroso prontinho para acabar comigo no fim do dia, eu não me sentia tão mal assim.

Ceguei até a tuitar uma carinha feliz.

Capítulo 15 — Água é bom pros nervos

(1 foto marcada no Instagram, 4 menções no Twitter, 36 notificações no Facebook, 2 solicitações de amizade)

— Terra para Olivia. Terra para Olivia.

— Ah, oi, desculpa — respondi, voltando para a Terra.

— É a terceira vez que você se desculpa em menos de meia hora.

Jonas tinha razão, eu precisava parar com aquilo.

Mas quando eu via, já estava repetindo o erro.

Não era culpa minha se a tela do celular acendia sem dar nenhum aviso. Meus olhos seguiam a luz automaticamente.

Era inevitável. Quando percebia, meus olhos já estavam escorregando pelo conteúdo da notificação.

“Anamastê comentou numa publicação em que você foi marcada”

— Quarta — Jonas falou ao meu lado.

— Desculpa — repeti, ajeitando-me na cadeira e me distanciando do celular.

— Não adianta você pedir desculpas se daqui a dois minutos vai fazer a mesma coisa — ele falou, bem sério.

Acho que ele começava a ficar irritado de verdade. Não era minha intenção.

— É mais forte do que eu — expliquei, sem rodeios, porque, sinceramente, era mesmo.

Claro que eu estava agradecida por ele estar ali numa tarde de sábado na biblioteca minúscula e apinhada do cursinho tentando me ensinar detalhes que eu já deveria saber sobre matemática.

Mas o que eu podia fazer?

Poderia ser algo importante acontecendo.

Uma nova guerra podia estourar no Twitter a qualquer momento.

Só Deus sabia o se passava na cabeça de Melanina.

E mesmo que não fosse... Qualquer coisa, até um convite um convite para jogar Candy Crush, era mais interessante que as tais equações de segundo grau que Jonas tentava me explicar.

Não era culpa dele. O coitado até que era bem didático. Mas não havia nada nesse mundo que pudesse despertar meu interesse naquilo. Eu admirava o esforço dele por sacrificar o sábado tentando operar esse milagre.

Mas não tinha condições. Estava decidido. Matemática não era pra mim.

Eu só precisava dar a má notícia de que basicamente perdemos o dia.

— A gente só tem 45 minutos antes de a biblioteca fechar — Jonas comunicou antes que eu conseguisse abrir a boca. — Que tal você tentar passar esse tempo sem olhar pro celular? Encare como um desafio, tenho certeza de que você consegue.

A confiança que ele depositava em mim era até fofa.

Além de equivocada, obviamente.

Um claro sinal de como ele não sabia o quanto a minha vida se interligava naquele aparelhinho.

— Não tenha tanta certeza assim... — eu avisei, sem querer entrar em detalhes.

Não tenho orgulho de acordar várias vezes ao longo da noite pra checar se algo de suma importância brotou na minha tela durante as poucas horas de sono.

Principalmente porque a notificação de vida-ou-morte nunca chegou a aparecer.

Quando muito, alguém me marcava em posts aleatórios no meio da madrugada.

Porém, a falta de relevância das notificações não me impedia de acordar noite após noite, com a mais profunda certeza de que aquela era noite que algo inacreditável tinha acontecido.

E assim eu ia levando a vida.

Mas Jonas não precisava saber dessas minhas incoerências. Só o que ele precisava era não confiar em mim tão cegamente.

— Vou te dar uma ajuda — ele disse ao guiar aquela mão dele na direção do meu celular.

Pegou o objeto e guardou no bolso da frente da sua camisa, sem nem me pedir permissão.

Eu deveria ficar indignada, acusá-lo de roubo, fazer um escândalo no meio da biblioteca até os outros estudantes me pedirem silêncio. Mas não foi isso que eu fiz.

Aliás, eu não fiz quase nada além de ficar olhando para o meu celular no bolso dele.

Tinha algo muito curioso em ter algo que eu considerava uma das coisas mais importantes da minha vida ali, tão perto do coração dele.

Fiquei estatelada com a cena.

— O que foi? — ele perguntou olhando do bolso pra mim.

Ele me olhava de um jeito desconfiado, provavelmente achando que eu fosse louca.

Eu não podia exatamente culpá-lo. Perdi total a noção do tempo durante a minha observação. Como pedaços isolados de um corpo podiam ser tão hipnóticos? Ou será que era um problema específico com bolsos?

O mínimo que eu podia fazer era tentar disfarçar.

— Eu... É... Estava pensando — arrisquei — em como resolver a equação.

— Ah — ele falou, meio desconsertado. — É só você usar Bhaskara.

— Bhaskara? — repeti.

O nome não me era estranho, mas tampouco era familiar.

— É — ele confirmou, eu não tinha ouvido errado. — A fórmula de Bhaskara, sabe?

— Não exatamente — respondi.

Deu pra ver a expectativa morrer em seus olhos. Nós estávamos perto assim. Não sei o que acontecia com os cômodos daquele cursinho, mas todos eles eram menores do que deveriam.

Além disso, para um sábado à tarde, o lugar estava lotado. Pessoas para todos os lados da minúscula biblioteca. As mesas ficavam praticamente uma encostada na outra. O que obrigava os integrantes de cada mesa a ficarem praticamente da mesma forma.

Só tinha eu e Jonas na mesa em que estávamos, mas acho que todo mundo podia ouvir o que a gente conversava, se quisessem.

A sorte era que eles não queriam. Isso ficou bem claro depois de um "Sssshhhh" bem incisivo que ouvimos da menina que sentava ao nosso lado.

— Qual é a probabilidade de eu virar a piada do cursinho se essas pessoas ficarem sabendo que eu não me lembro dessa fórmula? — perguntei na voz mais baixa possível me inclinando na direção de Jonas.

— Cem por cento — ele cochichou, também se inclinando na minha direção.

— Estou ferrada — choraminguei ao deitar minha cabeça no tampo da mesa. — Devolve meu celular que vou procurar no Google.

— Nada de celular por 45 minutos, esqueceu? — Jonas sussurrou. — Pode deixar que eu te ajudo. Ninguém vai ficar sabendo.

E assim, sem a menor sinalização, as mãos dele envolveram meus ombros e me puxaram para cima. Não de um jeito bruto nem nada do tipo, apenas com a força suficiente para me fazer sentar direito na cadeira.

Mas eram as mãos dele.

Aquelas mãos.

Que eu tanto observava.

Bem ali nos meus ombrinhos. Esquentando-os de um jeito aconchegante e, ao mesmo tempo, deixando um calafrio percorrer todo o meu corpo. Não me cansava de admirar a maciez inesperada que aquelas mãos tinham.

Foi uma ótima opção ter vindo com uma blusa de alcinha.

Não que eu tivesse feito de caso pensado.

Até porque, aquele era o tipo de caso que eu jamais ousaria pensar.

Porém, apesar da sensação arrebatadora, tudo aconteceu muito rápido. Mais rápido do que eu gostaria, diga-se de passagem. Quando minhas costas se

encostaram de volta na cadeira, ele me largou.

Reparei que estava totalmente sem ar.

— Então, Bhaskara — ele disse, dando outra rasteira no foco da minha atenção. — Eu falo e você escreve.

— Tudo bem — eu disse.

Ainda que isso fosse o extremo oposto da verdade. Minhas batidas cardíacas ainda precisavam encontrar o ritmo certo. Eu precisava me lembrar de manter a pose. Não podia sair por aí escrevendo com letra tremida igual tinha feito naquele café que fui com Melanina.

Como pude comprovar naquele dia, as pessoas reparavam.

Não queria que Jonas reparasse.

De jeito nenhum.

Ele sempre era tão sólido e centrado. Sabia a fórmula de Bhaskara de cabeça, destruir paredes e tudo o mais. Seria mais uma bola fora da minha parte. Humilhação tinha limite.

Aceitei o lápis e o caderno que ele passou pra mim e tentei me manter firme.

— Então lá vai — ele anunciou se ajeitando na cadeira para conseguir ver o que eu ia escrever.

Coitada de mim. Com a proximidade do jeito que estava nem sabia se conseguiria me lembrar como se escrevia.

— $X = \frac{-B \pm \sqrt{B^2 - 4ac}}{2a}$ — Jonas falou.

Apenas olhei para ele. A falta de distância era capaz de comunicar minha confusão com eficiência. Ou pelo menos era isso que eu esperava. Dar de cara com ele também olhando pra mim balançou minhas expectativas.

Ele era bonito mesmo. Até esqueci o que eu ia dizer.

Alguém atrás de nós fez um barulho de limpar a garganta. Nem eu nem ele nos viramos para ver quem era. Continuamos do jeito que estávamos, nos olhando.

Pigarros não eram importantes.

Aliás, nem notificações teriam a devida importância.

Essa era uma conclusão ainda mais desconcertante do que a fórmula de Bhaskara.

— Desculpa, falei muito rápido, né? — Ele deu uma ligeira encolhida nos ombros.

— É que eu tenho que anotar — expliquei.

Anotar sem lembrar como se escrevia. Como se aplicar uma fórmula matemática não fosse difícil o bastante.

— Vamos com calma — ele falou.

E a partir daí, não sei como, a matemática fluiu naturalmente. Com passinhos de tartaruga, mas num fluxo constante. Ele sussurrava qual era o próximo passo na equação e eu executava.

Depois da terceira equação eu até comecei a entender o que estava fazendo.

— Impressionante — cheguei a comentar quando fiz a primeira linha sozinha.

O que uma voz rouca sussurrada no ouvido de uma pessoa não faz. Os pelinhos do meu pescoço passaram o tempo todo arrepiados. Poderia ficar ali ouvindo sobre equações do segundo, terceiro, quarto grau o dia inteiro.

Existia esse tipo de equação?! Talvez não fizesse diferença.

O que fez uma diferença absurda foi quando eu estava completamente envolvida pelos números e fórmulas que Jonas me falava que estava quase deitando minha cabeça no ombro dele, nesse momento, em que tudo ocorria na melhor definição possível de paz, uma voz não tão agradável quanto a dele *berrou* para a biblioteca inteira:

— Crianças, cinco minutos pra gente fechar! Vão levantando acampamento. Não quero perder minha noite de sábado aqui mais uma vez, hein!

Jonas se afastou de mim tão rápido quanto falou a fórmula da equação da primeira vez. Sua cadeira chegou a deslizar um pouco para longe da minha. Um frio horrível de ar-condicionado voltou a me rodear, mas dei continuidade à equação como se não tivesse notado a diferença.

Essa foi uma boa estratégia porque logo depois ele voltou a se aproximar, chegou ainda mais perto do que da vez anterior e sussurrou perto do meu ouvido:

— Vou beber água antes que o curso feche, você não sabe como Dona Mariana fica brava quando a gente atrasa a saída dela e eu ainda tenho um longo caminho pela frente.

— Tá — falei com ares de quem estava concentrada demais nos números pra prestar atenção.

Na verdade, eu estava escrevendo coisas aleatórias no papel.

Coisas que não faziam o menor sentido.

Igual as coisas que eu estava sentindo.

— Quer que eu traga um pouco pra você? — ele ofereceu.

Fiz que sim com a cabeça sem nem desviar meus olhos do papel. Não sabia o que aconteceria se meus olhos encontrassem com os dele. Ele poderia acabar percebendo que algo errado estava acontecendo comigo.

Eu não sabia exatamente *o quê*.

Mas já dava pra perceber que era errado.

Isso ficou ainda mais claro depois que ele se afastou.

Escorreguei meu corpo pela cadeira, como se eu fosse feita de geleca. Tive a completa certeza de que perdi o total controle das minhas ações.

Com minhas costas quase encostadas no assento, olhei em volta para ver se alguém tinha percebido pelo que estava passando. A maioria das pessoas estava fechando os livros e arrumando as mochilas, duas pessoas no canto balançavam a cabeça suavemente enquanto compartilhavam um fone de ouvido.

Todo mundo estava alheio à revolução interna que acontecia em Olivia Liveretti.

Não me lembrava da vez em que me senti feliz com isso, mas eu meio que estava.

Depois de tanto tempo bolando mil e uma maneiras de conseguir atenção na internet sem muito sucesso, me surpreendi por me sentir vitoriosa em não chamar a atenção de ninguém.

Aquele era um ótimo momento para ficar invisível. Momentos de confusão geralmente eram.

Além do mais, eu estava numa posição nada elegante.

Essa não era a Olivia Liveretti que as pessoas da internet conheciam.

Nem eu conhecia essa Olivia Liveretti esquisita que aflorava dentro de mim.

Que droga era aquela? Sempre soube que matemática era algo nocivo, mas eu não imaginava que era tanto.

Cinco minutos para a biblioteca fechar. Não dava tempo para filosofar sobre as consequências de aprender a fórmula de Bhaskara.

Comecei a reunir minhas coisas igual aos outros alunos. A melhor maneira de se sentir normal, era fazer coisas normais. Fechar cadernos, abrir mochila, colocar os cadernos dentro da mochila, beber água.

Água era bom para os nervos, não era?

Estava ansiosa para Jonas voltar com meu copo.

Capítulo 16 — Uma profunda análise de sorrisos

(1 solicitação de amizade aceita)

“Thaíssa Olivete pediu para ser sua amiga.”

Essa era uma das muitas notificações que chegaram durante o estudo na biblioteca.

Não que do dia para a noite eu tivesse voltado a ser uma pessoa influente nas redes sociais ou algo do tipo.

Mas quando Jonas me devolveu o celular, ele estava quentinho por ter estado no bolso dele. Fiquei mais preocupada em não demonstrar que aquilo causava algum efeito em mim do que olhar as notificações.

Jonas se aproximou de mim para se despedir com dois beijinhos no rosto. Pensando racionalmente, o gesto era bastante educado. Principalmente tendo em vista que passamos a tarde inteira juntos e que enfrentamos maus bocados com os números.

Porém, minha racionalidade desaparecia por completo quando ele chegava perto. Ou ao menos essa era a impressão que eu tinha.

A proximidade, o cheiro, a presença dele, me petrificavam por completo.

Por um lado, era melhor assim.

Sabe-se lá o que eu faria se escolhesse um momento como aquele para ter um dos meus impulsos repentinos.

Não gostava nem de cogitar a hipótese.

Só o que eu fiz acenar roboticamente, coisa que vinha se tornando um hábito quando ele estava por perto. Não era algo de que eu tinha orgulho, mas o que eu poderia fazer?

Murmurar:

— Até segunda.

E caminhar para casa como se as pernas não estivessem bambeando?

Porque foi isso que eu fiz.

E fiquei revivendo aquela tarde na minha cabeça durante todo o caminho até em casa. Existiam inúmeros pontos que eu gostaria de mudar. Ter falado ou agido de forma diferente.

Era uma pena a vida não ser um texto que dava para cortar e editar.

As coisas seriam muito mais organizadas se tivéssemos essa opção.

Mas como eu não podia fazer nada a respeito, o que fiz foi muito carinho atrás das orelhas de Django quando cheguei em casa.

Apertei tanto meu bichinho que num determinado momento ele ficou de saco cheio da minha presença.

Foi só nessa hora que me lembrei do celular.

Uma onda de preocupação me atingiu em cheio. Toda vez que eu não estava em dia com as notificações era a mesma coisa. Era questão de segundos, assim que ficava a par do que estava acontecendo tudo voltava ao normal.

Mas naquele fim de tarde ficou ainda melhor que o normal.

A notificação de Thaíssa Olivete foi a primeira coisa que apareceu. A foto do perfil dela era a que nós tiramos juntas no meu primeiro dia de aula.

Achei fofo.

Aceitei a solicitação na mesma hora.

**

No dia seguinte, ela veio correndo em minha direção e parou na minha frente dando pulinhos.

— Obrigada por aceitar ser minha amiga — ela falou. — Foi muito gentil da sua parte.

Quase ri na cara dela. Não fiz porque pareceria deboche. E não era. Se ela soubesse o quanto eu estava precisando de amigas, não ficaria tão surpresa.

— Que é isso — respondi, fazendo um gesto de descaso com as mãos. — Vamos dividir a mesma sala apinhada pelos próximos meses. Seria inevitável que isso acontecesse mais cedo ou mais tarde.

— Ótimo que foi mais cedo — ela falou com mais um pulinho. — Até porque, temos assuntos pendentes, né? O protesto contra o fim da Kinki e tudo o mais. Não que eu vá ficar te perturbando noite e dia, você não se preocupe!

— Não estou preocupada — falei.

Isto é, não com ela me perturbar noite e dia. Mas o negócio da Kinki era outra história. Nós tínhamos mesmo que conversar sobre isso.

Eu já não tinha mais tanta certeza de que um protesto corpo a corpo era a melhor opção. Talvez fosse mais indicado só fazer um evento virtual mesmo, igual as pessoas da internet costumam fazer.

Tudo bem que eles não adiantavam nada. Mas pelo menos ninguém sairia ferido.

— Sei como esse lance de início de amizade é frágil, mas não consigo me conter, tô tão animada! — Como se já não fosse o bastante, ela arriscou mais um pulinho.

Pena que na mesma hora seu pequeno impulso foi desviado da rota inicial. Alguém esbarrou nela antes de ela aterrissar de volta no chão.

E logo quem.

Talvez ele não tivesse noção da largura de seus ombros.

Claro, a falta de espaço do corredor também não ajudava.

O que ajudou foi, mais uma vez, a mão dele.

Ele segurou Thaíssa pelo ombro para impedir que ela perdesse o equilíbrio.

— Foi mal — ele disse, assim que ela se firmou de volta ao chão.

— Relaxa — ela disse, nada abalada pela quase-queda.

E, diga-se de passagem, nem pelo resgate.

— Nada de novo sob a luz do sol. Todo dia eu levo um tombo diferente. Pelo menos já cumpri a minha cota de hoje, posso relaxar e parar de andar olhando pro chão.

— Fico feliz em contribuir com suas metas diárias — ele respondeu com um sorriso.

Aquele sorriso que formava ruguinhas em volta dos olhos e deixava os dentes brancos à mostra.

Igualzinho ao sorriso que às vezes ele dava para mim.

Seguindo o exemplo primoroso de Thaíssa, tentei não me abalar.

Até porque eu não tinha nem perdido o equilíbrio nem nada do tipo. Só estava surpresa. Surpresa com aquele tal de Jonas. Ele era legal mesmo.

De verdade.

Com todo mundo, até com pessoas que pulavam atravancando o caminho do corredor.

Houve dias que cheguei a pensar que esse tipo de gente só existisse na ficção.

Mas ali estava ele, se desculpando e se divertindo com minha mais nova amiga.

A única parte ruim daquilo era que ele não tinha notado minha presença.

Um problema que eu não perdi tempo em corrigir.

— Oi — eu disse, sentindo uma vontadezinha bem pequenininha de saltitar igual Thaíssa.

Ele se virou para mim e sorriu.

Podia ser que o sorriso fosse idêntico ao que ele tinha acabado de dar para Thaíssa, mas na minha cabeça o meu tinha um brilho a mais, era um pouquinho mais largo.

Era uma pena que ainda não existisse uma unidade de medida para aferir intensidade de um sorriso. Porque viria *super* a calhar.

— E aí? Pronta pra resolver uma bateria de equações de segundo grau? — ele perguntou.

Dessa vez quem riu fui eu.

Não sei se para ser simpática ou de nervoso.

Mas Deus me livrasse de mais um dia em companhia da fórmula de Bhaskara. Principalmente quando Jonas continuava se sentando *do outro lado* da sala. Não tinha condições.

— Temos aula de geografia agora — lembrei a ele. — Vamos estar na minha especialidade, não na sua.

— Peraí, vocês se conhecem? — Thaíssa me perguntou, intrometendo-se, ela soava chocadíssima. — De onde saiu essa intimidade toda?

Não tinha intimidade nenhuma. Os detalhes de Jonas que iam além do curso e da calçada da Kinki eram totalmente desconhecidos para mim. Não por falta de curiosidade.

Era mais uma questão de falta de oportunidade.

Eu tinha toda intenção de explicar isso a ela, mas Jonas se apressou em falar:

— Nós nos conhecemos quando ela...

Eu praticamente me lancei na frente dele para impedi-lo de falar.

Jonas se espantou com meu movimento brusco e chegou a dar um passo para trás.

Pelo canto do olho pude ver que ele lançou um olhar de que-diabos-está-acontecendo pra Thaíssa, ao qual ela correspondeu da mesma maneira.

Com certeza eu ficaria brava se tivesse tempo.

Mas eu não tinha.

Tinha que pensar rápido.

— Ele me ensinou matemática no último sábado aqui na biblioteca — disse, totalmente de improviso. — Foi muito gentil da parte dele.

— Não foi nada, Liv — ele respondeu voltando a se aproximar da gente.

Ele era tão gente boa que dava até pena.

Meus órgãos internos se espremiavam um pouquinho toda vez que eu olhava para ele.

Mas a verdade por trás da interrupção era que eu não sabia se era uma boa ideia mencionar a Kinki na conversa.

Estava um pouco por fora de quais eram os sentimentos de Thaíssa em relação à Kinki. Sempre ficamos de conversar, mas o assunto acabava se desviando.

Exatamente como aconteceu antes de Jonas se juntar à nossa conversa.

Eu não queria que ela achasse que ele era o vilão da história só porque trabalhava na Kinki. O coitado não tinha culpa de ter o emprego que tinha.

Até eu, que tinha uma cabeça tão dura quanto às pedrinhas de concreto espalhadas pela calçada da Kinki, entendi isso no final.

Não seria legal se Thaíssa enfrentasse o mesmo turbilhão de emoções.

Eu estava poupando um constrangimento a ela.

Mesmo que ela não soubesse, seria ótimo se ela me agradecesse.

Mas em vez disso o que ela fez foi julgar:

— Na biblioteca aqui do curso? Vocês estão malucos? Lugar horrível pra estudar! A falta de espaço, o excesso de barulho, a aura de desespero... Não consigo imaginar pior atmosfera pra se concentrar.

— Tudo isso é verdade — Jonas concordou. — Mas é aqui que estão os livros e as apostilas.

— Querido, eu *tenho* os livros e as apostilas — Thaíssa declarou.

— Sério?! — Jonas parecia incrédulo, suas sobrancelhas se aproximaram uma da outra enquanto sua boca se abriu um pouco. — É tudo tão caro...

— Não tão caro quanto uma faculdade de medicina — ela falou. — É isso que meus pais não têm condições de pagar. Já é o terceiro ano que pulo de cursinho em cursinho, estou investindo tudo que posso, principalmente meu

tempo.

— Uau — eu comentei, sem conseguir esconder meu espanto, tive certeza de que minha boca estava ainda mais aberta que a de Jonas.

Três anos de cursinho em cursinho. Não consegui imaginar algo mais chato.

— É um saco quando o seu máximo não é suficiente pra realizar seu sonho — ela disse enquanto seus olhos ganhavam um brilho aquoso. — Esse vai ser meu último ano tentando, se não der certo eu vou me inscrever pra psicologia.

— Sei como é — Jonas disse, meio que dando de ombros. — É meu segundo ano aqui. Quero engenharia civil, a mais concorrida das engenharias.

Senti meus olhos pinicando de leve. Também achava um saco essa história de sonhos corrompidos, o que me lembrava do fracasso do meu blog e como já fazia um tempo que eu não pensava nisso.

Sabia que deveria me sentir agradecida, mas na realidade eu ficava um pouco sentida por algo que um dia guiou minha vida inteira ficar cada vez mais no passado.

Sinceramente esperava que esse não fosse o caso deles.

Eles eram tão legais...

Mereciam ter tudo o que quisessem, por mais difícil que fosse.

— Posso dividir meu material com vocês — Thaíssa falou. — Não sou egoísta, só sou chata com questão de silêncio, preciso mesmo me concentrar. É nesse ENEM ou nunca.

— Podemos estudar lá em casa — ofereci, sem pensar muito nas consequências da minha oferta. — Moro sozinha, é aqui perto. Fácil de chegar e não vai ter ninguém pra nos perturbar.

— Só Django — Jonas me lembrou do primeiro empecilho que o estudo na

minha casa poderia causar.

— Mas ele te ama — eu argumentei. — Vai fazer tudo o que você manda.

— Isso é verdade — ele respondeu, sorridente.

Aquele sorriso, sem sombra de dúvidas, tinha um brilho a mais.

Django também fazia isso comigo. Acho que foi por isso que eu sorri para Jonas de volta.

— Sábado depois da aula na casa de Olivia, então? — Thaíssa perguntou enquanto tirava uma agenda da mochila. — Nem acredito que vou conhecer o santuário onde mora a blogueira Olivia Liveretti!

— Tá combinado — falei enquanto tentava me forçar a parar de sorrir para Jonas, mal prestando atenção no que Thaíssa tinha dito.

Parte da minha cabeça já estava pensando como seria quando ele chegasse lá em casa.

Foi complicado conseguir esconder os dentes.

Capítulo 17 — Crise das pernas inquietas

(3 conceitos de química inorgânica compreendidos)

— Por que você não tenta entrar pra *qualquer* engenharia e depois pede transferência pra civil? — Thaíssa perguntou ao cruzar as pernas em cima do meu sofá.

— Porque não é garantido — Jonas disse enquanto fechava a apostila de química. — Se houver alguma chance de dar errado, talvez dê.

— Mas também existe a chance de dar certo e você conseguir entrar pra faculdade mais rápido — falei.

Estávamos os três espremidos na sala do meu apartamento fazia mais ou menos duas horas.

Antes de chegarmos pensei que o espaço não comportaria o tamanho de Jonas. Tive a profunda sensação de que minha casa pareceria feita para bonecas quando comparada a ele.

Estava meio que entrando em pânico.

Mas aí chegamos, ele se sentou na cadeira da mesinha que eu costumava me referir como “mesa de jantar”.

Não que eu jantasse sentada à mesa ou qualquer coisa do tipo. Seria um pouco deprimente sentar ali, sozinha, noite após noite, com minha costureira comida congelada esquentada no micro-ondas.

Costumava jantar no sofá, ao lado de Django enquanto ele investia pesado em pegar um pedaço da minha comida e nunca conseguia. Isso descontraía a

refeição, a casa não parecia mais tão silenciosa quanto era antes.

Pelo menos não na hora do jantar.

Mas naquele sábado de estudo, o apartamento inteiro parecia estar preenchido pelos sons. Arrastei a cadeira que ficava do outro lado da mesa e me sentei na frente de Jonas.

Thaíssa, por sua vez, não fez a menor cerimônia em se jogar no sofá, expulsando Django de lá no susto.

Não fiquei nem um pouco surpreendida quando ele foi buscar refúgio no colo de Jonas.

Ser cachorro deve ser uma coisa muito legal.

Foi questão de minutos até Django se enrolar numa bolinha e voltar a dormir. Começamos com química inorgânica para cortar logo o mal pela raiz. De tempos em tempos Jonas interrompia seus exercícios para fazer um carinho em Django.

Ele acariciava o focinho do meu cãozinho na hora em que o questionei sobre as outras engenharias. Temi ser preterida em favor de uma criatura que nem sequer estava consciente.

Mas não demorou muito até Jonas falar:

— Queria que o mérito fosse totalmente meu, sabe? Não que houvesse alguma maracutaia por trás que fizesse as pessoas duvidarem de mim.

— Quem duvidaria de você, cara? — Thaíssa perguntou, remexendo-se no sofá.

Perguntei-me se meu sofá era desconfortável ou se ela simplesmente sofria da síndrome das pernas inquietas.

— Não seria a primeira vez que alguém tiraria conclusões precipitadas sobre meu caráter só por eu ser quem eu sou — ele falou e no meio da frase

lançou um olhar pra mim.

De uma hora para a outra, fui atacada pela crise das pernas inquietas também. Cruzei uma perna sobre a outra e logo em seguida descruzei para o sentido contrário.

Não sabia direito o que fazer.

Ele não tinha me acusado, seu olhar não era hostil nem nada. Eu duvidava que elealaria alguma coisa sobre as circunstâncias adversas em que nos conhecemos ou qualquer outra coisa.

Mas me senti um pouco culpada pela ideia de demolidor que eu tinha antes de conhecê-lo melhor.

A pior parte era saber que eu não era a única.

Quantas pessoas tinham passado pela calçada da Kinki, ou qualquer outra obra em que ele tinha trabalhado antes, e criaram pré-conceitos sobre ele? Quantos dos passantes tinham tido a esperteza de ver além do capacete e das botas sujas logo de cara? De sair da caixinha, de enxergá-lo além do estereótipo?

Minha suspeita era de que existia mais gente no primeiro grupo do que no segundo.

E infelizmente eu cheguei à vida de Jonas fazendo parte do primeiro.

Isso me fez cruzar as pernas de um jeito diferente mais uma vez.

— Mas quem se importa? — perguntei um tanto quanto alterada, dando um tapa na mesa enquanto me levantava da cadeira.

Ficar sentada não estava funcionando para mim e talvez tivesse sido a química inorgânica a responsável por fazer minha cabeça trabalhar a mil por hora do jeito que estava.

Mas no fundo desconfiava que fosse a recente descoberta da minha falha de

caráter a real culpada por aquilo.

Não havia nada que eu pudesse fazer contanto que não envolvesse certo grau de humilhação. Então, a melhor opção era ir até a cozinha e pegar uma água para acalmar os nervos.

Impor uma mínima distância entre mim e os olhos de Jonas que sabiam toda a verdade também era um bom estimulante.

Sem falar que ele e Thaíssa deveriam estar morrendo de sede, estávamos falando de carbono sem parar pelas últimas duas horas.

Eu só não podia me retirar do cômodo sem expressar o que eu pensava sobre o assunto:

— As opiniões bobas das pessoas não deveriam ter tanto efeito assim na sua vida, Jonas. — Ele levantou as sobrancelhas e olhou diretamente para mim de um jeito que me fez dar um passo para trás com a sensação de um balde de gelo sendo despejado pouco a pouco dentro da minha barriga. — Acho que de perto ninguém é o que parece — disse dando outro passo para trás, pois não queria ver a expressão dele tão nitidamente ao continuar meu raciocínio. — Isso vale pra melhor ou pra pior. Mas no seu caso é pra melhor — acrescentei.

Às vezes eu ia longe demais.

Os olhos dele não saíram do meu nem por um nano-segundo, tive que engolir seco quando terminei de falar. Queria muito saber o que ele estava pensando. Minha vontade era perguntar se sua opinião sobre mim estava melhorando ou piorando durante esses dias em que estávamos no conhecendo melhor.

Mas ao captar de longe o sorrisinho que se formou no canto da boca de Jonas, percebi que nem precisava perguntar.

Um sorriso involuntário se formou no meu rosto também.

A distância dos passos não adiantou nada, continuei sentindo cada mudança do rosto dele como se tivesse acontecendo dentro de mim.

— Você também, Liv — ele disse, deixando seu sorriso alargar enquanto encarava o caderno em branco à sua frente. — E você também, Thaíssa. Longe de mim deixar alguém de fora.

— Obrigada, eu sei — Thaíssa disse com uma risadinha. — A gordinha nerd aqui tem muitas outras qualidades que vão além do peso e da inteligência, né não? Mas é claro que o peso e a inteligência também fazem parte do pacote.

— Com certeza — Jonas concordou, fiz o mesmo com a cabeça.

Thaíssa era maravilhosa em muitos aspectos, cada dia com ela era uma nova descoberta de como deveria ser uma amizade de verdade.

Coisas simples, mas das quais eu tinha me esquecido completamente.

Como por exemplo, oferecer água para os amigos enquanto eles estudam.

— Mas a pergunta que não quer calar é: o que a gente vai estudar agora? — Jonas indagou enquanto eu me dirigia à cozinha. — Tudo bem se for física?

— Quando que a palavra “física” e a palavra “bem” se encaixam com harmonia na mesma frase? — Thaíssa se indagou. — Acho que você tá precisando de um reforço em português. Vamos deixar a física pro sábado que vem, que tal?

Ouvi um rangido quando empilhava os três copos em cima da garrafa, Jonas certamente estava se remexendo na cadeira.

— Não vou poder vir sábado que vem.

Ele disse com uma voz meio embolada que me deu vontade de voltar imediatamente para a sala e perguntar se ele não queria voltar porque odiou o meu apartamento.

— Como assim não vem? — Thaíssa perguntou. — Por onde anda o comprometimento com o seu futuro, rapaz?

Jonas pigarreou e Django latiu, provavelmente acordando tão assustado quanto eu estava.

Será que o problema era a cor das paredes? Eu sabia que rosa-bebê para uma sala era algo peculiar. Mas, em minha defesa, ela já estava pintada assim quando eu aluguei o local.

A única coisa que eu fiz foi adicionar as bolinhas pretas para dar um ar dos anos 50 ao cômodo.

— Eu vou vir à aula e tudo o mais — ele esclareceu, de forma inconclusiva. — É só que... É meu aniversário e tal... Minha mãe vai ficar louca da vida se eu não passar um tempo em casa pra comemorar com um bolinho. Ela faz todo ano, sabe como é...

— Não sei, não — eu disse, voltando com a água.

Meu último aniversário eu comemorei com Madame Adelaide tomando licor de menta, só eu e ela.

— Também não faço ideia — Thaíssa concordou. — Acho que você vai ter que nos convidar pra eu entender.

— Quê? Sério? — Jonas perguntou meio incrédulo. — Não que eu não queira a presença de vocês, mas é que eu moro meio longe...

— Querido, você acha que inventaram carro pra quê? — Thaíssa estava se saindo muito bem como a rainha das indagações, perguntava tudo que eu queria saber sem que eu precisasse me expor. — Eu dirijo, pode deixar que eu e Olivia vamos e voltamos com muita segurança e conforto da sua festa.

— Não é uma festa, é um *bolinho* — Jonas corrigiu. — Não é nada demais, importa mais pra minha mãe do que pra mim, no geral costuma ser só eu, ela, meu irmão e...

— Você quer a gente vá ou não? — perguntei deixando a garrafa d'água na mesa com um barulho desnecessário. — Não queremos te pressionar nem nada.

— Apesar de já estarmos pressionando — Thaíssa acrescentou.

O que era bem verdade. Nós estávamos praticamente jogando o menino contra a parede rosa de bolinhas, ameaçando ele a nos convidar. Só faltava eu abrir a gaveta e tirar uma faca de cozinha para deixá-lo completamente sem opção.

Ele olhou para Thaíssa e depois para mim, seu cabelo estava caindo na testa e cobrindo um pouco os olhos. Minha vontade era afastar as mechas que caíam no rosto para poder desvendar com mais facilidade a verdade.

Mas Jonas não precisava estar com o rosto livre e desimpedido para que eu pudesse enxergar coisas nele.

O modo como o dedo indicador dele coçava para cima e para baixo atrás da orelha de Django e o olhar de relance que ele me lançou foi o suficiente para eu descobrir.

Mas, para o caso de eu ter entendido errado, ele anunciou:

— Vou adorar comemorar com vocês.

Thaíssa deu um grito e eu bati palminhas enquanto pulava de um pé para o outro.

Com certeza eu estava sofrendo da síndrome das pernas inquietas.

Não que isso importasse de fato.

Minha cabeça já estava a mil tentando maquinar as melhores maneiras de me certificar de que Jonas tivesse um feliz aniversário.

Capítulo 18 — Traições e bolinhos

(2 mensagens não lidas)

Estiquei meu pescoço mais uma vez para espiar as cadeiras da frente.

Nada tinha mudado dos últimos dez minutos para cá.

O tal do Chico continuava digitando furiosamente no seu laptop. As meninas estudiosas levantavam e abaixavam a cabeça quase que em sincronia para conseguir dar conta das anotações na mesma velocidade com que o professor as colocava no quadro.

Nenhuma das meninas estudiosas era Thaíssa.

Era a quarta aula e ela ainda não tinha dado o ar de sua graça.

Minha esperança era que ela aparecesse para a próxima.

Mas falando francamente, não era uma esperança tão grande assim, quem aparecia só para a última aula?

O sinal que anunciava o fim da aula de biologia tocou. A maior parte da turma se levantou para esticar as pernas enquanto o professor da próxima aula não chegava. Todos reclamando da dificuldade dos exercícios que o professor ousou passar em pleno sábado.

Eu, ao contrário da maioria, fiquei bem onde estava, sentadinha na cadeira.

Jonas fez o mesmo.

Do outro lado da sala, onde ele insistia em se sentar, seu olhar cruzou com o

meu. Seus olhos perguntavam onde-diabos-aquela-garota-se-meteu.

Acho que os meus faziam mais ou menos o mesmo.

Mas nenhum dos dois sabia a resposta.

Ele deu de ombros e eu o imitei, como se a falta de Thaíssa não fosse grande coisa.

Só que era sim.

Ela tinha prometido pra gente.

Não achei que Thaíssa fosse uma dessas pessoas que rompiam promessas a torto e a direito igual um monte de gente que eu conhecia.

Mas ela disse que ia pegar o carro do pai emprestado para nos dar uma carona até a casa de Jonas e agora não tinha vindo para a aula.

Era aniversário dele, poxa.

E eu ainda não tinha dado meus parabéns.

Cheguei atrasada na aula porque rodei a internet toda atrás de um tutorial de como se vestir para um *bolinho*.

Tudo bem, eu tinha noção que, predominantemente, um bolinho não era um lugar para ir e sim algo para comer. Ainda assim, isso não me impediu de ficar decepcionada quando descobri que não existia nenhum *post* na internet sobre o assunto.

Pensei que na internet existisse tudo. Doce ilusão.

Senti que mais uma vez fui traída de forma vil pela minha melhor amiga. Fechei a tampa do meu laptop e coloquei meu armário abaixo. Django ficou em estado de alerta.

Demorei horrores para elaborar o *look* de short rasgado, blusinha gótica e

coque frouxo que vestia, cheguei quinze minutos atrasada na aula por conta disso.

Por mais que eu quisesse parabenizar Jonas pelo dia dele, nem eu era tão sem-noção a ponto de interromper a aula de português na metade para fazer isso.

Até porque, não queria que a turma inteira, incluindo o professor, presenciasse meu discurso de felicitação a Jonas. Não que de fato *existisse* um discurso pré-preparado. Aliás, muito pelo contrário, não tinha ideia do que diria.

Só sabia que queria dizer algo.

Contudo, nada de relevante vinha à minha cabeça.

O intervalo passou comigo dentro do banheiro tentando elaborar algo legal para dizer.

Contudo, apenas frases pré-fabricadas de felicitações via-internet pipocavam na minha cabeça.

Eu as descartava na mesma hora, até que a aula de biologia terminou.

Com ela veio uma nova onda de felicitações batidas:

“*Tudo de bom*” era muito vago. “*Parabéns*” era muito óbvio. “*Que todos os seus sonhos se realizem*” também, além de ser impossível.

Porque todo mundo sonhava com coisas impossíveis de vez em quando, né?

Vira e mexe eu me imaginava como uma empresária bem-sucedida que vestia um terninho cinza pálido.

Mas não era o momento de concentrar-me nos meus sonhos.

O momento era de levantar, caminhar até Jonas e parabenizá-lo com algo que não fosse tão ridículo quanto “*Juízo*”.

Cheguei a firmar meus pés no chão para sair da cadeira.

Pena que o professor da próxima aula entrou em sala na mesma hora.

Jonas e eu trocamos mais um olhar. Ele tornou a dar de ombros. Logo em seguida o professor bateu com os livros na mesa de forma nada delicada, coisa que funcionava que era uma beleza para mostrar que a aula ia começar.

Nós dois olhamos para frente para prestar atenção na aula.

E nada de Thaíssa.

Fui a primeira a sair da sala quando acabou a aula. Meus pertences estavam todos guardados na bolsa antes mesmo do sinal bater. Olhei para os dois lados do corredor na última esperança de encontrar Thaíssa por lá.

A esperança foi por água abaixo em milésimos de segundo, o corredor estava todo deserto. Só faltavam bolas de feno rolando.

— Ela falou alguma coisa com você? — Jonas perguntou ao parar do meu lado, ajeitando a mochila nos ombros.

— Como falaria? — quis saber.

Será que ele não percebia que estávamos no mesmo barco. Um barco, que, diga-se de passagem, estava totalmente à deriva.

— Uhn, pelo celular? — Jonas arriscou. — Seu fiel companheiro?

— Ah! — Mal acreditei que tinha me esquecido daquela opção, costumava a ser a primeira coisa que aparecia na minha mente. — Verdade, deixa eu ver — disse ao começar a revirar a bolsa. — Tenho tentado deixar o celular na bolsa durante as aulas — senti a necessidade de explicar.

Afinal, essa onda de me separar do celular para estudar tinha começado com ele, achei que ele deveria saber.

— Sábia decisão — Jonas respondeu. — Faço isso também, notificações

não são exatamente amigas da concentração.

Intensifiquei minha busca pelo celular na bolsa enquanto resistia ao impulso de perguntar qual era a arroba dele no Instagram.

O celular brilhou dentro da bolsa acusando uma nova mensagem que vinha da própria Thaíssa.

“*Você ficou chateada?*” era a pergunta dela.

Sim, era claro que eu estava chateada. Mais por Jonas do que por mim, ele não merecia um desprestígio desses num dia tão especial.

Porém, antes de dar uma resposta malcriada, respirei fundo e li as duas mensagens que ela mandou enquanto eu estava na aula.

A primeira dizia: “*Maldito mosquito*”, que, francamente, não me dizia nada.

Quando muito, servia pra confundir ainda mais o que já estava confuso.

A segunda mensagem, entretanto, foi mais esclarecedora: “*Lembra que ontem eu tava meio enjoada? Que você inclusive me perguntou se eu estava de ressaca? Pois é, não tinha nada a ver com a caipirinha que bebi com o menino interessante na quinta. Era dengue! Quer dizer, é dengue. Está sendo. Mal pude acreditar quando o médico veio com o resultado. Essa doença tá tão fora de moda! Mas é tão real quanto as dores de cabeça que estou tendo. Não vai rolar de ir hoje. Desculpa, tá?*”

Devo ter deixado meu pavor transparecer na minha expressão, porque Jonas perguntou:

— Algo sério?

— Dengue.

— Putz — ele disse, deixando a cabeça pender para baixo, seus cabelos escorregando testa abaixo, eu mais uma vez tendo que resistir ao impulso de

consertar. — Eu já tive. É horrível.

— Deve ser... — comentei, só para preencher um silêncio que talvez ficasse desconfortável.

— Por um acaso na sua casa não...

O passo que eu dei pra trás o interrompeu de continuar a frase.

— O que você está insinuando? Que *eu* sou a culpada por Thaíssa estar doente? — perguntei, perplexa.

Achei que Jonas e eu tínhamos atingindo um patamar de paz na nossa amizade. Mas pelo visto eu estava redondamente enganada.

Ele também deu um passo para trás, na direção oposta a minha, seu rosto voltou a se franzir como costumava fazer quando eu falava umas verdades na calçada da Kinki. Ele abriu e fechou a boca duas vezes antes de voltar a falar:

— Não, calma. Só perguntei. Morando sozinha deve ser difícil dar conta de tudo.

— Nem tanto... — falei, como se lavar o banheiro e tirar o restinho de comida que ficava no ralo da pia não me causassem tremeliques de repulsa. — Ser independente é crucial pra mim.

— Deve ser legal — ele comentou com um ligeiro encolher de ombros.

— É, sim — concordei. — É ótimo — reafirmei.

Tirando a parte de só comer comida congelada. Mas ninguém precisava saber dos pequenos percalços da minha vida solitária.

Em especial quando existiam assuntos mais urgentes no horizonte, por exemplo: o que faríamos agora que não tínhamos mais a carona de Thaíssa? Ou: como parabenizá-lo pelo dia dele sem parecer uma completa idiota?

— Feliz aniversário, Jonas — eu disse completamente do nada.

Surpreendendo até a mim mesma. Sequer dei uma chance para ele tecer algum comentário em resposta ao papo de morar sozinha.

Interrompi totalmente meu próprio assunto.

E, como se isso não fosse esquisito o suficiente, me inclinei na direção dele passei os braços em volta do seu corpo meio de lado, formando o abraço mais desajeitado da história da humanidade.

No momento seguinte em que fiz essa besteira, caí em mim num susto.

Eu estava abraçando o garoto de um jeito patético no meio do corredor durante a saída da aula.

Que horror.

O coitado não merecia isso, muito menos no dia do aniversário dele. Podia prejudicar a imagem dele diante dos nossos colegas de classe.

Se é que ele se preocupava com essas coisas de imagem.

Porém, pelo sim ou pelo não, era melhor eu me afastar.

Pouco importava como era agradável o calor e a rigidez do corpo dele perto do meu. Olhando assim mais de perto, dava pra perceber uma pintinha bem discreta perto do lábio inferior dele. Como se fosse necessário algum outro artifício para chamar atenção para aquele ponto do rosto dele.

Não era.

Eu estava de prova. Fiquei ali, parada, admirada com o quanto aqueles lábios eram cheios e convidativos.

Tive minhas desconfianças de que ele tinha percebido a minha distração, mas não ousei desviar o olhar para checar.

Em minha defesa, ele não fez nada para impedir.

Na verdade, o que ele fez foi umedecer os lábios com a ponta da língua. Se eu não o estivesse abraçando, talvez caísse para trás. E me bateu uma vontade imensa de fazer o mesmo.

Isto é, umedecer os lábios dele com a minha língua.

Claramente tinha passado da hora de desfazer aquele abraço.

Era a coisa certa a se fazer, afinal, o corredor estreito em que estávamos também era o corredor que dava acesso à saída. As pessoas tinham sido obrigadas a se espremerem contra a parede para conseguirem alcançar a tão sonhada liberdade do final de semana.

Porém, quando eu estava prestes a me afastar, Jonas falou:

— Valeu, Liv! — E um dos seus braços passou pelo meu ombro, me trazendo para mais perto ainda do calorzinho dele, pude sentir o hálito dele no meu rosto, tinha cheiro de Halls de morango.

Minha vontade, que há poucos segundos já era imensa, só fez aumentar. Nem sabia que isso era possível. Parecia que era um negócio feito de elástico.

Que estava prestes a arrebentar.

— Mas é só um dia como outro qualquer — ele disse olhando fixamente para mim.

Tive que respirar fundo antes de desprender meus olhos dos dele.

Não conseguiria sustentar o quer que estivesse acontecendo ali por muito mais tempo.

Calculei que a esquisitice daquele abraço deveria ter aumentado em muitos níveis agora que o braço dele também participava da dinâmica, no entanto, essa percepção não foi o suficiente para me fazer querer sair dele.

O que eu fiz foi perguntar como faríamos para ir para a casa dele agora que não tínhamos a carona de Thaíssa. Fiz isso do jeito mais tranquilo possível,

como se não tivesse uma bateria escola de samba tocando dentro do meu peito enquanto o peso do braço dele fazia uma pressão gostosinha nos meus ombros.

— A gente pode ir do modo convencional — ele sugeriu, dando um passo para trás. — Do mesmo jeito que eu vou pra casa todos os dias — acrescentou. — De trem. Isto é, se estiver tudo bem por você.

— Por mim tá tudo ótimo — confirmei, muito embora o fim do abraço mais desajeitado do mundo acabou deixando um vazio ainda mais esquisito dentro de mim.

Capítulo 19 — Vai ter bolo

(8 estações de trem desbravadas)

— Livs, é pra cá, nosso trem é o laranja.

Olhei em volta da estação e, juro, não vi nenhum trem dessa cor.

O que vi foi gente pra todo lado, o alto-falante que não parava de berrar coisas, uma confusão danada. Mas os trens em si eram todos de cores neutras.

— Olivia, foco — Jonas falou ao segurar minha mão. — Nosso trem sai em dois minutos.

Ele foi me puxando entre as pessoas e tivemos que dar uma corridinha para conseguirmos pular para dentro de um vagão.

Eu nunca tinha andado de trem na minha vida, mas o interior do vagão parecia muito com o metrô.

Também nunca tinha andado de mãos dadas com Jonas, mas isso não parecia com nada que eu já tivesse feito antes.

Apesar da desproporção do tamanho das mãos, minha mão ficava bem tranquila envolvida pela dele.

Andamos entre um vagão e outro até conseguirmos achar um lugar que coubesse a gente.

Ou, talvez, *caber* não fosse a melhor palavra.

O trem já tinha começado seu movimento quando escorregamos para uma

dupla de banco que casualmente aguardava por nós.

Sentei na poltrona da janela, Jonas na do corredor. Fiquei olhando a Central do Brasil sendo deixada pra trás pouco a pouco enquanto uma balbúrdia se formava. Incluindo murmúrios ocasionais de Jonas falando “Desculpa” ou “Foi mal”.

Eu queria me virar e ver o que estava acontecendo, mas, ao mesmo tempo, meus olhos não conseguiam se desgrudar da paisagem.

Morei minha vida inteira nessa cidade, mas nunca a tinha visto por esse ângulo.

De uma hora para a outra tudo tinha se tornado novo para mim. Isso era curioso, porque não existia nada de novo no Centro da cidade. Aliás, muito pelo contrário, a maioria das construções eram bem antigas.

Era algo dentro de mim que fazia tudo ficar com esse aspecto.

Algo relacionado ao frio na barriga que eu sentia cada vez o trem se afastava mais dos lugares que eu conhecia. Não dava para dizer que era uma paisagem bonita, mas eu estava completamente arrebatada por ela.

Não era sempre que uma coisa que não envolvesse notificações captava minha atenção por completo.

A paisagem da estação do Maracanã foi uma delas.

O quarto “foi mal” de Jonas foi outra.

Virei-me de costas para a janela para ver o que tinha acontecido. Um moço carregando um monte de bala tinha esbarrado no ombro dele, foi por isso que ele pediu desculpa.

Jonas, não o moço.

O moço continuou seu caminho anunciando balas a um real sem nem se dignar a olhar para trás e confirmar que estava tudo bem. Mas, pensando por

outra vertente, talvez não estivesse tudo bem.

Nem para o moço que tinha que vender balas a um real, nem para Jonas.

Pois se estivesse tudo bem, ele não precisaria ficar se desculpando de minuto a minuto com as pessoas que esbarravam nele ao longo do corredor e nem olhavam para trás.

— Jonas, por que você não chega pro lado? — perguntei, indicando o espaço entre mim e ele no banco.

— Existe uma linha — ele disse ao apontar para a pequena indicação que dividia, em teoria, o meu banco e o dele. — Estou respeitando seu espaço.

— Bacana — comentei ainda de olho no espaço entre nós. — Se eu fosse uma pessoa que você nunca tivesse visto na vida antes ou, sei lá, se hoje não fosse o seu dia e tudo o mais, até que faria sentido.

— O dia é tão meu quanto seu — ele disse com um encolher de ombros bastante oportuno para evitar a colisão com o vendedor de CDs gospel que passava pelo corredor. — Aniversários não costumam ser isso tudo que as pessoas esperam.

— Às vezes são, sim — rebati, imediatamente.

Acho que eu nunca tinha ouvido Jonas soar tão resignado. Isso foi um choque. E saber que sua resignação era dirigida a algo que deveria ser uma ocasião tão feliz só serviu para me deixar mais desconfortável.

E com mais vontade de mudar a situação.

Foi por isso que eu disse:

— Esse tem grandes chances de ser — e escorreguei um pouquinho mais pra perto dele no banco.

— Tem? — Jonas perguntou, desconfiado, inclinando-se sutilmente na minha direção.

Com certeza sabia tão bem quanto eu que eu não tinha o menor embasamento para fazer aquela afirmação. Mas sua ligeira proximidade ajudou a me sentir mais confiante.

Como se eu *realmente* fosse capaz de fazer algo a respeito.

Mesmo que ainda não tivesse ideia do que poderia fazer para tornar aquele dia especial, não estava pronta para admitir minha derrota.

Afinal, as comemorações nem tinham começado, ainda tinha tempo para dar a volta por cima.

Eu não jogaria a toalha tão facilmente.

— Vai ter bolo, não vai? — falei enquanto apoiava casualmente uma das minhas mãos no seu braço. — Já é um bom começo.

— E não é por nada não, mas o bolo da minha mãe é ótimo — Jonas falou deixando um sorriso bem pequenininho tomar conta dos seus lábios enquanto seu olhar descia para minha mão. — Ela é boleira, sabia?

— Mentira! Sério?! — Minha empolgação era tanta que corria o risco de eu pular do banco, ou jogar os braços em volta do pescoço dele. — Nunca conheci uma de verdade! Só na televisão. Tem algum sabor que ela é especialista? Alguma chance de ser chocolate?

Jonas sorriu por inteiro antes de responder. Podia ser que ele estivesse rindo de mim, da minha empolgação desmedida por bolos de chocolate, mas eu não conseguia evitar.

Até porque, para que eu evitaria me sentir feliz?

Não era todo dia que eu tinha a oportunidade de comer bolos feitos por boleiras profissionais.

Se ele achava isso risível, não havia nada que eu pudesse fazer para impedir.

Mas não acho que era disso que ele estava rindo.

— Chocolate também é meu preferido — ele admitiu, escorregando o dedo indicador por toda a extensão do meu braço. — E minha mãe sabe disso.

— Ótimo — falei, observando o trajeto do dedo dele ao subir pelo meu braço, até que ele estacionou no meu ombro. — Então existem grandes chances de o bolo de hoje ser do nosso sabor favorito.

— Mas é melhor não criar expectativas — ele disse de uma hora para a outra, afastando sua mão de mim. — Minha mãe é uma pessoa totalmente imprevisível.

— O que você quer dizer com isso? — perguntei, um pouco em pânico, me dando conta, só naquele momento, de que eu não só comeria o bolo da mãe dele como também *conheceria* a mãe dele.

E se ela não gostasse de mim? O que eu iria fazer? Existia alguma coisa que pudesse ser feita?

De uma hora para a outra fiquei muito preocupada.

Parte de mim sabia que não existia motivo lógico para aquilo, afinal, eu não me preocupava nem com o que os meus próprios pais pensavam de mim.

Além disso, Jonas não era nada meu.

Isto é, nada além de um colega de classe pelo qual estou atravessando longas distâncias para ir ao seu aniversário.

Mas que minutos antes tinha verbalizado suas ressalvas em ultrapassar a linha sutil entre meu banco e o dele.

Como ele mesmo tinha dito, ele respeitava meu espaço.

Eu deveria fazer a mesma coisa, ficar bem quieta no meu canto de colega de classe que não precisa da aprovação de ninguém.

— Logo, logo você vai saber — ele disse, finalmente cruzando a linha entre o meu assento e o dele e colocando o braço em volta do meu ombro. — Mas não se preocupe antes da hora.

Pobre menino, mal sabia que eu já estava coberta por uma névoa de preocupação.

Capítulo 20 — Uma infinidade de impropérios

(1 fofoca descoberta)

— Cadê a outra? — foi a primeira coisa que a senhorinha que abriu a porta falou.

Não foi nem oi, nem feliz aniversário.

Imaginei que ela estivesse perguntando sobre Thaíssa, mas não tive coragem de arriscar nada. Ela conseguia ser ainda mais baixa do que eu, mas infinitamente mais intimidante com seu cabelinho Chanel vermelho acaju.

— Ela não pode vir, mãe — Jonas respondeu enquanto me guiava para dentro da casa.

A sala era de tamanho médio, conseguia dar duas da minha, mas não era nem a metade da sala dos meus pais.

Os móveis eram simples, ainda mais que os meus. Estavam todos encostados na parede para dar espaço para os convidados e tinham aparência de usados e robustos.

— Não pode ou não *quis*? — a mãe perguntou caminhando atrás de nós. — Por um acaso a outra princesinha de cristal ficou com medo de se aventurar no subúrbio?

— Ela tá com dengue — Jonas interrompeu sua caminhada para olhar para a mãe.

Minha sorte foi estar bem atenta aos movimentos dele, pois, caso contrário, teríamos trombado um no outro.

— Ah... — A mãe também parou de caminhar, ficando parada bem ao meu lado. — Esse mosquito é maldito.

— Foi a mesma coisa que Thaíssa disse, né? — Jonas comentou comigo.

Tudo que consegui fazer foi concordar com a cabeça, apavorada demais com o poder que aquela mulher emanava.

— Não sabia que lá por aqueles bairros chiques também existia água parada — a mãe dele disse enquanto eu tentava não entrar em pânico.

Coisa que era um desafio e tanto. Não consegui decidir se o que mais me intimidava era o seu jeito ou o fato de ser a mãe de Jonas. Na dúvida, fiquei encarando o chão de taco muito bem encerado enquanto Jonas reclamava:

— Mãe, menos...

— Não vou ficar me policiando na minha própria casa — a mulher falou, colocando as mãos na cintura e se virando completamente pra mim. — E você, quem é?

Aí sim eu trombei em Jonas. O passo que dei para trás para garantir o mínimo de segurança foi totalmente mal calculado. Acabei esbarrando as costas nas costelas dele e ainda de quebra pisando meio torto no pé dele.

Em vez de reclamar, me afastar para o lado ou algo do tipo, o que Jonas fez foi apertar de leve meu ombro. Os olhos da mãe dele pareciam dardos vendo a situação.

Tive que engolir em seco antes de falar:

— Meu nome é Olivia e o da senhora?

Ela entortou a cabeça para o lado e estreitou um pouco os olhos ao dizer:

— Você é aquela menina que não sabe cuidar do próprio cachorro, né?

— Sou? — perguntei para Jonas.

A mão dele escorregou rapidinho do meu ombro.

Nem senti falta, pois estava surpresa demais com as informações que a mãe do Jonas tinha a meu respeito para me importar com qualquer outra coisa.

— Mãe... — Jonas reclamou passando uma das mãos pelo cabelo. — Isso já faz tempo, ela já aprendeu a cuidar de Django.

— Aprendi? — perguntei, cada vez mais indignada.

— Menos mal, detesto maus tratos aos animais — a mãe de Jonas comentou. — Minha Sandy é muito bem-cuidada por aqui.

Troquei meu peso de uma perna pra outra enquanto aguardava uma explicação de quem diabos era Sandy, ou, no mínimo, do porquê de Jonas me caluniar assim tão gratuitamente.

Mas talvez fosse um pouco demais esperar algo vagamente coerente vindo daquela conversa, porque o que a mãe de Jonas fez foi indicar a sala com as mãos e falar:

— Bom, vou deixar vocês aproveitarem a comemoração em paz— Como se paz fosse algo *possível* depois de saber que Jonas falou mal de mim para a mãe dele. — Se precisarem de alguma coisa é só me chamar, tá bem? E a propósito meu nome é Marlene. E detesto que me chamem de tia.

Dito isso ela se afastou, parando no próximo grupinho de convidados falando:

— Quem é vivo sempre aparece, não é mesmo? Tava com medo de sair do conforto das linhas de metrô e se arriscar no trem? — ela perguntou para uma meia-dúzia de pessoas de meia idade que riram em resposta.

— Você é uma figura, Marlene! — um deles comentou, dando tapinhas no ombro dela.

A atmosfera no grupo ao lado estava claramente animada. O total contrário

do que acontecia na dupla que eu e Jonas formávamos.

A mãe dele tinha me odiado. E parte disso era culpa dele. Isso me chateava mais do que se a responsabilidade fosse totalmente minha.

Senti o olhar de Jonas em mim no instante em que a mãe dele se afastou.

Os segundos passaram sem que eu soubesse como encará-lo de volta, por isso decidi olhar o cômodo.

A casa inteira estava enfeitada com balões de todas as cores, numa das paredes tinha faixa que dizia “Feliz aniversário” pendurada e em cima da mesa, rodeado de brigadeiro, estava um bolo que *super* tinha aparência de ser de chocolate.

Quis ir até lá checar se era isso mesmo, de quebra escaparia do olhar insistente de Jonas.

Porém, tinha gente conversando em pequenos grupos por todo o cômodo, não queria atrapalhar, até porque não conhecia nenhuma daquelas pessoas.

Assim como não conhecia a razão pela qual Jonas tinha falado mal de mim para a mãe dele.

Comecei a me perguntar o que eu tinha ido fazer ali.

E maquinar maneiras de escapar.

— Olivia... — ele falou bem baixinho ao meu lado.

Tão baixo que dava pra fingir que não ouvi e continuar com minhas maquinações.

Não tinha condições de eu chamar um carro para vir me buscar, nem se fosse pelo aplicativo mais barato do mundo. De Olaria para Copacabana era muito chão. A única opção viável era o transporte público.

Mas como eu vim tão distraída conversando com Jonas o tempo inteiro, mal

parando pra respirar, não prestei atenção em nada do caminho.

Minha sorte era que o Google Maps foi inventado justamente para ajudar pessoas nesse tipo de situação.

Às vezes eu sou muito mais grata à internet que às pessoas.

— Olivia — Jonas repetiu, dessa vez dando uma leve segurada no meu braço. — Você quer ir lá no quintal ver a Sandy?

Eu me virei para olhá-lo sem acreditar que ele tinha proposto aquilo. Ele não pretendia me pedir desculpas?

Eu estava furiosa.

Mas também muito curiosa para saber quem diabos era Sandy.

— Tá — respondi de má vontade ao me deixar ser levada por ele.

Atravessamos a sala em direção a parte de trás da casa, onde tinha uma área externa que tinha um balanço meio enferrujado, uma árvore com frutinhas não identificadas e um cachorro deitado à sombra da árvore. Deveria ser a tal Sandy.

Como já era de se esperar, o animal se levantou num pulo e fez a maior festa ao ver Jonas se aproximando. Balançava o rabinho com tanto entusiasmo que parecia que estava rebolando.

Não tinha como negar, era uma gracinha.

Não havia como culpar Jonas por se adiantar e me deixar para trás para fazer carinho nela.

— Sentiu saudades, né, garota? — ele perguntou enquanto a cadelinha apoiava as patas dianteiras no seu joelho. — Eu também senti, sempre sinto, você sabe... Mas escuta — ele disse enquanto coçava atrás das orelhas dela. — Vim aqui te apresentar alguém muito bacana, alguém que você precisa conhecer. Tá pronta? — Ele se virou para mim, trazendo Sandy junto. —

Essa é a Livs, a dona do Django, aquele cachorrinho que você nem conhece, mas de quem, só pelo cheiro, já morre de ciúmes.

Sandy latiu, parecendo entender perfeitamente do que Jonas estava falando.

E não gostando nem um pouco do assunto.

Eu, que não sou boba nem nada, dei um passinho discreto para trás.

Sandy era três vezes maior que Django e, de acordo com as últimas informações, era uma cadela ciumenta.

Eu que não invadiria o espaço dela.

Não mesmo. Nem louca.

Entendia como podia ser chato quando alguém, vindo absolutamente do nada, tentava ocupar seu espaço.

Eu me sentia um pouco assim em relação à Melanina, apesar de não fazer muito sentido.

Tampouco fazia muito sentido Sandy achar que eu roubaria Jonas para mim. Eu jamais faria isso.

A menos que Jonas quisesse ser roubado.

— Que foi, Liv? Tá com medo?

— Eu...

Tinha muito mais a ver com respeito do que medo, mas me faltavam as palavras certas para explicar a linha tênue que dividia uma coisa da outra.

— Não precisa — ele disse se afastando da cadelinha para dar a volta e se colocar atrás de mim. — Ela é mansinha...

— Ela não vai gostar de mim — alertei ao fingir que não me importava com

a proximidade entre nós dois e que não estava nem aí com poder sentir o calor do seu peito em minhas costas.

Mas não sei se me saí muito bem bancando a blasé quando o calor do hálito dele esquentou de leve meu couro cabeludo.

E me esforcei ao máximo para reprimir o tremelique decorrente daquilo, mas não posso afirmar que me mantive firme.

Só sei dizer que dei uma ligeira tombada para trás para recostar minhas costas no corpo dele.

— Como assim não gostar de você? Não existe uma coisa dessas — ele falou bem pertinho do meu ouvido.

Dessa vez o tremelique foi inevitável.

Tive que lembrar a mim mesma que estava brava por ele ter falado mal de mim para não tombar a cabeça de lado e deixar que ele continuasse falando coisas bonitas.

— Claro que existe — retruquei, sem conseguir arranjar forças para desencostar minhas costas do peitoral dele. — Como você mesmo disse, eu não sou boa com animais, seria totalmente normal se Sandy não fosse com a minha cara.

— Desculpa — ele disse, deitando devagarzinho a cabeça no meu ombro, mesmo que tivesse que se curvar um pouco, e, por consequência, se descolar das minhas costas para fazer isso. — Sei que você já pegou o jeito da coisa com Django, só esqueci de fazer essa atualização pra minha mãe.

— Por quê? — perguntei, perdendo as estribeiras tanto no discurso quanto nas ações, afundando a mão no cabelo dele, e me deliciando com a sensação. — Agora ela tem uma má impressão de mim. Não que isso influencie em muita coisa, quero dizer, não tem porque me chatear com o que sua mãe pensa, mas...

— Sei lá — Jonas me interrompeu, mexendo a cabeça de um lado para o outro enquanto ela continuava apoiada no meu ombro.

Isso me deixava bastante aliviada, não só pela sensação maravilhosa do movimento da cabeça dele em meu ombro, mas também porque eu precisava de um freio em meu discurso, não fazia *ideia* de para onde meu falatório estava indo.

Não fazia ideia de muitas coisas, para falar a verdade.

Se o vento soprava fazendo as folhas da árvore farfalharem e o balanço rangia à nossa volta, eu mal conseguia registrar.

Eu me encontrava inebriada demais pelo cheiro de xampu. Meus dedos se enroscaram nos fios longos do cabelo dele sem nem me pedir permissão.

Não consegui reparar em nada além da maciez do cabelo dele entre meus dedos.

Sandy entortava a cabeça de um lado para o outro sem entender absolutamente nada.

— Foi muito esquisito aquele dia em que a gente se conheceu, não foi? — ele perguntou, aproximando sua cabeça para um pouco mais perto do meu pescoço. — Não consegui ficar em paz comigo mesmo depois daquilo. Reconheço que extravasar com a minha mãe não foi a coisa mais sábia do mundo, principalmente levando em consideração que ela tem uma memória de elefante. Mas o que eu podia fazer? Era ela que estava sentada no sofá me esperando chegar em casa naquele dia. Foi inevitável falar de você. Foi mal.

Minha sorte foi que enquanto Jonas ia falando, seus braços iam se enrolando devagarzinho em volta de mim, isso que me impediu de cair diretamente no chão de terra batida quando meus joelhos ficaram bambos.

Eu deveria agradecê-lo pelo apoio concedido. Porém, só o que eu fiz foi me aconchegar um pouquinho mais, voltando a encostar minhas costas no seu peitoral, e enrolar meus próprios braços nos dele.

— Tudo bem — falei.

E até minha voz estava meio mole. O efeito que ele tinha sob mim era assustador. Tinha horas que parecia até com sintomas de uma doença.

— Todo mundo diz coisas que não deveria de vez em quando — continuei.
— Pelo menos você não falou nada na internet.

— Você falou, né? — Ele roçou sua barba por fazer no meu pescoço. — Eu li.

Congelei na mesma hora.

Era muito difícil ficar congelada enquanto se está queimando por dentro, mas foi o que aconteceu comigo.

Fiz o que pude para me manobrar meio de lado, de um jeito que fosse possível de ver seu rosto.

Sua voz não soava brava, mas eu precisava *ver* se ele estava.

Seus olhos estavam tão escuros como sempre. Talvez um pouquinho mais brilhantes que o normal.

Que olhavam diretamente para mim.

Super de perto.

Mas, como se não estivéssemos perto o bastante, sem falar nada, continuamos a nos aproximar.

Se Sandy latia enlouquecidamente atrás de nós, nenhum dos dois percebeu.

O que percebemos foi nossa respiração se misturando e nossos lábios a milímetros um do outro.

E, posteriormente, a mãe de Jonas gritando em algum lugar:

— Jonas Caruso, cadê você, seu filho desnaturado?

E nos afastamos na mesma hora, cada um dando um pulo para um lado.

Mal consegui sentir os efeitos colaterais do afastamento de Jonas, porque, para o meu terror, no segundo seguinte a mãe dele entrou no quintal esbravejando uma infinidade de impropérios.

Capítulo 21 — Casos de família

(2 fotos tiradas)

A questão era a seguinte: Jonas tinha chegado atrasado à sua própria festa e não tinha cumprimentado nem um dos convidados.

Quer dizer, exceto eu.

Dona Marlene insistiu que não foi essa a educação que ela deu a ele. Era muito errado ele priorizar um convidado e negligenciar os outros.

E deveria corrigir seu erro imediatamente.

— Você não vem, Livs? — ele perguntou no meio do caminho entre o quintal e a porta que dava acesso à casa.

— Depois — falei, fazendo um gesto de pouco caso com a mão.

Na verdade, estava pregada no chão desde que a mãe dele entrou no quintal. Encontrar o filho deixando os convidados de lado para me apresentar ao cachorro não deve ter ajudado em nada na contagem de pontos a meu favor.

Aliás, muito pelo contrário.

Deve ter atrapalhado mais ainda.

Para meu completo desespero.

— Vou ficar fazendo amizade com Sandy — expliquei quando Jonas me lançou um olhar de quem não estava entendendo nada.

Ele deu uma estacionada. Quase achei que ele fosse ficar ali comigo. Talvez ficasse, se não fosse pela mãe dele.

E levaria adiante o que a gente quase tinha começado.

Mas o que ele realmente fez foi seguir em frente.

Até porque, não era como se ele tivesse outra opção.

Sua mãe marchava logo atrás dele, reclamando:

— Dezenove anos na cara e ainda dando uma bola fora dessas. Francamente, só tem tamanho...

Olhei para Sandy completamente chocada com a informação de que Jonas estava fazendo dezenove anos. Isso significava que ele era *mais novo* que eu. A mãe dele estava certa, ele só tinha tamanho.

E quanto tamanho.

Era difícil acreditar que eu era a mais madura da relação.

Não que *de fato* existisse uma relação.

Isto é, nada além de amizade.

E abraços esquisitos, regados a borboletas no estômago.

Mas nada concreto.

Sandy lambeu minha mão, transportando-me para fora do rodamoinho de pensamentos.

Foi uma lambida muito bem-vinda. Eu estava necessitada de algo para me catapultar para fora daquele estado contemplativo.

Sandy foi a solução perfeita.

Jonas tinha razão, ela era mansinha mesmo. Um amorzinho de cadela. Ficamos brincando de correr em volta do quintal por sei lá quanto tempo.

Ficou bem claro pra mim que animais tinham uma sensibilidade muito superior à dos humanos.

Ainda mais quando um novo humano entrou em cena.

— Fala aí, novinha! — Um menino apareceu no quintal com roupas largas e um boné virado pra trás. — Como é que tá?

— Quem, eu? — perguntei, incerta. — Bem. Acho.

— Claro que é você — o menino falou se aproximando. — Tá vendo alguma outra novinha por aqui? A cadela é que não ia ser.

Continuei minha brincadeira com Sandy como se nada de estranho estivesse acontecendo, não me lembrava de ter visto esse menino entre os convidados quando cheguei.

De onde ele tinha surgido?

— Não sei... — respondi, segurando as patinhas dianteiras de Sandy entre as minhas mãos. — Não perguntei a idade dela, vai ver está na flor da idade.

O menino deu uma risada que parecia muito de desdém. Mas não me arrisquei a olhar pra ele pra conferir sua expressão.

— Que nada, essa danada é velha pra diabo. Tá quase batendo as botas.

— Meu Deus, não fala assim! — eu disse, ajoelhando-me no chão para abraçá-la. — Jonas ficaria arrasado.

— Claro que ficaria — o menino concordou comigo na hora. — Ele fica arrasado com qualquer coisa, principalmente se for relacionado com animais, nunca vi bebê chorão maior que ele.

Essa afirmação me fez olhar para o garoto novamente. Incrédula dessa vez.

— Desculpa, mas eu não sei quem é você — falei do jeito mais educado que consegui.

Não queria ofendê-lo, mas, de certa forma, a presença dele me ofendia um pouco.

E não só a mim, a Sandy também.

Sem falar de Jonas.

Quem teria a ousadia de ofender o aniversariante durante seu próprio bolinho de aniversário?

Cruzei os braços enquanto aguardava a resposta.

— Eu que te pergunto, novinha, afinal de contas, é você que tá na minha casa.

Cheguei a dar um passo pra trás, levando Sandy junto comigo. Se eu estava na casa dele, o que ele era? Irmão de Jonas?

Um não tinha nada a ver com o outro.

A diferença ficou ainda mais gritante quando, segundos depois, Jonas voltou ao quintal dizendo:

— Cai fora, Henrique. Ela é mais velha que você.

— Grande coisa — o menino comentou com desdém. — Você também é. E nem por isso é melhor que eu.

— Depende do aspecto — Jonas argumentou. — Em questão de notas na escola e formas de tratar bem as visitas eu sou, sim.

— Você só está tratando bem porque ela é a maior gata e tem cara de famosa — o menino, que pelo visto se chamava Henrique, contra-argumentou, indignado.

Superparecido com o bebê chorão que há poucos minutos tinha acusado o irmão de ser.

— Não vou ficar aqui batendo boca com você — Jonas anunciou e se virando para mim, avisou: — Tá na hora do parabéns.

— Melhor a gente ir logo — eu disse mais do que depressa. — Sua mãe vai achar ruim se demorarmos.

Fiz o meu melhor para arrebanhar os dois para fora do quintal. Apavorada com a perspectiva de Dona Marlene brotar ali de novo, irritada por eu reter *dois* dos seus filhos longe das festividades.

Fui puxando os dois pelo braço antes que algo assim pudesse acontecer.

Cheguei a acreditar que estávamos a salvo quando faltavam poucos passos para alcançar a porta que dava acesso à casa.

Ledo engano.

Henrique se virou pra mim e falou:

— Já sei de onde você é famosa! Você é a menina surtada no vídeo!

— Vídeo? Que vídeo? — perguntei.

Muito embora soubesse perfeitamente qual era o vídeo de que ele estava falando.

— O surto na porta da exposição. O ataque de estrelismo, coisa e tal. Não preciso ficar te explicando, né? Era você que tava lá, deve se lembrar dos acontecimentos, bem melhor do que eu.

Pro meu próprio desgosto, eu me lembrava, sim.

Lembrava mais ainda das consequências que a repercussão daquele vídeo acarretou na minha vida.

Se ele não existisse, talvez eu ainda tivesse minha fama de blogueira.

Possivelmente não teria saído da casa dos meus pais.

E com certeza continuaria levando minha vida do jeito que levava nos últimos anos. Com muitas fotos, glamour e likes.

Nunca sentiria a necessidade de pegar Django pra criar.

Muito menos de voltar a estudar.

Mas se fosse assim, eu nunca teria conhecido Jonas. E não sei, aquele não parecia um bom momento para pensar naquela possibilidade.

Foi para Jonas que eu olhei em pânico quando não soube o que responder para o irmão dele.

Sem precisar que eu dissesse nada, ele deu um jeito na situação.

— Henrique, vai lá pegar o isqueiro que eu sei que você esconde na sua gaveta de cuecas. Mamãe esqueceu onde colocou os fósforos para acender as velas.

O menino bufou de um jeito que mais pareceu um relincho e virou na segunda porta do corredor, antes de chegar na sala.

Dei um sorrisinho pra Jonas em agradecimento à boa ação dele. Ele, por sua vez, se inclinou pra perto de mim e falou:

— Não liga pro Henrique, ele é um desocupado que passa o dia inteiro vendo besteira na internet, não sei nem como ele conseguiu lembrar do seu vídeo. Eu, por exemplo, já tinha esquecido. Ele deve ser a única pessoa do mundo que se importa, que menino besta.

Antes que eu tivesse a chance de falar alguma coisa, como por exemplo, que também meio que me importava com o vídeo ou salientar que eu não estava muito longe de ser uma desocupada que passava o dia todo na internet, ele se afastou e foi em direção ao bolo.

A mãe dele berrava seu nome para começar os parabéns.

Fazia muito tempo que eu não ouvia uma cantoria dessas tão animada. Pensei que as pessoas só cantavam é-big-é-big com tanto entusiasmo em aniversário de crianças e de velhos, pois essas são as ocasiões em que trocar de idade realmente faz a diferença.

Porém, ver o pessoal reunido em volta do bolo de Jonas me fez perceber que eu estava redondamente enganada.

E Jonas também.

Porque com a casa rodeada de balões, a vela igual um foguete brilhando na frente dele enquanto a mãe e o irmão batiam palmas um de cada lado, aquele estava longe de ser um dia qualquer.

Nem todo mundo tinha a sorte de ser tão querido quanto ele.

E com isso não estava querendo dizer que ele não fazia por onde. Nada disso. Muito pelo contrário. Eu achava que ele merecia isso e muito mais.

Coisa que me fazia lembrar que eu tinha me esquecido de dar o presente dele.

Era só uma coisinha boba. Uma besteirinha de nada, como dizem os adultos quando vão de viagem e trazem um souvenir pra você.

Eu estava até com vergonha de entregar na frente de todo mundo.

A melhor opção seria guardar para quando estivéssemos a sós, se é que isso era possível numa festa com tanta gente.

Principalmente porque logo após os parabéns e a distribuição do bolo, a mãe de Jonas anunciou que era hora das fotos, antes que as crianças ficassem ouriçadas e estourassem todos os balões.

Ela ignorou solenemente os protestos de Jonas sobre o tema e não perdeu

tempo em formar uma fila com as pessoas que queriam registrar o momento com ele na mesa do bolo que, diga-se de passagem, já tinha sido cortado e comido, só restava um pedacinho decorativo para ser fotografado.

Fiquei pelos cantos da sala, checando as notificações no meu celular, coisa que eu não fazia há muito tempo. Mas, pra falar a verdade, eu não estava prestando atenção direito ao que estava vendo. Meu principal objetivo era evitar uma nova interação com o irmão de Jonas.

Longe de mim querer debater meus fiascos na internet durante um dia tão especial.

Contudo, acho que meu disfarce não funcionou tão bem quanto eu esperava, pois eu estava muito bem fingindo que digitava uma mensagem de texto no aplicativo de notas quando alguém me gritou:

— Olivia, sua vez! — Não precisei olhar pra cima para saber que era a mãe de Jonas me chamando.

Mesmo assim olhei, curiosa para saber o que ela queria dizer com aquilo.

— Todo mundo tem que tirar foto com o aniversariante, até as meninas que eu não sei de onde ele tirou — ela berrou alto o suficiente para vários convidados desviarem o olhar de seus respectivos pedaços de bolo e darem uma espiada em mim.

Mesmo do cantinho da sala consegui perceber a postura encabulada de Jonas.

Coitado, que constrangimento.

Tanto pra mim, quanto pra ele.

Mas os ombros um tanto quanto encolhidos e olhos ligeiramente arregalados de Jonas fizeram com que eu me sentisse mais sem-graça por ele do que por mim.

Afinal, não era minha mãe que estava me forçando a tirar foto com todos os convidados perto da mesa do bolo.

Até porque, minha mãe jamais faria isso.

Ela sabia que se fizesse algo minimamente parecido com aquilo, eu sairia de casa na mesma hora.

Aliás, acabei saindo por muito menos.

Logo, por admiração à resiliência de Jonas, eu me aproximei da mesa do bolo para tirar a tal foto.

— Tira com o meu celular também? — pedi para mãe dele já com o aparelho estendido e programado na função da câmera.

Só o que ela tinha que fazer era apertar o botão.

Mas pelo visto nada era tão simples assim na casa de Jonas.

— De novo! — ela exclamou mudando o ângulo da câmera. — Jonas saiu com cara de paspalho na primeira.

Não pude evitar dar uma gargalhada, aposto que quem saiu com cara de paspalha na segunda fui eu.

Capítulo 22 — Um trem inesperado

(3 tropeços em calçadas irregulares)

Assim que as fotos ficaram decentes na opinião de Dona Marlene, o que só aconteceu lá pela quinta ou sexta tentativa, Jonas pegou o celular da mão dela sem dar brecha para a menor interrupção.

Em seguida devolveu para mim e anunciou:

— Já tá ficando tarde, melhor eu levar Olivia na estação.

— Você não terminou de tirar foto com todo mundo — a mãe argumentou, toda severa, com cara de quem não deixaria Jonas sair de casa até ele terminar sua tarefa.

— Tiro na volta — ele disse, resolutivo, enquanto saía do cenário das fotos. — É a primeira vez que ela vem aqui, ainda não sabe o caminho até lá. *Eu já volto*, será que a senhora pode esperar uns minutos? Tenho certeza de que os convidados não vão sair correndo, não enquanto ainda tiver docinho.

Ele falou de um jeito tão sério, que a mãe nem ousou retrucar.

O que ela fez foi me lançar um olhar de espanto.

E o que eu fiz foi retribuí-lo.

Não imaginei que Jonas fosse capaz de se impor assim.

Pelo menos, não diante dela.

Mas era isso que ele tinha feito.

Despedi-me dela do jeito mais sucinto que consegui e fui acompanhando Jonas até a saída. Caminhamos para fora da casa num relativo silêncio, se fosse ignorado o falatório à nossa volta e a música de fundo.

Não sei se ele estava tenso, mas eu certamente estava.

Acho que ele não tinha razão para estar, afinal era aniversário dele, qualquer grosseria de sua parte deveria ser relevada pela mãe em prol da data especial.

Além do mais, não era ele que estava com um presente bobo para dar e que não fazia ideia de como seria recebido.

Essa era uma angústia só minha.

Que eu não via a hora de solucionar.

— Então... — arrisquei enquanto avançávamos pelas calçadas desniveladas da rua dele e eu dava uma leve tropeçada. — Trouxe um negócio pra você.

— Mentira — ele falou com aquele sorrisinho de canto de boca que eu não sabia se era por causa do meu tropeção ou pelo meu anúncio.

Mas, se fosse a última opção, meio que já fazia valer a pena a possível situação embaraçosa em que eu iria me colocar.

— Liv, você sabe que não precisava — ele disse.

E com isso eu inferi que se tratava mesmo da última opção.

Por isso dei um sorrisinho também.

Fiquei tão concentrada em sorrir que quase tropecei de novo.

Mais do que depressa a mão de Jonas me segurou pelo braço para impedir a queda.

Desnecessário dizer que a mão dele dava a volta no meu braço.

O frio que voltou a gelar minha barriga também não precisava ser mencionado.

O que havia de errado com aquelas calçadas afinal?

Será que realmente importava?

Ou o mais importante era engolir o nervosismo e dar continuidade ao assunto?

— Eu sei, mas eu quis, dá licença? Não é nada demais, não vá se animando.

Apesar do que eu disse, ele parecia bastante animado enquanto eu revirava nervosamente o conteúdo da minha bolsa. Não queria quebrar as expectativas dele, mas o que eu podia fazer?

Eu tinha avisado.

Era uma coisinha tão boba que chegou a se perder na bagunça da minha bolsa. Sabia que tamanho geralmente não era documento, mas nesse caso tinha tudo a ver.

Dei a caixinha pra ele e acelerei meu passo pela rua. Preciso dizer que tropecei de novo?

Nesse ponto eu já questionava se o problema era com as calçadas ou comigo.

Estava uma pilha de nervos. Fui em frente toda vida enquanto ele ficou para trás abrindo o embrulho.

Parte de mim sabia que não era pra tanto, mas a maior parte de Olivia Liveretti sempre temia ser ridicularizada no meio da rua.

Talvez fosse sequela do tal vídeo do surto na exposição.

Ou apenas um instinto natural de autopreservação.

Vai saber.

Ouvi os passos de Jonas caminhando bem mais perto de mim do que quando embarquei nesse espiral de pensamento.

— Uma lapiseira? — ele me alcançou por completo quando fez a pergunta.
— Não entendi.

Se eu estava achando que a pior parte de entregar o presente seria *entregar o presente*, era porque eu não esperava que teria que *explicá-lo* depois.

— É... — comecei, me perguntando quanto ainda faltava para chegar à estação, acelerando ainda mais o passo para ver se chegava mais rápido.

Eu estava nervosa assim.

Minha vontade era me jogar dentro do trem logo de uma vez, ou na frente dele, quem sabe.

Jonas continuava caminhando ao meu lado, apesar da minha velocidade.

— Notei que seu lápis está igual a um toco de tão pequeno — recomecei, com a voz totalmente trêmula. — Então tive a ideia da lapiseira, porque se você tem uma lapiseira boa que nem essa, nunca mais precisa se preocupar com coisas desse gênero, elas são praticamente eternas.

Respirei fundo antes de me lançar na segunda parte da explicação, mas antes que o ar preenchesse por completo os meus pulmões, senti o braço de Jonas em volta do meu pescoço e aí perdi o ar todo de novo.

— E tá vendo? — Virei a lapiseira na mão dele para mostrar a parte que queria. — Pedi pra gravarem seu nome, assim você nunca vai perder.

Perdi completamente a concepção do que era ar quando ele sussurrou no meu ouvido:

— Valeu, Livs. Eu nunca pensaria num detalhe como esse.

— Não foi nada demais, já falei. — E passei o braço em volta das costas dele apenas para não me desmanchar no chão de calçadas irregulares.

Quando finalmente deixei de me preocupar com meus eventuais tropeços, chegamos à estação.

Subimos as escadas desse mesmo jeito, comigo sentindo os músculos das costas dele por baixo da camisa e ele roçando de leve os dedos pelo meu braço. Tudo pelo bem da segurança.

E das borboletas no meu estômago.

Que pena que para entrar na estação as roletas eram separadas. Isso desfez o nosso pequeno arranjo.

Na hora em que chegamos, percebi que eu não estava mais com tanta pressa para pegar o trem como há alguns minutos.

Foi um pouco por isso que eu não questionei a razão pela qual ele entrou na estação, sendo que não ia para lugar nenhum.

Eu meio que não queria ir também.

Mas o destino, sacana como sempre era, fez o trem aparecer no horizonte naquele mesmo instante.

— Hora de partir — anunciei enquanto o trem chegava cada vez mais perto.

— Me avisa quando chegar em casa — ele disse, prestando atenção no avanço do veículo assim como eu.

— Pode deixar — falei sem me mover um passo em direção à plataforma.

— Vou ficar esperando! — O som da voz dele foi abafado pelo barulho do trem parando na estação.

— Tá — respondi, tendo plena consciência de que eu também não conseguiria ser ouvida. — Tchau — falei ao finalmente me virar para me

despedir dele.

Minha intenção era dar um beijo no seu rosto. O problema era que, aparentemente, ele teve a mesma intenção que eu. Então, o que era para ser um beijo no rosto de cada uma das partes, se tornou em encontro desengonçado de bocas.

Só percebi quando já era tarde demais. Minha boca já tinha estalado por cima da dele.

Foi a textura mais macia e quentinha do que o esperado que chamou minha atenção e me fez ficar parada ali mais um pouco.

Um pouquinho de nada.

Mas o suficiente para me certificar de que ali era um lugar bem confortável para se estar.

Mesmo que eu não estivesse nem um pouco preparada para aquilo no momento.

O trem já estava de saída.

Ou pelo menos era essa a impressão que o apito dava.

Eu me desgrudei da boca dele para dar de cara com o seu olhar tão cheio de surpresa quanto o meu.

Logo em seguida, tive que correr para o trem.

Só consegui olhar para ele de novo quando estava na segurança do vagão.

Ele estava meio que sorrindo e meio que tocando os lábios.

Fiquei completamente abobalhada.

A única coisa que consegui fazer foi dar um tchauzinho tímido.

As portas já estavam se fechando.

Ele fez o mesmo do lado de fora da plataforma.

E o trem seguiu viagem.

Capítulo 23 — Amizade e cumplicidade não são a mesma coisa

(1 ligação telefônica atendida)

O preço de ter um telefone residencial gracinha, vintage e vermelho era alto.

O mais caro deles era não saber quem estava ligando antes de atender.

Só reparei na falta que um visor fazia quando já era tarde demais. Quando quis evitar ligações de certas pessoas e não tive como.

Não estava disposta a me desfazer do aparelho porque ele era bonito demais para voltar para a loja de antiguidades. Em vez de botões ele tinha rodinhas que você girava para discar os números.

Era difícil competir com esse charme.

Então, a solução acabou sendo não atender ao telefone, simples assim.

Até porque, poucas pessoas tinham aquele número. E a maioria delas eram operadoras de telemarketing.

Logo, não fazia muita diferença se eu atendesse ou não.

Principalmente porque eu não tinha nenhum interesse em cartões de créditos novos. Mal podia com os que eu já tinha.

Contudo, contra todos os costumes, quando o telefone tocou pela primeira vez naquela tarde de terça-feira, eu acabei atendendo, tamanho era o meu tédio.

Qualquer motivo para escapar dos meus estudos de física era válido.

— Alô? — falei, na esperança de que pelo menos fosse um atendente de telemarketing engraçado.

Não seria muito difícil, meus padrões estavam bem baixos, todo tipo de entretenimento tinha potencial para ser mais interessante que o Movimento Retilíneo Uniforme.

— Oi, sumida. Não é assim que vocês jovens falam?

— Madame Adelaide! — gritei, levando um susto. — Quanto tempo! Tempo suficiente para você aprender novas gírias, pelo visto.

— Pois é — ela concordou. — Dou meus pulos. Falei certo?

— Até demais — falei, totalmente em choque. — A senhora está melhor de gíria do que eu.

— Isso acontece porque você sumiu da face da Terra — ela reclamou do outro lado da linha, soando indignada. — Por onde você tem andando?

— Eu... — Não soube como responder.

Olhei para Django, que estava sentado ao meu lado no sofá e me fiz a mesma pergunta.

Eu tinha andado por muitos lugares? Parecia que minha vida passava como um turbilhão diante de mim, mal dava tempo de registrar os fatos.

— Primeiro achei que você tinha desaparecido para dentro do computador, como você sempre faz — Madame Adelaide contou. — Mas aí eu fui fuxicar sua vida na internet e não encontrei quase nenhuma informação, achei isso a coisa mais estranha do mundo.

— A coisa mais estranha do mundo é a senhora fuxicando minha vida na internet! — argumentei, sem me preocupar em esconder o riso.

Madame Adelaide nunca parava de me surpreender. Em vez de envelhecer, ela ficava cada vez mais moderna. E eu não sabia como não tinha notado antes, mas estava morrendo de saudade dela na minha rotina.

— Ora, por quê? — ela perguntou. — Só porque não tenho perfis na internet não quer dizer que eu não pedi as senhas do meu filho para ver como você estava.

— Quê?! Você pegou as senhas dele? Que invasão de privacidade!

Django levantou as orelhinhas em alerta ao notar a minha exaltação. Ele era um cachorro tão bonzinho... Pronto pra me defender até quando o problema não era comigo.

— Olivia, aquele rapaz cresceu e morou no meu útero por *nove meses*, você quer invasão maior que essa?

— Ah, mas...

— Não tem nada a ver? — ela perguntou, sabendo exatamente que esse seria meu argumento. — Claro que tem. Tanto é que ele nem reclamou quando eu confisquei o celular dele por algumas horinhas. Não que isso venha ao caso, minha relação com ele mudou para melhor desde que tive aquele probleminha no coração. Com você foi exatamente o contrário, né? Você ainda não contou o que anda fazendo.

— Eu... — Mais uma vez fiquei reticente quanto a resposta, olhei a minha volta procurando por algo plausível para dizer, só o que se via no horizonte eram livros e cadernos, Movimento Retilíneo Uniforme e o cacete a quatro. — Ando estudando.

— Estudando? Sério?! Por essa eu não esperava... — A incredulidade era quase palpável do outro lado da linha. — E olha que eu pensei nas possibilidades mais improváveis para o seu sumiço.

— Tipo quais? — quis saber, supercuriosa para desvendar os mistérios da imaginação de Madame Adelaide. — Envolvia viagem?

— Pra falar a verdade, sim. Uma viagem de volta pra casa dos seus pais.

Tive vontade de colocar o telefone no gancho na mesma hora. Que absurdo! Como a imaginação de uma anciã podia ir tão longe assim?

— Essa possibilidade não é só improvável como também *inviável* — falei, tentando esconder minha irritação, sem muito sucesso.

Por isso que eu não gostava de atender ao telefone residencial, sempre tinha algo relacionado a eles, mesmo quando não eram eles ligando.

— Por que, Olivia? Você não acha que o desentendimento entre vocês já foi longe demais? Já não provou seu ponto de que pode se virar sozinha? Há quanto tempo você tá morando aí? Seis meses?

— Sete — respondi, de má vontade, não querendo pensar em quanto minha vida, minhas opiniões e minha conta bancária mudaram desde então.

— Você não sente falta deles? — a Madame me pressionou. — Tenho certeza de que eles sentem falta de você.

— Como assim você *tem certeza*? — questionei.

Além de viajar na maionese ela agora estava dando para contar mentiras? Talvez se mudar para a casa de repouso não tivesse sido uma boa ideia.

Conforme eu já tinha sinalizado em ocasiões anteriores.

Muito tempo à toa mexia com a cabeça da pessoa. Eu estava de prova. As ideias começavam a vagar por lugares desconhecidos, criando teorias com coisas que não deveriam ser teorizadas, confundindo beijos acidentais com beijos de verdade.

Um perigo.

— Falei com eles — Madame Adelaide disse, de forma muito simples, quase como se as pessoas a quem ela estava se referindo não fossem meus pais.

Como se não fosse *a maior traição* do mundo falar com eles pelas minhas costas. A vontade de bater o telefone vermelho e pesado no gancho borbulhava dentro de mim, igual a um vulcão prestes a entrar em erupção.

— Esperava mais de você, Madame Adelaide. Não sabia que a senhora seria capaz de me apunhalar desse jeito. — Minha decepção crescia na mesma medida que o tom agudo da minha voz. — Você está me saindo uma tremenda Melanina. Se não pior.

— Vamos com calma, criança... — Seu tom mudou bruscamente, tornando-se supersevero de uma hora pra outra. — Primeiro que sou sua amiga, não sua cúmplice. Quero o melhor pra você, assim como seus pais, diga-se de passagem. Não ouse me comprar com aquela fedelha tonta em busca pela fama. Você acha que eu não dei uma olhadinha no perfil dela? Tão rasa quanto um prato! Deus me livre e guarde!

— Não quero falar de Melanina agora — disse enquanto puxava Django para o meu colo em busca de consolo.

De repente comecei a me sentir muito fragilizada, por vários motivos.

Parecia que tudo tinha me atingido ao mesmo tempo, feito uma bala de canhão.

A situação indefinida que ficou após o meu beijo acidental com Jonas, a incerteza de que meus avanços nos estudos seriam suficientes para me garantir uma vaga numa faculdade que eu nem sabia qual seria, o desentendimento com meus pais...

Principalmente o desentendimento com meus pais.

Nenhum deles eram tópicos que eu poderia resolver imediatamente.

A coisa mais sensata que eu podia fazer no momento era aproveitar ao máximo minha conversa com Madame Adelaide e tentar abstrair a quantidade de problemas que me rodeava.

— Do que você quer falar, então? — ela perguntou, voltando ao seu tom pacífico de sempre.

— Da senhora — respondi. — De como a senhora está, do que tem feito, essas coisas...

— Você tá com tempo para ouvir as maravilhas do meu resort de repouso? — ela quis saber. — Se não estiver, tudo bem, eu ligo outra hora, porque a lista de atividades por aqui é grande, sempre tenho algo diferente pra fazer. Por exemplo, daqui a pouco vai começar um torneio de buraco, a competição costuma ser muito acirrada.

— Quem sou eu para dizer que estou ocupada? — perguntei. — Se a senhora estiver disposta a deixar o torneio de lado para me contar as novidades, vou ficar honrada em largar minhas fórmulas de física para ouvir.

— Ah, então lá vai. Tá apoiada na sua almofada confortável? Aquela que tem *Kinki* bordado?

Sim, eu estava. E Django estava dormindo placidamente no meu colo, eu não poderia estar mais pronta para saber o que andava acontecendo na vida de Madame Adelaide.

Talvez ela até me contasse como foi a tal conversa dela com os meus pais.

Nem sei quantas horas a gente passou conversando.

Acabou que ela não me contou a parte dos meus pais, acho que não deu tempo. Mas tudo bem, não era como se eu me importasse...

O que importava era que no fim da ligação minha orelha estava da mesma cor do telefone.

Vermelha e brilhante.

Meu estado de espírito ia pelo mesmo caminho.

Capítulo 24 — Bombardeio de olhares

(7 mensagens não enviadas)

Thaíssa tinha parcialmente se recuperado da dengue e se encontrava completamente disposta a colocar o conteúdo que perdeu em dia.

Por isso, naquela quarta-feira depois do almoço, ela veio pra minha casa para estudarmos juntas.

A intenção era ficar até a hora do cursinho revisando o conteúdo das aulas que ela perdeu, que, na verdade, foram só as de sábado e de segunda-feira. Mas ela fazia a maior questão de não perder nenhum detalhe.

— Não quero passar mais um ano no cursinho, sabe? Nesses dias que fiquei em casa organizei todas as minhas outras questões pra agora voltar a focar nos estudos. São os detalhes que definem quem vai ficar com a sua vaga — ela declarou assim que chegou, jogando-se no sofá e quase esmagando Django no processo.

O pobre cão nem tinha como se defender, só deitou a cabecinha na perna dela e fingiu que nada aconteceu.

— Se for importante assim, você acha que a gente deveria chamar Jonas pra estudar com a gente? — indaguei. — Ele também perdeu a aula de segunda-feira. Não ia ser legal se ele reprovasse no ENEM só por causa disso...

Só vi no final da aula a mensagem que ele tinha me mandado falando que não conseguiria chegar a tempo porque o pessoal da obra tinha combinado de passar aquela segunda-feira fazendo hora extra para colocar em dia alguns atrasos da semana anterior.

Achei muito injusto que as pessoas do trabalho não tivessem a menor consideração com os estudos dele.

Não era a primeira vez que isso acontecia.

Mas era primeira vez que eu levava para o lado pessoal.

Até porque, nas duas vezes em que passei na frente da antiga-Kinki, ele não estava na porta. E nem saiu quando Django latiu.

Para falar a verdade, estava a maior barulheira lá dentro. Talvez os latidos não tivessem sido ouvidos.

Mas mesmo assim, parte de mim queria que ele simplesmente *sentisse* a nossa presença do lado de fora da loja. Por mais ilógico que isso fosse.

— Ele não trabalha o dia inteiro? — Thaíssa questionou. — Afinal, com o *que* ele trabalha que nunca me contou?

Meus alertas piscaram na mesma hora.

Vai ver ele não tinha contado para ela porque não queria que ela soubesse.

Eu que não ia divulgar informações de terceiros pelo simples prazer da fofoca, não era do meu feitio.

Até porque, falando francamente, *eu* não tinha muito interesse que ela soubesse onde ele trabalhava.

Tinha a leve desconfiança de que aquela informação só causaria atritos.

Pois me lembrava muito bem de que quando conheci Thaíssa e ela demonstrou ser totalmente contra a demolição da Kinki.

Tudo bem que ela pensava assim por minha causa, mas eu não podia afirmar com toda certeza que eu continuava pensando da mesma forma.

Aliás, tudo indicava que não.

Principalmente depois da conversa que tive com Madame Adelaide no dia anterior, ela parecia bem feliz com o andar da carruagem. E para mim isso bastava.

Até porque, eu tinha um monte de outras coisas com que me preocupar.

Por exemplo: como não mentir para ela e ao mesmo tempo não revelar a resposta sobre a profissão de Jonas.

— Por que você acha que ele *me contaria* se não contou pra você? — perguntei.

Tecnicamente ele nunca me contou com o que trabalhava.

Só dei a sorte de estar lá e poder ver com os meus próprios olhos.

— Hm, não sei... Talvez pela quantidade de olhares intensos que vocês lançam um pro outro no meio das nossas conversas?

— Não sei de que olhares você tá falando — me defendi. — Na maior parte do tempo nós só conversamos sobre as aulas que acabamos de ter.

Isso era totalmente verdade.

Para meu próprio desespero.

Durante toda essa semana não falamos de outro assunto. Nem parecia que nossas bocas tinham se esbarrado no final de semana anterior.

Até comecei a achar que tinha sido um acidente *indesejado* para ele.

Pra mim até que não foi tanto.

Por outro lado, seria esquisito conversar sobre esse assunto na presença de Thaíssa.

E desde que ela tinha retornando, grudou em mim feito carrapato.

Não estava reclamando nem nada do tipo.

Sabia que ela precisava de ajuda, não só nos estudos como também para lembrar de tomar líquidos com regularidade. Aliás, fui eu que me voluntariei para o trabalho.

Adorava a companhia dela, de verdade. Nunca pensei que amizade com pessoas da minha idade poderia ser tão despreocupada como era a minha relação com Thaíssa.

Nem precisava passar maquiagem para recebê-la na minha casa. Nos encontrarmos nem sempre era sinônimo de fotos.

Nos primeiros dias isso tinha me deixado intrigada, mas depois que me acostumei com a dinâmica até que preferi.

Assim podia me sentar sem precisar parecer uma mocinha e comer quantas batatinhas cheias de gordura trans eu tivesse vontade.

Mas nada disso mudava o fato de que eu precisava de um tempinho a sós com Jonas.

E precisava muito, porque minha cabeça estava uma confusão só, necessitava de respostas muito complexas. Para perguntas que eu nem sabia se teria coragem de fazer.

Existia uma lista enorme de coisas que eu queria saber, mas na realidade o mais importante se resumia em apenas uma linha:

Aquele beijo tinha significado alguma coisa? Se sim, o quê?

Durante minha carreira de blogueira me clamei especialista em muitas áreas: decoração, fotografia, até mesmo filosofia.

Minha cara-de-pau em declarar minha expertise em tema que eu era minimamente familiarizada hoje me assombrava de uma forma horripilante.

Mas, em minha defesa, nunca declarei uma coisa dessas sobre

relacionamentos.

Não tinha a menor condição.

Sempre soube que seria um zero à esquerda nesse quesito.

Agora eu estava tirando a prova.

Tinha perdido a conta do número de mensagens que comecei a escrever para Jonas na tentativa de introduzir o assunto. Mais de cinco com certeza.

Independentemente do número, nenhuma delas foi enviada de fato.

Sempre na hora de apertar o *enter* eu chegava à conclusão de que não estava bem-formulada. Que faltava um pouco da emoção que comecei a sentir desde que nossas bocas se esbarraram. E ao mesmo tempo não queria ser tão explícita.

Não era minha intenção soar desesperada.

Porque às vezes um beijo era só um beijo.

Pior ainda, às vezes um beijo acidental era apenas um acidente.

No fim das contas achei que aquele não era um assunto que poderia ser discutido por mensagem. Uma conclusão esquisitíssima de se chegar, pois até então, para mim, todos os assuntos eram discutidos desse modo.

Foi uma quebra de expectativa e tanto.

Contudo, até que fazia sentido.

Tinha sido uma situação vivenciada ao vivo. Sendo assim, nada mais lógico do que ter seu desdobramento, seja qual ele fosse, daquela mesma maneira.

Mas para isso era necessário que nos comunicássemos com *palavras*. Olhares não dariam conta de expressar a profundidade da minha confusão.

Principalmente agora que eu sabia que Thaíssa estava ligada na existência deles.

— Será que não sabe mesmo? Você parecia tão consciente quanto ele durante as trocas de olhares. Que, aliás, eram tão violentos que até pareciam bombardeios. Existe essa expressão? Bombardeio de olhares? Soa esquisito.

— Acho que você está se deixando levar demais pela sua imaginação... — Inclinei-me no sofá e coloquei a mão na sua testa. É assim que funcionam os delírios da febre? Assustador.

Na verdade, assustada estava eu. Quem diria que a situação fugiria do meu controle daquela maneira.

— Estou ótima! — Thaíssa retrucou. — Pode ficar tranquila que a futura médica aqui sou eu. Meu diagnóstico é que estou apta ao estudo de literatura e você mais que saudável para dar uns beijos em Jonas, se é que já não deu.

Tive que reprimir um sorriso com toda a força de vontade que havia em meu ser.

Não podia assumir que tinha beijado Jonas para Thaíssa pelo simples fato de não saber se ele interpretava o *acontecimento* da mesma maneira. Longe de mim dar falsas esperanças para minha amiga.

Até porque nem eu sabia o que esperar.

Só sabia que não aguentaria esperar por muito tempo mais.

— Vamos começar pela literatura, então — falei, pegando o livro, louca para fugir do assunto do jeito mais diplomático possível.

— Certo — Thaíssa concordou, pegando seu próprio livro e dando a impressão de que o perigo tinha passado. — Os beijos ficam pra mais tarde.

Apenas me concentrei em respirar fundo e fingir que não escutei. Sendo que no fundo eu estava pensando “*quem me dera*”.

Capítulo 25 — A frase universal para fazer pessoas chorarem

(23 lágrimas choradas)

Eu tinha notado que Django estava quietinho demais para o meu gosto, mas foi só quando ele vomitou pela primeira vez que entrei em pânico.

O que saiu da boca dele foi uma espuma amarelada não-identificada. Tanto eu quanto ele ficamos confusos sobre o que fazer a respeito. Ele chegou perto da poça que se formou no chão e a cheirou, cheio de cuidado.

Logo em seguida deu passinhos amedrontados para trás.

Tive vontade de fazer o mesmo, mas o que eu fiz foi pegá-lo no colo.

— Tá tudo bem? — perguntei, virando ele pra mim. — O que foi que aconteceu?

Ele piscou os olhinhos bem lentamente em resposta. Parecia que estava se mexendo em *slowmotion* em comparação a energia com que ele se movia naturalmente. Meu coração deu uma apertadinha dentro do peito.

Coitado do meu Djanguinho.

Tentei acomodá-lo da forma mais confortável possível no sofá e fui correndo até a cozinha encher sua tigela com água fresca.

Coloquei o recipiente embaixo do nariz dele quando voltei. Ele cheirou o conteúdo da tigela todo resabiado e só depois de uma boa quantidade de fungadas aceitou dar umas lambidinhas na água.

Em seguida se encolheu feito uma bolinha no sofá. Só me restou sentar ao seu lado e ficar fazendo carinho no seu focinho até a situação normalizar.

O problema foi que ela não normalizou.

De uma hora para a outra Django se levantou do sofá e pulou para o chão, onde ficou andando de um lado para o outro de um jeito atordado.

Fiquei totalmente em alerta acompanhando seus passos. Queria poder prever o que ele faria, ou, sei lá, ter acesso a seus pensamentos de alguma forma.

Pensamentos caninos não eram mais simples que dos humanos?

Por que eu não fazia a mínima ideia do que vinha pela frente?

Foi horrível assistir a cena de Django vomitando pela segunda vez.

Dessa vez ele se afastou chorando da nova poça que se formou.

Quis chorar também.

Mas do que adiantaria?

Nada.

Além do mais, não podia me dar o luxo de turvar minha visão com lágrimas, precisava prestar bastante atenção em por onde andava para não pisar nas poças de vômito.

Antes que um acidente acontecesse, decidi limpá-las.

Minha intenção era pegar Django e colocá-lo de volta em cima do sofá para que eu pudesse passar um pano na casa. Mas quando me aproximei, ele se encolheu todo, começou a ganir, igual um doido, como se eu fosse fazer algum mal a ele.

Essa foi a pior coisa de todas.

Eu queria ajudá-lo. Mas não tinha ideia de como.

O desespero da impotência se abateu sobre mim durante a segunda tentativa de pegá-lo. Ele se espremeu todo para conseguir caber embaixo do sofá.

Queria me evitar de todas as maneiras.

Isso foi um tremendo golpe no meu coração.

— Django, por favor, colabora comigo — disse, deitando no chão para conseguir olhar nos olhinhos dele. — Me ajuda a te ajudar, mesmo que eu não saiba como.

Ele me olhou superdesconfiado e deu um passinho de nada em minha direção.

Mesmo que não fosse, tomei aquilo como um sinal de permissão para esticar a mão e pegá-lo no colo.

Porque foi exatamente isso que eu fiz.

E ele choramingou.

Fiquei sem saber se era por estar no meu colo ou por estar se sentindo mal. A carinha dele era de partir qualquer coração. Não tive coragem de colocá-lo no sofá nem durante o curto espaço de tempo que eu usaria para limpar o chão.

Ele respirava fraquinho em meus braços. Minha imaginação começou a ir longe demais, projetando cenários de como seria minha vida sem ele.

Nenhum deles eram bons. Inclusive, era um mais triste que o outro.

Tive que engolir todo o meu senso de independência e aceitar que eu não conseguiria resolver aquela situação sozinha.

Só me vinha à mente uma pessoa que seria capaz de ajudar.

Ainda que aquela não fosse uma hora apropriada para acionar a ajuda dele.

Por outro lado, era a vida de Django que estava em jogo.

Se o chão sujo era capaz de esperar, a batidas de martelo no trabalho de Jonas também seriam.



A fachada da ex-Kinki quinquilharias e afins estava do mesmo jeito que estive ao longo de toda essa semana: destruída e vazia.

Inclusive a porta de metal que dava acesso à loja estava fechada.

Mas nada que um empurrãozinho não fosse capaz de resolver.

Afinal, era uma emergência.

Django podia estar morrendo no meu colo.

Essa possibilidade me aterrorizava.

Ele ficou tão quietinho durante o caminho que eu nem gostava de pensar na possibilidade.

Dentro do que costumava ser a Kinki agora existia uma névoa de poeira. Mal dava para distinguir o que estava acontecendo ao meu redor. Só o barulho era perceptível. E isso porque ele era *muito alto*.

Do tipo que conseguiria facilmente desnortear uma pessoa.

Meu primeiro instinto foi cobrir as orelhinhas de Django. Mas talvez não tenha adiantado muito, porque ele começou a se tremer todo contra mim.

O barulho era tanto que eu nem conseguia pensar direito, avancei uns dois ou três passos sem saber para onde ia. Tinha que dar um jeito de sair de lá o mais rápido possível. Mas não faria isso sem antes conseguir alguma

instrução sobre como salvar a vida de Django.

E para isso eu precisava encontrar Jonas.

Gritar seu nome não era uma opção. O volume das marteladas parecia abafar tudo à volta.

E qual seria o objetivo de gritar se eu não fosse ser ouvida?

Foi isso que mais me surpreendeu quando ouvi uma voz reverberar:

— O que essa menina sem capacete está fazendo aqui no meio da obra?

Pulei para o lado no maior susto. A impressão era de que o cara estava gritando ao meu lado, de tão alta que a voz dele soou. Contudo, forçando meus olhos através da névoa de poeira, consegui distinguir a silhueta dele de pé numa escada no canto da loja.

Agora havia silhuetas viradas na minha direção. Por todos os lados do estabelecimento. A maioria delas eram grandes, largas e usavam capacete.

A atmosfera de filme de ficção científica crescia a cada segundo, apertei Django um pouquinho mais contra meu corpo.

Filmes de alienígenas me davam muito medo.

E quando dei por mim, uma das silhuetas vinha em minha direção em alta velocidade.

Antes que eu pudesse esboçar qualquer reação, ela já estava na minha cola, tocando de leve meu braço.

— Liv? É sério isso? — A silhueta soava brava e também tinha uma voz amplamente conhecida. — Como você invade a obra assim? Quer que eu morra do coração?

Encolhi os ombros e balancei a cabeça de forma negativa.

Não sabia se nunca tinha visto Jonas brabo assim antes ou se eu apenas estava muito sensível com toda a situação de Django, o fato foi que fiquei supermagoadada.

— Desculpa... — murmurei com uma voz tremida que torcia para que não tivesse sido ouvida nem por Jonas nem por ninguém, porque as marteladas ao nosso redor diminuíram de volume e algumas das silhuetas continuavam viradas em nossa direção.

— Tudo bem — ele disse, soando um pouco mais calmo do que antes e chegando um passo mais perto de mim. — É que você me assustou. Além do mais, entrar na obra assim, de supetão, sem usar nenhum tipo de proteção, pode ser perigoso...

Será que ele não estava vendo que eu estava uma pilha de nervos? Já não bastava a vida de Django estar em perigo? Ele precisava me dizer que a minha estava também?

Será que a névoa de poeira estava tão densa que não permitia ver esse detalhe?

Django continuava deitadinho igual a um moribundo em meus braços. Não fez a mínima festa para a chegada de Jonas. Na verdade, mal se mexeu desde que chegamos.

Era hora de aceitar os fatos. Se nem a presença de Jonas era capaz de animar meu cãozinho, algo de muito grave estava acontecendo.

Eu deveria me preparar para o pior.

Que horror a vida de uma pessoa mudar assim tão de repente. Vim aqui em busca de ajuda. No entanto, começava a desconfiar de que não havia nada que pudesse ser feito.

— Já pedi desculpas, não pedi? — ralhei repentinamente num grito que continha toda a raiva que eu sentia pelo triste destino que estava por vir. — O que mais que você quer eu faça?

Jonas voltou um passo para trás. Era evidente que eu tinha perdido o controle. Eu mesma estava surpreendida com a rapidez da minha explosão. Não tinha a menor ideia de como fazia para estacionar aquela montanha russa de emoções.

Tive a ligeira impressão de que se tratava de uma daquelas montanhas-russas cheias de *loopings*.

O único lado bom de estar no meio daquela obra infernal, que me perturbava em tantos sentidos, era que com a poeira tão espessa do jeito que estava, ninguém repararia se eu desse uma choradinha.

Minha intenção era fazer isso de forma bem discreta, para não contrastar com os gritos que tinha acabado de dar.

Olhei para baixo para me certificar de que mesmo comigo a todo vapor, gritos, choros e o que mais estivesse por vir, Django continuava sem esboçar nenhuma reação.

Foi péssimo confirmar a minha suspeita. Tudo que eu mais queria era que ele desse aquele latidinho agudo que costumava dar sempre que via Jonas.

Em ocasiões normais o tal latido me tirava do sério, tanto pelo timbre como pela clara preferência que ele tinha pelo cara que nem ao menos era seu dono.

Mas agora significaria uma indicação de normalidade.

Só que nada estava normal.

Nem os carinhos que Jonas fazia em sua cabeça estavam dando resultado.

Essa constatação levou minha preocupação a outro nível.

O nível das lágrimas descendo descaradamente pela minha bochecha. Meus planos de uma choradinha discreta foram por água abaixo.

— Quero que você me diga o que há de errado com Django — Jonas falou se reaproximando de mim. — É por causa dele que você tá assim?

— Eu não sei — respondi, o que servia muito bem para responder as duas questões.

Pena que minha voz estava chorosa demais para ser compreendida.

Mesmo assim eu segui em frente:

— Ele passou o dia deitado, desanimado, e do nada começou a vomitar e ficar muito cabisbaixo. Ficou chorando quando viu o vômito, sabe? Acho que ele tá triste porque sabe que vai morrer.

As lágrimas estavam em queda livre pelo meu rosto. Talvez eu não tivesse dimensão do tamanho da minha angústia até aquele momento. Perder o animalzinho de estimação não era fácil.

Django era muito *nenenzinho* para morrer.

— Olivia, ele não vai morrer — Jonas disse ao colocar uma mão no meu ombro.

— Vai, sim — argumentei. — Ele vomitou *duas vezes* — revelei. — Não tem mais nutrientes no corpinho dele.

— Até os melhores cães ficam doentes às vezes — ele rebateu. — Django deve ter comido alguma besteira.

Jonas não tinha dimensão da gravidade da situação e aquilo me deixava muito frustrada. Nem mesmo os círculos tranquilizadores que ele fazia no meu braço com seu dedo ajudavam a me acalmar.

— Ele nem latiu quando te viu. Quer algo mais grave que isso?

Ele tirou a mão de mim e fez um carinho na cabeça de Django. O cão olhou para ele com olhos desanimados, totalmente sem vivacidade. Isso me deu um novo aperto no coração.

Daqui a pouco ele iria sumir dentro do meu peito, de tão pequeno que

estava.

Jonas tocou o nariz de Django com a frente e com as costas da mão. E logo depois olhou para mim desconfiado, fiquei em total estado de alerta.

— Me dá um minuto, já volto — ele disse ao olhar para trás, onde uma silhueta estava parada igual uma estátua de braços cruzados, provavelmente olhando pra gente. — Melhor você ficar com isso aqui — ele disse desafivelando seu capacete. — Pra sua própria segurança.

Assenti sem a menor vontade de mudar Django de posição para pegar o capacete da mão dele.

O cãozinho parecia mais ou menos confortável do jeito que estava.

E se eu tivesse direito a um último desejo antes da morte de Django, seria que ele não sentisse dor durante o processo.

A situação já estava ruim o bastante. Não sei se eu suportaria se ele voltasse a dar aqueles ganidos de sofrimento que deu quando estávamos em casa.

Parecia que meu último desejo tinha sido atendido pelas forças divinas quando Jonas colocou o capacete cuidadosamente na minha cabeça.

Seus dedos levantaram meu queixo devagarzinho para poder afivelar o fecho. Podia sentir a respiração dele no meu rosto, esquentado minhas lágrimas, mas nada disso importava.

Eu estava devastada pelo meu cãozinho, nada seria capaz de mudar esse fato.

— Olivia, ele não vai morrer, confia em mim, tá? — Jonas disse enquanto passava os polegares pela minha bochecha para limpar minhas lágrimas.

Inesperadamente, isso sim me trouxe uma ínfima sensação de calma. Talvez tenha sido o fato de ele ter encarado meu rosto todo manchado e não ter saído correndo. Ou a delicadeza com que ele secou as lágrimas da minha bochecha.

Fiquei tão sem ação que me vi assentindo levemente com a cabeça. Ainda que aquela não fosse uma questão de confiança.

Mas os dedos de Jonas roçando levemente no meu rosto me davam um pouco de esperança de que nem tudo estava perdido.

— Volto já — ele repetiu ao começar a se afastar de mim, dando passos para trás sem deixar de me olhar. — E, por favor, não chora. É chatão te ver assim...

Por um acaso ele não sabia que essa era a frase universal para fazer as pessoas chorarem?

Abri o berreiro novamente assim que ele desapareceu pela portinha onde, antigamente, funcionava o estoque da Kinki, e abracei Django bem forte contra meu peito.

Capítulo 26 — Um remédio chamado grama

(2 vômitos de Django)

Jonas voltou dizendo que o chefe o liberou pelo resto do dia.

— Temos a tarde inteira para restabelecer Django.

Ele falou isso de modo bastante jovial, como se não tivesse dado para todo mundo ouvir a gritaria entre ele e o chefe.

Só que deu, sim.

Muito claramente, diga-se de passagem.

O chefe, que vinha a ser a silhueta que ficou o tempo todo parada observando nossa conversa minutos antes, gritou que não acreditava que ele estava colocando o trabalho em segundo plano por causa de uma garotinha mimada.

Jonas respondeu, também aos gritos, que aquilo não tinha nada a ver comigo, que ele estava fazendo aquilo pelo cachorro.

O que, tecnicamente, era verdade. Mas não deixou de ferir um pouco meu ego.

Principalmente porque eu *não era* uma garotinha mimada.

Não existia ninguém na minha vida que exercia o privilégio de me mimar.

Meus pais não faziam isso há tempos, mesmo antes de eu sair de casa.

Minha vontade era gritar tão alto quanto eles e desfazer aquela impressão equivocada. Porém, um ato desses certamente seria considerado exagerado ou até mesmo falta de educação, o que não era exatamente a imagem que eu queria que o chefe de Jonas tivesse de mim.

Além do mais, perturbaria a paz relativa de Django no meu colo.

E Django era a prioridade naquele momento.

— Pronta pra ir? — Jonas perguntou, abaixando-se um pouco para conseguir olhar nos meus olhos. — Posso tirar o capacete?

Assenti e me deixei envolver pelo frisson de antecipação. Os dedos dele roçaram no meu queixo logo depois. A mesma sensação maravilhosa de sempre. Era fácil esquecer que existiam problemas quando coisas assim aconteciam.

O cheiro de xampu do cabelo dele funcionava como uma barreira antiestresse ao meu redor.

Não sabia como nos breves minutos em que Jonas esteve ausente conseguiu dar conta de discutir com o chefe e tomar banho. Mas se pudéssemos contar com metade daquela eficiência para ajudar no caso de Django, talvez tivéssemos esperança.

— Sei de um lugar onde podemos levá-lo — Jonas disse ao jogar o capacete que tirou de mim para um de seus colegas.

Dei um sorrisinho fraco enquanto atravessava novamente a porta de metal. Esperava que o tal lugar não fosse um veterinário.

Existia uma razão para a primeira pessoa a quem eu recorri ser Jonas e não algum profissional da área. Profissionais da aérea custavam dinheiro e eu não tinha certeza se tinha o suficiente.

— É por ali — Jonas nos guiou para a direita assim que voltamos ao mundo real.

Ele era muito mais silencioso e claro do que o pandemônio que tinha se transformado o interior da antiga Kinki.

Como Jonas aguentava trabalhar num ambiente daqueles?

Com certeza era um garoto admirável. O que ele fazia não era para qualquer um.

Certamente não era pra mim.

Levantei a cabeça para admirá-lo mais uma vez, não só seu porte físico que nunca decepcionava, mas também os detalhes que passavam despercebidos aos olhos. Como as gotinhas que escorriam pelo seu pescoço, vindas do cabelo que ele não secou direito, ou o jeito que ele andava acompanhando meus passos mesmo que suas pernas tivessem capacidade de andar duas vezes mais rápido.

Existiam muitos detalhes que faziam Jonas ser Jonas. Mas acho que o meu preferido era o jeito em que ele se desdobrava em mil para ser um bom trabalhador, um bom estudante e um bom filho, sem perder nenhum tempo reclamando do esforço enorme que aquilo deveria ser.

Queria ser um pouco assim.

Mas ao mesmo tempo achava pouco provável.

— Vai dar tudo certo, Liv — ele me assegurou enquanto entrávamos num parque. — Sandy já ficou assim umas duas vezes. E, como você viu no sábado, sobreviveu. É só uma questão de fazê-los colocar para fora o que quer que esteja fazendo mal.

Jonas também era muito bom na arte de me acalmar.

Para no segundo seguinte me fazer perder as estribeiras.

Ele pegou Django do meu colo e simplesmente o colocou no chão do parque em que estávamos.

Que absurdo!

O pobre animal nem conseguia se manter de pé!

Naturalmente, o que eu fiz foi soltar um grito e me abaixar para recolher meu bichinho de volta. Ou, pelo menos, foi o que *tentei* fazer. Porque antes mesmo de eu conseguir chegar perto do animal, Jonas me segurou pelos ombros.

Olhei para ele cheia do mais completo horror, pronta para fazer um escândalo se ele me impedisse de resgatar meu próprio cão.

Um cachorro maior poderia vir a qualquer momento o atacar. Será que Jonas não tinha noção do perigo? Django nem de coleira estava. Como eu poderia guiá-lo numa direção segura?

Tudo bem que Django não estava indo em direção nenhuma, permanecia deitado cheirando o gramado à sua volta.

— Olha, ele parece disposto a conhecer o novo ambiente — Jonas disse, antes que eu pudesse vocalizar minhas preocupações.

Virei minha cabeça bem em tempo de ver Django terminar de se levantar e começar a cambalear pelo terreno. Ele abaixou a cabecinha para cheirar um específico chumaço de grama e logo em seguida, para meu pavor, comer o chumaço.

— Não! — Foi o grito que saiu da minha garganta. — Assim você só vai piorar o quadro! — protestei.

Mas Django nem deu bola para a minha preocupação, passou a cheirar um novo chumaço.

Mas e se grama estivesse infectada com agrotóxicos? Ou tivesse propriedades alucinógenas?

Não tinha como Jonas saber.

A menos que, além de pedreiro, ele também tivesse experiência como agricultor.

Não precisei fazer nenhuma dessas perguntas diretamente a ele, pois elas estavam bem estampadas no pânico do meu olhar.

— É isso que os cachorros fazem quando estão doentes — Jonas explicou na maior calma, nem um pouco abalado com a cena que se desenrolava diante dos nossos olhos. — Também fiquei horrorizado quando minha mãe fez isso com Sandy da primeira vez. Mas deu supercerto, te garanto.

— Mesmo? — perguntei, ainda desconfiada com a *quantidade* de grama que Django estava comendo.

— Mesmo — Jonas disse, apertando levemente meu ombro. — Confia em mim.

Ali, sentindo-me aquecida pelas mãos dele e levemente tonta por olhar nos seus olhos tão de perto, confiar foi tão fácil quanto sorrir.

E ficou ainda mais prazeroso no momento em que ele sorriu de volta. Com seus dentes branquinhos e sua boca da qual eu lembrava muito bem como era o gosto.

Contudo, essa sensação lírica só durou até Django vomitar a primeira bola de grama.

A partir daí todo o desespero voltou à tona.

E quando ele vomitou a *segunda* bola de grama, um clima de caos se instaurou.

Insisti com Jonas que deveríamos levar Django para casa, para que ele pudesse vivenciar seus últimos momentos no lugar onde ele brevemente chamou de lar.

Jonas protestou o tempo todo que aqueles não eram os últimos momentos

de Django, mas mesmo assim cumpriu com minhas exigências.

Era um ótimo garoto, esse Jonas. Até mesmo quando se enganava achando que grama podia ser um bom remédio.

Capítulo 27 — A vingança dos aparelhos eletrônicos

(8 toques)

No fim, Jonas estava certo, Django estava se recuperando.

Ainda que tenha vomitado uma terceira bola de grama bastante generosa bem em cima do meu tapete felpudo assim que chegamos em casa.

Confesso que nem tive coragem de achar ruim, ainda estava firme e forte na crença de que ele iria morrer a qualquer momento.

Mas agora, sentada no sofá ao lado de Jonas, observando por sabe-se lá quantos minutos Django morder um brinquedinho de plástico, dava para perceber que o pior tinha passado.

Graças às bolas de grama.

Se eu fosse Jonas, com certeza ia querer me gabar por isso.

Olhei para ele só aguardando a hora em que viraria pra mim e falaria o famoso “*eu bem que te avisei*”.

Mas enquanto ele continuava concentrado na brincadeira de Django, eu aproveitava para admirar a beleza que era seu rosto de perfil.

Em especial o comprimento dos cílios e os pelinhos que cresciam na sua barba por fazer.

Pequenos detalhes que me davam alegria de ver.

Mas, ao mesmo tempo, era esquisito ficar tão de olho em tais detalhes quando tinha outras pessoas em volta.

Seria esquisito até se *ele* reparasse que eu estava tão de olho assim.

Achei melhor me controlar.

Não queria parecer stalker nem nada. Já havia aprendido minha lição com Melanina.

Existia alguma diferença entre vigiar as sutis diferenças no rosto de Jonas e acompanhar seus passos na internet?

Esperava que sim. Porque não era fácil desgrudar meus olhos dele. Tinha uma coisa dentro de mim que se agitava toda vez que ele estava perto. E fazia um tempinho desde a última vez que conseguimos ficar *tão* perto assim.

Desde o aniversário dele. Há exatos cinco dias.

Cinco dias de tortura em que fiquei me perguntando se o que tinha acontecido entre a gente na plataforma do trem foi um beijo ou um acidente.

— O que você tá olhando, Olivia? — ele perguntou enquanto ainda prestava atenção em Django.

Será que ele *sentiu* meu olhar? Igual diziam nos livros de romance? Ou ele simplesmente estava ligado nos meus movimentos pela visão periférica?

Independente da resposta, a melhor opção era ser honesta, por isso respondi:

— Você.

Na mesma hora ele virou pra mim e riu.

Tão bonitinho!

— Por um momento eu achei que eu tinha alguma coisa na cara — ele disse, com o sorriso mais fofo do mundo.

Não tinha nenhum resquício de “*eu bem que te avisei*” em sua expressão. Logo, julguei que aquele seria um momento propício pra desvendar o mistério do beijo ou não-beijo.

Mas antes, achei mais prudente passar a mão pelo rosto dele para certificar a nós dois de que não havia nada no rosto dele, exceto o que realmente deveria haver.

Tipo o sorriso que crescia pouquinho a pouquinho e o cabelo bagunçado que por pouco não caía no olho.

Num ato de pura pró-atividade, comecei a afastar algumas mechas da testa dele.

Esse era um negócio que constantemente sentia vontade de fazer, mas nem sempre tinha a oportunidade. Ali, no conforto do meu sofá, eu achei que fosse o momento perfeito.

E, só para constar, foi mesmo.

Meus dedos ficaram satisfeitiíssimos ao entrar em contato com a maciez dos fios fininhos do cabelo dele.

Enquanto isso meu coração estava muito agitado tentando escapar do meu peito.

A tentativa de fuga se agravou mais ainda quando Jonas mudou de posição no sofá para se aproximar de mim.

Uma de suas mãos subiu devagarzinho pelo meu braço até encontrar meu pescoço, enquanto a outra passeava pelo meu rosto de modo turístico, admirando todos os detalhes. Nunca fui fã da cor marrom, costumava me dar a impressão de algo usado e antiquado. Porém, olhando os olhos dele de pertinho, senti que era hora de rever esse conceito.

Esse e muitos outros.

Mas por hora eu planejava me concentrar naquele.

Um pouquinho mais de perto, se possível.

Porém, era difícil dirigir toda minha atenção para os olhos dele quando sua boca estava a uma distância tão agradável da minha.

Para ficar mais agradável ainda só faltava elas se colarem.

— Olivia, eu...

Dava para sentir o hálito dele batendo na minha boca. Fazia cócegas de um jeito bom.

Não me importava de ouvir o que ele tinha para dizer antes de me beijar. Isto é, partindo do princípio de que ele me beijaria *mesmo*.

Nessas horas era ruim ser curiosa, pois me fazia colocar o carro na frente dos bois. Queria muito saber o que vinha depois do “eu”. Simultaneamente queria com igual intensidade sentir o calor da boca dele encostada na minha.

Porém, o que veio depois do “eu” foi um barulho repetitivo muito inoportuno, que, para piorar, estava bem na altura do meu ouvido.

Ele vinha do relógio de Jonas, que ficava justamente no pulso que acompanhava a mão posicionada atrás do meu pescoço.

Com a outra mão, a que deveria estar passeando pelo meu rosto, Jonas apertou um botão que desarmou o alarme.

Ao contrário do que pensei, a paz não reinou após o silêncio ser restaurado.

Isso não aconteceu porque Jonas anunciou:

— Tá na hora da aula.

Difícilmente aquele era o real complemento do que ele ia falar antes do maldito apito perturbar nosso juízo.

Eu me sentei de frente no sofá. Aquele anúncio me deixou totalmente frustrada. Agora existia uma informação que Jonas tinha a intenção de compartilhar comigo que provavelmente nunca chegaria ao meu conhecimento.

Sem falar em toda uma atmosfera prontinha para um beijo que foi por água abaixo.

Odiei a invenção do relógio de pulso. Ninguém precisava mais daquelas geringonças, era muito mais prático ver a hora na tela do celular, que não te obrigava a ficar fazendo conta com ponteiros idiotas.

Mas o mal já estava feito.

Jonas se virou de frente também.

Voltamos a encarar Django, que continuava mordendo o seu brinquedo, como se nada tivesse acontecido. Bem, para falar a verdade, Django que estava certo, porque nada realmente aconteceu.

Talvez essa história de beijo iminente estivesse só na minha cabeça.

Às vezes minha imaginação era tão fértil que eu não duvidava da capacidade dela de inventar todo um clima que não existia.

Isso me deixava mais frustrada ainda.

— Não vou à aula hoje — falei, indicando Django com o queixo. — Sei que ele está melhor, mas não acho que ele esteja totalmente recuperado. Quero dizer, a grama foi um ótimo remédio, você bem que me avisou, e tudo o mais. Mas ele ainda não voltou a comer. E nada impede que tenha uma recaída por falta de nutrientes ou desidratação, sei lá. Não vou conseguir me concentrar na aula imaginando que algo horrível pode ter acontecido com ele enquanto eu estava fora.

— Entendo... — ele respondeu enquanto afundava as costas no sofá. — Também não vou ficar com a consciência tranquila se acontecer alguma

coisa. Se eu for à aula, minha cabeça vai ficar o tempo todo pensando em vocês dois e em como estão se virando. Prefiro ficar também, se estiver tudo bem por você.

— Por mim tudo bem — respondi tentando encobrir um risinho.

A maneira mais eficiente de disfarçar minha satisfação era levantar do sofá e procurar meu celular que larguei sei lá onde.

Enquanto andava em círculos em busca do aparelho, tentava analisar, à distância, se Jonas parecia tão feliz com a perspectiva de passar mais umas horas só eu, ele e Django quanto eu.

Achei o celular antes de chegar a uma conclusão.

— Vou pedir para Thaíssa me mandar fotos das anotações dela — falei enquanto digitava uma explicação sobre o caso de Django na janela dela. — Aí a gente pode ir estudando por aqui.

— Legal — Jonas respondeu.

Que era a minha exata opinião.

Mandei a mensagem para Thaíssa e na mesma hora ela me respondeu com um emoji de cãozinho.

Desconfiei que o significado por trás dele fosse um desejo de melhora para Django, mas não dava para afirmar com certeza. Estava chocada demais com o fato de que havia perdido a habilidade de interpretar a sutileza por trás dos emojis.

Thaíssa:
“*Pode deixar!*”

“*Mando foto das anotações no fim de cada aula*”.

“*Cuida de Django direitinho*”

“E aproveita pra se preparar, que amanhã é o grande dia”

— O que tem de especial pra acontecer amanhã? – perguntei para a tela do celular, em voz alta.

— Simulado? — Jonas arriscou lá do sofá.

Era verdade. Esqueci completamente da existência desse tormento mais uma vez.

Também, pudera, o tempo passou tão rápido que eu nem percebi que tínhamos retornado à temida primeira sexta-feira do mês.

Parecia que tinha sido ontem que Jonas me lembrou a fórmula de Bhaskara e, ao mesmo tempo, que já fazia milênios que nos conhecíamos.

Tudo bem, esse pensamento não fazia o menor sentido e com certeza me reprovava numa prova de lógica. Mas era assim que eu me sentia. Não havia nada que pudesse ser feito para mudar.

— Droga! — reclamei, voltando a me jogar no sofá. — Então a gente vai ter que estudar *mesmo*.

Não era de se admirar que Jonas risse e se virasse para mim com cara de espanto.

Mesmo assim eu me admirei, porque em *sã consciência*, jamais reclamaria sobre isso em qualquer outro lugar que não fosse a minha cabeça.

Nem mesmo o Twitter merecia aquele tipo de confissão.

Mas aparentemente Jonas, sim.

— Quer dizer que da primeira vez que você propôs de a gente estudar não era sério? — ele perguntou com um sorriso bem sacaninha nos lábios.

Aquela gafe era uma prova cabal de que eu não ficava em *sã consciência* perto dele.

Quero dizer, *mais uma* prova, porque parecia que eu estava fazendo coleção delas.

E como um colecionador nunca ficava satisfeito com o tanto que tinha, resolvi fabricar mais uma.

— Era, sim — confirmei, antes de mais nada. — Mas eu meio que tinha a ambição de a gente conversar antes. — Ajeitei-me no sofá puxando as pernas pra cima e me virando pra ele. — Porque eu acho que gosto de você e queria saber a sua opinião sobre o beijo ou não-beijo.

— Beijo ou não-beijo? — ele perguntou, totalmente confuso, mas chegando um pouquinho mais perto de mim no sofá.

— Eis a questão — rebati, fazendo uma pequena alusão à nossa aula de literatura.

Nem sei se ele entendeu e me faltou coragem para encará-lo. Prefери ficar encarando meus dedos dos pés que se mexiam nervosos, para frente e para trás dentro da meia de bolinhas.

Tive que respirar fundo para reunir coragem antes de dizer:

— Até hoje não sei se o que aconteceu na plataforma do trem foi um beijo de verdade ou só um acidente.

E junto com a confissão, pude sentir minhas bochechas esquentando. Elas nunca ficavam num tom bonito de vermelho quando isso acontecia.

— Claro que foi um beijo! — Jonas respondeu, inclinando-se para mais perto de mim, indo direto à questão mais importante. — Não foi como eu tinha planejado, mas sem dúvida foi. Lembro muito bem como... Bem, você sabe, como tudo aconteceu.

— Então você tinha planejado? — quis saber, finalmente encontrando a coragem de olhar pra ele.

Justo na hora que ele decidia encarar os próprios pés.

— Não planejar, *planejar* assim tão de forma estruturada, mas eu já tinha imaginado, sim. Não dá pra negar. Até porque, olha pra você, Liv. Não tem condições de ficar muito perto sem pensar em te beijar.

Acho que um sorriso tomou conta do meu rosto inteiro. Juro. Minha boca deveria estar toda esticada. Eu sentia que não tinha mais pra onde ela ir.

— E sabe o que é ainda melhor do que pensar? — Jonas indagou se inclinando um tantinho mais na minha direção.

— Sei — respondi prontamente, me inclinando o resto que faltava.

Estávamos de volta naquela confortável posição onde nossas bocas contavam com poucos centímetros entre elas.

Nos olhos de Jonas dava para ver que ele estava no mesmo espírito que eu.

Se cada um fizesse sua parte, os poucos centímetros deixariam de ser problema num piscar de olhos.

Contudo, os poucos centímetros acabaram sendo um problema. Pois antes de serem extinguidos, outro barulho horrível, ainda mais alto que o de minutos antes, começou a reverberar pelo cômodo.

Dessa vez era o telefone.

Não pude acreditar.

O que os aparelhos eletrônicos tinham contra a aproximação amorosa dos jovens?

Isso era algum tipo de castigo cósmico por estarmos matando aula?

Quis protestar com o cosmos que estávamos faltando à aula por uma boa causa.

Django ficou tão contrariado com o barulho quanto eu, começou a latir feito um louco, como se o latido fosse espantar o toque do telefone para bem longe dali.

Bem que eu queria que fosse possível.

Mas o que deu um fim nos toques foi o fato de Jonas ter tirado o telefone do gancho e, logo em seguida, ter o colocado na orelha, falando:

— Alô?

Quase dei um grito para expressar meu choque.

Aquela era a pior atitude que ele poderia ter tomado.

Capítulo 28 — Interrogatório maligno

(38 perguntas)

— É a sua mãe — ele me disse assim que teve a primeira chance de tapar o bocal.

Eu já sabia. Ele nem precisava interromper a conversa para me avisar.

Pelo tipo de resposta, dava para saber que se tratava de um interrogatório. E dos brabos, com direito a nome, idade, profissão, comida favorita e por aí ia.

Ficando mais assustador a cada resposta.

Em dois minutos de ligação ela conseguiu coletar mais informações sobre Jonas do que eu em um mês.

Mas o importante mesmo era que aquele interrogatório maligno não chegasse até mim.

Jonas podia responder até qual era seu tipo favorito de conchinha do mar se quisesse. O crucial era não mencionar meu nome na conversa.

Mas isso não era uma tarefa pra qualquer um.

E certamente não era pra um marinheiro de primeira viagem como Jonas.

O coitado não tinha ideia de como era a rede de perguntas e manipulações da minha mãe.

— Ela quer falar com você — Jonas falou assim que conseguiu tapar o bocal pela segunda vez.

Fiz que não com a cabeça, ele arregalou os olhos em resposta.

Fiquei sem saber se a reação tinha sido por conta da minha recusa ou por alguma pergunta escabrosa que minha mãe tinha feito do outro lado da linha.

— Disse que só tem mais algumas perguntas pra mim — ele comunicou.

Ufa, cheguei a respirar aliviada.

“*Algumas perguntas*”, no dialeto da minha mãe era muito relativo. Podia se arrastar por horas.

Inclusive, eu torcia para que se arrastasse mesmo. Assim eu poderia ir até a cozinha descolar um lanchinho pra gente. Pipoca, talvez. Com refrigerante, é claro.

Mas seria arriscado me distanciar de Jonas no meio de um telefonema tão complicado. O mais prudente que bolar um plano de contenção para o caso do meu nome ser mencionado.

Até me arrastei pra outra ponta do sofá para que ele esquecesse minha existência. Tentei ser o mais discreta possível, sem fazer barulho nem nada. Mas infelizmente as coisas não eram tão simples assim.

Mal deu tempo de ajeitar a almofada atrás das minhas costas antes de ouvi-lo falar:

— Eu e Olivia? Nós somos... Uhn, colegas de classe.

“Uhn, colegas de classe”. Essa doeu, mesmo com a almofada bem-posicionada para amortecer o baque.

A verdade doía às vezes.

Porém, em minha defesa, queria dizer que certamente seríamos um pouco mais que isso se minha mãe não tivesse ligado numa hora tão inoportuna.

Poderíamos estar sendo “uhn, colegas de classe que *se beijavam*” se ela não

decidissem encurralá-lo num beco sem saída feito todinho de perguntas.

— Como assim que classe? — ele indagou, abismado, quebrando a dinâmica do questionário por completo. — Do cursinho! Ela não te contou que entrou no cursinho? Já faz mais de um mês...

Balancei minhas mãos num gesto de “*Corta!*”, igual um diretor de cinema maluco.

Jonas ignorou por completo meus sinais, totalmente preso na rede de perguntas dela. Meu dever era interromper aquela palhaçada de uma vez por todas. Caso contrário, ela usaria todas as informações que conseguisse contra mim.

Quase podia visualizar a cena dela contando tudo para o meu pai num tom melancólico enquanto ele ouvia as minhas peripécias balançando a cabeça careca dele num ritmo decepcionado.

Era sempre assim.

Não importava o que eu fizesse, fosse bom ou ruim, eles sempre terminavam balançando a cabeça no ritmo da decepção.

Eu detestava aquele ritmo.

Foi por isso que eu parei de tentar agradar.

Demorou muito para eu entender que nunca conseguiria.

Foi meio libertador quando descobri.

— Claro que ela está indo bem — Jonas falou antes de mudar o telefone de lado. — Depois que ela se lembrou das fórmulas, pegou o ritmo rapidinho. Tenho certeza de que ela vai se dar bem no ENEM.

O pobre Jonas passava essa informação sorrindo, não fazia a mínima ideia de que ela rapidamente acharia um jeitinho de menosprezar o fato, igual fazia sempre que eu relatava um avanço no blog.

Mas uma coisa era fazer pouco das minhas conquistas para mim, outra bem diferente era ela falar para Jonas.

Fiquei muito ressabiada com o que ela poderia falar sobre o assunto.

Decidi tomar uma medida drástica.

Joguei-me por cima de Jonas para impedir a qualquer custo que ele fosse obrigado a ouvir os comentários depreciativos dela.

Não deu muito certo.

Jonas nem se abalou, só o que fez foi trocar o telefone de lado, antes que eu pudesse me enrolar no fio. Não calculei muito bem meu impulso e nem posso dizer que ele tinha exatamente um propósito, só me lancei da minha ponta do sofá para a dele, catapultada pelo meu desejo de poupar os ouvidos dele.

Olhando a cena de fora, parecia que eu simplesmente tinha me pendurado no pescoço de Jonas sem nenhuma razão lógica.

Mas na verdade *existia* uma razão. Ela podia não ser lógica, mas era importante.

Pelo menos para mim.

Reparei muito bem que quando falei para Jonas que gostava dele, ele não disse que gostava de mim também. Suas ações indicavam que sim, porém, seria precipitado ter certeza.

Meu medo era que as chances de ele me corresponder fossem por água abaixo ao ouvir sobre a versão nada lisonjeira de Olivia Liveretti que minha mãe revelaria.

E acho que pelo menos isso consegui impedir, pois enquanto Jonas de inclinava para tentar enxergar de uma mínima distância o que eu estava fazendo pendurada no ombro dele, interrompeu o que quer que minha mãe estava dizendo do outro lado da linha.

— Um minuto, senhora. Acho que Olivia quer falar com você.

Se existisse um concurso de pior interrupção do mundo, aquela certamente ganharia um lugar no pódio.

Ainda assim, uma interrupção era uma interrupção.

Já era o bastante para que Jonas não soubesse quantas vezes eu tinha ficado de recuperação na escola e o quanto eu costumava ser preguiçosa quando o assunto era estudar.

Evitar falar com a minha mãe era só uma questão de jogo de cintura. Eu vinha treinando minhas habilidades nisso desde o dia em que saí de casa.

— Jonas, eu não... — comecei a dar minha desculpa.

Contudo, não pude concluí-la, fiquei distraída demais com o movimento do braço de Jonas se enrolando lentamente pela minha cintura.

A sensação era ótima, mas aquele não era o momento apropriado para uma troca de carinhos. Minha mãe continuava ao telefone.

O que ele pretendia com aquilo?

— Vou passar para ela — ele disse para minha mãe enquanto, com a mão que não estava me aprisionando, colava o telefone na minha orelha.

— Alô? Olivia? É você? Mal posso acreditar que você vai se dignar a falar com sua própria mãe — ela começou, cheia de julgamentos.

— Oi, mãe, pois é... — respondi sem nenhum tipo de entusiasmo.

Minha cabeça dava voltas. Precisava escapar daquela ligação o quanto antes. Um desafio e tanto quando se tinha o braço de Jonas em volta da minha cintura.

— Quem é esse garoto Jonas e o que ele fez com a minha filha? — ela logo

quis saber.

Dava para ouvir a empolgação no tom agudo da sua voz.

Pelo visto nós continuávamos sendo o oposto uma da outra.

A única coisa que tínhamos em comum naquele momento era a dúvida.

Eu também não sabia o que aquele garoto estava fazendo comigo.

Mas levando em consideração que eu estava falando com minha mãe enquanto estava sendo feita de refém no sofá por ele, imagino que fosse algo grande.

Algo ainda maior do que calculei.

— Ele já te falou, estudamos juntos — respondi, seca como um deserto. — Por que tá perguntando de novo?

— Porque queria saber de você — ela disse, numa voz vacilante. — Se ele é legal, se tá te tratando direitinho...

Olhei para Jonas que continuava firme e forte segurando o telefone contra o meu ouvido e com o braço em volta de mim, enquanto com os pés ele tentava brincar com Django, para simular que não prestava atenção na conversa que acontecia ao seu lado.

Olhando por outro ângulo, talvez ele não estivesse me prendendo tanto quanto eu achava.

Podia ser que ele só estivesse me abraçando.

Dava para sair de lá a qualquer hora que eu quisesse.

O problema era que eu não queria.

A conversa estava péssima, mas o abraço compensava.

Ajeitei-me de um jeito que fosse mais confortável pra nós dois. Peguei o telefone da mão dele e segurei o braço dele que estava em volta de mim para que ele não ousasse tirá-lo dali. Senti meu corpo subir e descer no ritmo da respiração dele.

Tão agradável...

Se conversar com minha mãe era inevitável, minha estratégia seria me concentrar no único ponto bom que ela gerou.

— Ele é legal, sim — confirmei pra minha mãe, sem ter coragem de olhar pra ele, estava mais que claro que ele era o assunto. — Mas a gente é só amigo.

Porque era isso que a gente era, não?

Ele mesmo tinha passado essa mesmíssima informação para ela minutos antes.

E, mesmo que fôssemos algo mais, minha mãe seria a última pessoa *do mundo* para quem eu contaria.

Para falar a verdade, caso essa informação seja verídica, eu preferiria guardá-la comigo como se fosse um tesouro.

Contudo, durante aquele curto espaço de tempo eu tinha dado um jeito de viajar na maionese novamente. Só percebi que minha cabeça tinha ido parar num lugar muito longe da realidade quando senti o braço de Jonas se afrouxando em volta de mim.

— Melhor vocês duas conversarem sozinhas — Jonas disse no ouvido em que não tinha um telefone grudado. — Vou brincar um pouco com Django e tentar fazê-lo comer um pouco.

Ele se levantou do sofá me deixando largada ali, sozinha. Lá se ia meu principal incentivo em manter aquela conversa cheia de pausas desconfortáveis.

Meu único consolo foi o beijo que Jonas deu na minha testa antes de me abandonar por completo.

Depois disso, ele pegou Django no colo e os dois foram para cozinha.

Fiquei solitária no meio de mais uma das pausas da minha mãe.

— Bacana — minha mãe comentou do outro lado da linha, depois de segundos, sobre minha amizade com Jonas.

— Sim, ele é muito bacana mesmo — respondi pura e simplesmente porque não sabia mais o que falar.

Claramente não tínhamos mais assunto. Hora de começar as falas de encerramento. Ensaiai uma despedida, sei lá, qualquer coisa que me liberasse daquele compromisso e me deixasse livre para ir até a cozinha ser feliz com Jonas e Django.

— E você voltou a estudar, nem falou nada... — ela fez questão de introduzir um tópico que era superpolêmico na nossa relação, agora a conversa tinha potencial para se arrastar por milênios, que saco! — Sabe, nada nesse mundo faria seu pai mais orgulhoso.

— Orgulhoso? É mesmo? — questionei, trabalhada na ironia. — Pensei que ele estivesse profundamente decepcionado com minhas atitudes imaturas, porque foi isso que ele me disse da última vez em que nos falamos.

E eu nunca ia esquecer a expressão de desesperança no rosto dele.

A decepção dele e minha maior ambição de vida estavam muito intimamente ligados para que pudéssemos continuar vivendo no mesmo lugar.

— Olivia, não fala assim! — O tom de voz trêmulo da minha mãe voltou à tona. — É por isso que a gente tem que conversar. Sempre que tento ligar você me evita.

— Estive ocupada, estudando — falei. — E acho que chegamos a um ponto final na nossa conversa naquele dia que você me disse que não dava pra continuar do jeito que eu estava, quem decretou o fim da linha foi você, eu só segui adiante.

Bem, literalmente, diga-se de passagem. Coloquei meus pertences numa mala e bati a porta bem forte quando saí.

Mas nada disso teria acontecido se eles não tivessem tentado mudar quem eu era.

Ajudaria também se eles não desacreditassem totalmente do meu potencial.

Na cabeça deles eu ia voltar dois dias depois, pedindo desculpas por acreditar no meu sonho de ser blogueira.

Como se *existisse* esse negócio de se desculpar por sonhar as coisas que a gente sonha.

Como se sonhar fosse algo *voluntário*.

Verdade que às vezes tem gente que desiste mesmo dos sonhos.

No final das contas, *eu* desisti.

Mas tinha minha consciência tranquila de que não tinha sido por causa de ninguém além de mim.

Custou-me muito tempo e esforço para perceber que meu sonho me fazia mais mal do que bem. Mas, sei lá, acho que esse era o único jeito possível de tomar uma decisão como aquela, quebrando a cara.

Só assim eu pude aceitar que as coisas não iriam acontecer do jeito que eu queria.

Só assim para eu estar em paz com minha decisão.

Era igual ter que provar um vestido de festa mesmo sabendo do trabalho

que daria para vesti-lo e das chances altíssimas de ele não ficar bem no corpo.

Ninguém deixava de provar o vestido perfeito só porque as chances de ele não vestir bem eram altas.

A gente precisava correr o risco, porque existia uma mínima possibilidade de dar certo.

Além do mais, os vestidos costumam ser tão lindos.

Os sonhos também.

Por isso que era difícil pra cacete de desistir.

— Eu sei, filha, mas as coisas mudam, não? — minha mãe falou com a voz mais trêmula do que nunca. — Quero dizer, pelo menos para mim e pro seu pai mudou muito depois que você foi embora. Pode ser que nós não tenhamos sido os melhores pais do mundo, mas estamos dispostos a melhorar, é por isso que a gente queria conversar.

Tive que respirar fundo para não deixar que minha voz tremesse.

Por isso só respondi:

— Tá! — Não queria dar a impressão de ser uma manteiga derretida.

Até porque, certamente, eles não foram os melhores pais do mundo. Mas isso tinha muito a ver com o fato de eu tampouco ser uma boa filha.

A situação não chegaria ao ponto que chegou sem a ajuda dos dois lados.

— Que tal sábado, depois de amanhã? — mamãe perguntou. — A gente pode ir numa cafeteria com xícaras bonitas, do jeito que você gosta. Você pode comer o bolo que quiser. Juro que não vou nem mencionar as calorias.

A lembrança das calorias me fez dar um suspiro pesado, ela vigiava tudo na minha vida mesmo. Até as coisas que não precisava.

— Sábado eu tenho aula — falei. — Depois tenho grupo de estudos.

— Bom, no domingo eu e seu pai já temos um compromisso marcado, também não vai dar. Pode ser no domingo que vem, o que acha? Se sua agenda não estiver muito cheia.

— Não tenho agenda, trabalho com *planner* — expliquei. — E domingo está tudo livre nele.

— Você pode me explicar o que é um *planner* durante o café. Eu e seu pai vamos esperar ansiosos o final de semana que vem chegar — ela disse do outro lado da linha.

— Eu também — falei.

E estava sendo sincera.

Decidi que não valia à pena mencionar que se eles cancelassem o *compromisso* que eles tinham no domingo, nosso encontro poderia ser ainda essa semana.

Tudo ia muito bem para que eu estragasse tudo com uma dose amarga de ciúme parental.

Achei melhor encerrar com um:

— Até lá.

Enquanto mamãe optou por um:

— Te amo, Olivia.

E esse foi o fim da ligação.

Capítulo 29 — Um recado e tanto

(17 bandejas de comida congelada)

— Temos um problema — Jonas falou assim que eu entrei na cozinha.

Imediatamente procurei Django com o olhar, temendo uma recaída do animalzinho.

Mas ele estava bem plácido lambendo o restinho de comida da sua tigela.

Não entendi o estarrecimento na expressão de Jonas. Se Django estava bem, qual era o problema?

— Ia preparar algo pra gente comer, mas você não tem *nada* na geladeira — ele explicou.

Fiquei indignada com a calúnia. Tinha água, suco de caixinha e manteiga lá dentro. Será que ele não olhou direito?

Aliás, eu aceitaria um copo d'água. A conversa com minha mãe tinha realmente abalado meu psicológico.

Mas, como estava tentando ser uma pessoa melhor, dei prioridade a esclarecer a dúvida de Jonas primeiro.

— A comida de verdade não mora na geladeira — expliquei. — Ela mora aqui.

Abri o congelador esperando que ele ficasse surpreso com minha sagacidade, mas quando olhei para trás para espiar sua expressão, ele estava

muito mais horrorizada do que eu esperava.

— Isso não é comida de verdade! — ele disse.

— É, sim — protestei. — Só que congelada.

— E em caixas, vindas direto da indústria.

— Que que tem? Até parece que você não come um hamburguerzinho de vez em quando.

— *De vez em quando* — ele frisou. — Isso deve até fazer mal pra saúde.

Não acreditei que estávamos tendo aquele papo. Era para ele ficar impressionado de maneira positiva, não me assustar daquele jeito. Voltei a pensar nas calorias que minha mãe mencionou na ligação. Em como perdi muitas delas de uns tempos pra cá.

— Vou pedir pra minha mãe fazer umas quentinhas pra você quando chegar em casa — Jonas anunciou enquanto coçava a cabeça de um jeito meio preocupado.

Nem me incomodei em usar minhas boas maneiras e dizer que não precisava.

Precisava, sim.

Quentinhas eram sempre bem-vindas.

Eu só comia comida congelada porque minhas tentativas de cozinhar foram todas infrutíferas. Não importava quantos vídeos visse no YouTube. Minha comida nunca ficava tão bonita quanto à da tela.

E muito menos tão gostosa quanto elas davam a impressão de ficar.

Ninguém fazia cara de prazer quando colocava uma garfada da minha gororoba na boca.

Não foi à toa que desisti logo depois de algumas tentativas.

Conformei-me com a comida congelada numa boa. Não era tão ruim quanto Jonas fazia parecer. Existiam vários sabores e vários tipos de pratos diferentes.

Tudo bem que eles meio que pareciam a mesma coisa depois de um tempo comendo.

Mas pelo menos alimentava, me dava os nutrientes necessários para me manter de pé e dar notícias bombásticas no meio da cozinha:

— Por falar em mãe, marquei com a minha de me encontrar num café domingo que vem. E advinha quem vai ser intimado a ir junto?

Coloquei a mão na cintura para aguardar o terror aparecer nos seus olhos do jeito mais confortável possível.

Foi uma cena linda.

Principalmente porque Jonas era um cara muito bonito. Ainda mais quando depois que o choque inicial passou, um sorrisinho abriu caminho entre seus lábios e ele deu um passo na minha direção.

— Isso quer dizer que você quer me apresentar pros seus pais? — ele perguntou, segurando minha mão.

Por mais que a beleza, a altura e o calor da mão dele envolvendo a minha mão fosse um impacto e tanto, eu tinha que me ater aos fatos.

E o fato era:

— Não, quero que você veja bem de perto o problema que criou.

Porque por mais que o telefonema da minha mãe tivesse sido melhor do que o esperado, eu continuava me tremendo na base de encontrar o combo mãe-e-pai juntos.

Juntos eles eram mais fortes.

Sem falar que eles teriam tempo de sobra de bolar estratégias para me dar uma rasteira por onde eu menos esperava. Era preciso vigiar todos os lados. Por isso eu precisava de reforços.

Jonas seria um reforço perfeito.

Dava para perceber que ele aceitaria meu convite só pelo jeito que ele apertou a minha mão e me puxou um pouquinho mais pra perto.

Mas mesmo assim ele fez questão de falar:

— De qualquer forma vou ficar feliz em conhecê-los. Assim vou poder contar pra eles sobre seus péssimos hábitos alimentares.

— Você não me deduraria desse jeito — eu disse, chegando um tantinho mais perto, perto o bastante para nossos pés se esbarrarem.

A cabeça dele pendeu para baixo, seu cabelo escorregou pela testa. Mas não por muito tempo, pois minha mão se encarregou logo de puxá-los para cima.

E enquanto meus dedos se emaranhavam novamente naquele lugarzinho confortável formado pelos fios de cabelo de Jonas, eu ainda procurava pela resposta:

— *Né?* — Meus pais já tinham problemas demais comigo para acrescentarmos comida congelada à lista.

Eu precisava saber se ele estava comigo nessa.

Nessa e em todas as outras, para falar a verdade.

Mas uma coisa de cada vez.

Primeiro começaríamos nos concentrando na outra mão de Jonas que se enganchava no passador do meu short jeans, depois em ouvir com atenção a resposta dele.

— Você sabe que não, né, Liv? — Ele soltou sua mão da minha para levantar meu rosto e colocá-lo num ângulo que olhasse diretamente pra ele. — Independente de eu concordar ou não com seu estilo de vida.

Achei essa resposta um tanto quanto ambígua. Como assim ele não concordava com meu estilo de vida? Ele falava da comida ou de um modo geral?

Era difícil chegar a alguma conclusão com ele me olhando daquele jeito, com seus olhos tão perto dos meus e nossas respirações meio que se misturando.

Tudo que eu consegui dizer foi:

— Ótimo! — Porque essa era a sensação que predominava dentro de mim.

Logo em seguida me coloquei na pontinha dos pés e finalmente, *fi-nal-men-te*, consegui colar minha boca na dele em paz.

Se bem que paz era a pior palavra para descrever o que veio a seguir.

O maior rebuliço que minhas entranhas já enfrentaram.

O braço de Jonas me envolveu e fez o favor de juntar todas as partes de nossos corpos que ainda ousavam estar separadas. Enquanto eu voltava a me afogar no gostinho suave de halls de morango que ele tinha.

Nunca vi um beijo ser tão gostoso.

Minha mão se embrenhava mais e mais pelo cabelo dele e minha boca continuava perdidíssima na exploração da boca dele.

Podia ficar ali para sempre, sentindo a língua dele escorregando pela minha e deixando meus dentes se arrastarem de leve pelos lábios dele de vez em quando.

Senti a respiração de Jonas pesada em meu rosto, dentro de mim subiu um negócio que nem sei explicar, só sei que me fez me apertar toda contra ele.

Jonas me abraçou ainda mais forte, não achei que aquilo fosse possível, mas pelo visto era.

E fazia com que meus pés se levantassem do chão.

Parecia que eu estava levitando.

Mas a minha prioridade era continuar beijando.

Mesmo enquanto Jonas se virava, me levando junto. Não me importava muito o destino desde que sua boca continuasse fazendo as coisas que estava fazendo com a minha.

Contudo, quando me vi pressionada entre ele e a pia, fiquei bem satisfeita com a inovação.

Uma pena Django não ter a mesma opinião que eu.

Ele escolheu aquele momento para começar a latir que nem um louco, fazendo com que eu e Jonas levássemos um baita susto.

Pensei que ele estava passando mal de novo ou alguma coisa do tipo.

Mas não vi nenhum indício de mal-estar na carinha dele.

Ele estava em posição de batalha, apoiado de um jeito bem firme nas quatro patas, pronto para atacar qualquer um que fizesse algum movimento brusco.

Jonas deu um passo bem discreto para trás.

Acho que ele não queria desrespeitar o território de Django.

Na minha opinião, era muito honrado da parte de Jonas.

Deveria ser chocante para um cãozinho ver a sua dona apaixonada.

Ao mesmo tempo, eu já sentia falta de ter o corpo de Jonas todo colado no

meu.

E só tinha passado uns cinco segundos.

Seria megacomplícado enfrentar toda a noite de estudos que a gente tinha pela frente assim.

— Vou colocar uma das suas lasanhas no micro-ondas pra gente jantar — Jonas comunicou enquanto passava a mão pelos cabelos tentando consertar a bagunça que eu fiz.

Não adiantou muita coisa.

— Eu vou organizando a mesa pra gente estudar enquanto a comida não fica pronta — falei, enquanto abaixava minha blusa que eu nem tinha percebido que tinha subido vários centímetros durante nossas atividades.

Levei Django comigo ao sair da cozinha.

Eu e ele precisávamos ter uma conversinha sobre essa crise de ciúme irracional.

Ele adorava Jonas, não adorava?

Ele precisava ficar ciente de que eu tinha o direito de adorar também.

De um jeitinho peculiar, eu e Jonas acabamos nos virando para conseguir estudar.

Ele se sentou de um lado da mesa e eu de outro.

Achamos mais prudente. Pois nada era mais eficaz do que um objeto sólido para separar dois corpos que queriam ficar juntos.

Mas o objeto sólido não era sólido o bastante para impedir que nossos pés ficassem de briguinha por baixo da mesa. Nem que sorrisinhos bobos interrompessem as explicações sobre alguns conceitos de física.

Não dava para evitar.

Felicidade não era algo que conseguia ser pausado, não era um vídeo no YouTube.

E eu estava feliz, mesmo no meio dos estudos de física.

Mas tentava manear nas demonstrações porque sabia que quanto mais cedo os estudos acabassem, mais cedo poderíamos ter um tempinho para nós.

Mal via a hora de poder me levantar da mesa e poder enrolar os braços em volta dele.

Ele me olhou com um sorriso que me dizia mais ou menos a mesma coisa.

Logo em seguida o celular dele tocou.

— Jonas Caruso, onde é que o senhor está? — Nem deu tempo de ele falar “Alô”.

E mesmo do outro lado da mesa eu pude ouvir o grito da mãe dele.

Jonas arregalou os olhos em total estado de alerta ao virar o pulso para ver as horas. Fiz o mesmo e acho que arregalei meus próprios olhos.

Quem diria que já era onze na noite! Nem senti o tempo passar.

Mas a mãe de Jonas com certeza sentiu por nós dois porque ela continuava gritando cada vez mais alto no telefone.

Gritava coisas sobre o perigo da cidade, a irresponsabilidade dele que sabia que tinha que acordar cedo no dia seguinte para trabalhar, o horror que seria para voltar pra casa a essa hora e mais um monte de coisa.

Todas as afirmações muito verdadeiras. A mãe de Jonas estava coberta de razão.

Foi por isso que eu dei um chutinho no pé dele por baixo da mesa e esperei

ele olhar para mim.

— Dorme aqui em casa — falei sem usar a voz assim que seus olhos encontraram os meus.

Seus olhos voltaram a se arregalar.

De um jeito tão fofo que eu até dei risada.

— Tem certeza? — ele disse, só mexendo os lábios.

A mãe dele continuava gritando do outro lado da linha, sobre como o Rio de Janeiro estava cada vez mais perigoso.

Eu fiz que sim com a cabeça. Não tinha sentido ele ir para casa a essa hora da noite.

A mãe dele falava algo mais ou menos com o mesmo teor no telefone.

Ela só parou de falar quando Jonas interrompeu o discurso dela para dizer:

— Então melhor eu nem voltar, né, mãe? Olivia disse que eu posso dormir aqui na casa dela.

— Ah, é? Por um acaso na casa dela tem um quarto de hóspedes ou algo do tipo? — ela indagou, novamente aos berros.

— Não! — berrei de volta, na direção do telefone. — Mas tem um colchão de hóspedes, serve?

Era verdade, comprei assim que consegui o apartamento. A intenção era usá-lo nas várias festas do pijama que planejei fazer com Melanina.

Ou seja, ele continuava novinho em folha, visto que minhas festas com Melanina nunca saíram do papel e não saíam tão cedo.

— Serve! — a mãe de Jonas gritou no telefone. — E, por favor, se vocês forem fazer alguma coisa, usem camisinha! Meu filho é muito novo para ter

um filho. Melhor terminar a faculdade primeiro.

Preciso dizer que meu rosto ficou manchado de todos os tons de vermelho?

Minha vontade era me esconder debaixo da mesa e nunca mais sair de lá.

Mas assim eu não conseguiria verificar se Jonas estava tão sem-graça quanto eu.

Ele estava. Seu rosto também tinha tons de vermelho. E ele deu duas tossidas nervosas antes de falar:

— Poxa, mãe, podia ter desligado sem essa. Boa noite, dorme bem, não esquece de trocar a água de Sandy, tchau.

Ele afastou o telefone do rosto antes que a mãe tivesse chance de resposta. Ainda bem. Só Deus sabia o que mais de embaraçoso aquela senhora podia falar.

Nós trocamos olhares sem-graça por cima dos livros e dos cadernos.

— Sem condições de continuar a estudar — concluí.

— Verdade — Jonas disse, começando a organizar o material em meio a tosses nervosas.

Talvez fosse prudente pegar um copo d'água para ele.

Qualquer coisa para escapar da atmosfera tensa que se formou.

— Desculpa a minha mãe, é bem sem noção às vezes. Não entende como as coisas funcionam direito.

Bem, pelo menos nós duas tínhamos isso em comum. Também não sabia como funcionavam as coisas direito. Mas sabia que mencionar camisinhas do nada não era indicado.

Isso deixava as pessoas nervosas e sem saber o que fazer.

Porém, o que realmente importava era que eu estava disposta a aprender.

Com sorte, aprenderia com um pouco mais de noção que a mãe dele.

— Relaxa — falei, mesmo que eu mesma não estivesse nada relaxada. — Não dá pra controlar as besteiras que nossos pais falam.

— Infelizmente... — Jonas comentou enquanto dava a volta na mesa pra fechar meus livros e meus cadernos.

Fiquei um tempinho ali parada, tensa com a proximidade dele.

Racionalmente, eu sabia que não tinha nada a ver eu me sentir assim. Já estive muito mais próxima dele há poucas horas na cozinha.

Mas a frase da camisinha se repetia em *looping* na minha cabeça, destruindo qualquer vestígio de racionalidade que encontrava pelo caminho.

Achei melhor ir para a cozinha pegar água para a tosse de Jonas e para os meus nervos.

Eu era tão boba às vezes...

Capítulo 30 — Explicar com palavras

(1 canção compartilhada)

Voltei da cozinha e dei de cara com uma cena muito bonitinha: Jonas sentado no sofá vendo um filme e Django sentado na perna de Jonas vendo o filme também.

A cena era tão bonitinha que precisei sacar meu celular do bolso e tirar uma foto.

Não fui feita para aguentar tanta beleza reunida. Minha vontade era me jogar por cima dos dois e apertá-los até não poder mais.

Mas para não bancar a louca, foquei minha atenção em jogar uns efeitos na foto e postá-la no Instagram.

Engraçado como a internet estava me servindo mais como um disfarce para não dar bandeira do que qualquer outra coisa. Toda aquela tensão de ter que deixar a foto em seu estado mais perfeito possível tinha simplesmente evaporado de mim.

Minhas prioridades eram outras.

Eu não sabia exatamente *quais*.

Mas com certeza não eram *likes*.

Assim que Jonas notou minha presença, postei a foto do jeito que estava, sem legenda nem nada e deixei o celular em cima da mesa.

Para ser sincera, nem me importei com a qualidade da foto postada.

Muito ocupada lançando um sorrisinho bobo para ele.

Será que seria assim sempre que nossos olhares se cruzassem?

Bem que podia ser. Eu adorava a sensação.

Era uma mistura de borboletas no estômago com Halls de morango, muito boa de vivenciar.

— Django está vidrado no filme dele — Jonas informou, interrompendo a sessão-sorriso.

Olhei de Django para a televisão sem entender nada.

Não tinha nenhum cachorro na tela. E não parecia ser o estilo de filme que incluiria um animalzinho no futuro da trama.

— O que esse filme tem a ver com Django? — perguntei, confusa de onde Jonas tirou aquela ideia.

Mas não havia como negar que Django estava interessadíssimo no que acontecia na tela.

— Django Livre — Jonas explicou. — O filme do nome dele.

— O nome não é por causa desse filme! — protestei enquanto me sentava ao lado dele no sofá. — Eu nunca vi esse filme. O nome dele é por causa de Django Reinhardt.

Jonas olhou pra mim com seus olhos espantados. Não sei se pelo fato de eu nunca ter visto Django Livre ou se pela menção a Django Reinhardt.

— Quem é esse cara? — Jonas perguntou, cruzando os braços, deixando claro que era a segunda opção.

Menos mal, porque aquela era a única opção que eu poderia fazer algo a respeito. O filme não tinha nada a ver com meu estilo cinematográfico.

Com certeza não era algo que eu poderia ver sem dar uma cochilada no meio.

— Um guitarrista que meu pai ama — expliquei. — Abaixa o volume da televisão que eu vou te mostrar o verdadeiro Django.

Coloquei a minha música favorita pra tocar no celular.

Alguns segundos depois, Jonas lançou um olhar de expectativa pra mim que provavelmente significava que ele estava na esperança da chegada da letra da música.

— Não tem letra — expliquei, mexendo-me no ritmo contagiante da música. — É jazz.

— Como assim não tem letra? Vai ficar só nisso? E seu pai ama? — Seus olhos acompanhavam minha dancinha, mas o resto da sua expressão era de pura desilusão.

Ele se remexeu no sofá, Django caiu fora do colo dele e rapidinho se deitou na sua cama, ainda prestando atenção nas imagens da televisão, mesmo sem som.

— Ama — confirmei, parando até de dançar pra explicar a gravidade da situação. — E eu meio que amo também. Toda sexta depois de eu voltar de meu encontro semanal com Madame Adelaide, eu chegava em casa de muito bom humor, por causa do licor de menta, e encontrava meus pais na sala tomando vinho e ouvindo Django. Acho que era o único momento bom que a gente tinha durante a semana, sempre atribuí à trilha sonora.

Jonas escutou a música com mais atenção. Entortou a cabeça um pouco para o lado, igual Django fazia quando não entendia o que eu falava.

— Liv, não vai rolar de eu gostar dessa música para agradar seus pais — ele anunciou, deitando a cabeça no encosto do sofá e fechando os olhos. — Eu gosto de pagode, sabe? É um mundo de diferença. Vai ser difícil até de *fingir* que gosto desse barulho.

— Você não precisa fingir — falei me ajoelhando em cima do sofá. — De onde você tirou isso? Eu quero que eles gostem de você do jeito que você é.

— E se eles não gostarem? — ele perguntou, ainda de olhos fechados.

Claramente evitando o meu olhar.

Mas aquilo não podia ficar assim.

Era hora de tomar uma providência, percebi.

Minhas paranoias não podiam infectá-lo daquela maneira. Meus problemas com meus pais eram só meus. Ele não tinha porque ficar inquieto com eles.

Ainda mais sendo ele tão perfeito do jeito que era.

— Problema deles — falei me inclinando por cima de Jonas.

Eram raras as situações em que eu podia vê-lo de cima. Estar ajoelhada no sofá me proporcionava esse privilégio, porque daquele ângulo eu conseguia ver seu rosto de uma distância adorável, com nossos narizes quase se encostando.

Dava até vontade de beijar.

Mas antes que qualquer beijo acontecesse, era bom esclarecer que:

— O importante é que *eu gosto*. Minha vontade de impressioná-los jamais conseguiria mudar esse fato.

Foi lindo ver o sorriso dele se formando enquanto ele continuava com os olhos fechados.

— Eu também gosto de você, Olivia! — Ele abriu os olhos pouco a pouco para olhar bem dentro dos meus. — Bastante.

— Bastante quanto? — quis saber enquanto apoiava as mãos nos seus ombros para não perder o equilíbrio diante daquela confissão bombástica.

— Hmmm... — Jonas colocou sua mão em minhas costas ao fazer cara de quem estava pensando.

Sua mão, com todo o tamanho que tinha, ocupava boa parte das minhas costas, porém, o calor que irradiava dela se espalhou pelo meu corpo todo.

— Gosto mais de você do que de muitas coisas. É difícil explicar com palavras... — A ponta do seu dedo fazia círculos nas minhas costas, me deixando toda arrepiada. — Por exemplo, sei lá, esse filme que tá passando na TV, é um dos meus favoritos, eu sempre vejo, quando eu tô feliz, quando tô triste, em todas as ocasiões... Mas agora ele tá bem aqui na minha frente e eu não tô nem aí pra ele. Eu só quero olhar pra você.

Era verdade, os olhos dele não se desviaram nem uma vez para TV enquanto ele falava tudo isso.

Ele só olhava para mim.

E eu também só olhava para ele.

Foi um momento e tanto.

Meu coração estava batendo desgovernado dentro do peito. Tive que me segurar bem firme na fortaleza do ombro dele antes de reunir coragem pra falar:

— Eu não queria que você explicasse com palavras — murmurei antes de passar uma das minhas pernas por cima das dele. — Também aceito explicações em beijos.

Não tinha dado tempo nem de recuperar o fôlego quando senti os lábios de Jonas se chocando contra os meus.

Mais abrupto do que de costume, ao mesmo tempo tão suave como sempre. Como podia? O espiral maluco de emoções que Jonas me fazia sentir de um segundo para o outro não cessava de me impressionar.

Nem as bruscas mudanças de luz vindas da televisão atrás de mim eram capazes de me desconcentrar do que acontecia entre nós, do quanto era bom beijá-lo, de como o resto do mundo era insignificante quando ele passava os braços em volta de mim.

Parecia até que eu ia para outro mundo.

Acho que foi por isso que quando dei por mim, estava sentada no colo dele, com suas mãos firmes apertando minha cintura.

— Acho que só beijos não vão ser suficientes, Liv... — Ele se afastou só o suficiente para me olhar nos olhos.

Os lábios dele estavam vermelhinhos dos beijos, uma de suas mãos subia devagar pelas minhas costas, trilhando o caminho por baixo da blusa.

Foi impossível não bagunçar o cabelo dele e sorrir.

— Fica à vontade — falei ao mesmo tempo em que levantei meus braços pra que ele conseguisse tirar minha camisa de um jeitinho bem prático.

Por sorte eu tinha escolhido usar meu sutiã favorito. Vermelho de bolinhas, muito lindo.

Eu esperava que Jonas achasse o mesmo.

Pela maneira com que ele passou a ponta do dedo pelo contorno do sutiã, imaginei que a opinião dele era bem parecida com a minha.

E quando ele substituiu o dedo pela boca eu tive que arranhar suas costas para não gritar.

Django dormia placidamente em sua cama. Tudo que eu menos queria era acordá-lo.

Longe de mim dar a mínima oportunidade para ele repetir a cena que ele tinha feito da vez anterior.

Foi por isso que eu dei uma puxadinha no cabelo de Jonas e sussurrei no ouvido dele:

— Acho melhor a gente ir pro quarto. A camisinha tão recomendada pela sua mãe fica lá.

Jonas enterrou a cabeça no meu pescoço pra rir antes de se levantar, me levando junto.

Não perdi tempo em entrelaçar minhas pernas em volta da cintura dele e dar meu jeito de tirar sua camiseta.

Existia uma urgência muito louca crescendo dentro de mim. Não era como se estivéssemos atrasados para um compromisso nem nada do tipo.

Era só uma urgência, de querer logo, de saber que já estava mais do que na hora daquilo acontecer.

Assim que Jonas me deixou na cama, eu o puxei para que ele caísse em cima de mim.

Foi a melhor coisa que eu fiz.

O calor da pele dele contra a minha, o acesso que minha mão teve para explorar seus músculos e o jeito como ele beijava meu pescoço foi a combinação perfeita para que o primeiro gemido involuntário saísse da minha boca.

E a coisa toda ficou ainda melhor quando ele deixou um rastro de beijos pelo caminho até meu sutiã enquanto dava um jeito de arrancá-lo.

Foi uma sequência de gemidos involuntários depois que a boca dele achou os pontos escondidos embaixo do sutiã. A fricção da barba dele contra minha pele potencializava ainda mais a sensação desvairada que crescia dentro de mim.

A loucura era tanta que eu projetava meu quadril na direção do dele. Porque

não dava para ignorar o tanto que ele também estava feliz com aquele momento. Dava para sentir, em todo lugar. Pelo jeito Jonas tinha muito mais do que a mão grande.

Jonas se afastou um pouquinho para olhar pra mim e rir da incoerência dos fatos. Ele não precisava falar comigo para eu saber o que ele estava pensando.

Não adiantava eu ficar me requebrando igual uma louca se a gente ainda estava vestido.

Mas não por muito tempo, porque o rostinho sorridente de Jonas logo se movimentou para baixo, deixando uma trilha de calor por onde passava. Tive que me apoiar nos cotovelos para espiar o que ele estava prestes a fazer.

Consegui flagrá-lo bem a tempo de vê-lo circulando o botão do meu short com o dedo.

Que num movimento rápido da mão de Jonas se tornou um botão desabotoado.

E que num movimento tão rápido quanto, foi parar no chão ao lado da cama.

A minha calcinha teve o mesmo destino.

Quando fui ver, Jonas roçava a barba de levinho contra a minha virilha. Senti um solavanco imenso dentro de mim.

Tive que me concentrar muito para não gritar, porque essa era minha vontade.

Mas me contentei muito bem em entrelaçar os dedos no cabelo dele enquanto ele fazia uns negócios inimagináveis, que só faziam minha urgência crescer exponencialmente, quase ao ponto de explodir.

Foi minha vez de puxá-lo para cima e forçar meu corpo contra o dele.

Não tinha nada melhor do que o encontro dos nossos corpos.

Quer dizer, talvez tivesse, sim. Foi por isso que me estiquei no colchão até o criado mudo para pegar o pacotinho na gaveta.

Tentei jogá-lo para Jonas, mas ele não prestou a mínima atenção.

Ele estava interessado em outra coisa. Uma coisa na área do meu pescoço.

Mas era a minha vez de agradar.

— Vou ter que fazer o mesmo com você — eu disse. — Direitos iguais.

Com um sorriso sacana, ele deitou na cama e deixou eu fazer o que quisesse com ele.

Eu quis fazer muitas coisas.

Sendo a primeira delas tirar a calça e a cueca dele e retribuir o que ele tinha feito por mim.

Não só porque eu era uma pessoa muito bem agradecida, mas também porque todas as partes de Jonas mereciam minha atenção.

Especialmente aquela, que era tão bonita.

Talvez eu tivesse perdido alguns momentos só apreciando os detalhes do que tinha diante de mim.

Foi um prazer conhecer ao vivo e a cores, com adoráveis tons de rosa, aquela extensão *super* fez jus à proporção da mão.

Mais do que conhecer, tive prazer em tocar.

E beijar.

E fazer tudo que me era de direito.

Não foi à toa que a última coisa que eu fiz com ele foi colocar a camisinha.

Assim que eu terminei de colocar, ele me puxou pra cima meio desesperado, deixando nossos olhos na mesma altura e nossas respirações num ritmo descompassado.

— Minha vez de fazer uns negócios — ele murmurou contra a minha boca ao se colocar em cima de mim.

E não perdeu tempo.

Dessa vez não consegui controlar meu grito.

Quase não dava para acreditar de tão bom.

A única prova concreta de que aquilo era real era o fato de que Jonas estava por todas as partes: falando meu nome, apertando minha perna, acariciando meu cabelo.

Ele estava tão dentro de mim que a única coisa que eu conseguia balbuciar era o nome dele.

Cada vez mais alto.

Porque eu tinha perdido totalmente o controle.

E acho que ele também.

Na verdade, tinha certeza.

Observei os mínimos detalhes de como aconteceu tudo para ele.

E foi lindo.

Assim que consegui recuperar o controle dos meus próprios movimentos, afastei o cabelo da testa dele e me levantei um pouco para beijá-lo.

Quando o beijo terminou, ele desabou na cama ao meu lado, colocou uma

mecha do meu cabelo atrás da orelha e abriu o sorriso mais bonito que eu já vi antes de falar:

— Então, Liv, é mais ou menos esse o tanto que eu gosto de você.

Eu deitei minha cabeça no peito dele e sorri.

E foi assim que expliquei o que eu sentia.

Capítulo 31 — Cenas de novela

(2.875 notificações)

Acordei com um beijo estalando na minha bochecha.

Estava me sentindo a Bela Adormecida dos dias atuais, tirando o fato de com certeza não estar tão bela assim.

As condições nas quais dormi na noite anterior eram desconhecidas até para mim. Logo, a probabilidade de eu estar toda desconjuntada era altíssima.

Ainda assim, lá estava Jonas, beijando meu rosto, penteando meu cabelo com os dedos.

Não aguentava com aquele garoto.

— Liv, eu vou lá fora comprar alguma coisa pro café da manhã, algo que não seja congelado. Vou aproveitar pra passear com Django, tudo bem?

— Hmmm — foi só o que consegui dizer enquanto me espreguiçava rolando para mais perto dele.

— Pode continuar dormindo — ele disse enquanto ajeitava o cobertor em cima de mim e saía da cama. — Você tá cansada, hoje tem simulado e tudo o mais. Só tô te avisando pra você não acordar assustada achando que eu sumi e roubei seu cachorro.

— Eu nunca pensaria algo horrível assim de você — falei ao mesmo tempo em que ajeitava o travesseiro debaixo da minha cabeça, em busca da posição mais confortável para iniciar o segundo *round* do soninho.

— Acho bom. Porque meus pensamentos sobre você também são os melhores — ele murmurou ao fazer o último cafuné na minha cabeça antes de se afastar.

Voltei a dormir pensando que não tinha como aquela manhã ficar melhor do que estava.

Foi maravilhoso acordar e perceber que tinha, sim.

Quando acordei pela segunda vez, Jonas e Django já tinham voltado. E tinha uma mesa de café-da-manhã digna de novela arrumadinha me esperando.

Espiei o monte de coisas gostosas que Jonas trouxe pra gente, enquanto ele escovava os dentes no banheiro. Tinha uma ótima seleção de pães, bolinhos e frios. Estava tudo tão arrumadinho que quase dava pena de comer.

Mas só quase mesmo.

Porque a fome era grande. Até porque, o excesso de atividades do dia anterior merecia uma compensação alimentícia à altura.

Um *croissant* de chocolate parecia ser uma compensação e tanto.

— Tá gostoso? — Jonas perguntou, saindo todo arrumadinho do banheiro.

Não tinha me dado conta de que já estava na hora de ele ir embora. Fiquei desapontada por ter dormido tanto. Gostaria de ter aproveitado melhor essa manhã com ele.

Quero dizer, o *croissant* estava ótimo. Docinho, crocante. Mas não tinha como comparar ele com Jonas.

Jonas era muito mais gostoso.

Não queria que ele fosse embora, por mais egoísta que isso soasse.

Ofereci o pãozinho pra ele, assim ele podia tirar suas próprias conclusões

sobre o *croissant*. Também fiquei na esperança de que aquilo me comprasse mais uns momentinhos da presença dele.

Ele mordeu o *croissant* e um pedacinho de chocolate ficou preso no canto da boca dele. Cheguei a me arrepiar toda.

Estendi a mão para limpar e comecei a sentir que realmente estava numa cena de novela.

Daquelas mais bobinhas, em que o final feliz era 100% garantido.

Pena que mesmo nessas novelas, existia a chatice do intervalo para o comercial.

Superencarei como um quando Jonas se inclinou para beijar minha testa e falou:

— Perdi a noção do tempo brincando com Django. Tô atrasadão pro trabalho, meu chefe deve estar querendo comer meu fígado no almoço. Tenho que correr. A gente se vê mais tarde.

Interrompi minha degustação para observá-lo se afastando.

Mal via a hora da nossa programação recomeçar.

Ficava mais derretida que o *croissant* amanteigado só de lembrar de tudo que aconteceu ontem à noite. Por mim nós estaríamos repetindo a cena agora mesmo.

Que saco isso de ele ter responsabilidades.

Mais chato ainda era eu ter que fingir que era uma pessoa madura e dizer:

— Boa sorte no simulado se a gente não se esbarrar antes.

— A gente *vai* se esbarrar antes, Olivia — ele disse antes de sair, parado no vão da porta aberta. — Você não vai passar na frente da obra com Django pra me dar oi?

— Vou — confirmei ao me animar com essa perspectiva.

— Ótimo — ele falou antes de se virar e sair.

Deixando uma sensação agridoce no ar.

Talvez fosse a mistura dos cheiros do suco de laranja com o café.

Mas talvez viesse do meu sentimento conflitante de saber que tinha alcançado um ponto ótimo na minha vida, sem ter a certeza de realmente tê-lo alcançado.

Nada como uma boa dose de paranoia para dar um gostinho a mais ao café da manhã.

Tentei me ater aos fatos antes de começar a viajar sem rumo na maionese. E os fatos: o que aconteceu entre mim e Jonas ontem à noite foi maravilhoso, mas será que aconteceria de novo?

Eu queria que sim. O mais rápido possível.

Porém, nós não tínhamos combinado nada.

E se ele já tivesse planos para hoje à noite? Eu não sabia. Não tinha como eu saber, ele nunca postava os planos dele na internet. Isso me impedia de *stalkeá-lo* com eficiência.

Entre um pãozinho e outro, tive a breve consciência de que a viagem na maionese já tinha começado. E não fazia nem quinze minutos que Jonas tinha saído, era melhor eu me acalmar.

Nós iríamos nos ver dali a algumas horas, estudávamos juntos todos os dias, ele não era um cara qualquer que arrumei no Tinder.

Senti que precisava de uma distração que me distanciasse desses questionamentos que não levavam a lugar nenhum.

Tarefas de casa nunca caíram tão bem.

Um chão bem esfregado valia por mil perguntas sem sentido. O mesmo podia ser dito sobre um banheiro que com muito esmero tinha se tornado o cômodo mais limpo da casa.

Coloquei uma música alta e dançante para acompanhar as atividades, também servia que era uma beleza para abafar meus próprios pensamentos.

Django observava minha performance como dona de casa, horrorizado.

Mas não importava. Eu não ia ligar para os julgamentos do meu próprio cachorro. Até porque, ele estava de mau humor.

Saudades de Jonas, eu podia garantir.

Depois do almoço eu levaria Django para passear pelos destroços da Kinki para acabar com a angústia dele.

E a minha.

Esse era um pensamento que eu fiquei a manhã inteira tentando ignorar. Mas nem a altura da música era capaz de abafar. Ficava indo e voltando num ritmo mais chiclete que o refrão.

Havia grandes possibilidades de ser cedo demais. Mas acho que não conseguiria evitar, teria que pedir Jonas em namoro.

O ideal seria que ele aceitasse.

De preferência, sem achar que eu estava ficando louca.

Apesar de eu mesma achar que estava ficando.

Precisava da certeza de ter ele ao meu lado. Nunca senti necessidade disso antes.

Mas o ritmo das mudanças na minha vida estava aceleradíssimo. Minha cabeça mal conseguia dar conta de processar meus sentimentos. Parecia que eu estava precisando de uma atualização no meu software.

Tipo uma Olivia Liveretti 2.0.

E por falar em tecnologia, me perguntei por onde andava meu celular. Fazia tempo que eu não o via.

Isso jamais aconteceria num passado recente. Nem perdi meu tempo me admirando com esse *plot twist* na minha vida, pois considerava que tinha sido algo positivo para o meu bem-estar.

Não fazia sentido reclamar de coisas boas. Mas não havia como negar que ele era um aparelhinho bem eficaz para se ter à mão quando o assunto era ver as horas.

Acabei o encontrando largado embaixo de um saco de pão.

Era 11:12 da manhã e minha tela estava *tomada* de notificações.

Comecei a rolar para baixo pensando que a foto de Jonas e Django assistindo Django Livre no Instagram tinha feito sucesso.

Seria divino, mas também não era pra tanto.

Por que me marcariam em tanta rede social só por causa de uma foto? Será que eu finalmente consegui mudar o mundo com o poder da minha câmera? Justo agora que eu não ligava mais?

Antes que eu pudesse responder essas perguntas, meu celular tocou.

Era Thaíssa.

— Onde você se meteu, sua louca? A coisa aqui está pegando fogo! — ela falou do outro lado da linha, com a maior barulheira ao fundo.

— Ué, a gente marcou de estudar hoje? — perguntei, muito convicta de que estava ficando louca, podia jurar que não tinha marcado nenhuma sessão de estudos no meu *planner*. — Você tá na biblioteca do cursinho? Que barulheira é essa?

— Olivia! — Thaíssa gritou, soando indignada. — O protesto! Tá acontecendo. Vem pra rua!

— *Quê?!*

Derrubei o balde de água e produtos de limpeza que estava perto de mim quando cambaleei para trás. O conteúdo molhou todo o chão que eu tinha acabado de limpar.

— *O protesto contra a demolição da Kinki quinquilharias e afins* — ela falou, articulando as palavras mais que o necessário. — Vem logo, porque acho que conseguimos resultado, um homem de terno com aparência séria entrou na obra e os barulhos pararam.

O pânico tomou conta de mim do pior jeito possível, me paralisando por completo.

Na sala, Django se aproximava da água nojenta para tentar bebê-la. E, não muito distante dali, um problema ainda maior se formava.

Eu não sabia o que fazer. Mas sabia que era imperativo que fizesse algo.

Urgentemente.

— Thaíssa, me dá 10 minutos — pedi enquanto prendia o celular entre o ombro e a orelha e me abaixava alcançar um pano e enxugar a poça no chão. — Não faz mais nada até eu chegar.

— Tudo bem — ela confirmou. — Não preciso fazer mais nada, minha missão está cumprida por aqui. Mal vejo a hora de ver todos esses demolidores pelas costas.

Poderia ter revelado que eu não tinha mais nada contra os demolidores. Inclusive, falar que existia um demolidor em especial que eu tinha tudo a favor.

Mas sentia que tudo ali era uma questão de tempo.

De *pouco* tempo.

Não dava tempo de explicar os detalhes a ela, eu precisava agir.

— Dez minutos, Thaíssa. Segura as pontas pra mim, não deixa nada de significativo acontecer durante esse tempo — pedi pela última vez antes de finalizar a ligação e começar o meu real desespero.

Capítulo 32 — Princípios de um furacão

(13.987 confirmados no evento de protesto contra a destruição da Kinki quinquilharias e afins)

Vi essa informação de relance enquanto saía do prédio às pressas. Como Thaíssa conseguiu arquitetar tudo aquilo sem que eu percebesse?

Será que ela tinha sido muito discreta e agido pelas minhas costas ou eu que tinha sumido do mapa sem perceber as coisas que aconteciam à minha volta?

13.987 pessoas era gente pra cacete.

Meu estômago se revirou, levando junto o resto das minhas entranhas.

A cada passo que eu dava precisava me lembrar que nem todo mundo que confirmava a presença em eventos de fato comparecia. Eu mesma era mestre em dizer que ia aos lugares sem realmente ir.

Com certeza menos da metade dos participantes estariam lá de fato.

Contudo, menos da metade ainda era muita gente. Não precisava nem saber a fórmula de Bhaskara pra chegar a essa conclusão. Uma divisão simples bastava para aumentar um pouco mais meu nível de pânico.

Nem sequer foi necessário dobrar a esquina parar avistar o aglomerado de pessoas na frente da Kinki. Por um momento quis virar as costas e sair correndo.

Mas a imagem de Jonas saindo de casa sem ter ideia que ia enfrentar uma confusão daquelas em seu local de trabalho me fez avançar mais alguns passos

Será que mesmo assim ele aceitaria ser meu namorado?

Talvez eu devesse deixar para fazer a pergunta numa outra ocasião.

Até porque, pelo que eu consegui ver, a porta da Kinki estava fechada.

E não se ouvia nenhum barulho vindo de lá.

Minha esperança era de que a balbúrdia à minha volta tivesse abafado os sons da obra.

O protesto que Thaíssa organizou se tratava basicamente de uma gritaria generalizada pontuada com algumas faixas e placas levantadas.

Avancei multidão adentro com medo de ficar surda.

A primeira pessoa que notou minha presença anunciou:

— Meu Deus, Olivia Liveretti em carne e osso está entre nós! Mais osso do que carne, diga-se de passagem.

Olhei assustada para a menina que segurava uma faixa escrita “*Deixem a Kinki viver*”. Não tinha a mínima recordação do rosto dela.

Como assim ela achou que tinha intimidade para falar dos meus ossos?

— Sou seu fã número um! — gritou um rapaz ao meu lado. — Nunca te critiquei!

Se tivesse espaço, eu pularia para o lado, tamanho meu susto. Como não tinha, apenas fiquei horrorizada no meio da multidão. Desde quando eu tinha fãs meninos?

Aliás, desde quando eu tinha voltado a ter fãs?

— Divaaaa! — Ouvi um grito ao longe.

Dei um aceno na direção do grito, um sorriso forçado para o meu fã número

um e segui meu caminho pela multidão.

Tudo que eu queria era encontrar a Thaíssa e dar um jeito de cancelar tudo aquilo antes que algo ruim acontecesse. A sensação de tragédia iminente me impulsionava a me espremer entre as pessoas distribuindo acenos e sorrisinhos sem-graças quando necessário, mas sem parar para prestar atenção em ninguém.

— Tira uma foto que nem as do seu Instagram pra mim? — alguém me perguntou no meio do caminho. — Vai me ajudar demais a vender minha arte. Eu pago!

Não tive como ver quem foi que pediu aquilo, apesar de esse ser o tipo de coisa que, na atual conjuntura da minha conta bancária, deveria me fazer parar.

Só o que consegui fazer foi berrar:

— Depois me manda mensagem! — Na direção de onde veio a voz e segui o meu caminho.

Não dava para ver o fim da aglomeração de onde eu estava. O desespero crescia cada vez mais. Para todos os lados que eu olhava tinha faixas ou plaquinhas levantadas. As vozes formavam um coro dizendo que nunca deixariam a Kinki vir abaixo.

Quem quase foi abaixo fui eu. Como uma revolução surgiu assim debaixo do meu nariz sem que eu percebesse?

Uma vez Thaíssa me disse que ela era bastante eficiente. Mas em momento nenhum ela me revelou que era uma espécie de *ninja*. Que planejava grandes atos de rebeldia em silêncio.

Achei que ela fosse uma pessoa do bem.

Talvez eu devesse aceitar que mais uma vez fui enganada.

— Olivia! Aqui! — A voz de Thaíssa ressoou no meio dos gritos de protesto, não consegui ver nada além do sorriso dela.

A sinceridade estampada na arcada dentária dela me fez repensar minha desconfiança. Ela não tinha nada a me esconder, tinha? O protesto tinha sido planejado pelas minhas costas ou fui eu que esqueci de me envolver?

A segunda opção soava mais plausível.

Até porque, não tinha como negar que andava tão satisfeita com a vida que até deixei as insatisfações de lado.

Que maravilha era estar apaixonada.

Pena que também acabei me esquecendo de avisar à Thaíssa que essa coisa de protesto tinha perdido a importância.

Agora, rodeada por ele de todos os lados possíveis, percebi que deveria ter avisado.

Senti uma mão envolver meu braço e me puxar para frente. Torci para que fosse Thaíssa, seria muito estranho se fosse outra pessoa, alguém que eu não conhecia, querendo falar de número de seguidores ou algo do gênero.

Além do mais, eu tinha ambições de resolver a situação antes que algo de péssimo acontecesse por ali. Quanto mais cedo eu me resolvesse com Thaíssa melhor.

Precisava resolver aquele mal-entendido.

— Está indo tudo de vento em popa — ela disse, com a maior cara de satisfação assim que cheguei a seu lado.

A alegria dela era tão grande que ela não conseguia perceber meu desespero.

Vento em popa para quem? Tive vontade de gritar. As pessoas estavam tão juntas umas das outras que não havia espaço nem para circular uma brisa.

Só o que eu via ali era os princípios de um furacão.

Isto é, no sentido metafórico da coisa.

Dava para sentir que se eu não agisse rápido, algo desastroso aconteceria.

Algo pior do que já estava acontecendo.

— Thaíssa, como assim você organizou um protesto desse tamanho sem nem me avisar do andamento? — questionei.

— Não quis te incomodar, você estava tão compenetrada nos estudos... Sei que é difícil pra você se concentrar — ela argumentou de um jeito tão fofo que não consegui refutar.

Saber que ela achava que eu estava estudando enquanto na verdade eu estava me agarrando com Jonas me deixou ainda mais apreensiva.

Existiam muitos detalhes que eu tinha esquecido de dizer.

Mal dava para acreditar que Olivia Liveretti estava com problemas de comunicação.

Eu, que um dia cheguei a me considerar uma das principais vozes comunicadoras desse Brasil.

— Não se preocupa — falou Thaíssa. — Foi moleza organizar, incômodo nenhum. Acionei todas as Olivetes e dividimos as tarefas. Cada uma fez um pouquinho, foi só uma questão de coordenar.

— Nossa... — comentei ao observar a paisagem à minha volta, esticando um pouco o pescoço para espiar a porta fechada da Kinki.

Quando as pessoas falavam que juntas elas eram mais fortes, elas não estavam de brincadeira.

Se havia sido o poder da organização das Olivetes que tinham armado todo

esse circo, como eu sozinha faria para desarmar?

Enquanto eu não chegava a nenhuma resposta, Thaíssa voltou a falar:

— Você já viu o *estouro* que a campanha tá tendo na internet? A página da Kinki no Facebook acabou de fazer um pronunciamento. — Ela sacudiu o celular na minha frente, toda animada.

Não perdi tempo em pegar o aparelho da mão dela. Se ela ficou chocada com a invasão do ato, não deu tempo de perceber.

Pois antes de ela poder ter uma reação ou eu conseguir dar uma olhada no tal comunicado, a porta da ex-Kinki se abriu e uma dúzia de homens saíram de lá.

Jonas foi logo o primeiro que avistei, mesmo de longe.

Ele chamava atenção pelo seu porte e pela falta do capacete e do uniforme esquisito.

Aliás, nenhum dos homens estava uniformizado.

Bizarro.

Isso conseguia ser ainda mais esquisito do que o próprio uniforme.

— Um minuto — falei para Thaíssa, ignorando por completo o fato de que ela estava se preparando toda para iniciar uma nova onda e gritaria para os caras.

Adiantei-me para alcançar Jonas, sentindo que Thaíssa seguia meus passos entre a multidão.

— Como assim você vai sair do seu posto agora? — ela falava atrás de mim. — Os inimigos acabaram de chegar, é hora de começarmos a nossa luta!

Ela não entendia que aquela luta não era mais minha. Eu deveria ter

explicado os pormenores da situação para ela antes.

Mas correndo atrás de Jonas no meio do protesto era um momento menos indicado para explicações.

Sem falar que toda minha atenção estava voltada para alcançá-lo.

Era uma droga que ele andasse tão rápido.

Quando consegui me colocar na frente de Jonas, fiquei sem saber o que dizer.

Ele tinha o semblante totalmente fechado. Fazia muito tempo que ele não me olhava assim. E aquele tipo de olhar nunca tinha sido tão intenso.

Senti-me encolher à medida que as sobrancelhas dele se juntavam.

— Satisfeita? — ele perguntou.

A expressão do rosto dele indicava que estava sentindo o exato contrário de satisfação.

— Jonas, eu... — comecei a explicar algo que não tinha explicação.

O volume das vozes pedindo a volta da Kinki aumentava enquanto os colegas de Jonas se afastavam pela rua. A balbúrdia não me deixava pensar. Eu só conseguia olhar pro rosto decepcionado dele e me sentir pequena.

Foi nessa hora que Thaíssa nos alcançou.

— Você convidou Jonas pro protesto? — ela perguntou parando ao meu lado. — Até pensei em te convidar — ela falou para ele, sem perceber o clima instalado entre a gente. — Mas como sabia que você trabalhava de manhã, achei que nem fosse adiantar.

— Trabalhava mesmo, do verbo não trabalho mais — Jonas falou e sua voz soava como um poço de desgosto. — Acabei de ser despedido. As obras foram suspensas por tempo indeterminado.

— Calma, peraí — Thaíssa levantou a mão em um gesto de deixa-eu-ver-se-entendi-direito e olhou pra ele com espanto. — Você é um dos demolidores da Kinki? Olivia! Como assim você não me contou? Eu não ficaria tão amiga dele se soubesse que ele era um dos inimigos.

— Eu... — Não conseguia falar nada de coerente, as coisas estavam caminhando numa direção ainda pior do que a esperada.

Eu queria abraçar Jonas. E ter o superpoder de fazer nós dois sumirmos no chão.

Como nem uma coisa nem outra aconteceu, engoli seco antes de recomeçar a falar:

— Quero dizer, ele não é inimigo, não... — Dei uma olhada para checar se ele prestava atenção no que eu dizia. E ele até olhava para mim, mas sua cabeça parecia estar em outro lugar. Os sinais de decepção só aumentavam no seu rosto. Isso me embaralhava toda. A ponto de não saber o que falar. — Não existe essa coisa de inimigo, existe? — continuei, tendo plena consciência da irrelevância daquele papo, estava tentando ganhar tempo até conseguir formular o que eu realmente queria dizer. — Isso de o bem e o mal tá tão ultrapassado...

Jonas fechou os olhos numa expressão que indicava que ele gostaria que eu ficasse quieta. Coçou a cabeça como quem tentava se livrar de piolhos. Piolhos indesejáveis.

— Vai ver ela ficou com vergonha — Jonas interrompeu meu discurso incoerente do jeito mais brutal possível, cheguei a dar um passo para trás, tamanho choque. — Estou começando a achar que esse é o tipo de coisa que ela faria.

— Jonas, eu jamais... — comecei a falar, quase guinchando, mas ele nem me deu ouvidos.

Preferiu se virar para Thaíssa e falar:

— Por um acaso ela te falou que nós dois éramos... — Ele chutou uma pedrinha que por casualidade tinha sobrevivido a multidão que ocupava calçada. — Bom, nós não éramos nada, mas eu achei que iríamos ser. — A voz dele ia perdendo a força a cada palavra.

No final da frase eu tive quasevque fazer leitura labial para entender o que ele dizia.

Não soube se Thaíssa chegou a entender, só sei que ela não falou nada.

Mas a cara de espanto dela não contava nenhum ponto a meu favor.

O que era muito injusto, porque no dia em que ela foi estudar lá em casa eu deixei quase claro que gostava dele.

Mas acho que Jonas não estava interessado em saber de nada disso.

Para meu próprio pavor, desconfiei que ele estivesse com uma opinião formada.

— Conforme eu pensei — Jonas disse com um sorriso nada feliz enquanto ajeitava a alça da mochila e dava as costas.

Ele não conseguiu dar nem um passo antes de eu segurar seu braço e impedir que ele andasse.

— Jonas, espera, isso não tem nada a ver, deixa eu pelo menos *tentar* explicar — apelei, meio desesperada, perdendo minha compostura por completo.

— Não, Olivia — ele falou, curto e grosso. — Sabe o que é nada a ver? Eu ter perdido meu emprego por conta de um capricho seu.

Não pensei que desse para se sentir pior do que eu já estava, mas pelo visto dava, sim. As palavras de Jonas me machucaram igual uma navalha, cortando meus sentimentos.

A pior parte era pensar que eu também tinha cortado os dele.

— Mas eu juro que não era minha intenção... — tentei começar para mais uma vez ser interrompida.

— Chega, Olivia, sinceramente, não quero saber das suas intenções. Elas custaram parte do sustento da minha família. — Ele pegou minha mão com todo o cuidado e a afastou do seu braço. — Estou tentando me ater aos fatos aqui. E o fato é que vai ser difícil pra caramba explicar pra minha mãe que a garota que eu gosto foi a responsável por tudo isso. Ainda por cima vou ter que ouvir a ladainha dela falando que bem que me avisou.

Ele deu as costas para tentar ir embora de novo. E dessa vez conseguiu. Antes que eu pudesse segurar seu braço, sem me importar em ser totalmente inconveniente, alguém *me segurou* pelo braço.

O que foi mais inconveniente ainda.

E superinoportuno também.

Virei-me para encarar o autor dessa covardia. Se o sujeito não liberasse meu braço em dois segundos, eu perderia Jonas de vista no meio da confusão.

Percebi que o sujeito era uma sujeita quando vi a finura do braço que segurava o meu.

Daria para me livrar muito fácil dela usando a força bruta.

Mas resolvi dar uma olhada no rosto antes de fazer qualquer ato de grosseria.

Acredito que foi um pequeno ato de lucidez no meio do caos.

Dei de cara com um par de olhos arregalados que pareciam ainda mais assustados que os meus.

Se eu tivesse com tempo, até ficaria com pena da garota.

— Desculpa! Te machuquei? Não foi minha intenção! — ela disse.

Fiz que não com a cabeça e fiquei com vontade de chorar e explicar que eu havia me machucado sozinha, com o poder das minhas próprias trapalhadas.

Mas a pobre menina já parecia assustada o suficiente sem que eu descontasse minhas frustrações nela.

E, de qualquer maneira, os dois segundos já haviam se passado. Desviei meu olhar da menina só para me certificar que Jonas tinha sumido de vista mesmo.

Ele tinha.

Senti meus olhos pinicando de um jeito perigoso. Um vexame público só pioraria a situação.

Até porque, chorar não adiantaria nada.

Lágrimas não serviriam para indicar em qual direção Jonas havia seguido.

O jeito era esperar até a hora do simulado para falar com ele. Não era de todo mal. Assim eu podia até organizar meus pensamentos e criar argumentos contundentes para que ele entendesse o meu lado.

Eu meio que ansiava e temia aquele momento.

Mas por hora o mais aconselhável era prestar atenção na garota e ver se conseguia fazer com que ela me devolvesse meu braço.

— Nem acredito que é você de verdade! — ela falou, deixando um sorriso tomar conta do seu rosto. — Meu nome é Carina, sou do blog Fofurecas, posso fazer uma entrevista com você?

— Agora? — perguntei, sem conseguir acreditar no péssimo *timing* do acontecimento.

Adorava quando outros blogs reconheciam o meu trabalho. Nada costumava me deixar mais feliz. Mas eu não estava com cabeça pra aquilo agora.

Na minha cabeça só existia a imagem decepcionada do rosto de Jonas.

A imagem que eu precisava reverter.

— É... — a menina disse, um pouco sem-graça, finalmente soltando meu braço e apontando para a câmera que um garoto segurava.

Entrei em pânico ao notar que ela poderia estar filmando a minha cara de desespero. Tentei melhorar minha postura, mas era muito difícil me concentrar na minha aparência quando tudo dentro de mim estava despedaçando igual uma geleira no aquecimento global.

— Esse é meu namorado, Rafael, ele *superapoia* minha carreira. Ele que me deu a ideia de te entrevistar. — O garoto deu um tchauzinho animado por trás da câmera. — A gente pode? — a menina perguntou. — São só duas perguntas, ajudaria muito na divulgação do meu blog. Você é exatamente a pessoa que meus seguidores querem ver, prometo fazer uma edição bacana.

O nome do blog tinha tudo a ver com a menina e o namorado dela. Mesmo que aquele fosse o pior momento possível, não tive coragem de dizer não.

Apenas passei a mão embaixo dos olhos para afastar as lágrimas.

A menina entendeu aquilo como um sim, fez sinal para o namorado ligar a câmera e logo me perguntou:

— O protesto foi um arraso, tanto aqui na rua como na internet. Como você está se sentindo ao liderar essa revolução? Como é a sensação de fazer a diferença?

Acho que fiquei alguns segundos olhando para a câmera estatelada. Aquele definitivamente não era meu veículo preferido de comunicação.

E como eu não sabia direito o que fazer, decidir apenas ser sincera.

— Não muito bem, Carina — falei, olhando pra ela, evitando pensar que na minha frente tinha uma câmera. — Para falar a verdade, bem mal. Acho que

mais do que fazer a diferença, eu queria fazer diferente. Sei lá... Às vezes as coisas saem de controle, sabe? Um protesto dessa magnitude não estava nos meus planos. Eu nem sabia que eu tinha tantos admiradores assim. Pensei que eles tinham se perdido com o tempo... Que bom que não se perderam, mas atualmente estou dando prioridade para outras coisas. Coisas mais concretas, que me fariam muita falta se eu perdesse.

Houve um momento de quietude, em que ela e o namorado se olharam, intrigados.

— Pode explicar melhor? — a menina perguntou, um tanto quanto encabulada. — Não ficou muito claro.

— Acho que não — respondi, ainda seguindo a linha da sinceridade. — Tá tudo bem confuso na minha cabeça também, desculpa. E obrigada pela oportunidade. Vou pra casa pensar melhor.

E foi isso mesmo que eu fiz. Deixando o protesto pra trás, embora ele continuasse a pleno vapor.

Não me interessava mais interrompê-lo.

O mal já estava feito.

Não adiantava parar o furacão quando ele já tinha destruído tudo o que eu mais prezava.

Capítulo 33 — Problemas femininos

(345 tweets de congratulação)

De cinco em cinco segundos eu me virava de costas pra vigiar a porta.

Nem sinal de Jonas.

Droga, ele mesmo tinha me dito um dia que o simulado era obrigatório para todos os alunos.

Contei com isso para expor meus argumentos e fazê-lo entender que eu não fui a mente criminosa por trás da demissão dele.

Nem muito menos que eu tinha vergonha dele.

Aquele era o maior absurdo de todos.

Pois eu sentia justamente o contrário.

Seria um orgulho imenso ter um homem como Jonas ao meu lado.

Ficaria me sentindo tão contemplada quanto a ganhadora da Mega-sena se tivesse tido a sorte de andar com ele de mãos dadas por aí antes de tudo vir por água abaixo.

Ele precisava saber disso. Eu ainda me agarrava às esperanças de que nem tudo estava perdido.

E para que elas se concretizassem, era de suma importância que ele chegasse.

Não só para ouvir minhas declarações de amor, mas também para cumprir com suas obrigações de aluno.

O desempenho no cursinho era importante para o futuro dele.

O professor entregava pequenas pilhas de simulados para os alunos que sentavam na fileira da frente para que eles pudessem pegar um dos bloquinhos e passar o resto para trás.

A avaliação começaria impreterivelmente às 18:40.

A tensão reverberava pelo cômodo.

Meu celular vibrava sem parar dentro da minha bolsa, em cima do meu colo.

Infelizmente, eu tinha discernimento suficiente para saber que nenhuma das notificações que chegavam pertencia a Jonas.

A maioria delas vinha de pessoas que achavam o máximo o fato de eu ter conseguindo impedir a demolição da Kinki. A vontade que me dava era gritar em todas as redes sociais, em letras garrafais, que *não tinha sido eu* a mente maquiavélica por trás de tudo aquilo.

Por outro lado, sabia que não importava em quantos espaços virtuais eu me pronunciasse, não atingiria as únicas duas pessoas que eu realmente queria que soubessem.

Jonas tinha deixado de me seguir em todas redes sociais e Madame Adelaide tinha dado a entender, no pronunciamento da página da Kinki no Facebook, que não voltaria à internet tão cedo.

Meu celular vibrou mais uma vez e eu quis jogá-lo contra a parede.

Mas não daria outro episódio de faniquito público, minhas mãos estavam ocupadas recebendo o bloco do simulado.

Eu era a antepenúltima da fileira. E Jonas ainda não tinha chegado.

Olhei para o papel e nada fez sentido na minha cabeça.

Não só o enunciado da primeira questão.

Nada. Nada mesmo.

Como o dia tinha começado tão bem e terminado tão mal?

O rosto decepcionado de Jonas brotava na minha mente o tempo todo. Isso me deixava ainda mais perturbada que o vibrar das notificações na minha perna.

Precisava focar no fato do simulado ser *cronometrado*. Não dava para ficar rindo na cara do perigo, já tinha tirado uma nota péssima no anterior. Respirei fundo na esperança de acalmar a agitação que revirava meu interior.

Funcionou muito pouco, quase nada.

Mas não havia opção a não ser abaixar a cabeça e encarar a primeira questão.

Jonas chegou quinze minutos depois. Meu coração deu um pulo tão grande que eu achei até que ia atravessar minha blusinha, igual nos desenhos animados.

Ele se abaixou e falou alguma coisa com o professor, que respondeu algo pra ele num sussurro enfezado.

Nunca quis tanto na minha vida fazer parte da turminha que sentava na frente.

Só eles tinham o privilégio de poder ouvir a conversa de Jonas com o professor. Para mim só restou observá-lo caminhar até o seu lugar habitual com o simulado na mão e os ombros caídos.

Foi de partir o coração.

Ficou três vezes mais difícil conseguir me concentrar nas questões. Minha visão periférica se colocou de prontidão para vigiar qualquer movimento dele.

A expectativa de que em algum momento ele olharia na minha direção não me deixava ler os enunciados direito.

Contudo, todos os meus esforços foram em vão, pois acabou que Jonas não olhou para mim em nenhum momento.

Na verdade, o que ele fez foi se levantar com tudo meia hora depois de ter pegado o simulado.

A cadeira que ele sentava chegou a bambejar para trás por conta da energia com que ele se afastou dela. Ele caminhou na direção da mesa do professor carregando o bloquinho e a mochila com a mesma postura de ombros caídos de antes.

Aliás até um pouco mais caídos do que quando entrou.

Fiquei vigiando todos os seus passos até ele alcançar a mesa, largar o papel por lá e se encaminhar em direção à saída.

O professor acompanhou a trajetória de Jonas até a porta, tão estupefato quanto eu.

Era impossível que ele tivesse feito uma boa prova.

Não queria que meus caprichos fossem responsáveis também pela nota baixa dele.

Já estava sendo difícil o bastante ter que lidar com a culpa de ver os ombros caídos.

Levantei assim que ele fechou a porta da sala. Caminhei até a mesa do professor do jeito mais ligeiro e silencioso que consegui.

— Professor, posso ir ao banheiro? — perguntei.

O que julguei ser uma desculpa plausível para escapar da sala uns minutinhos.

E talvez até fosse, em ocasiões normais, mas não durante um simulado.

— Infelizmente você vai ter que esperar um pouco — o professor me comunicou num tom de quem não podia fazer nada por mim. — Pra não correr o risco de você e o aluno que acabou o teste se esbarrarem.

— Mas professor! — eu protestei do jeito menos escandaloso que consegui.

Ele não estava entendendo a gravidade da situação.

Esbarrar com Jonas era tudo que eu mais queria.

Mas não pelos fins que ele temia.

Se eu explicasse, tinha certeza de que ele entenderia. Mas não dava tempo de explicar. Jonas iria embora antes que eu conseguisse terminar de contar a história.

Tive que apelar para uma mentira cruel, porém eficaz, que funcionava com quase todos os homens que tinham o desprazer de impedir uma mulher de ir ao banheiro.

— É que é o seguinte... — falei me aproximando ainda mais da mesa e abaixando o tom de voz. — Acho que estou com um, er, *problema feminino* — falei quase num sussurro para dar um ar encabulado à mentira. — Não dá pra esperar.

— Ah... — O professor rapidamente desviou o olhar do meu e se remexeu na cadeira. — Entendo, quer dizer... Vai lá, pode ir. Não se preocupe.

Tadinho, ele ficou tão sem-graça que eu quase fiquei com pena.

Só que eu não tinha tempo para ter pena no meu cronograma.

Se eu bem me lembrava, Jonas andava super-rápido quando queria. E a julgar pelo modo tempestuoso que saiu da sala, achei que era bem essa a intenção dele. Logo, eu tinha que apertar o passo para alcançá-lo.

Que anticlímax foi chegar ao corredor e encontrá-lo vazio.

Ninguém de um lado nem de outro. Todos os alunos estavam presos em suas salas, lidando com seu próprio simulado escabroso.

E nem sinal de Jonas.

Não achei que daria tempo de ele sair do curso tão rápido, mesmo assim, levando em consideração o tamanho das pernas dele, tudo era possível.

Corri até a porta principal para ver se o encontrava pela calçada.

Era fácil identificá-lo entre os transeuntes. Era igualmente fácil identificar quando ele não estava.

Aquele era justamente o caso. E era muito esquisito.

Parecia que ele tinha virado fumaça de tão rápido que tinha desaparecido. A única explicação que não envolvia recursos mágicos que, e que vinha à minha cabeça, era que ele tinha entrado em alguma loja para me despistar.

Mas como ele sabia que eu o seguiria?

Será que já tinha chegado à conclusão do quão stalker eu poderia ser?

Eu não duvidava. Se tinha uma coisa que Jonas não era, era bobo.

Esse era mais um motivo para eu não querer que ele achasse que *eu* tinha feito *ele* de bobo.

Voltei cabisbaixa para o cursinho, começando a criar expectativas de explicar para ele os fatos com palavras ainda mais rebuscadas no intervalo da aula do dia seguinte.

Qual foi minha surpresa ao avistá-lo lá no fim do corredor, saindo da salinha onde ficava a administração.

Nem questioneei a esquisitice do lugar, contente-me em acelerar e ir ao seu encontro.

Mas fiquei encucada quando percebi que ele tinha um envelope na mão.

Não que eu estivesse em posição de cobrar explicações dele na atual conjuntura. Era melhor eu começar pelas minhas. E rápido. Porque ele estava com cara de quem planejava uma fuga a qualquer momento.

— Jonas, escuta, a gente precisa conversar — falei assim que cheguei na frente dele, meio que o encurralando entre a porta da administração e o bebedouro. — Aquilo que aconteceu hoje foi um grande...

— A gente pode conversar depois? — ele perguntou enquanto penteava os cabelos para trás com a mão que não segurava o envelope. — Não tô com cabeça pra isso.

— Imagino — falei, querendo substituir a mão nos cabelos dele pela minha. — O dia foi uma droga, em parte por culpa minha, eu sei, mas é disso que eu quero falar, a culpa não é *toda* minha...

— Olivia, por favor — ele me interrompeu com uma voz estrangulada que eu nunca tinha ouvido. — Na boa, eu já falei, não quero conversar sobre isso agora, me dá um tempo.

Será que ele não via que quanto mais o tempo passava mais aumentava o meu desespero? Eu estava me balançando pra frente e pra trás feito louca. Só pra resistir ao instinto de abraçá-lo.

Porque se ele não queria *falar* comigo, imagino que também não gostaria de me ter enrolada em seu pescoço.

— Quando, então? — perguntei. — Amanhã? Depois da aula? A gente pode ir lá pra casa colocar tudo em pratos limpos.

— Amanhã não vai dar... — ele disse encarando os pés só para não ter que olhar pra mim.

Minha mão chegou até a metade do caminho para levantar seu rosto.

Depois pensei que era melhor não.

Aquela conversa estava me dando muita agonia. Será que nada podia sair como o planejado? Eu só queria a chance de explicar o que aconteceu.

Cinco minutos já resolviam o meu problema.

Mas ele precisava estar de coração aberto para me escutar.

— Segunda? — eu arrisquei, cheia de pavor. — Falta uma eternidade para semana que vem chegar... Mas se é de tempo que você precisa...

— Olha, Olivia, eu não quero te enganar. Segunda também não vai rolar. Eu tô saindo do curso. — Ele levantou o envelope que tinha na mão pra eu perceber do que aquilo se tratava. — Não tenho mais nada pra fazer aqui por essas bandas da cidade.

Fiquei olhando para aquele retângulo de papel que agora tinha uma aparência ainda mais hostil e odiando que ali contivesse os documentos necessários para fazer Jonas ficar longe de mim.

— Mas e a gente? — perguntei, começando a ficar chorosa e não me preocupando em manter a compostura.

Segurei o braço dele mesmo correndo o risco de desagradá-lo, os músculos dele enrijeceram ao meu toque.

O que era bom, pelo menos uma reação que não fosse a evasão.

Precisava que ele prestasse atenção em mim. Tinha medo de aquela ser a minha última chance de me explicar para ele.

— Olha, você não sabe da história inteira, vim aqui justamente para te

contar. Você lembra que Thaíssa era minha fã? Então, acontece que ela...

— Lembrar eu até lembro — ele respondeu, mas de um jeito muito pouco participativo. — Mas isso não vem ao caso.

— Vem, sim! — insisti, perdendo um pouquinho mais do controle, sentindo que algumas lágrimas ousaram escapar. — Você não tá me deixando contar a história. Custa muito você escutar? Vai ficar tudo mais claro depois que você souber, se a gente conversar direito, tenho certeza de que esclareceremos esse mal-entendido.

Ele esticou o braço para tirar uma das minhas lágrimas do rosto de um jeito muito mais rápido e eficiente do que quando eu estava chorando por causa de Django. Não rolou a mínima oportunidade de eu descansar o rosto na sua mão.

O que me deixou ainda mais triste.

— Não preciso saber da história toda — Jonas disse enquanto recolhia a mão e ajeitava a mochila nas costas. — A questão é que a gente é muito diferente. Isso ficou claro, hoje. A gente nunca daria certo, né?

Ele se aproveitou do momento em que eu fechei os olhos para afastar uma nova leva de lágrimas e deu um passo para longe de mim.

— Jonas, me desculpa, eu juro que não fiz por mal. Eu só...

Ele deu mais um passo para longe de mim.

E depois mais outro.

Eu fiquei aterrorizada onde estava, ao perceber que nada do que eu falasse podia impedir Jonas de partir.

O que ele tinha feito era uma pergunta, mas ele já tinha a resposta.

— Não se preocupa, Olivia — ele disse, aumentando o ritmo dos passos pouco a pouco. — Não estou com raiva de você nem nada, eu só não tenho

mais nada pra fazer aqui.

Ele deu um tchau desajeitado com a mão que segurava o envelope enquanto eu deixava as lágrimas caírem. Tão livres quanto elas bem entendessem.

Ele nem me deu a oportunidade de falar que eu achava, *sim*, que nós poderíamos dar certo.

Porque claramente ele achava que *não*.

Capítulo 34 — Escudo emocional

(16 propostas de fotos por encomenda)

Dois domingos depois do desastre eu já não tinha mais esperanças de Jonas cumprir com a promessa de ir ao café comigo encontrar meus pais.

Essa era uma das razões pelas quais eu não encontrava forças pra sair de casa.

Tinham sido dias de silêncio desde que Jonas declarou que não tinha mais nada para fazer aqui.

Andava me sentindo uma atividade cortada da lista de tarefas dele.

Mal dava para acreditar que a situação chegou àquele ponto.

Foi tão de repente...

Um dia ele estava na minha casa, na calçada onde eu passeava com Django, no lugar onde eu estudava.

E depois em lugar nenhum.

Só percebi a falta que ele fazia na minha rotina quando me peguei olhando por cima dos ombros toda vez que eu ia na rua passear com Django. Ficava o tempo todo na esperança de que ele se materializasse na minha frente com a desculpa de um cigarro psicológico.

Nunca acontecia. Independente do quanto eu torcesse.

A pior parte era quando eu passava na frente da ex-Kinki. Django ficava em

polvorosa. Andando de um lado para o outro, forçando a guia em todas as direções para dar conta de cheirar cada pedrinha que sobrou na calçada.

Não podia culpá-lo, eu ficava agitada também.

Mas por motivos diferentes.

Era nessas horas que a percepção de que eu tinha ficado sem a Kinki e sem Jonas me acertava em cheio.

Era difícil até de continuar andando.

Às vezes eu parava para espiar como a construção ficou com ares de casa abandonada depois que o pessoal da obra foi embora.

Até então eu não tinha percebido que não era só destruição que existia por lá. Quem trabalhava lá também trazia vida para o lugar.

Por mais brutal e barulhenta que ela pudesse ser, com as marretas, escombros e tudo o mais.

A vida era assim às vezes.

Gostaria de ter percebido antes, porque agora sentia falta.

Principalmente de Jonas.

O arrependimento me corroía. Era impressionante que ainda houvesse pedaços de Olivia Liveretti que continuavam capazes de fazer tarefas corriqueiras como ir para aula ou lidar com os clientes em potencial que andavam mandando mensagens perguntando sobre a possibilidade de eu tirar umas fotos por encomenda.

Ao que parecia, meu sonho de voltar a viver como blogueira voltava a se realizar.

Com alguns meses de atraso.

E agora eu não sabia se queria. Meio que tinha perdido a graça.

Contudo, não podia me dar o luxo de recusar nenhuma oportunidade de ganhar um dinheirinho.

Contas continuavam tendo que ser pagas.

E os boletos não paravam de chegar.

Me doía admitir que o pesadelo do protesto contra o fim da Kinki teve seu aspecto positivo. Em especial porque o ponto negativo foi tão brutal que eu mal conseguia pensar em outra coisa.

Mas não dava para negar que o evento tinha me colocado no mapa cibernético de novo.

E eu não faria mais que minha obrigação em me aproveitar dele.

Tanto para conseguir manter meu apartamento quanto para afastar um pouco minha cabeça de Jonas.

Só um pouquinho.

Porque enquanto eu ajustava o foco da câmera e arrumava os itens recebidos na superfície bem-iluminada, minha atenção ficava totalmente voltada para a qualidade da foto que tirava.

Organizava as coisinhas de um jeito mais interessante, mudava a iluminação da foto e dava o meu melhor para alcançar um resultado inusitado.

Pena que as sessões acabavam tão rápido.

Era uma distração muito bem-vinda.

Eu acabava uma e emendava na próxima até o estoque de ofertas se esgotar. E quando isso acontecia, eu voltava para o meu limbo de pensamentos em Jonas.

Aliás, me encontrava no limbo naquele exato momento enquanto analisava meu aspecto diante do espelho, sem conseguir pensar em como melhorar meu visual para encontrar com meus pais no café.

Meu vestido estava uma graça: preto, justinho. Meus olhos estavam de dar pena: opacos, inchados.

Nenhum dos mimos de maquiagem que chegaram para mim na semana anterior deram jeito nas minhas olheiras.

Eu tinha que estar da melhor forma possível para enfrentar o julgamento deles. Pois tão certo quanto o sol se põe no horizonte, era a existência de julgamento durante a refeição.

Ainda mais depois do fuzuê que o protesto gerou.

Se eu não tomasse cuidado, eles acabariam *me convencendo* sobre a minha incapacidade de me virar sozinha.

Não acho que eles teriam pena do estado frágil em que eu me encontrava. Digo mais, havia possibilidades de eles se aproveitarem da minha fraqueza. Igual fizeram na época em que saiu o vídeo que estrelava Olivia Liveretti desestabilizada e eles me disseram que aquilo era uma evidência de que eu não estava bem.

Podia até ser verdade.

Depois eu acabei percebendo.

Mas também era por isso que eu precisava tanto de um escudo emocional para encontrá-los.

Estava claro que eu não estava no meu melhor momento, contudo, isso não queria dizer que eu queria jogar tudo para o alto e assumir minha derrota.

Ainda não seria dessa vez que jogaria a toalha.

Afinal, eu tinha conquistado coisas boas durante aqueles meses de

independência.

Django era a melhor delas.

Olhar para ele me encarando com um misto de expectativa e compaixão acabou me dando uma ideia.

Eu me abaixei na frente do sofá para fazer carinho na cabeça dele.

— Quer dar um passeio chato comigo, Django? — perguntei com a voz especial que eu andava fazendo para ele ultimamente. — Você vai ter que ficar sentado comigo na cadeira e agir de modo bem fofinho pra desviar a atenção dos meus pais.

Django abanou o rabinho em resposta, indicando que estava animado com a proposta.

Ou, pelo menos, animado com a entonação da minha voz.

De qualquer maneira, ele serviria como um belo escudo emocional.

Se ele se comportasse do jeito fofo que eu imaginava.

Do outro lado da rua, numa das mesinhas que ficavam na calçada, dava para notar as marcas de expressão que se formaram no rosto dos meus pais ao me verem.

Era incredulidade.

Perguntei-me se minha calcinha prendeu meu vestido ou alguma coisa assim.

Mas ao olhar para baixo para checar, entendi que a expressão tinha mais a ver com Django do que com algo relacionado à minha aparência.

— Olivia, o que é isso?! — minha mãe perguntou ao se levantar para me abraçar assim que pisei na calçada.

Um sorriso nervoso tomou conta do seu rosto enquanto ela olhava de Django para mim.

— Com isso você quer dizer Django? — perguntei, indicando o cãozinho antes de lhe dar um abraço frouxo.

— Acho que o que sua mãe quis dizer é: *de quem é isso?* — meu pai esclareceu, ajeitando os óculos que já estavam mais do que ajeitados no seu rosto.

— É daquele menino, o Jonas? — minha mãe arriscou. — Ele me disse que o animal preferido dele era cachorro durante aquela conversinha que tivemos outro dia.

— O cachorro é meu — falei, despencando na cadeira sem nem abraçar meu pai. — Vocês têm algum problema com isso? Porque se tiverem, eu posso dar a meia volta agora mesmo.

Os dois me olharam com cara de filme de terror, o que me deu um pouco de pena.

Ainda mais quando meu pai falou:

— Problema? Não. Só achei curioso...

Claramente não achava que eu fosse capaz de criar um cachorro sozinha.

Será que eles não conheciam o conceito de trégua? Pensei que o objetivo daquele encontro era esse.

Peguei Django e o coloquei no meu colo. Ele se esticou todo para tentar lambeir meu rosto. Sorte que desviei bem a tempo, ao lembrar que estava com a cara emplastrada de maquiagem.

Tanto produto químico não faria bem ao organismo do bichinho.

— É que a gente pegou um cachorrinho pra criar também — papai falou com uma voz um pouco encabulada. — Logo depois que você foi embora,

sabe como é... A casa ficou vazia.

— Ah — foi só o que eu consegui responder.

Minha garganta ficou meio embargada. Já comecei dando bola fora.

O silêncio reinou soberano na mesa.

— Mas o tal menino Jonas vai vir? — minha mãe perguntou, introduzindo um tópico ainda pior. — Estamos curiosos para conhecê-lo. Conte para o seu pai como ele foi simpático comigo ao telefone.

— Podem ir tirando o cavalinho da chuva — esclareci, antes que eles comesçassem a embarcar nessa onda. — Apague essa simpatia da sua mente — alertei a mamãe, para que ela pudesse se proteger enquanto havia tempo.

Eu não tive a mesma chance. Pedacos da pessoa incrível que Jonas era apareciam na minha memória com uma regularidade absurda.

E ao mesmo tempo em que eu me sentia assaltada por elas nos momentos mais inapropriados, também temia que aquelas fossem as únicas lembranças que eu teria dele para cultivar o resto da vida.

— Provavelmente vocês nunca vão conhecê-lo — expliquei. — Ele não quer nada comigo.

— Como assim?! — meus pais perguntaram em uníssono com uma incredulidade ainda maior do que quando viram Django.

Quem via assim, podia até pensar que rejeição não era algo que acontecia todo santo dia com meninos e meninas pelos quatro cantos do mundo.

As caras deles davam a impressão de que eles não faziam ideia de que isso um dia poderia acontecer comigo.

— Assim — respondi, dando de ombros. — Tivemos um desentendimento, ele não quis escutar o que eu tinha para dizer e o pouco que existia entre nós, acabou.

Olhei para o cardápio que já conhecia muito bem para examinar qual dos cafés com xícaras bonitas eu iria querer naquela tarde. Na verdade, eu sempre pedia o mesmo. Mas na atual conjuntura, tudo servia como desculpa para mascarar a vontade de chorar.

— Hmm, carameloccino — murmurei, como se a escolha que eu fazia há anos soasse fascinante aos meus ouvidos.

Meus pais se remexeram em suas cadeiras. Por que tudo que eles faziam era sempre tão sincronizado? Isso queria dizer que eles foram feitos um para o outro? Que o argumento de Jonas estava certo? Que nós éramos muito diferentes para dar certo?

Recusava-me a acreditar.

Por outro lado, sabia que eu podia ser bastante cabeça dura com causas perdidas.

Quase dava para sentir os olhares desconfortáveis que os dois trocavam pelas minhas costas enquanto eu me virava para fazer meu pedido para a garçonete.

Quando eu não tive outra opção a não ser devolver o cardápio para a moça e me virar de volta para a mesa, minha mãe se empertigou na cadeira e me olhou com uma expressão séria.

— Não estou entendendo, Olivia. Pensei que você ainda fosse a mesma Olivia Liveretti que eu conhecia. — Olhei para ela sem saber o que fazer.

O que eu deveria responder para uma afirmação daquelas? Que eu tinha mudado de sobrenome?

— A menina que juntou suas coisas e foi buscar a independência mesmo quando nem seus próprios pais acreditavam que ela fosse capaz — papai completou.

O que soou completamente irônico, apesar de ele ter falado supersério.

— E acabou provando que os errados eram eles — mamãe emendou com os olhos lacrimejantes.

Fiquei espantada com a rapidez que o assunto tinha caminhado. Meu carameloccino ainda nem tinha chegado. Como lidaria com toda aquela carga emocional?

— Isso não tem nada a ver com o caso de Jonas — não perdi tempo em separar uma coisa da outra. — E vocês não estavam tão errados assim, foi superdifícil a adaptação e eu nem sei por quanto tempo eu vou conseguir manter o apartamento.

— Claro que tem a ver, filha — meu pai falou escorregando a mão na mesa devagarzinho até conseguir alcançar a minha. — Você não é de abandonar seus objetivos, isso é uma qualidade que muita gente queria ter. Eu mesmo, por exemplo — ele disse com um encolher de ombros que mudou totalmente a perspectiva que eu tinha dele.

O porte de senhor da razão se desvaneceu com um simples gesto.

A declaração de que ele não era perfeito também ajudou bastante na composição da nova imagem mental que eu montava dele.

— Sabemos que nem sempre tudo sai como planejado — minha mãe disse, pegando minha outra mão —, mas queríamos encontrar com você justamente para dizer que estamos aqui pra te ajudar, pra te lembrar que você pode contar com a gente, pra qualquer coisa.

— E é claro que vamos te ajudar a se manter — papai completou. — Ainda mais porque logo, logo você vai estar na faculdade e talvez não tenha tanto tempo para se dedicar à sua carreira na internet.

— À propósito, você quer fazer qual curso? Em qual faculdade? — mamãe perguntou por cima do discurso do papai.

Acho que ela não estava se aguentando de curiosidade.

— Estamos muito orgulhosos de você ter voltado a estudar — papai atropelou as perguntas dela.

Por sorte a garçonete chegou com o meu carameloccino. Consegui a combinação perfeita entre o sabor do caramelo e o álibi de alguns instantes em silêncio antes de processar todas as informações recebidas e me manifestar.

— Muito legal tudo isso que vocês falaram — disse ao dar um apertãozinho na mão de cada um —, mas, antes, só pra gente não perder o fio da meada, o que vocês acham que eu devo fazer em relação ao Jonas?

Nunca me imaginei pedindo conselhos amorosos aos meus pais. Parecia o tipo da coisa que só alguém em profundo desespero tivesse coragem de fazer.

Contudo, não era mais ou menos assim que eu estava?

Fora que, envolvida pela atmosfera doce do carameloccino e da reconciliação, pedir a ajuda deles me soou bastante natural.

Não tive vergonha nenhuma.

Capítulo 35 — O poder de um textão

(1 mensagem que quase ultrapassou o limite dos caracteres)

Acordei com o barulho da notificação.

Até identificar o remetente da mensagem, naveguei fundo na ilusão de que talvez fosse um textão de Jonas falando que estava com tanta saudade de mim quanto eu estava dele.

Quanto mais sono eu tinha, mais minha imaginação se achava no direito de tomar como realidade coisas impossíveis.

Tive vontade de virar para o outro lado e dormir quando percebi que o conteúdo da mensagem não tinha nada a ver com Jonas.

Porém, o brilho da tela, ou talvez a improbabilidade do remetente da mensagem, me fez enrugar os olhos e prestar atenção no que estava escrito.

Era um textão e tanto.

Como Anamastê teve o *desplante* de brotar do chão e me mandar uma mensagem daquele tamanho às seis da manhã, eu não sabia.

Mas não pude evitar correr os olhos pela quantidade absurda de letras para descobrir do que se tratava.

“Oi, Olivia, como vai? Desculpa te incomodar a essa hora, eu criei o costume de acordar junto com o sol e é um assunto meio que urgente.”

Assim como o Astro Rei, tenho a preocupação de iluminar a vida das pessoas durante o período da manhã.

E discutir o assunto com você se encontra no topo das minhas prioridades.

Como você já deve desconfiar, vim aqui em missão de paz, como sempre faço. Então, por favor, não interprete essa mensagem como fofoca, pois isso está longe de ser minha intenção.

Só me preocupo com o bem-estar da nossa comunidade.

E como você é uma das blogueiras mais antigas, além de amiga pessoal do pivô da confusão, achei melhor recorrer a você para saber como proceder.

Para ser sincera, ainda estou em dúvida de qual partido tomar na situação.

A essa altura você já deve desconfiar que essa mensagem tem a ver com o infortúnio que aconteceu com Melanina, né? A coitada vem sendo atacada de forma cruel em todas as redes, você tem visto?

Fiquei particularmente impactada pelo jeito que as pessoas no Instagram ficaram revoltadas. Sempre encarei esse aplicativo como um lugar de paz, comunhão e apreciação estética. Achei que jamais veria alguém de lá questionando a originalidade de alguém.

Muito menos de alguém tão influente quanto Melanina.

Não acredito que vivi para ver esse momento. É um real desequilíbrio no cosmos.

E acho que é nosso trabalho pelo menos tentar consertá-lo.

Ainda não tive tempo para consultar o movimento dos planetas, mas tenha certeza de que algo esquisito aconteceu por lá. Te conto assim que descobrir.

Sinto que Melanina não está lidando nada bem com a situação, na última pesquisa que fiz, ela tinha deletado todos os perfis dela. Coisa que, como

você bem sabe, pra quem vive de internet como nós, é praticamente um suicídio.

Muito trágico ainda por cima, porque a popularidade dela só fazia aumentar nos últimos meses.

E ela fez loucuras para conseguir mais seguidores, né?

Sinceramente? Acho que ela tem que achar um ponto de equilíbrio, como você achou.

Aliás, uma pergunta que foge do tema, você andou se espiritualizando? Tenho te achado muito mais centrada nas suas últimas postagens. Isso não é algo que se consegue sozinha.

Meu palpite é que você enfim se rendeu a ioga.

Se acertei, você tem meus parabéns.

Se errei, fica o meu conselho para você pensar na possibilidade.

Se bem que acho que já te aconselhei isso antes. E tenho quase certeza de que você não me deu ouvidos.

O que é uma pena.

Mas voltando ao assunto principal. Acho que não é segredo pra ninguém, muito menos para mim e para e você, que Melanina andava forçando a barra de um jeito perigoso.

Havia quem dissesse que mais dia menos dia, toda aquela exposição virtual se voltaria contra ela.

Vai contra os meus princípios mandar vibrações negativas para quem quer que seja. Mas isso não me impede de temer pela quantidade de opiniões disparatadas que ela compartilhava com pessoas que mal conhecia.

Pois bem, eis o momento que o tiro saiu pela culatra.

Longe de mim ficar usando metáforas com armas de fogo, mas não vi forma melhor de ilustrar o ocorrido.

Ela perdeu a noção em terminar com Tiro-Liro de um jeito tão deselegante, via um post de Facebook.

Só deixou todo mundo com a certeza de que ela só estava com ele por conta dos likes.

A própria Melanina me disse que estava perdendo o interesse nele assim que o número de seguidores dela ultrapassou o dele.

Eu acredito em coincidência e acredito no poder do destino, mas não acredito que isso foi uma coisa nem outra. Acho que foi mais uma das coisas malucas que ela fez só para conseguir ibope.

E não há como negar que ibope ela conseguiu, só não foi da maneira que ela queria.

Acho que ela se esqueceu que mesmo que Tiro-liro tenha menos seguidores que ela, ele ainda tem seguidores, que são muito fieis.

E eles se voltaram contra ela do jeito mais inconveniente possível, expondo todas as vezes que ela se aproveitou das coisas pra ganhar likes.

Até aquelas fotos da releitura da sua sessão de Chá Maluco das Cinco apareceu na compilação que eles fizeram, você reparou? Quando vi as fotos no Instagram dela senti que tinha visto aquela ideia antes, mas não tinha percebido que ela tinha copiado de você.

Ela fez isso comigo também, sabia?

Olhando pelo aspecto positivo, e eu sempre tento fazer isso, não importa o quão ruim é a situação, o dossiê das fãs de Tiro-liro até que serviu para trazer algumas verdades à tona.

Só não acho que Melanina esteja levando tudo tão na boa quanto nós

levamos quando fomos copiadas. Por isso estou ficando preocupada. Faz catorze horas que ela não aparece online.

Será que é tempo suficiente para entrar em contato com a polícia?

Decidi falar com você antes, para te pedir ajuda, levando em consideração essa sua nova fase de ser humano de luz.

Quero dizer, você sempre foi um ser humano de luz.

Afinal, todos somos.

Mas pelo que andei vendo por aí, você anda radiante, quase flutuante.

O que me leva a perguntar: quem é aquele rapaz naquela foto em que você tá rindo escancaradamente? Deu até pra ver o interior da sua garganta naquela foto. Esse garoto também é o dono do ombro que aparece na foto de Django vendo um filme violento?

Ou você começou a ser adepta do poliamor?

Pode me falar, juro que não vou julgar.

Só julgo o conteúdo de violência que Django estava assistindo. Isso não faz bem para o bichinho, tem vibrações muito negativas.

Mas quem sou eu para arrumar confusão com você a essa altura do campeonato? Ganesha que me livre! A última coisa que quero é que você arme um protesto para me boicotar.

Até porque, vim aqui para pedir sua ajuda.

Então, por favor, não ignora essa mensagem, não. Por mais que ela tenha dados uns vacilos, o caso de Melanina está me deixando preocupada de verdade.

Namastê,

Anamastê.”

Tive que ler a mensagem umas três vezes para ver se tinha entendido direito. No final da terceira leitura muita coisa ainda não fazia sentido.

Anamastê queria ajudar Melanina ou dar uma risadinha básica da cara dela?

Ou será que o real objetivo daquela mensagem era fofocar sobre a minha vida e descobrir de onde eu tirei minha *nova luz*?

Talvez eu estivesse cansada demais para embarcar naquela experiência transcendental que era conversar com Anamastê.

Mas mesmo assim me ajeitei entre as cobertas e digitei: *“Muito cedo para entrar em contato com a polícia, melhor procurá-la na casa dela. Com certeza ela compartilhou a localização de onde ela mora em algum momento.”*

E Anamastê teve a audácia de me responder:

“Não posso stalkear um perfil deletado. Não que seja impossível, mas seria muita invasão de privacidade.”

Achei muito engraçado ler algo assim vindo de alguém que sabia de cabo a rabo minhas publicações no Instagram.

Mas escolhi não me ater nas coisas pequenas, pois tínhamos um grande problema no horizonte, preferi perguntar:

“Você sabe como Melanina é dramática?”

Para logo depois responder minha própria pergunta:

“Ela adora mexer com os outros, mas ficar supersentida quando alguém mexe com ela. Se alguém não for lá dar uma palavra de apoio, só Deus sabe quando ela vai voltar ao normal. Pode levar dias. Semanas! É melhor alguém ir lá dar um jeito na situação o quanto antes!”

Estava a ponto de passar para ela o endereço de Nina, que eu sabia de cor, para ela não usar a invasão de privacidade como desculpa.

Não me importava se ela colocasse a culpa em mim ou que levasse a fama de fofoqueira. Algumas dezenas de comentários pejorativos a mais, algumas dezenas de comentários pejorativos a menos não faziam mais diferença a essa altura do campeonato.

Mas antes que eu conseguisse terminar de digitar o nome da rua ela enviou:

“Agora você falou tudo, Olivia, não é à toa que tem ficado mais iluminada a cada dia que eu vejo. Alguém tem mesmo que ir lá. Mas a questão é que não vou poder visitar Melanina hoje, porque combinei uma live de meditação coletiva com meus seguidores e preciso preparar o ambiente.”

E eu respondi:

“Como assim, Ana?! Vapt-vupt! Dá pra fazer as duas coisas, Melanina precisa de você. Quanto tempo você leva pra arrumar um cenário?”

Quis saber, porque na minha cabeça essa era uma tarefa muito rápida.

E ainda por cima era bem cedo.

Nem que ela quisesse um visual *rococó*, digno de Maria Antonieta levaria tanto tempo para montar.

Ainda mais porque desconfiava que a *vibe* dela não tinha nada a ver com esse tipo de complexidade.

Para falar a verdade, eu tinha dúvidas da *vibe* dela, porque na minha cabeça, ela era uma pessoa no estilo vamos-ajudar-o-universo, que *super* se empolgaria com a possibilidade de ajudar uma amiga que estava passando por um momento difícil.

Não estava entendendo aquela relutância toda.

Então Anamastê me enviou:

“Estou falando de energia, meu anjo, esse é o ponto-chave de todo meu trabalho. Não posso preterir meus seguidores por conta de uma menina que quis usar a minha energia pacificadora para conseguir likes. Será que não dava pra você assumir esse papo de mártir no meu lugar?”

Fiquei incrédula com o disparate da mensagem.

Assumir o papel dela de mártir? Quando foi que ela foi mártir de alguma coisa?

Lembro de ela ter ficado bem quieta na dela enquanto Melanina proclamava sua guerra no Twitter contra mim.

Talvez ela julgasse isso como uma atitude pacífica, mas, na minha opinião era apenas apática.

Não se envolver era uma *vibe* bastante covarde, isso sim.

Tanto que nem me dignei a tecer uma resposta para aquele absurdo.

Tinha certeza de que ela chegaria às suas próprias conclusões no meio de uma meditação.

Isso não era hora para me estressar com draminhas típicos da internet. Toda semana tinha uma vítima diferente.

Em uma delas tinha sido eu. Agora era Melanina.

Era o que mantinha o mundo do entretenimento cibernético girando.

Por mais que ficasse sentida por isso ter acontecido com Melanina, eu não podia impedir o mundo de continuar girando.

Até porque, ela estava meio que pedindo.

Numa coisa Anamastê tinha razão: todo mundo sabia que mais dia, menos dia algo do tipo ia acontecer com ela.

E aconteceu. Não havia nada que eu pudesse fazer, havia?

Provavelmente não. Ir até a casa dela checar se ela estava bem não era indicado depois do escândalo que ela armou comigo da última vez que fui visitá-la nos jardins da Lagoa.

Mas acho que não faria mal se eu desse uma ligadinha, só por educação.

Só não sei se ela atenderia o telefone.

Mas valia a pena tentar.

Afinal, não custava nada.

Meu plano de ligações sempre ficava com minutos sobrando.

Fiquei um pouco desapontada quando ela não atendeu, estava ansiosa para gastar meus minutos.

Além de um pouco preocupada.

Mas tudo bem. Até porque, eu tinha minhas próprias coisas para fazer, por exemplo: dar comida para Django e sofrer com saudade de Jonas.

Tratei de começar pelo primeiro item.

Pois sabia que mais tempo, menos tempo, as palpitações do meu coração dariam um jeito de trazer à tona o segundo.

O que de fato aconteceu. Mas assim que senti a primeira pontadinha de dor no coração comecei a arrumar minha bolsa e trocar de roupa. Pela primeira vez em muitos dias, recusei-me a me entregar ao sofrimento.

Deveria ter muito mais gente nesse mundo sofrendo mais que eu.

Melanina, por exemplo.

Foi por isso que decidi ir até a casa dela visitá-la.

Afinal, não custava nada.

Capítulo 36 — Draminhas típicos

(2 selfies que nunca serão postadas)

Bendita a hora em que decidi mudar o rumo do meu dia.

De início, pensei que meu passeio se resumiria a passar de mercado em mercado em busca de pitangas, mas quando eu dei por mim estava no metrô descendo na estação de Laranjeiras com o saquinho de pitangas balançando na mão.

Pitanga era a fruta favorita de Nina. Eu esperava que isso me ajudasse a melhorar seu ânimo.

Antes que eu pudesse me impedir, passei por cima das contraindicações de ir visitá-la e dos riscos de ser insultada.

Podia fazer bem a ela.

Tinha chances de fazer bem até pra mim.

Até porque, se tinha um assunto que eu entendia bem era sobre ser atacada na internet.

Tudo bem que uma das vezes que passei por essa experiência péssima tinha sido por causa da própria Melanina.

Isso não tinha tanta importância agora.

Orgulho não fazia parte da minha vida desde o dia que Jonas foi embora.

Para quem escrevia um textão melodramático por dia implorando por perdão, enfrentar a ex-melhor-amiga que tinha me sacaneado não era nada.

Soava quase como uma volta por cima.

Ainda mais quando a mãe de Nina abriu o maior sorriso ao me ver na porta.

— Deus seja louvado! — ela disse ao jogar os braços para cima e depois passá-los em volta de mim. — Estava a ponto de te ligar sem nem mesmo saber seu telefone. Ia jogar no Google, porque é a única coisa que eu sei fazer.

— Com certeza você ia achá-lo por lá — falei com muito menos orgulho do que costumava sentir quando alguém me falava que tinha pesquisado meu nome.

— Estou com a impressão de que uma crise suprema aconteceu por aqui — Dona Quitéria falou, indicando a porta do quarto de Melanina. — Mas você sabe como minha filhota é, não me contou nada.

A sala continuava a mesma de sempre, com a decoração aconchegante que me dava uma vontade instantânea de sentar no sofá e ligar a televisão.

Deixei-me levar por um miniataque de nostalgia ao retornar àquele cenário onde vivi tantas alegrias.

Mas não demorei a recobrar meu foco, que era deixar Melanina alegre. Ou pelo menos tentar.

Isto é, se ela quisesse me receber.

— Como ela tá? — perguntei, enquanto Dona Quitéria me puxava para dentro.

— Maratonando séries — ela disse, fazendo aspas no ar. — Até parece que eu não sei que isso é o código que ela usa quando não quer falar que está

triste por conta dos coraçõezinhos que não aparecem na tela do celular.

— Ela apagou os perfis que mostrava os coraçõezinhos — informei. — Acho que dessa vez o buraco é mais embaixo.

— Valha-me Deus! — a mãe de Melanina exclamou levando a mão a boca. — Eu não entendo nada do que acontece nessas telas, nem sei como posso ajudar.

— Bolinhos de chuva sempre vêm a calhar — dei a dica enquanto me aproximava da porta do quarto de Nina. — Eu trouxe pitanga, vou ver o que eu posso fazer — cochichei para a mãe dela antes de entrar.

O quarto estava uma escuridão só. As cortinas estavam fechadas e único feixe de luz vinha da tela do celular, que iluminava o rosto manchado de lágrimas de Melanina.

Eu me reconheci nela.

A Olivia de alguns meses atrás.

— O que você tá assistindo? — perguntei me aproximando devagarzinho da cama dela.

Ela olhou pra mim num susto, não perdeu tempo em se sentar na cama e passar as mãos sobre as bochechas.

— Pensei que fosse a minha mãe — ela falou.

Fiquei sem saber o que fazer. Como ela também ficou em silêncio, intuí que não me expulsaria. Por isso me sentei com cuidado por cima do edredom e falei a única coisa idiota que me veio à cabeça.

— Não, não sou. Acho que sua mãe foi para cozinha fazer bolinho de chuva.

Ela deu de ombros como quem não se importava com a informação. Achei isso muito ingrato da parte dela. Ainda mais quando ela fez a mesmíssima

coisa quando eu entreguei as pitangas.

Não foi fácil tomar a decisão de ir até ela. Eu podia ter ignorado o seu sofrimento, assim como ela fez com o meu.

Ela deveria pelo menos reconhecer meu esforço de encontrar pitangas no mercado.

Não era nada fácil bancar a superior. Principalmente porque eu também estava me sentindo pra baixo.

Nina pegou uma pitanga com desinteresse e colocou dentro da boca.

Segundos depois da primeira mordida ela desatou a chorar.

— A comida perdeu o gosto — ela disse, igual um gatinho sendo estrangulado. — Todo mundo me odeia.

A sessão de choro se alongou mais do que o esperado e foi intercalada com uns uivos ocasionais. Um negócio muito louco. Sons guturais de sofrimento. Mal dava para acreditar que um lugar tão bacana como a internet poderia fazer isso com uma pessoa.

Acho que só passando pela experiência pra entender.

— Não é verdade... — falei, enquanto passava a mão de levinho pelo cabelo dela.

Que, à propósito, estava todo embaraçado.

— Anamastê me mandou mensagem preocupada com você — falei, na tentativa de engatar uma conversa e cessar com o choro.

— Essa menina é uma fofoqueira — Nina ralhou. — As boas *vibes* dela não me enganam.

Não pude evitar a risada, temi estragar o clima de melancolia no cômodo. Mas eu não tinha culpa. A sinceridade nua e crua de Melanina sempre me

divertia.

— Pensei que eu fosse a única que tinha notado — falei assim que consegui recobrar a seriedade.

— Quê? Aquele semblante de mosca morta nunca me enganou — Nina falou se ajeitando na cama para ficar totalmente virada para mim. — Só gravei aquele vídeo no parque com ela por causa dos seguidores, ia fazer bem pro meu canal. Mas, por outro lado, qual é a graça de ter seguidores se de uma hora para a outra todos podem se virar contra você?

— Também não sei — falei para ela enquanto cutucava a minha cutícula e me preparava para contar o que andei pensando nos últimos tempos. — Acho que a gente estava achando graça nas coisas erradas, Nina. Os números que a gente perseguia são perfis de pessoas. Acho que em algum momento a gente esqueceu das pessoas e focou nos números, sabe? Isso não tá certo.

— Bom, pelo visto as pessoas não se esqueceram de mim — Nina reclamou enquanto jogavam o edredom pro lado. — Ficam me atacando a torto e a direito por aí, que bando de sem coração...

Tive que limpar sujeiras inexistentes na minha saia antes de continuar a conversa. A lembrança da falta de coração dela ao declarar guerra contra mim estava bem fresquinha na minha cabeça.

Sabia que não era hora para rancor, ao mesmo tempo não pude evitar dar uma pincelada no assunto:

— Acho que tudo é consequência do que a gente faz, sabe? — falei ao me lembrar das minhas próprias mancadas e como algumas delas acabaram explodindo bem na minha cara. — Quantas confusões virtuais você já se meteu só esse ano? E quantas delas foi você que armou? Uma hora essas coisas acabam voltando pra gente, às vezes do pior jeito possível. Anamastê já tinha dado essa dica pra gente, o tal do carma.

Não pude evitar revirar os olhos um pouquinho ao me ver obrigada a citar uma das sabedorias de Anamastê.

Nina teve a mesma reação que eu.

— Não acredito que você tá citando ensinamentos dessa mosca morta pra mim — ela resmungou.

E eu dei de ombros.

— Não sei muita coisa da vida, miga. Passei tempo demais encarando a tela do computador, cuidando dos meus perfis sem me lembrar que existia um mundo inteiro em volta. Ainda tenho um monte de coisa pra aprender. Tenho tentado buscar conhecimento em todos os lugares possíveis, pra compensar o tempo perdido, sabe como é... Aliás, eu tô fazendo cursinho, sabia?

Nina arregalou os olhos como se não acreditasse na informação.

— Você quer fazer *faculdade*? — ela perguntou, ressabiada. — Qual, posso saber?

Pelo visto ela continuava não acreditando no sistema de serviço universitário. Mas tudo bem, cada um tinha direito de ter sua opinião.

E eu tinha o direito de ainda não ter formado a minha.

Sacudi minha mão de um lado para o outro como quem queria afastar o assunto da faculdade do horizonte. Ainda não fazia ideia do que queria fazer e também não achava que aquela era uma boa hora para debater o assunto.

A melhor coisa a fazer nesses casos era introduzir outro tópico na conversa.

Foi a estratégia que usei com meus pais na semana anterior. E deu supercerto.

No caso de Melanina foi preciso só voltar os holofotes para ela.

— Bom, se tem uma coisa que não aprendi no cursinho, mas acho que é crucial pro seu bem-estar é que a maioria das pessoas vão esquecer do seu escândalo em mais ou menos uma semana, ou quando aparecer a próxima confusão pra roubar os holofotes.

— Então quer dizer que além de atacada eu vou ser *esquecida*? — Nina choramingou.

Encolhi os ombros sem saber o que dizer. Eu não podia prever o futuro. Só uma coisa era certa:

— Se te consola, ainda vão existir os espíritos de porco com memória de elefante que nunca esquecem das nossas mancadas.

— Que combinação maluca de animais! — ela comentou ao dar uma risadinha.

Assim como Jonas, Melanina adorava animais.

Isso me deu um aperto no coração, como todas as coisas que me faziam lembrar dele.

E sempre que eu começava a pensar nele entrava num *looping* muito doido de dúvidas.

Será que ele não conseguia enxergar que meu arrependimento era sincero? Que eu gostava de verdade dele?

Ou será que ele não gostava mais de mim?

Essa perspectiva me incentivou a me remexer na cama de Nina e me cobrir com um pedacinho do edredom.

Era sempre bom ter algum tipo de proteção contra o mundo quando ele ameaça te esmagar.

Nina parou com sua risada e olhou pra mim com curiosidade.

— O que foi? Pensei que o clima estivesse melhorando por aqui — ela falou, ajeitando sua cabeleira num coque bem no alto da cabeça. — Sei que ainda não te pedi desculpa pelo jeito como te tratei, mas esse momento vai chegar, só estou esperando minha mãe trazer os bolinhos de chuva, para que

eles possam fortalecer meu argumento.

— Você já está desculpada, Nina — tentando sorrir. — É só que eu tenho outras coisas na cabeça...

Nina se inclinou na minha direção e colocou o rosto na mesma altura que o meu. Tão de perto que os olhos dela tinham livre acesso para ver a dor e confusão que havia nos meus.

Quase fechei os olhos para interromper o contato.

— Isso é problema com garotos? Tem a ver com o menino das fotos? Que, à propósito, que gostoso!

De tristes e confusos, meus olhos passaram a incrédulos.

Quem era Melanina para chamar Jonas de gostoso? Ela não sabia nada sobre ele. Não fazia ideia de que ele era muito mais gostoso por dentro do que era por fora. E eu chegava a ter um tremelique involuntário só de lembrar que o mais gostoso de tudo era quando ele estava dentro de mim.

Coloquei uma almofada na cara para abafar as lembranças.

De nada adiantou.

Nina puxou sua almofada de cupcake de mim e mandou eu parar de graça.

Por sorte, antes que ela me fizesse falar sobre Jonas, a mãe dela entrou no quarto com os bolinhos de chuva e eles roubaram nossa atenção no mesmo instante.

Não havia como colocar um bolinho daqueles na boca e pensar em outra coisa que não fosse a doçura da massa quentinha se derretendo. Nina e eu trocamos olhares. Dava para ver que ela tinha a mesma opinião que eu.

O que me levou a questionar:

— Pensei que você não estivesse sentindo gosto de nada.

— Ainda consigo sentir a textura — ela disse.

Em seguida comemos mais um. E mais outro. E outro.

Perdi a conta de quantos comi, só saí do meu transe quando Nina esticou a mão para pegar o celular e abriu na câmera de selfie.

— Nossa, você acha que esses bolinhos de chuva têm propriedades embelezadoras? — ela perguntou. — Estou outra pessoa agora.

— Não sei... — falei, enquanto limpava a mão no guardanapo e me inclinava para me ver na tela do celular dela. — Mas eu não duvidaria.

Nina tirou duas fotos nossas: uma sorrindo e a outra da gente fazendo careta.

Depois declarou que as tais fotos nunca veriam a luz do dia, primeiro porque ela nem tinha mais perfis pra compartilhar esse tipo de coisa e segundo porque achava que gostaria de permanecer assim, distante da internet por um tempo.

Comendo mais um bolinho de chuva, balancei minha cabeça em concordância.

Uma desintoxicação sempre vinha a calhar. Vi na própria internet que fazia um bem danado pro organismo.

— Mas o que vamos fazer em relação à sua cara de Madalena Arrependida? — Nina perguntou ao dar zoom na foto para focar apenas o meu rosto, que tinha mesmo um sorriso meio triste. — Vamos bolar um plano pra conquistar o cara?

Ela sempre adorou bolar planos, acho que peguei dela essa mania.

Pena que dessa vez era diferente.

— Não é o tipo da coisa que um plano possa resolver — eu disse, voltando a limpar a mão no guardanapo e tentando prestar mais atenção nele do que no

assunto que Nina queria introduzir.

— Como não? Tudo se resolve com um bom plano — ela argumentou com sua voz de quem estava prestes a colocar a mão na cintura e o dedo na minha cara. — E como eu fui uma péssima amiga e não te ajudei no último, me disponho a dividir toda minha sabedoria com você para bolar um novo.

— Não, Nina, sério. Não precisa — falei, encolhida na cama. — Na verdade eu tô com medo de onde isso pode dar.

— Querida, o que é isso? — ela desarmou sua pose e simplesmente ficou assustada. — Quando foi que você começou a ficar com medo de finais felizes?

Aquele era um bom argumento, não tinha como negar.

Foi só depois dele que eu contei a história inteira e deixei ela pelo menos *tentar* me ajudar.

Acabei saindo da casa dela com um novo plano.

Capítulo 37 — Manteiga derretida

(57 chamadas não atendidas)

— Parece que estou dentro de um filme de trama ruim — Thaíssa reclamou no meio de uma curva brusca que fez com o carro. — Me recuso a acreditar que depois de todo o trabalho que tive pra organizar o protesto estou subindo o raio de uma *serra* pra *desfazer* os resultados que obtive.

— Podia ser um livro de trama ruim também — argumentei ao me segurar na maçaneta do carro com uma mão e Django com a outra. O plano de Melanina entrava em ação com aquela pequena viagem.

Thaíssa não ficou nada contente em saber que faria parte dele.

Se servia de consolo a ela, eu tampouco estava pulando de felicidade. Teria sido muito mais fácil se Madame Adelaide tivesse simplesmente *atendido* uma das minhas inúmeras ligações.

Mas o celular dela sempre dava fora da área de cobertura ou desligado.

O que era até plausível, tendo em vista que ela tinha se mudado para o fim de mundo.

Não seria a coisa mais louca do mundo se descobríssemos que ali não tinha sinal.

Porém, isso não explicava o fato de ela sempre estar ocupada quando eu ligava diretamente para a casa de repouso e pedia para falar com ela.

Quantas partidas de buraco uma pessoa podia jogar por dia antes de morrer de tédio?

Podia apostar que Madame Adelaide passou do limite saudável.

Supondo que ela estava falando a verdade para a secretária que me transmitia o recado, coisa que eu não botava a mão no fogo que era verdade.

Thaíssa passou a toda no quebra-molas, quase bati com a cabeça no teto.

— Nunca dirigir para tão longe sem a supervisão do meu pai — ela falou, como se aquilo explicasse tudo.

Para mim aquela informação só servia para contabilizar mais um dos desafios que enfrentaríamos hoje.

Tentar convencer Madame Adelaide a retomar as obras da Kinki seria o maior deles.

Aquela senhora conseguia ser mais cabeça-dura que eu.

Não estava nem um pouco ansiosa para me deparar com ela ainda sob os efeitos da raiva.

Meu plano inicial era dar um tempo para a poeira baixar, assim a irritação abrandaria.

Parecia um bom plano.

Mas Melanina me alertou que quanto mais eu demorasse, maiores eram as chances de Jonas conseguir outro emprego e se afastar da minha vida para todo o sempre.

Esse “todo o sempre” me impactou de uma forma muito profunda.

Torci para que fosse apenas Melanina sendo dramática, usando e abusando da força das expressões. Mas simultaneamente mandei mensagem pra Thaíssa intimando-a a embarcar nessa jornada comigo.

A jornada chegou ao fim com uma freada brusca diante de um portão com grades retorcidas num tom de ouro velho.

— Você chegou ao seu destino — a moça robótica do Google Maps nos informou.

— O que a gente veio fazer aqui mesmo? — Thaíssa me perguntou, pela décima vez. — Só pra eu ter *certeza* de que é isso. Três semanas e meia após conseguirmos suspender as obras da Kinki você quer dar um jeito de *dessuspender*? Isso é tão louco que nem existe essa palavra.

— Se chama voltar ao normal — eu falei quanto acenava para o segurança que abria o portão e anotava a placa do carro.

Thaíssa estacionava o carro descontando toda sua frustração no volante, girando-o de um lado para o outro para conseguir manobrar o carro de modo que ele ficasse perfeitamente encaixado na vaga.

Coisa que não tinha necessidade, Django me olhava com uma carinha de quem temia que ia morrer a qualquer momento. E a combinação desses dois elementos só aumentava minha ansiedade.

Tinha lá minhas dúvidas de que Madame Adelaide sequer me receberia. Havia chances de ela falar que estava fazendo algo tedioso, tipo uma partida de paciência, e eu ficaria sem poder fazer nada para impedir.

Assim como estava tentando fazer com Jonas.

Com a exceção dos textos ocasionais que mandava por e-mail.

Que eu nem sabia se ele recebia.

Não duvidava de ele ter me bloqueado por ali também.

— Não subi essa serra toda pra você entrar num estado catatônico justo agora, na hora da verdade — Thaíssa resmungou enquanto me guiava com Django à tiracolo pelo que faltava do gramado. — Esse plano que sua amiga Melanina organizou é muito mal estruturado. E se Madame Adelaide não puder fazer nada sobre a obra? O que a gente faz? Senta e chora?

— Isso não vai ser muito difícil pra mim — falei enquanto subia os degraus que davam acesso à varanda da casa.

Havia cabecinhas grisalhas sentadas em todas as mesas, parecia até um mar de algodão.

— Algum palpite de qual dessas é Madame Adelaide? — Thaíssa cochichou no meu ouvido. — Temos que resolver essa situação logo, se não vamos nos atrasar pra aula. Ponto importantíssimo que Melanina esqueceu de incluir no plano. Francamente, nem sei se dá pra chamar isso aqui de plano, acho que foi simplesmente um *insight*, um bem superficial, diga-se de passagem, mas também, vindo de Melanina, a gente tava esperando o quê?

— Shhh — eu cochichei de volta quando avistei, numa mesa de canto, uma cabecinha grisalha em especial. — Ela tá bem ali, deseje-me sorte, porque não sei se ela vai querer me escutar.

— Quê? Que papo é esse? — Thaíssa passou seu braço pelo meu. — Não vim aqui só pra ser motorista. Sou uma Olivete, meu amor, nesse grupinho ninguém desiste fácil, quero estar presente em todos os momentos.

Quase sorri de alívio. Mas receei que o barulho da minha risada incomodasse a paz de Madame Adelaide.

Para falar a verdade, eu tinha mais medo de levar uma esculhambação dela do que da minha mãe.

Talvez porque minha mãe costumava me esculhambar o tempo todo e a Madame guardava suas críticas para momentos pontuais.

Aquele momento em que eu me aproximava a passos leves da sua mesa me pareceu pontualíssimo.

Principalmente pelo fato de eu saber que tinha ido longe demais.

Por isso achei melhor começar assumindo meu erro. Achei que fosse uma boa abordagem. Muito inovadora no repertório de Olivia Liveretti.

— Desculpa — falei antes mesmo de sentar na cadeira ao seu lado. — Desculpa mesmo, desculpa de verdade, foi mal.

Ela nem sequer levantou a cabeça do seu bordado, mesmo depois de eu sentar.

— Essa é minha amiga, Thaíssa — arrisquei mais uma vez.

E não obtive nenhum resultado. Madame Adelaide continuava firme e forte no seu bordado.

Olhei para Thaíssa em pânico, ela me devolveu o olhar da mesma forma e fez um gesto apontando para o ouvido.

Seria possível que Madame Adelaide tivesse desenvolvido um problema auditivo durante o curto espaço de três semanas e meia que não nos falamos?

Essa possibilidade me encheu de terror.

Aproximei-me devagarzinho para tocar no braço dela da forma mais gentil possível. Poderíamos ter uma conversa sobre aparelhos auditivos primeiro, antes de eu introduzir o meu pedido.

Mas antes que minha mão alcançasse seu braço ela soltou uma risada nasalada que não parecia nada engraçada.

Para ser bem franca, parecia assustadora.

— Desculpar pelo que, Olivia? — Ela me deu uma olhada pra lá de desconfiada e depois tornou a prestar atenção no bordado. — Você ao menos *sabe* por que está pedindo desculpa?

Fiquei petrificada ainda com o braço estendido, sem a menor noção de qual era o jeito certo de responder àquela pergunta.

Nem Django ousou se mexer no meu colo.

Madame Adelaide nunca me soou tão intimidante. Todas as respostas que

vinham à minha cabeça não pareciam adequadas. E sendo assim, acabei me decidindo pela que era a mais sincera.

— Pelo transtorno — disse. — Deve ter sido a maior confusão pra você. Só um grande acontecimento poderia fazer a senhora mandar suspender as obras na Kinki.

— Você sabe que não é porque as obras estão suspensas que eu vou retomar a Kinki, né, Olivia?

— Não? — Thaíssa perguntou, parecendo desiludida.

Eu me limitei a me ajeitar na cadeira e fazer um carinho na cabeça de Django para dar conta do que estava por vir.

— Passei a loja para o nome do meu filho. Não há nada que eu possa fazer, mesmo que eu quisesse — Madame Adelaide respondeu, enfim deixando de lado seu bordado. — E cá entre nós, eu não quero.

Minhas entranhas se reviraram todinhas. Um sentimento de fim da linha se apossou de mim. Como Thaíssa temia, nós tínhamos ido lá à toa.

A própria Madame Adelaide disse, não havia nada que ela pudesse fazer.

As chances de eu conseguir recuperar o emprego de Jonas foram embora, levando junto meus sonhos de que ele pudesse me perdoar pelas minhas mancadas.

— Por um acaso seu filho é um cara que usa terno e é muito posudo? — Thaíssa perguntou.

— Imagino que sim — Madame Adelaide confirmou após uns momentos de ponderação. — Acho que podemos dizer que meu filho às vezes sofre de uns lapsos de autoestima exacerbada.

— Ele morre de ciúmes de mim — contei para Thaíssa esse fato que eu não cansava de achar interessante.

Imagina só, um cara com seus quarenta e poucos anos com ciúme de uma garota como eu.

Só não ri pela enésima vez porque eu estava com o coração destruído e o clima na mesa não estava para isso.

— Então você tem noção da raiva que ele ficou quando soube que você tinha organizado uma bateção de panela na frente da obra dele? — Madame Adelaide questionou.

— Não foi minha intenção — falei, encolhendo os ombros meio sem-jeito. — Não sei nem de onde as pessoas tiraram as panelas.

— Fui eu que trouxe de casa — Thaíssa revelou. — Eu fui a real organizadora do protesto. Nem a senhora, nem o senhor seu filho devem ficar bravos com Olivia. O trabalho foi todo meu.

Um clima de revelação bombástica pairou pela mesa antes da Madame comentar:

— Foi um ótimo trabalho. Tirou o mestre de obras do sério, sem falar do faniquito hilário que meu filho deu. — Ela deu uma risadinha e cobriu a boca com a mão enrugada, seus olhos eram puro brilho por trás das lentes dos óculos. — Vocês acreditam que ele jogou tudo pro alto e declarou que não *aguentava mais*? Me lembrou do menino bagunceiro que ele era quando tinha oito anos.

Eu e Thaíssa trocamos um olhar de estranhamento.

O que tinha de legal em homem feito agindo como um menino de oito anos durante um momento profissional?

Não cheguei à nenhuma conclusão válida.

Sorte que Madame Adelaide voltou a falar:

— Foi um jeito bonito de se despedir, sabe? — Eu olhei para ela sem

entender direito do que ela estava falando. — O protesto — ela explicou. — Mesmo que não vá dar em nada, foi bacana saber que existe gente por aí, e ainda por cima bastante gente, que está disposta a ir para rua gritar pela minha loja.

— Pelo menos serviu pra alguma coisa — Thaíssa falou com um sorrisinho satisfeito de quem tinha ganhado o dia.

— Claro que serviu — Madame Adelaide deu uns tapinhas carinhos na mão dela. — Você é uma ótima organizadora de protestos. É óbvio que eu não podia escrever isso no *post* de despedida na página da Kinki, corria o risco do meu filho entrar em autocombustão se lesse algum comentário positivo da minha parte, mas salvei todas as fotos que tinham #RessuscitaKinki e guardei na minha pasta secreta dentro do computador dele.

Thaíssa gargalhou em puro êxtase.

Eu queria acompanhá-la no bom humor, mas minha lista enorme de preocupações me impedia.

Não era minha intenção estragar o clima de nostalgia, mas não tive como esconder meu verdadeiro estado de espírito quando Madame Adelaide virou pra mim e perguntou:

— O que foi, criança? — Tentei fazer que não com a cabeça para indicar que não era nada.

Mas as lágrimas que encheram meus olhos estragaram tudo.

— Isso ainda é por causa do fim da Kinki? — ela perguntou. — Olivia... Não estou entendendo, pensei que você já tinha superado.

As lágrimas fujonas escaparam dos meus olhos e fizeram uma trilha molhada nas minhas bochechas. Estava sendo um pesadelo viver em sociedade nessas últimas semanas. Qualquer motivozinho de nada me transformava numa manteiga derretida.

Às vezes nem precisava de motivo.

Os olhos de Madame Adelaide estavam perdidinhos por trás das lentes grossas dos óculos dela.

E eu não conseguia engolir o choro e formular as frases necessárias para acalmá-la e explicar que estava tudo bem.

Que o fim da Kinki não era mais o problema.

Que o problema agora tinha se tornado muito maior. Porque eu não estava mais apaixonada por uma coisa, e sim por uma pessoa.

E pessoas eram negócios muito mais complicados.

Ainda mais quando estavam apaixonadas.

Eu me debulhando em lágrimas em cima do meu cãozinho era a prova viva disso.

Django funcionava para mim tanto como uma ótima companhia quanto como um totem de lembranças. Boa parte das minhas memórias com Jonas tinha Django no meio.

E se não fosse por ele ser louco e comer pedrinhas na calçada da ex-Kinki, talvez eu e Jonas nunca teríamos nos falado.

— O fim da Kinki tá cem por cento superado — Thaíssa garantiu. — Inclusive a gente veio aqui pra ver se tinha como a senhora fazer as obras voltarem à ativa. Acho que ela tá chorando porque sabe que a senhora não pode fazer nada, que agora as decisões estão nas mãos do seu filho de terno que ainda por cima não gosta dela — ela palpitou, tirando proveito da minha mudez. — Ou talvez ela esteja chorando por Jonas, porque ela faz isso o tempo todo, agora.

— Jonas? — Madame Adelaide perguntou, um tanto quanto boquiaberta. — Jonas da obra?

— Ele mesmo, a senhora conhece?

— Desde pequenininho — a Madame respondeu entusiasmada. — Peguei aquele menino no colo! Fico estarecida toda vez que vejo o quanto ele cresceu. E *como* ele cresceu, né?

— Não sei de que tamanho ele era antes. Só sei que hoje em dia ele dá dois de Olívia, mas mesmo assim eles ficam uma gracinha juntos. Ou ficavam — Thaíssa não calava a boca nem por um decreto. — Porque seja lá o que eles tinham, que ela não me contou, terminou quando ele perdeu o emprego.

— E ela acha que se ele conseguir o emprego de volta eles ainda têm chance de reatar? — Madame Adelaide indagou. — Então ela está basicamente me pedindo pra bancar o cupido?

Eu comecei a limpar as minhas lágrimas para tentar me defender.

— Acho que era mais ou menos assim que o plano de Melanina funcionava — Thaíssa falou, mordendo o cantinho da unha.

— Sempre quis fazer parte de uma coisa assim, típica de filme — Madame Adelaide falou toda empolgada, colocando a caixinha de linha e agulha que estava em seu colo em cima da mesa. — Vou ligar pro meu filho *agora* e ordenar que ele dê continuidade aos trabalhos. Não carreguei esse moleque na barriga, depois troquei toneladas de fraldas, de pano, ainda por cima, pra, no fim das contas, ele desistir dos objetivos no primeiro obstáculo? Pera lá. Me deem um minuto. — Ela se levantou quase que num pulo, fez festinha na cabeça de Django e começou a andar em direção à porta principal.

Ela entrou na casa de repouso caminhando com uma velocidade impressionante para uma velinha que fazia questão de morar numa casa de repouso.

Concentrei-me em enxugar meus olhos direitinho enquanto Thaíssa fazia uma dancinha comemorativa na cadeira ao lado.

Eu só ficaria satisfeita quando visse Jonas feliz e empregado com seu

capacete, uniforme esquisito e um martelo na mão.

Aquelas mãos. Que eu não gostava nem de lembrar.

Mas que não saíam da minha cabeça.

Vi Madame Adelaide voltando ao longe, com o celular na mão e uma expressão ressabiada no rosto.

— O negócio é o seguinte — ela disse, colocando a mão no meu ombro com o peso exato de uma má notícia, prendi a respiração na mesma hora. — Ele disse que por ele tudo bem retomar a obra, mas o problema vai ser convencer o mestre de obras a voltar para o trabalho. Ele disse que ia tentar, mas que não faria grandes esforços para agradar minha pirralha preferida, a qual eu perdoava com qualquer *pedido de desculpa esfarrapado*, palavras dele — ela me advertiu, antes que eu comesse a reafirmar a sinceridade do meu arrependimento.

Aquele filho dela era mesmo muito posudo. Como ele tinha o desplante de falar sobre o que ele não sabia? Eu hein!?

O pior era que eu teria que engolir todo o meu ranço e dar o braço a torcer.

Teria que me lembrar a cada segundo que era por uma boa causa.

Que por causa de Jonas eu faria o que fosse necessário.

— Será que é tarde demais para fazer um pedido de desculpa esfarrapado para ele por todas as vezes que eu ri de sua cara só porque ele penteia o cabelo todo pro lado? — indaguei.

— Talvez sim, querida — Madame Adelaide falou, penteando meus próprios cabelos para o lado. — Mas eu consegui o endereço do mestre de obras, não sei se isso pode te ajudar. Você pode tentar falar com ele, assegurá-lo de que não vai mais atrapalhar o trabalho na obra.

Eu peguei o celular que Madame Adelaide me oferecia e enviei o endereço

para o meu próprio celular.

Acho que eu deveria sentir algo parecido com alívio, mas na verdade continuei tão angustiada como quando cheguei. As chances de dar errado eram imensas.

E se Jonas tivesse arrumado outro emprego nesse meio tempo?

Não que eu quisesse que ele ficasse desempregado pra sempre.

Mas o que aconteceria se eu não fosse a responsável por trazer o emprego dele de volta?

Estaríamos fadados a nunca mais nos encontrar?

Fiquei com vontade de chorar de novo.

— Se me permite um conselho, criança — a Madame falou enquanto penteava meu cabelo de volta pro lugar. — Gostaria de lembrar que o emprego dele não é a única coisa em jogo. Pelo que eu entendi vocês tinham algo. Claro, estou pescando informações aqui, porque você não me contou nada. Mas acho que essas coisas vão além do mercado de trabalho, sabe, Olivia? Acho que você devia conversar com ele, deixar bem claro o que você quer. Jonas é um menino bacana, não seria cruel com você só porque está chateado.

Encolhi os ombros ao me lembrar daquele dia em que ele nem quis ouvir minhas explicações.

Ele deveria estar muito chateado, mesmo.

— Conheço a mãe dele — disse Madame Adelaide. — Uma mulher osso duro de roer, mas criou os meninos dela muito bem. Tenho certeza de que ele vai te ouvir se você falar direitinho. E com *falar* eu não estou querendo dizer mensagem no Whatsapp, nem Twitter, nem Facebook, nem qualquer outra tecnologia que vocês jovens estão usando atualmente.

Ela esqueceu de um monte, tipo o Snapchat, o Instagram, o Skype...

Mas nenhum deles vinha ao caso, porque o que realmente queria saber era:

— E-mail também não conta?

Porque eu tinha escrito lindos textões que foram ignorados por ele. Não acredito que meu empenho em arrumar as palavras do jeito mais bonito possível não receberia a devida importância.

— Claro que não — Madame Adelaide descartou meus esforços com um simples movimento de mão. — Se o mundo continua funcionando do jeito que eu acho que funciona, não é das suas palavras bem elaboradas e um tanto quanto manipuladas que ele gosta, criança. É de você.

Eu assenti de um jeito meio incerto e fiquei tentando calcular quais eram as probabilidades de Madame Adelaide ter razão.

Cheguei à conclusão de que só havia um jeito de averiguar.

Capítulo 38 — Três minutos ou três horas

(7 batidas na porta)

Com certeza tinha alguém em casa. Dava para ouvir a música que tocava lá dentro. Mas nada de alguém me atender. Será que me viram pelo olho mágico e decidiram *não abrir* a porta?

Isso seria muito cruel.

Extremamente desapontador ter pegado o trem à toa.

Levando em consideração o perrengue que passei ao recusar cada vendedor de bugiganga no vagão, decidi bater mais uma vez.

— Calma aí, caramba! Eu já vou! — gritou uma voz do outro lado da porta, por cima da música.

Calma era a última coisa que eu podia sentir. Estava ali pra conversar com Jonas. Pedir desculpas, declarar meus sentimentos, e tudo o mais que eu nunca tinha feito ao vivo e a cores.

Além do mais, eu não contava que *a mãe dele* viesse atender a porta.

Ela podia ser uma ótima boleira, ter criado Jonas muito bem etecetera e tal, mas nada disso evitava o fato de eu morrer de medo dela.

Juro que não era drama da minha parte, realmente achava que tinha motivos para tal.

Quando ela abriu a porta, os motivos só se confirmaram.

— Ah, é você — ela disse sem nenhum entusiasmo, balançando a cabeça de um lado para o outro sem um fio da sua cabeleira acaju se mexer. — O que veio fazer aqui? Despejar a gente de casa?

Fiquei olhando para ela apavorada por alguns segundos, sem saber o que dizer diante de um questionamento tão absurdo, torcendo pra que Jonas viesse a meu resgate.

Ele não veio.

Então eu tive que responder:

— N-não. — Tremi feito uma vara verde. — Queria falar com Jonas.

— Ele não está — ela falou, sem se afastar da porta para eu entrar.

Sabendo o quanto aquela mulher não gostava de mim, eu não duvidava nada que ela tivesse mandado Jonas se esconder no quarto só para me despistar.

Mas eu não tinha ido até ali para sair de mãos abanando. Como meu pai tinha dito, eu não desistia fácil das coisas. E não estava *nem um pouco* disposta a deixar de lado minha chance de reconciliação com Jonas.

Por menor que ela fosse.

— Posso saber onde ele está? — perguntei, cruzando os braços pra encobrir a tremedeira.

Tremeliques não combinavam com o aspecto valente que eu queria passar.

Aproveitei para encará-la diretamente, olho no olho, ignorando que até minha bolsa tremia.

Mas ao contrário de mim, não acho que era de medo, eram apenas mensagens dos assuntos que deixei em aberto antes de vir para cá.

Na verdade, eu tinha deixado uma gama de responsabilidades de lado para estar ali: clientes que queriam fotos bonitinhas o mais cedo possível; a visita

ao tal mestre de obras, que eu pelo menos tinha conseguido descobrir o número de telefone e vim perturbando durante toda a viagem de trem para que ele me desse uma chance de conversar cara a cara, num local público, porque eu também não queria ser esquartejada por um serrote; e até mesmo Django, que ficou tristíssimo que nossa caminhada matutina teve bem menos minutos do que o normal.

Eu não conseguia pensar em mais nada desde que Madame Adelaide tinha me aconselhado a vir falar com ele. Não dormi direito, nem prestei muita atenção na aula do dia anterior.

A Madame tinha um jeito de falar que parecia até profecia.

Eu podia até imaginar a conversa conciliadora na minha cabeça, o jeito bonzinho de Jonas me explicando o quanto ficou magoado com as besteiras que eu fiz e eu, sinceramente arrependida, prometendo que não ia fazer nada daquilo de novo.

Finalizaríamos com um beijo pra lá de ótimo.

Foi por conta desses devaneios que deixei todas as minhas tarefas de lado e vim aqui atrás dele.

Não estava contando que a mãe dele falaria:

— Numa entrevista de emprego. O quê? — Ela me encarou de um jeito tão desafiador que eu quis dar um passo pra trás, mas não dei. — Achou que ele ficaria desempregado pra sempre? Meu menino é um bom trabalhador. Ao contrário de *certas pessoas* que são avacalhadas na internet e levam meses para se reerguer.

Engoli todo o meu choque por saber que ela estava ciente dos altos e baixos da minha carreira e tentei não soar despedaçada ao dizer:

— Eu *sei* que Jonas é um ótimo trabalhador. Não duvidei nem por um segundo que ele fosse capaz de arrumar outro emprego.

Aliás, valia acrescentar que temi durante todo o tempo que isso acontecesse antes de eu ter a chance de reaver o antigo.

Pelo visto meus temores se confirmaram.

Não tinha mais nada para fazer ali. Não dava para se sentir menos bem-vinda do que eu me sentia perto da mãe de Jonas. E não tinha porque continuar atormentando-a se não existia nenhuma chance de conseguir falar com ele.

Ajeitei minha bolsa que ainda tremia no ombro e me preparei para a despedida.

Fui interrompida por um clássico:

— Novinha? — que veio de trás da porta. — O que cê ta fazendo aí fora? Mãe, abre espaço pra menina entrar.

E simples assim Henrique, o irmão de Jonas, escancarou a porta e me puxou para dentro.

— Quer uma água? Um café? Algo mais forte? — ele foi me oferecendo ao mesmo tempo em que me puxava pelo braço para sentar no sofá. — Nem parece que foi minha mãe que me ensinou boas maneiras, né? — Henrique me perguntou e eu fiz questão de fingir que não ouvi. — Tá no vacilo, hein, véia! Não é assim que trata visita.

— Humpf. — Ela bufou ao fechar a porta com uma batida.

Pegou um espanador e começou a tirar pó de uns itens aleatórios pela sala. Ela se mexia tão rápido que mal dava tempo de acompanhar seus movimentos.

— Não tenho tempo, nem motivo para tratar essa garota bem. Ela fez meu menino sofrer. O bichinho chegou em casa *chorando*, você tem noção de quanto tempo faz que eu não vejo meu menino chorar?

— Não muito — Henrique respondeu ao se sentar ao meu lado. — Ano passado mesmo, quando o cachorro da vizinha morreu.

— Mas isso não conta — Dona Marlene argumentou, espanando o abajur ao lado de Henrique. — Ele é um rapaz muito sensível aos animais.

— Um bebê chorão! — Henrique cochichou no meu ouvido. — Como te falei.

— Eu só quero saber que horas ele volta — falei, dando um basta naquela discussão boba.

Era muito triste que Jonas tivesse chorado. Se eles não parassem de falar sobre o assunto, eu desconfiava que choraria também.

De novo.

O que seria superinapropriado.

Principalmente levando em consideração o ambiente onde estava.

Com certeza Dona Marlene não aprovaria choradeira no meio da sua sessão de limpeza.

— Pode levar três minutos ou três horas — Dona Marlene respondeu sem dar muita importância. — Talvez você não saiba como essa história de entrevista de emprego funciona, mas é um negócio que não dá pra prever, a pessoa fica à mercê do entrevistador.

Se ela estava querendo insinuar que eu era inexperiente na arte de ser entrevistada para emprego, infelizmente eu tinha que assumir que ela estava certa.

Mas isso não queria dizer que eu não trabalhava.

Como não queria entrar nesses méritos, simplesmente disse:

— Tudo bem, vou esperar.

E Henrique deu uns tapinhas no meu ombro.

— Boa sorte, novinha. Vou ter que abandonar vocês, preciso ir pra escola. Se Jonas descobrir que já matei as duas primeiras aulas, come meu couro no jantar.

— Ou te faço frito pro almoço. — Dona Marlene pegou uma vassoura que estava encostada no canto da parede para enxotá-lo.

Ele tropeçou umas duas vezes no cabo da vassoura antes de alcançar a porta.

E quando enfim chegou a um lugar de segurança, do lado de fora da casa, se virou para trás e gritou:

— Mãe, abaixa esse som! Vai deixar a garota surda! — E antes que desse tempo da mãe responder, ele fechou a porta e foi embora.

A mãe não fez nenhum movimento na direção do rádio para baixá-lo. Acho que ela aproveitou que já estava com a vassoura na mão e começou a varrer a casa.

— Então quer dizer que pra completar os tímpanos da princesinha são sensíveis à sofrência? Vai me dizer que não gosta desse estilo de música?

Ajeitei-me bem retinha no sofá, sem saber o que opinar.

Estava tão nervosa com o confronto com a mãe de Jonas que o volume da música nem sequer foi computado como um problema, na verdade, nem tinha prestado atenção no conteúdo da letra.

— Nada contra — falei, ajeitando minha bolsa em cima do colo. — Achei até que combina com meu estado de espírito.

— Humpft. — Ela bufou mais uma vez, segurando mais firme no cabo da vassoura. — Se você está sofrendo, imagina o meu garoto! Ele não é desses que se apaixona pela primeira que vê pela frente. Ainda não entendi o que ele

viu em você.

Encolhi os ombros sem saber o que dizer.

Não que ela tenha reparado no meu movimento, estava envolvida demais na sua tarefa de varrer o cômodo todo feito um furacão.

Mas eu também não era do tipo que me apaixonava fácil. Para falar a verdade, nunca tinha me apaixonado, pelo menos não com a mesma intensidade que tinha me apaixonado por Jonas.

Tudo era muito novo pra mim. Talvez fosse por isso que eu estivesse encontrando dificuldades em saber como lidar.

Minha linha de raciocínio foi interrompida com Dona Marlene varrendo meu pé.

— Será que dá pra você esperar lá no quarto? — ela perguntou, enquanto fazia uma manobra arriscada para varrer embaixo do sofá. — Assim você e seus tímpanos frágeis não correm risco de serem danificados e ainda por cima você não me atrapalha na hora de passar o pano.

— Não quer ajuda? — ofereci ao ficar de pé. — Posso ajudar.

— Não, não, Deus me livre! — ela disse, me varrendo para fora da sala, igual fez com o filho. — Sou muito chata com essas coisas de limpeza, você não entenderia.

Caminhei entre tropeços até alcançar o corredor que dava acesso aos quartos. Sobre aquilo eu não discutiria com ela, pois chatice parecia ser um assunto que ela dominava em vários aspectos.

Além do mais, eu estava morta de curiosidade para saber como era o quarto de Jonas.

Cheguei a respirar fundo antes de abrir a porta.

Deparei-me com um quarto de tamanho médio que tinha muitos pôsteres e

duas camas.

Uma tinha um edredom do Bob Marley e a outra do Flamengo.

Eu nunca tinha perguntado o time de Jonas, mas intuí que a cama dele fosse a do flamengo, só por conhecer o perfil dos dois irmãos.

Avancei devagarzinho até chegar na frente dela e me sentei com cuidado como se estivesse desempenhando um ato sagrado. Mas assim que senti a maciez do colchão, também fui envolvida pelo cheiro de Jonas que a cama tinha.

Uma loucura começou a tomar conta de mim.

Tive vontade de rolar na cama de um lado para o outro para ver se assim eu conseguia me sentir rodeada por ele.

Mas antes de cometer o pecado de desarrumar a cama de Jonas, caí em mim que nada que eu fizesse ali sem ele valeria à pena. Eu podia me enrolar no edredom dele igual uma múmia e ainda não seria a mesma coisa que ter o braço dele apoiado na minha cintura por mais levinho que fosse.

Contentei-me em enfiar a cara no travesseiro e dar uma suave lacrimejada de saudade.

Contudo, uma vez controlada a minha onda de nostalgia, não tinha muita coisa para se fazer no quarto, além de me deliciar com o cheiro de Jonas. E como meu celular vibrou mais uma vez dentro da bolsa, achei que aquele era um bom momento para checar minhas mensagens.

A maior parte delas eram de clientes desesperados querendo fotos.

Tantos clientes que já estavam fechados, quantos novos clientes pedindo orçamento.

Meu aluguel agradecia.

A comidinha chique de Django, também.

Mas em meio à confusão de mensagens de clientes, tinha umas tantas do mestre de obras, que *finalmente* tinha respondido ao meu apelo.

“Como você é insistente, garota. Recebi meia dúzia de ligações só sobre esse assunto de ontem pra hoje. Detesto falar no telefone. Se você vem em missão de paz, pode passar aqui na obra, que eu já estou me preparando para voltar à ativa.”

“Dinheiro no bolso todo mundo gosta, né não?”

“Ainda mais quando vem com um aumento de salário tão substancial”

“Por um acaso eles estão me pagando a mais pra eu ter que te aguentar?”

“Vou logo avisando que não aceito ser pago para lidar com pirralhas mimadas feito você.”

“Vai ser bom termos uma conversinha antes pra botar tudo em pratos limpos.”

“Vou ficar aqui até a hora do almoço, depois vou sair pra comemorar e gastar o salário que ainda nem recebi hahaha.”

Joguei o celular de volta na bolsa e fiquei de pé num pulo. Eram dez da manhã. Não fazia a menor ideia de quanto tempo levava para chegar até lá. E não achei que estivesse com tempo de sobra para pesquisar no Google Maps quanto tempo levaria.

Só Deus sabia que horas ele queria dizer com “hora do almoço”, por via das dúvidas, era melhor correr.

Saí do quarto e entrei na sala pisando em ovos, porque Dona Marlene continuava superenvolvida na sua tarefa de passar pano.

— Dona Marlene, obrigada por me receber, mas eu vou ter que ir — anunciei, ficando na pontinha dos pés para danificar o menor espaço possível com a sujeira das minhas sapatilhas.

— Cansou de esperar? — ela indagou. — São só vinte minutos do seu dia que meu filho merece?

Desci do meu salto imaginário e coloquei as mãos na cintura. Aquela senhora não tinha noção do que era Olivia Liveretti sob pressão.

— Pro seu governo, seu filho merece todo o tempo do mundo no meu dia. É por isso mesmo que eu tenho que correr, para tentar conseguir o emprego dele de volta. Mesmo que talvez ele não queira mais o emprego, ou que ele tenha arrumado outro. Seria meu sonho ter ele trabalhando e estudando perto de mim. E vim aqui tentar explicar isso pra ele, ver se ele quer as mesmas coisas que eu — parei um instante para observar se ela tinha alguma indicação de qual seria a opinião dele sobre o assunto, mas ela se limitou a me olhar estatelada. — Mas, enquanto eu não consigo encontrá-lo e ele não responde as drogas dos meus e-mails, eu vou tentar garantir que tudo esteja em ordem para quando a gente se encontrar. Isto é, se a senhora me der licença.

Ajeitei minha bolsa no ombro e me preparei para sair.

— Humpf, toda — ela tornou a resmungar. — Vai ver foi isso que ele viu em você, essa insistência maluca. Vá com Deus, não esquece de olhar para os dois lados da rua antes de atravessar — ela falou ao aumentar a força com que passava o pano no chão.

Virei de costas e continuei a atravessar a sala na ponta dos pés para não estragar o trabalho dela.

Ao alcançar à porta, olhei para trás só para me certificar de que ela não estava me odiando por ter pisoteado o chão, por mais cuidadosa que eu tivesse sido.

Descobri que não, que ela continuava firme e forte esfregando tudo, só que agora com um sorrisinho no rosto e balançando a cabeça.

Peguei-me fazendo a mesma coisa.

Saí e fechei a porta.

E segui o conselho de Dona Marlene sobre olhar para os dois lados da rua no caminho de volta.

Capítulo 39 — Um ano de cachorro filhote

(Inúmeros latidos de Django)

Cheguei em Copacabana tão esbaforida que precisei ir em casa para pelo menos jogar uma água no corpo e trocar de roupa.

Afinal de contas, eu precisava causar uma boa impressão no mestre de obras.

Coisa que seria impossível de fazer se eu estivesse fedendo.

Saí apressada do banheiro. Na hora, Django sacou que eu voltaria a sair e começou a agir como louco, latindo e uivando, correndo por todos os cantos da casa, ameaçando derrubar moveis, um desespero só.

Não tive opção a não ser colocar a coleira e levá-lo comigo.

Até porque, não seria novidade nenhuma eu aparecer na antiga-Kinki com Django a tiracolo.

Vai ver até me ajudaria a passar a impressão de garota confiável.

Quando ele e eu pisamos na rua, não soube dizer quem ficou mais nervoso. Ele parava para fazer xixi em todo santo poste. Coitadinho, devia estar apertado há muito tempo.

Tive que dar um espaço para ele fazer suas necessidades.

Porém, ao mesmo tempo, estava morta de ansiedade para chegar na Kinki logo. A dúvida de não saber se eu encontraria o mestre de obra lá me carcomia por inteiro.

A questão de Jonas ter outro emprego em potencial também.

Mas uma coisa de cada vez.

Um poste de cada vez, no caso de Django.

Pareceu que uma eternidade e meia tinha se passado até eu chegar à famigerada porta da Kinki.

Que se encontrava fechada, como esteve durante todos os dias desde o protesto.

Mas ao contrário dos dias após o protesto, dava para ouvir o barulho de coisas se arrastando lá dentro.

Django começou a latir enquanto meu coração deu uma enchidinha de nada na sua cota de esperança.

— Oi! Alô! Tem alguém aí? Abre a porta pra mim! Por favor! — comecei a berrar no meio da rua sem nem me importar com os tons agudos de desespero que minha voz atingia.

Junto com os berros eu esmurrava a porta numas batidas frenéticas e ainda por cima contava com a ajuda de Django que também batia com as patinhas dianteiras na porta, adicionando o barulho de unhas arranhando o ferro.

Um pandemônio e tanto.

E não sei se foi a força que eu aplicava nas minhas batidas, a velocidade em que Django empurrava a porta, ou a combinação das duas coisas, mas acabou que a portinha de ferro se abriu diante de nós, nos revelando o interior empoeirado lá dentro.

Oras, pensei que o mestre de obras tinha dito que estaria ali só pra arrumar as coisas.

Não para bagunçar tudo novamente.

Mas quem sabia era ele, eu que não ia interferir.

Até porque, como de costume, não consegui enxergar muita coisa além de vultos à minha volta conforme fui entrando no estabelecimento.

Tive que enrugurar os olhos para ver se conseguia enxergar mais detalhes.

Era difícil à beça prestar atenção no ambiente à volta com Django latindo ensandecido e puxando a guia com uma força que eu nem sabia que ele tinha.

Andei quase uns três metros antes de entender o porquê de ele latir tanto.

Jonas.

Quando reconheci a silhueta lá no fundo da loja fiquei petrificada. E, por pura falta de ação, afrouxei a guia.

Claro que Django escapou.

E saiu correndo na velocidade da luz até chegar nas botas dele.

Não importava o quão rápido eu corresse, nunca teria alcançado Django.

Mas mesmo assim eu tentei.

Por sorte, desisti bem a tempo de ver Jonas se abaixando para fazer carinho na cabeça dele.

O cachorro balançava o rabinho tão desesperadamente que eu temi que se desprendesse do corpo. Tive que manter em mente que uma coisa daquelas não era possível. Ao mesmo tempo tentava colocar algum tipo de ordem nas batidas do meu coração, que estava quicando como se estivesse numa festa *rave*, sem nenhum tipo de compasso.

— Eita, porra — disse o vulto que estava sentado da mesa, na frente de Jonas, que pela voz reconheci como sendo o mestre de obras. — O bicho chegou marcando território.

— Não é isso, não — Jonas disse de um jeito meio risonho que fez tudo que havia dentro de mim se revirar. — Ele só tá emocionado em me ver, porque já faz um tempão, quase um ano na vida de um cachorro filhote, né, amigão?

Concordei com a cabeça mesmo que Jonas não estivesse prestando atenção em mim. Quase um ano em ano de cachorro filhote era coisa pra caramba.

Não estava disposta a ficar longe de Jonas todo esse tempo novamente.

Torcia muito para que ele tivesse a mesma opinião que eu.

— Desculpa — eu comecei indo logo direto ao ponto.

Os dois homens levantaram a cabeça e deixaram de prestar atenção em Django.

Senti que os holofotes estavam todos apontados para mim. Fiquei muito nervosa.

Olhei para o monte de pedrinha que cobria o chão antes de continuar.

— Queria pedir desculpa pra vocês dois — esclareci, dando os passos que faltavam para ficar na frente deles. — Mas queria começar com ele — indiquei com um gesto de cabeça o coroa sentado na mesa.

O que fez Jonas enrugar o espaço entre as sobrancelhas do jeito que ele costumava fazer quando me conheceu.

Lembrava muito bem que ele fazia isso quando não entendia a razão das minhas ações.

Quem me dera poder beijar aquele espacinho cheio de rugas para desfazê-las uma por uma antes de poder explicar a história toda.

Mas acho que isso só deixaria tudo ainda mais confuso.

E de qualquer forma, ele já tinha pegado Django no colo e dado um passo para trás.

— Como você quiser — ele resmungou, antes de se afastar por completo em direção aos vultos que lixavam a parede.

— Uau — o mestre de obras falou enquanto colocava os papéis de lado na sua mesa. — Não acredito que a garota-problema apareceu mesmo.

— Eu disse que viria. Sou Olivia Liveretti, costumo cumprir com minha palavra — falei, tentando soar o mais convincente possível.

— Estou vendo... — O mestre de obras disse, num tom meio debochado que me fez cruzar os braços e bater o pé no chão.

Precisei me lembrar que não vim aqui para arrumar confusão com esse cara. Muito pelo contrário, estava ali para acertar os ponteiros com ele. E qualquer discussão adicional poderia ocasionar num atraso na minha conversa com Jonas.

Coisa que não estava nem um pouco disposta a aturar, pois corria o risco do meu coração sair pela boca se aquele papo demorasse mais que o previsto.

— Como o senhor sabe, vim aqui me desculpar — falei com a rapidez de quem tira uma folha de depilação da axila. — Por todo o transtorno, todo mesmo, inclusive esse xixi de Django. — Indiquei a poça que se formou no chão. — Se o senhor me disser onde tem um pano, pode deixar que eu limpo.

— Garota, olha em volta — ele indicou toda a loja com a mão. — Isso aqui não é mais uma loja de bugiganga. É uma *obra*, e, por consequência, não é o lugar mais limpo do mundo. Pouco importa se tem xixi de cachorro em um lugar ou dois. Sujeira faz parte do processo.

— Estou vendo... — eu disse, olhando em volta conforme ele tinha pedido e empregado o mesmo tom de deboche que ele usou comigo.

— Tudo que eu te peço é que *não atrapalhe* o meu processo — ele falou num tom ríspido que me fez até dar um passo para trás.

— Não vou atrapalhar — assegurei. — Prometo que não vai ter mais

nenhum protesto. Eu mesma vou me encarregar de boicotar se por um acaso surgir a eminência de outro.

— A questão não é só o protesto — o mestre de obra falou, me pegando completamente de surpresa. — Tenho que me preocupar com meus meninos também — ele disse, indicando Jonas com a cabeça, que continuava com Django no colo, mostrando ao meu cãozinho os detalhes da obra.

— Pode deixar — afirmei. — Não vou fazer nada contra Jonas, eu só quero o bem dele.

— Eu sei — o mestre de obras disse com um sorriso enviesado que me fez perguntar até que ponto ele sabia. — Só não quero que você fique fazendo bem a ele durante o horário de trabalho. Essa era de cigarro psicológico vai acabar, nós temos um prazo apertado para entregar a loja pronta. Vamos ter que trabalhar pesado para recuperar os dias perdidos, não quero saber de blogueirinha acompanhada de cachorrinho aqui pra distrair os caras, estamos combinados?

Assenti com a cabeça para não correr o risco de falar nenhuma besteira.

Com certeza a era do cigarro psicológico ia fazer falta.

Mas se era essa a condição para Jonas ter seu trabalho de volta, por mim estava tudo bem.

Estaria ainda melhor se Jonas também deixasse eu voltar a fazer bem a ele.

— Agora chega — disse o mestre de obras. — Vai lá conversar com o garoto antes que seu cachorro passe mal de tanto rodar com ele pela obra.

Eu assenti de novo, dessa vez com um sorriso. Murmurei um *obrigada* nervoso, que nem sei se foi compreensível e me pirulitei para os fundos da loja.

Como consegui manter o autocontrole e a dignidade de *caminhar* em vez de correr na direção de Jonas, não sei explicar. Talvez eu estivesse muito

desesperada para causar uma boa impressão.

Diminuí o passo conforme fui me aproximando deles. Jonas estava limpando algumas partículas de poeira que ficaram presas no corpinho de Django por conta do tour na obra.

Eu, muito abusada, cheguei pelo lado e passei a mão pelo corpo de Django também, fazendo com que nossas mãos se esbarrassem.

Jonas me olhou um pouco surpreso, um pouco sério, coisa que me fez afastar a mão e colocar uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Não se preocupa — eu disse, com a voz nada firme. — Vou dar banho nele depois.

— Você quem sabe — Jonas respondeu passando Django pra mim.

Eu estiquei as mãos para pegar o cachorro, completamente apavorada. Embora uma parte bem pequenininha de mim continuasse a ficar feliz por ter nossas mãos se encontrando mais uma vez num espaço tão curto de tempo.

— Jonas, eu não sei de nada — falei olhando pra ele, porque precisava desesperadamente que ele entendesse. — Não sei mesmo. Vivo fazendo burrada, mesmo quando não é minha intenção. Eu *esqueci* de cancelar os planos do protesto com Thaíssa porque estava com a cabeça ocupada com outras coisas. Coisas mais importantes, tipo você. Que tipo de miolo-mole faz uma coisa dessas? Eu não sei. Só eu mesmo, né? Eu queria que você me desculpasse...

— Tudo bem, Olivia, mas você precisa organizar melhor suas prioridades — Jonas disse ao fazer carinho na cabeça de Django, que estava aninhado contra meu corpo, de modo que a mão de Jonas encostava de leve na minha barriga de vez em quando.

— Eu sei... — falei, meio sem ar porque não tinha como respirar direito em meio a tanta emoção. — Eu tô melhorando, ou, pelo menos, tentando melhorar.

— Se precisar de ajuda, é só me chamar — Jonas abriu um sorrisinho de canto de boca daqueles que me dava uma vontade descontrolada de beijá-lo.

Apertei Django um pouco mais contra o meu corpo e ele não ficou nada feliz com a situação. Começou a se debater no meu colo e Jonas teve que pegá-lo de volta.

— Vou chamar mesmo — adverti Jonas. — Quantas vezes forem necessárias.

— Eu tô sempre disponível — ele disse com um ligeiro encolher de ombros que me fez dar um passo mais pra perto dele.

Coisa que finalizou de vez a distância entre nós dois.

— Eu também — falei. — Mas só se for pra você.

Dessa vez o sorriso tomou conta do rosto de Jonas por completo. Tive aquele sentimento de que ia virar geleia igual tinha toda vez que ele sorria daquele jeito.

— Ótimo — ele disse, colocando a mecha que tinha escapado de novo para trás da minha orelha. — Porque fora essa confusão de protesto, emprego perdido, emprego reencontrado e por aí vai, eu acho que nós tínhamos um assunto pendente, né?

Nessa hora, quem foi tomada por um sorriso gigantesco fui eu.

— Se você está falando da formalização do nosso compromisso, vou ter que concordar — disse, mal conseguindo articular as palavras de tanto que minha boca estava escancarada.

— Amo que apesar de a gente ser tão diferente, você me entende tão bem — ele disse enquanto se abaixava para colocar Django no chão. — Só espera um minuto. Vou me trocar e a gente cai fora daqui. Por mais que essa obra seja um cenário um tanto quanto representativo na nossa história, não acho que aqui seja o local mais indicado pra gente ter essa conversa.

Antes que ousasse fazer algum movimento para se distanciar de mim, eu o segurei pelo braço para fazer só mais uma pergunta:

— Isso que dizer que você parou de achar que a gente nunca daria certo junto?

Ele afrouxou a fivela do capacete antes de me responder.

Senti uma baita solenidade no gesto, por mais que já tivesse presenciado esse gesto várias vezes.

E me segurei, cheia de medo da resposta.

— Acho que só vamos descobrir tentando — foi o que ele disse enquanto tirava o capacete. — Mas uma coisa eu já percebi: me dou muito pior com a gente separado.

Depois dessa eu não aguentei. Simplesmente tive que beijá-lo.

Lacei-o pelo pescoço de modo que ele teve que se curvar para ficar mais ou menos da minha altura.

Dois segundos depois ele passou um braço em volta da minha cintura e fez meus pés saírem do chão enquanto nossas bocas permaneciam perfeitamente coladas.

Uma cacofonia de barulhos conflitantes começou a soar à nossa volta.

Os outros pedreiros estavam batendo os apetrechos que eles tinham uns contra os outros. Uma verdadeira sinfonia de martelo, chave inglesa e serrote.

E vários outros instrumentos que eu não fazia ideia dos nomes.

— Parem de palhaçada! — Jonas ordenou enquanto me soltava devagar, ainda deixando uma mão apoiada em minha cintura.

Sua cara era de pouquíssimos amigos enquanto eu olhava em volta maravilhada, encarando a barulheira como aplausos pela cena linda que

protagonizamos.

— É melhor você ficar com isso — Jonas colocou o capacete na minha cabeça e começou a afivelar as tiras com cuidado. — Por alguns momentos eu me esqueci que trabalhava com *loucos* e que toda segurança é pouca.

Eu sorri ao mesmo tempo em que afagava sua barba, apenas pelo fato de poder.

— Eu já volto, tá? Não some daqui.

— Não vou sumir — assegurei ao ver ele se distanciar.

Deixei meu olhar correr por toda a extensão daquele corpinho, já planejando as partes que eu ia beijar primeiro.

A lista era pra lá de longa.

Antes de eu terminá-la Jonas já estava de volta, desafivelando o capacete da minha cabeça e segurando a mão que não estava ocupada com a guia de Django.

Caminhamos em silêncio de mãos dadas pela rua durante algum tempo, preenchendo todas as minhas fantasias de mais-sortuda-que-a-ganhadora-da-loteria.

Até que num dado momento eu me dei por satisfeita e perguntei o que realmente tinha que ser perguntado:

— Então, a pergunta que não quer calar, quais são suas intenções de relacionamento comigo?

— Não sei... — ele respondeu soltando a minha mão para passar o braço em volta do meu ombro. — Você que é boa nessa coisa de status pode decidir a nomenclatura. Eu só quero que seja algo. Algo concreto.

Me virei um pouquinho para olhá-lo.

O seu tamanho, seus ombros fortes, mas principalmente sua carinha de garoto que eu sabia que tinha um bom coração.

Segurei mais firme na guia de Django antes de dizer:

— Um romance concreto está de bom tamanho pra mim! — E me coloquei na pontinha dos pés para voltar a beijá-lo.

Epílogo

(1 servidor congestionado)

— Droga, por que essa merda não vai logo? — Jonas ralhou sentado na cadeira em frente à minha mesa de trabalho, mexendo no computador enquanto batucava com os dedos no tampo da mesa.

A força do batuque era tão grande que meus itens de decoração se tremiam todos com a vibração.

Eu, que estava brincando com Django no chão do quarto, comecei a ficar preocupada.

A sessão de batuque não demorou quase nada até eu levantar e me empoleirar no ombro de Jonas por trás da cadeira.

— Cadê, ainda não foi? — perguntei, escorregando minha mão por toda a extensão do braço dele até segurar carinhosamente sua mão.

Tinha itens naquela mesa que eram de clientes que tinham me encomendado fotos, eu não podia nem sonhar em correr o risco de quebrar.

— Não — Jonas falou num tom descontente. — Acho que seu computador tá com vírus.

— Nananina — protestei me empoleirando ainda mais por cima do ombro dele pra poder mexer no mouse. — Esse computador é novo e tá com o antivírus tinindo. Não ofenda o fruto do meu trabalho.

— Não quis ofender — Jonas disse esfregando o rosto com uma das mãos. — Só quero que essa droga vá logo.

— É que o servidor tá congestionado, né, amor? — falei encostando minha cabeça na dele. — Todo mundo quer saber se entrou pra faculdade ou não.

— Pois é, eu também — Jonas ralhou de novo, senti que ele estava perto de dar um chilique. — Custa esse raio de servidor dar uma brecha pra mim? Eu tô apavoradão.

Eu sabia que o dia dos resultados finais do Sisu seria caótico. Mas não esperava que Jonas fosse ficar tão baixo astral assim.

— Vamos tentar manter a calma, Jonas — falei enquanto dava a volta para sentar no seu colo. — Anamastê pode ser a maior sonsa do mundo, mas a menina sabe dar bons conselhos sobre meditação. Ela disse em um dos vídeos que apenas o ato de respirar fundo já ajuda a combater os efeitos da ansiedade. Não custa nada tentar, né? Respira comigo.

Comecei a inspirar todo o ar que tinha à minha volta enquanto Jonas me ajeitava no seu colo.

— Não quero saber de respirar — ele declarou igual um menino birrento.

— Quer, sim! — insisti, segurando o rosto dele entre as minhas mãos. — Do que vai adiantar você entrar justamente pra faculdade que você quer se cair estatelado aqui em cima da minha mesa de trabalho com insuficiência respiratória, hein? Sem falar que eu e Django não temos força pra te levantar e te levar pro hospital. Vamos ter que chamar os paramédicos, ninguém mandou ser tão grande.

Vi um sorrisinho de nada surgir nos seus lábios. Foi o suficiente para começar um friozinho na minha barriga.

— Tudo menos os paramédicos — Jonas disse alargando o sorriso.

Não resisti beijar a bochecha sorridente dele.

Depois me afastei para focar na tal da respiração.

— Inspira — eu disse, segurando o rosto dele de frente para o meu para ele ver que eu estava fazendo o mesmo. — Agora solta o ar.

Ele cumpriu o processo revirando os olhos para me mostrar sua insatisfação.

Que eu fiz questão de ignorar.

— De novo — falei antes de me lançar numa longa inspiração.

Ele me acompanhou mais uma vez, totalmente de má vontade.

— Olivia, eu te amo, mas essa técnica de respiração é um saco — Jonas declarou assim que terminou de soltar o ar. — Não tá ajudando nada, continuo uma pilha de nervos com medo de não passar e ter que ficar mais um ano preso naquele cursinho, não vou aguentar.

Puxei sua cabeça para o meu ombro e afaguei seus cabelos do jeito mais calmante que consegui, usando uma técnica de minha própria autoria.

Só ousei falar depois que senti o suspiro longo que ele deu contra o meu pescoço.

— Eu também te amo, Jonas. E não importa se você vai passar ou não, o principal é que você não desista. E eu tô aqui justamente pra me certificar que isso não aconteça — continuei passando os dedos pelos fios macios do cabelo dele enquanto aguardava uma resposta.

— Você é o máximo — ele disse contra o meu pescoço. — Tenho certeza de que você vai passar.

— Você tirou uma nota maior que a minha, seu bobo. Quase gabaritou tudo que envolvia número.

— Você tirou nota máxima na redação — ele lembrou, arrastando a barba contra o meu pescoço.

Eu me arrepiei toda e só pelo timbre da voz dele eu conseguia notar que ele

estava sorrindo.

Mesmo assim me afastei um pouquinho dele só pra verificar.

Ele estava mesmo.

Sorrindo de um jeito tão lindo que era impossível não querer beijar.

Mas quem aproximou o rosto do meu foi ele. Eu só me encarreguei de passar os braços pelo seu pescoço e aproveitar a sensação mais gostosa do mundo, que era ser invadida de alguma forma, qualquer forma, por Jonas.

Contive um suspiro ao sentir uma suave mudança na luminosidade da tela à nossa frente.

Desviei minha boca bem discretamente da dele, deixando-o à vontade para traçar uma trilha descendente de beijos em direção ao meu pescoço. Escorreguei a mão direita pelo seu braço fazendo questão de aproveitar o toque de cada curva dos seus músculos.

Mas assim que minha mão saiu do limite dos seus braços, eu a direcionei bem rapidinho para o teclado e apertei a tecla F5 do jeito mais silencioso possível, para ver se o site carregava direito dessa vez.

Respirei de alívio quando carregou.

Mas desconfio que Jonas achou que a mudança de ritmo na minha respiração era por conta de outra coisa, porque ele aumentou a intensidade dos beijos. E ainda por cima começou a direcioná-los ainda mais para baixo.

Era difícil à beça tentar enxergar o nome dele na lista de classificados enquanto seus beijos me tiravam do sério.

A sorte dele era que eu era uma ótima namorada e me mantive firme no meu propósito.

E acabei achando o nome dele na quadragésima quinta posição.

Que felicidade poder dar essa notícia.

Meu coração começou a bater num ritmo maluco. Eu não sabia se era porque Jonas ia ser engenheiro ou porque ele estava segurando com os dentes a borda do meu sutiã.

— Jonas... — falei meio ofegante. — Você entrou.

— Entrei onde? — ele perguntou, superembolado, sem abrir a boca para não soltar meu sutiã. — No paraíso?

— Não, na faculdade — falei apertando o ombro dele na tentativa de fazê-lo focar no que eu dizia.

Funcionou, porque na mesma hora ele ficou boquiaberto, deixando a borda do meu sutiã desamparada.

— Olha seu nome aqui — eu disse enquanto apontava para o nome na tela.

Ele me abraçou tão forte que eu achei que ia quebrar. Mas mesmo assim, tentei abraçá-lo com a mesma intensidade.

Não faço ideia de quanto tempo ficamos assim, mas imaginei que passar tanto tempo sem ar deveria ir supercontra a filosofia de Anamastê. Não que eu me importasse de verdade.

Não havia como se importar com essas miudezas quando Jonas se afastava um pouco de mim e eu podia ver que ele estava com lágrimas nos olhos.

Fofo demais!

Reaproximei-me para beijar cada uma delas.

Não esperava que Jonas me segurasse pelos ombros e me virasse para frente do computador.

— Agora vamos ver você — ele disse, num tom decidido que não ousei contrariar.

Até porque, comecei a ter meus tremeliques dignos de vara verde.

Com uma mão Jonas mexia no computador enquanto a outra ele fazia carinho na minha perna, não exatamente respeitando o limite da barra da saia.

Coisa que me dava a distração necessária pra não ter uma síncope nervosa.

Observar a mão de Jonas no meu corpo tinha se tornado meu hobbie favorito nesses últimos meses.

Foi ótimo poder contar com ele durante aquele momento de tensão.

Melhor ainda quando fui desperta do meu transe por um beijo de Jonas na lateral da minha cabeça.

— Olha só a minha publicitária preferida ingressando na faculdade — ele disse no meu ouvido com aquela voz rouca que ele fazia às vezes e que, dessa vez, em especial me deu um tremendo susto.

Olhei pra tela apavorada, nem consegui acreditar direito quando me deparei com meu nomezinho ali marcado na lista de aprovados.

Essa descrença durou uns dois segundos.

Depois disso eu dei um grito. E Django latiu. E Jonas riu.

E ficamos assim, gritando, latindo e rindo por um tempo, até Jonas declarar:

— Não há nada que possa me fazer mais feliz nesse momento.

— Ah, tem, sim — falei enquanto ia aos pulos em direção à cama para procurar meu celular que com certeza estava perdido entre as cobertas. — Segura a gargalhada um pouquinho que eu vou fazer uma ligação importante.

— Pros seus pais? — ele perguntou, olhando em volta, provavelmente procurando o próprio telefone. — Tenho que ligar pra minha mãe também.

— Não. Hoje é dia de eles jantarem aqui, esqueceu? Vou dar a notícia ao

vivo, vai ter muito mais emoção, né?

— Verdade — Jonas concordou enquanto tirava uma foto da tela do computador com o celular.

Minha ligação foi atendida, o outro lado da linha estava a maior balbúrdia.

Fiquei sem saber até que ponto isso era bom ou ruim.

— Thaíssa? — perguntei. — Tá tudo bem?

— Peraí que vou pegar meu estetoscópio para examinar — ela disse do outro lado da linha. — Porque eu vou ser médica, porraaaaa.

Outros berros se incorporaram ao berro dela. Inclusive acho que eu também berrei um pouquinho. E Jonas fez o favor de me acompanhar.

— Tudo certo? — ele me perguntou em meio aos berros, só pra se certificar.

Eu me despedi de Thaíssa e prometi que ligava mais tarde, para a gente continuar a berrar.

Virei para Jonas e falei:

— Não poderia estar mais certo — e passei os braços em volta da sua cintura. — Aliás, minto, para ficar mais certo ainda, só falta você aceitar que aqui vai ser muito mais perto da sua faculdade e que seria muito mais fácil se você viesse morar comigo logo de uma vez.

Django deu um latido para apoiar a minha causa.

Senti a risada de Jonas reverberando em seu peito enquanto suas mãos subiam e desciam pelas minhas costas.

— Acho que a gente deveria marcar um almoço com minha mãe amanhã, então — ele sugeriu. — Mas já te adianto que não vai ser fácil.

— Tudo bem — assegurei. — Eu tô preparada.

Afinal, com quem ele estava pensando que estava falando?

Eu era Olivia Liveretti, ele estava cansado de saber que eu não desistia dos meus objetivos com facilidade.

Sobre a autora:



Aimée significa amada em francês, fora isso de francesa não tem nada. Formada em Moda sem ser fashion, roteirista em formação e sempre atenta a reprises seus filmes favoritos na televisão.

Teve seu primeiro romance, “Pela Janela Indiscreta”, publicado em 2014, ganhou o prêmio Wattys com o livro “Invisível” em 2015, participou das coletâneas “Amores Improváveis – no colégio”, “Mundos Paralelos” e “A matemática relações humanas” respectivamente em 2016, 2017 e 2018.

“Romance Concreto” é seu primeiro trabalho publicado na Amazon e a autora rói as unhas enquanto aguarda a opinião dos leitores sobre a obra.

Instagram: [@aimeeoliveira](https://www.instagram.com/aimeeoliveira)

Twitter: [@aimeeuh](https://twitter.com/aimeeuh)

Wattpad: [@aimeeoliveira](https://www.wattpad.com/user/aimeeoliveira)